Grupo Unico Pdf PaD

PLAYLIST TOMI JOUTSEN (AMORPHIS) • BLIND GUARDIAN • ... (DAVE DIGGER)

ROADIE CREW

... & Classic Rock

PÔSTER
AVANTASIA
& CORONER

COLLECTION
MADBALL

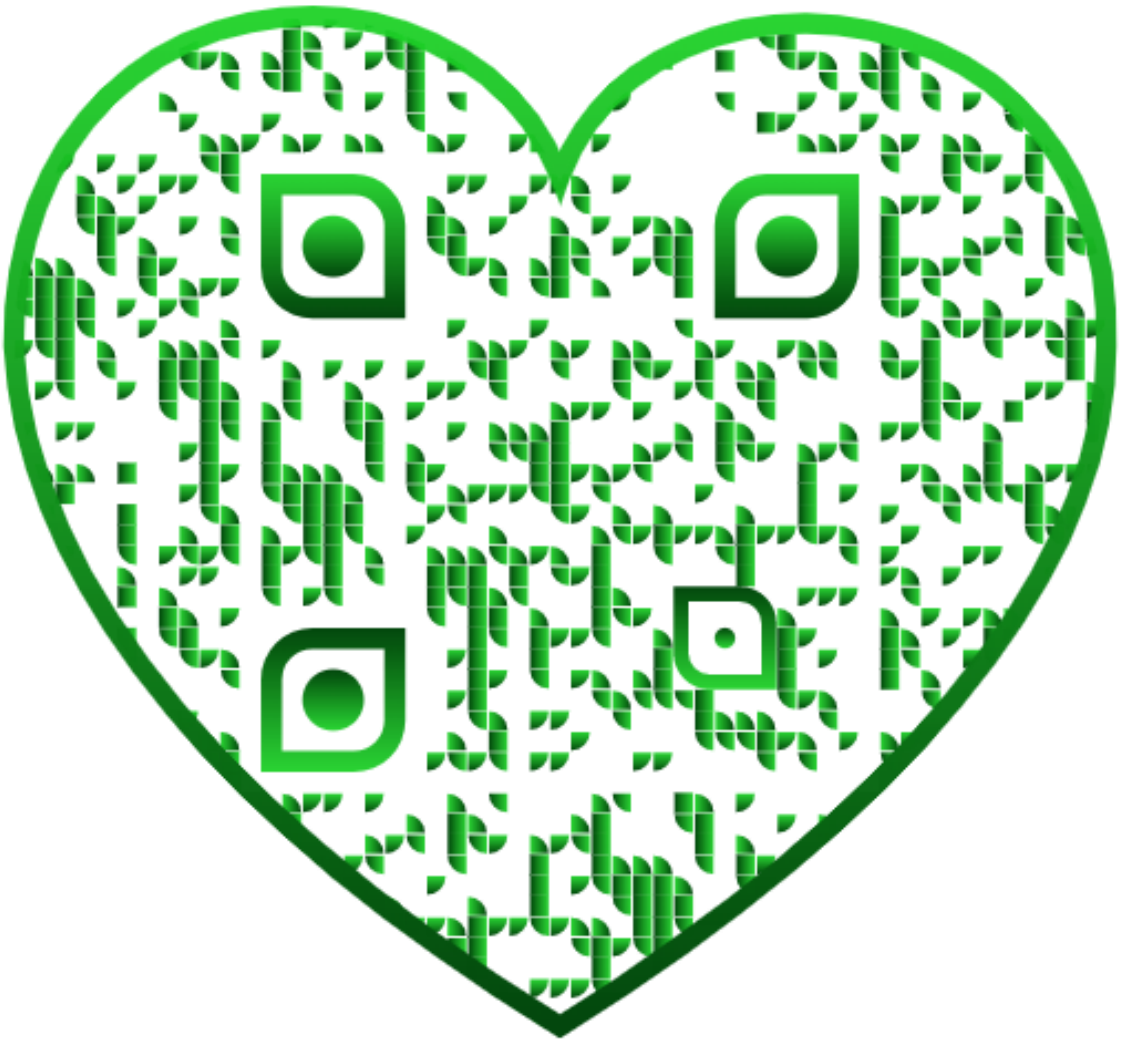
HEADPHONES IN FURY
PÄR SUNDSTRÖM
(SABATON)

Sabaton

NOVO ARSENAL

ENTREVISTAS

AGE OF ARTEMIS • ARCH/MATHEOS • BARONESS • BLACK STONE CHERRY
ENFORCER • ENTHRONED • ENTOMBED • GRAND MAGUS• LAST IN LINE
LOUDNESS • MAESTRICK • MYRATH • OVERKILL • PAULO BARON



Grupo Único Pdf PaD

NASCE UM UM NOVO MOVIMENTO NO METAL NACIONAL

Agora o ESTÚDIO FUSÃO VM&T, também é o

SELO FUSÃO RECORDS

Confiram as bandas que já se uniram nessa cooperativa para fazer a diferença na cena.

Estamos mais do que felizes em receber a grata surpresa de que das 16 bandas que participaram da Roadie Collection vol.1, apresentando a mais nova cara do hard metal brasileiro. O Fusão é responsável por 7 produções e são elas:

NOTURNALL
@noturnall

ALÍRIO NETTO
@alirio_netto

BRADO
@officialbrado

MÁQUINA CANIBAL
@maquinacanibal

DAGOR SORHDEAM
@dagorsorhdeam

XAKOL
@xakol

VIOLET
@violet_brasil

E O SELO FUSÃO CONTA COM AS BANDAS:

AFTER BURN
@aburnmetal

ALPHA SIX
@alphasixmetal

ASHBÜRN
@ashburnbrazil

BLACK JACK ROMEO
@blackjack_slz

CASTELLICA
@castellica

DARKSHIP
@darkship_official

DOWN THE WOOD
@downthewood

DIE FOR A REASON
@dieforareason

DISLAZE
@dislaze

EFEITO CATARSE
fb.com/efeitocatarsebanda

ENDIGNA
@endigna

EVE DESIRE
@evedesireband

HAMMATHAZ
@hammathazofficial

HAUNTER
@banda.haunter

IGNITED
@ignited_official

IMORTAL JOE
@imortaljoe

KATHARSIIS
fb.com/katharsiis

KAVLA
fb.com/kavla.br

MEGAPHONIC'S
@megaphonicsofficial

PERFECT ELEMENT
@perfect.element.official

REVANGER
@revanger_rn

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN
fb.com/seventhsignfromheave

UNTHOLD
fb.com/unthold

VOCIFER
@vocifer

WARBOAR
@bandawarboar

facebook.com/**estudiofusaovmt** instagram.com/**estudiofusao** spoti.fi/2ILk0oo facebook.com/**noturnallband** instagram.com/**noturnall**

Grupo Link Pdf

TOP LINK MUSIC, EM COMEMORAÇÃO AOS SEUS 30 ANOS, APRESENTA

Symphony X

ODYSSEY THROUGH THE UNDERWORLD

LATIN AMERICA TOUR

03 DE AGOSTO DE 2019 (SÁBADO)

LOCAL: TROPICAL BUTANTÃ - SÃO PAULO/SP

INGRESSOS: CONSULADO DO ROCK E BILHETERIAS DO TROPICAL
WWW.TICKETBRASIL.COM.BR

RÁDIO & TV CORSÁRIO
www.radiocorsario.com

TROPICAL Butantã
AV. VALDEMAR FERRERIA 93
A 200M DO METRÔ BUTANTÃ

@TOPLINKMUSIC
/TOPLINKMUSICOFICIAL

Grupo Unico Pdf PaD

ÍNDICE

6 **CENÁRIO**
16 **ROADIE MAIL**
18 **SABATON**
24 **HEADPHONES IN FURY**
PÄR SUNDSTRÖM (SABATON)
26 **BLIND EAR**
CHRIS BOLTENDAHL (GRAVE DIGGER)
28 **GRAND MAGUS**
32 **BARONESS**
34 **CLASSICREW**
36 **BLACK STONE CHERRY**
38 **ETERNAL IDOLS**
PHIL MCCORMACK (MOLLY HATCHET)
40 **COLLECTION**
MADBALL
42 **HIDDEN TRACKS**
BRITNY FOX
44 **RELEASES**
54 **PLAYLIST**
TOMI JOUTSEN (AMORPHIS)
56 **OVERKILL**
60 **ENTHRONED**
64 **MAESTRICK**
66 **ARCH/MATHEOS**
70 **LOUDNESS**
74 **ENTOMBED**
78 **ENFORCER**
80 **LAST IN LINE**
82 **BACKGROUND**
RUSH (PARTE 7)
88 **PAULO BARON**
90 **MYRATH**
94 **AGE OF ARTEMIS**
96 **COLUNISTAS**
A LOOK AT METAL / BROTHERHOOD /
IT'S ONLY ROCK'N'ROLL / CAMPO DE BATALHA
98 **PROFILE**
FABIO CARITO (WARREL DANE, FURIA INC...)

FOTO: LINDA AKERBERG

CARTA DO EDITOR

ANDRE MATOS: UMA LUZ QUE CONTINUA A BRILHAR

Já havíamos fechado esta edição da ROADIE CREW, e aguardávamos apenas a liberação para impressão da revista de junho, quando chegou uma notícia que abalou profundamente a todos os que vivenciam o cenário do heavy metal: a morte precoce de Andre Matos, um dos grandes ícones da música pesada, não apenas do Brasil, mas de reconhecimento internacional. Um artista muito valorizado pelo seu talento e pela alta qualidade do seu trabalho em 34 anos de carreira.

Para toda nossa equipe de redatores, assim como o pessoal da área administrativa, o impacto foi arrasador pois, se já é doloroso perder um ídolo, essa dor fica infinitamente maior quando se perde também o amigo de tantos anos de convivência. Andre e seus companheiros da formação do Angra do final de 1993 (Rafael Bittencourt, Luis Mariutti, Kiko Loureiro e Ricardo Confessori) fazem parte da história da Roadie Crew, desde os tempos em que nossa publicação era um simples fanzine. Aliás, a RC começou inspirada pelo trabalho que o Claudio Vicentin executava como roadie do Confessori durantes alguns anos. O Ricardo Batalha também ocupou esse mesmo posto quando começamos a editar a revista e o Claudio teve que se afastar da atividade de roadie. Acompanhamos muito de perto a evolução profissional desses músicos e, principalmente, compartilhamos muitos momentos de um relacionamento de pura amizade, simplesmente, sem qualquer formalidade que se restringisse à forma de contato imprensa-artista.

Pela impossibilidade de incluir já nesta edição de junho uma matéria completa com foco específico na arte e na vida de Andre Matos, a nossa edição de julho será dedicada a esse nosso grande astro com um especial para celebrar a importância que ele tem para o heavy metal nacional e mundial.

Antes de reescrever este editorial homenageando ao Andre, o tema deste mês estava baseado em uma frase de um dos personagens do filme "Heróis Imaginários", que retrata o drama de uma família americana, cuja morte do filho mais velho abala demais o irmão mais novo, o qual sentia muito orgulho e admirava exageradamente o sucesso do irmão nos esportes, na escola, enfim era aquele que simbolizava um herói para todos na cidadezinha onde viviam. A frase do personagem que pretendia consolar o garoto ficou na minha cabeça por muitos anos e alertava para o risco de se admirar demais alguém que poderia, em algum momento, se tornar uma grande decepção, como estava ocorrendo no desenrolar daquela história.

Eu nunca concordei inteiramente com a ideia daquela frase mostrada no filme, que pretendia amenizar a dor daquele menino, principalmente porque meus heróis (e tenho muitos heróis que admiro há longo tempo) procuro escolher com muito critério, consequentemente a esmagadora maioria deles mantém a sua imagem intacta no meu conceito. Andre Matos é um deles e continuará com sua luz brilhando, como artista e, principalmente, como figura humana.

Como toda exceção existe para confirmar a regra, também é fato que já supervalorizei pessoas que se mostraram incompatíveis com a admiração que dediquei a elas. Mas quando isso ocorre basta aceitar a realidade das coisas, eventualmente lamentar o erro de avaliação, mas entender os limites das pessoas. Nem todo mundo tem vocação para ser um herói infalível.

AIRTON DINIZ

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 245
JUNHO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Âmler e Vinicius Neves

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

SITE: WWW.ROADIECREW.COM
FACEBOOK/TWITTER: ROADIECREWMAG

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Grupo Unico Pdf PaD

ROCKFEST

2019, SÃO PAULO-BR

SCORPIONS

WHITESNAKE

MEGADETH

EUROPE

ARMORED DAWN

21/SET

NO ALLIANZ PARQUE

INGRESSOS JÁ À VENDA!!

ingresso rápido

ingressorapido.com.br

PARCELAMENTO EM ATÉ 4X SEM JUROS!

WWW.ROCKFESTBR.COM

14

PATROCÍNIO

ITAIPAVA

TNT

FORNECEDOR OFICIAL

SANCTA MAGGIORE

PREVENT SENIOR

APOIO

89 A RADIO ROCK

ENGLISH AUDIO EQUIPMENT

UMA PRODUÇÃO

Mercury concerts

AREA 55: EMPREITADA BRASILEIRA NA TERRA DO TIO SAM

Radicados em Los Angeles, Boll3t, Mika Jaxx, Julio Federici e Gui Bodi atualmente preparam o debut e planejam rodar o mundo

FOTO: ALE MORAES

Em busca do sonho americano na música, os brasileiros Mika Jaxx (guitarra, ex-Sioux 66) e Júlio Federici (vocal, King of Bones), por coincidência do destino, se encontraram em Los Angeles. Por lá formaram o Area 55, que acaba de lançar o single/clipe *Far Away*. Moderna e liricamente introspectiva, *Far Away* é um aperitivo do que virá no debut. Na entrevista a seguir, Jaxx e Federici falam de como se encontraram nos Estados Unidos e montaram o Area 55, e também de *Far Away*, do álbum que está sendo gravado e dos objetivos da banda na América.

É a primeira vez que estão tocando juntos, mas antes da mudança para os Estados Unidos vocês conversavam sobre esta possibilidade?

Mika Jaxx: Mudei-me para Los Angeles, mas não sabia que o Julio também havia se mudado e nem que era meu vizinho. Temos um produtor em comum, Brendan Duffey, que já havia trabalhado conosco em outros projetos e ele nos pôs em contato. Fui ao estúdio do Julio, mostrei um riff de guitarra que estava trabalhando e gravamos a guia e o mapa da música inúmeras vezes até o primeiro single, *Far Away*, ficar pronto.

Como vocês recrutaram os outros integrantes?

Mika: Fizemos audição para bateristas e encontramos Boll3t. Ele foi o terceiro que testamos e, de cara, deu certo. Além de ser formado em produção musical, tem estúdio em Downtown, onde gravamos as bateras. O baixista demorou um pouco mais. Fizemos audições com americanos, mexicanos, italianos, brasileiros... O americano já estava na banda quando apareceu o Gui Bodi, que toca num grupo de blues e trabalha no Musicians Institute. Ele chegou tocando *Far Away* perfeitamente! Foi uma 'explosão' nos primeiros compassos, uma química única, mas não falamos nada na hora. Agradecemos e dissemos: 'qualquer coisa entraremos em contato' (risos) - o que aconteceu logo no dia seguinte. Na mesma semana o convidamos para gravar os baixos no estúdio do Julio e enviamos tudo ao Duffey.

A estreia do Area 55 foi concretizada com *Far Away*. Falem do conceito deste single/clipe, já que o título tem relação com o nome da banda e se conecta com o fato de estarem longe de casa, no Brasil.

Julio Federici: Exatamente. Ficamos contentes porque o conteúdo foi compreendido por todos e isso é fundamental. Acreditamos que essa é a proposta da música em geral: entreter e divertir as pessoas de alguma forma, e, ao mesmo tempo, transmitir nossa mensagem através da arte. É isso, *Far Away* fala da distância das nossas famílias e 'brothers', da luta diária. Apesar dos problemas, o sol nasce de novo e seguimos com os nossos valores ensinados por nossas famílias dentro de nós, mesmo distantes. Mudar de país e abandonar tudo em busca dos objetivos de vida não é fácil. Acabou sendo a inspiração para nosso primeiro single, e nem poderia ser diferente. É verdadeiro e espontâneo.

A propósito, como surgiu o nome Area 55?

Julio: É curioso! Conforme o Mika comentou, fizemos testes com músicos de diversas nacionalidades, mas a química acabou rolando com os brasileiros, de forma natural. Então, pensamos: 'bom, por que não remeter o nome com algo em comum entre nós quatro?' Fizemos aquela famosa reunião no bar, tomando cerveja. Cada um com sua longa lista de nomes (risos). A princípio, surgiu Code 55, mas como somos aficionados pelo assunto espacial e, em especial, por óvnis, pensamos em Area 55. Uma analogia com a Area 51, base aérea militar americana supostamente envolvida em importantes acontecimentos deste assunto. Além disso, é um nome de fácil pronúncia em diversos idiomas, é praticamente universal.

Paralelamente ao lançamento de *Far Away*, vocês já estão trabalhando no álbum de estreia? O que as pessoas podem esperar em termos de sonoridade e influências?

Mika: Sim, quando lançamos *Far Away* já estávamos com metade do álbum gravado e agora estamos na reta final. Somos uma banda de rock que foca em ter uma linguagem própria e original. Soamos mais maduros e tudo flui naturalmente entre o hard rock moderno, metal alternativo, new metal e pós-grunge atual. Tenho ouvido e assistido shows de bandas como Breaking Benjamin, Papa Roach, Red, Three Days Grace e Disturbed. Não queremos reinventar a roda, mas estamos fugindo do formato 'ouve rápido/esquece rápido', com músicas de três minutos para as rádios. Estamos produzindo nossa música e seguindo nossos próprios instintos, sem nos apegarmos à fórmulas e padrões.

Vivendo em Los Angeles, como vocês têm visto a cena musical atual para rock/metal nos Estados Unidos? Ainda é viável para uma banda nova em termos de shows e parcerias no show business?

Mika: Los Angeles é uma cidade rock'n'roll. Está presente em todo lugar, da hora que você vai ao mercado até quando está tomando café da manhã em um hotel em Vegas. É cultural. Os espetáculos e shows são diários, fica difícil acompanhar, desde pequenos bares da Sunset Strip, como Whisky a Go-Go, Viper Room ou outros como Peppermint Club e Troubadour, onde você assiste shows de bandas iniciantes, jams e até a grandes nomes do 'mainstream', que volta e meia tocam por lá. Kiss e Slash fizeram recentemente shows no Whisky, tocando para poucas pessoas. Já no The Forum, Hollywood Bowl, The Palladium e The Greek Theater são shows grandes, de nível dos de estádios no Brasil. Tudo isso só dentro de Los Angeles! A indústria do entretenimento aqui é a principal. Tivemos a honra de o nosso single ter sido incrivelmente bem recebido por aqui e somos muito gratos por isso. Gostaria de agradecer a todos que acreditaram no nosso trabalho e apoiaram no lançamento e nessa jornada.

Quais os planos para o Area 55? Pensam em turnês?

Julio: Após lançarmos nosso primeiro álbum a ideia é começar pela Califórnia, onde a banda vive. Existe um circuito comum das bandas pelo estado e queremos percorrê-lo. Após a consolidação do nosso nome por aqui, expandiremos pelos outros estados do país e, quem sabe, outros continentes.

Leandro Nogueira Coppi

THE UNITY: MUITO ALÉM DE UM PROJETO PARALELO

Formada em 2012 por dois músicos do Gamma Ray, o The Unity tinha tudo para ser tomado por um projeto paralelo, algo para o baterista Michael Ehré e o guitarrista Henjo Richter fazerem nesta longa pausa do Gamma Ray. Mas, desde o princípio, Michael e Henjo deixaram claro que o The Unity é uma banda de verdade, e que seus companheiros Jogi Sweers (baixo), Stefan Ellerhorst (guitarra), Sascha Onnen (teclado) e Jan Manenti (vocal) são muito mais que meros figurantes. Agora com dois álbuns lançados, o The Unity reforça seu nome no cenário, reafirma seu status, e se coloca em posição de disputar um lugar nos grandes palcos. Abaixo, o baterista Michael Ehré fala sobre sua 'nova' banda, e relembra a 'antiga', o saudoso Metalium.

Sascha Onnen, Henjo Richter, Michael Ehré, Gianbattista Jan Manenti, Jogi Sweers e Stefan 'Stef' E. Ellerhorst

Você já era um músico altamente reconhecido no mundo do metal por seu trabalho com o Gamma Ray, então, qual foi a sua motivação inicial para montar o The Unity?

Michael Ehré: Em 2012, quando entrei para o Gamma Ray, eu e Henjo (Richter, guitarrista do Gamma Ray e do The Unity) percebemos que temos as mesmas raízes musicais e influências. Black Sabbath, Dio, Rainbow, Deep Purple... E para nós estava muito claro que estas influências musicais não se encaixavam com o estilo do Gamma Ray, pois ali o som é mais voltado para aquela coisa rápida, com dois bumbos e muita melodia, o power metal tradicionalmente alemão, por assim dizer. Foi por isso que decidimos criar uma nova banda, onde nós poderíamos criar músicas mais voltadas para a sonoridade clássica do rock.

A parte engraçada é que as pessoas veem os nomes Michael Ehré e Henjo Richter no álbum, e imediatamente esperam ouvir um álbum de power metal melódico.

Michael: Sim, isso acontece muito (risos). Mas definitivamente não é essa a nossa proposta, e esse rótulo não se encaixa bem com a nossa música. Claro, você até irá encontrar alguns elementos aqui e ali que remeterão a algo de power metal, pois isso também é parte da nossa musicalidade, mas não é o que prevalece. Eu definiria a sonoridade da nossa banda como uma mistura de hard rock clássico com metal clássico, algo assim.

Sim. Lembro que ao ouvir o primeiro álbum de vocês (*The Unity*, 2017), eu não sabia o que esperar, e fiquei surpreso em perceber várias referências AOR. Então, quem é o grande fã de AOR no grupo?

Michael: Ah, em certa medida eu acho que todos nós somos (risos). Sabe, não se pode ficar preso em um único gênero musical, não se você quer fazer boa música. Eu, por exemplo, sou um grande fã de Journey, eles são incríveis! Ao mesmo tempo, sou viciado em Iron Maiden e Judas Priest, e gosto muito de ouvir Slipknot (risos), então, é difícil dizer em que direção nossa música irá quando começamos a compor. Imagine, tem gente nesta banda que é altamente influenciado por punk rock, e isso também entra na mistura. Sei que tudo isso parece uma loucura, mas se alguns dos seus leitores não conhecem a nossa banda e quiserem conferir, eu garanto, terão uma ótima experiência musical.

Dessa mistura acaba nascendo uma música única e com características muito próprias, mas não acredito que este fosse o maior objetivo de vocês.

Michael: Não mesmo, nem de longe. Nós nunca quisemos criar algo novo, pois as nossas maiores influências no The Unity vêm de bandas do chamado classic rock, bandas que estão aí por quarenta, cinquenta, sessenta anos em alguns casos. Nós sempre quisemos deixar claras as nossas referências, citamos os nomes com facilidade, não escondemos nenhum detalhe, e nunca dissemos que o The Unity criaria algo novo. Nossa única intenção era criar boa música, canções de alta qualidade, e acho que encontramos o ponto certo para fazer isso.

E quais foram os passos fundamentais que vocês deram para transformar o The Unity em uma banda funcional?

Michael: Essa é uma pergunta difícil, vejamos... Em 2017, imediatamente após o lançamento do primeiro álbum, nós saímos em turnê, e isso era algo que nós realmente sentimos que tínhamos que fazer. Quer dizer, nós sentimos que, se lançássemos o disco e não fizéssemos nada extra, sem turnês para divulgar nem nada além do álbum em si, os fãs entenderiam algo do tipo 'ok, este é um projeto dos dois caras do Gamma Ray'. E isso não seria correto e nem justo com os outros caras da banda. The Unity é uma banda com seis integrantes, e não existe ninguém mais importante que o outro, e isso você precisa mostrar na estrada, no palco. Eu acho que este foi um passo necessário e definitivo para que as pessoas entendessem qual é a nossa real intenção com essa banda.

Sim, e pelo que lembro, foram ótimos shows.

Michael: Sim, pois tivemos os parceiros certos na estrada, e isso é muito importante. Nós começamos com uma turnê abrindo para o Sinner, e depois veio outra com o Edguy. Em 2018 conseguimos alguns shows como atração principal, o que já mostra como as pessoas estão entendendo a nossa proposta. Agora, com o novo álbum (*Rise*, 2018) nós tivemos uma turnê com o Axel Rudi Pell, então, estamos nos mantendo realmente ocupados, sempre com o foco de provar que somos uma banda de verdade, e não um projeto paralelo.

E quanto ao processo de composição, você sente muita diferença em relação ao Gamma Ray ou ao Metalium?

Michael: Não, nada tão grande. Quer dizer, no The Unity nós não temos uma maneira única de compor, e esse é um ótimo ponto. Somos seis pessoas criativas, músicos experientes, um pouco velhos (risos), então sabemos o que funciona para nós, mas cada um trabalha à sua maneira. E é legal também o fato de que temos quatro compositores principais nesta banda (risos), sendo que os outros dois também contribuem com ideias muito boas, então é um processo realmente criativo (risos). É engraçado, pois certas vezes um de nós aparece com uma música inteira, toca para os outros, e nós pensamos 'cara, isso está ótimo, não vamos mudar nada'. E em outros momentos, aparecemos com uma ideia isolada, um riff, uma ideia de refrão ou algo assim, e então precisamos trabalhar para de fato completar uma música. Trabalhamos assim em *Rise*, e acho que funcionou muito bem.

Bem, citei o Metalium anteriormente, e no Brasil talvez você seja mais conhecido pelo trabalho com eles do que pelo Gamma Ray.

Michael: Bem, eu sabia que as pessoas aí me conheciam mais pelo Metalium, e vou lhe dizer como eu sabia: simplesmente na época em que eu tocava no Metalium, quando a bana ainda estava em atividade, nós sempre tínhamos um respaldo gigantesco no Brasil, muitas pessoas sempre falavam conosco e tudo que você possa imaginar. Era incrível, nós tocaríamos no Brasil, acho que em 2005, mas a turnê foi cancelada um dia antes de embarcarmos no avião (risos).

Alguma chance da banda retornar à ativa?

Michael: Eu não poderia dizer que jamais acontecerá, mas lamento dizer que é improvável. Da minha parte, estou muito ocupado com minha banda, com meus alunos, enfim, eu não sei se teria tempo. Mas é engraçado me perguntar isso, pois ontem falei com Lars (Ratz, baixista do Metalium) e falávamos sobre isso, se deveríamos nos reunir um dia. Não é um plano, não é nada definitivo, mas quando nos falamos lembramos dos velhos tempos e de como os brasileiros nos amavam. Então, nunca diga nunca.

Valtemir Amler

WAGNIS: CORRENDO O RISCO

Radicado há anos na Alemanha, o baixista e compositor Anderson Kuchma queria tocar uma banda que se levasse a sério e que tivesse músicas, conceito e objetivos claros. Já tinha um repertório pronto mas não encontrava a banda. Então, resolveu montá-la ele mesmo. Era o ano de 2017 e surgia o Wagnis, banda sediada em Kassel. Hoje, ao lado de Anton Artamonov (vocal), Yuri Castro (guitarra), Jonas Erbuth (guitarra) e Sven Maier (bateria), Anderson comemora o lançamento do EP *Revolution of Dignity*. Aqui ele fala sobre a banda, o disco e os planos para o futuro.

Anderson Kuchma, Sven Maier, Anton Artomonov, Jonas Erbuth e Yuri Castro: trabalhando para fazer o Wagnis grande

Como vocês definem o estilo do Wagnis?

Anderson: Heavy metal tradicional. Nada de afinação 'drop C' ou guitarra de sete cordas. Defino nosso som como uma mistura de Accept, Mercyful Fate e Savatage.

Pelo que vi, 'wagnis' quer dizer risco, ameaça em alemão. É esse mesmo o significado do nome da banda?

Anderson: Sim, um grande risco! Tudo no começo foi arriscado. Vi o Anton Artamonov no YouTube, cantando Helloween no programa X-Factor, da Ucrânia. Entrei em contato, fui lá, mostrei o material, ele gostou e topou entrar na banda. O objetivo era montar uma banda profissional, sem deixar nada a desejar às bandas com gravadora. Desde o produtor até o designer, tudo foi pensado antes mesmo de a formação estar completa. Até agora tem dado tudo certo.

Vocês estão estreando com o lançamento de um EP. Essa é a solução para o consumo de música hoje em dia ou, como antigamente, é uma prévia para um álbum completo?

Anderson: Era para ser um álbum completo, mas tivemos um guitarrista que nos atrasou demais e saiu bem antes de entrarmos no estúdio. Levaria muito tempo gravar mais cinco faixas e perderíamos todas as chances de tocar nos festivais em 2019. Foi uma decisão acertada, já que com isso vamos tocar no verão com bandas como Airbourne, Amorphis, Rose Tattoo, Caliban e Manimal entre outras. Acabou sendo a prévia do álbum, mas como muita gente compra música online, vendemos o CD e o disco virtual. Para ouvir, baixar ou comprar o álbum basta visitar wagnis.bandcamp.com.

O disco começa com uma intro bem interessante. Em que idioma é e do que se trata?

Anderson: Em 2014, houve um conflito na Ucrânia que ficou conhecido como Revolution of Dignity ou Euromaidan. Grande parte do povo se voltou contra o governo, que não cumpriu promessas e reprimiu violentamente essas manifestações. O povo cantava essa velha canção popular em ucraniano, a letra é a despedida de uma mãe que sente que o filho que indo pra guerra não voltará mais.

Você assina praticamente todas as músicas do disco sozinho. Os demais músicos não compõem?

Anderson: Sim, os guitarristas compõem os solos, as outras partes eu fiz. Agora temos o Yuri, ele usa mais acordes invertidos, dobras de guitarra e eu faço mais riffs. Nossos estilos se complementam e é muito bom tê-lo na banda. No álbum iremos dividir a composição das músicas, só as letras que continuarei fazendo sozinho.

***Revolution of Dignity* foi produzido por Roland Grapow. Como foi trabalhar com ele?**

Anderson: Sinceramente? Surreal! (risos) Gravamos na Alemanha e depois fui pra Eslováquia onde fica seu estúdio dar os ajustes finais. Roland ouviu e como mágica deixou as músicas exatamente como eu tinha em mente. Embora não seja mais fã de Helloween, foi um pouco surreal ter Roland me mostrando suas guitarras, almoçar na sua casa e vê-lo batendo cabeça com as minhas músicas.

O disco conta com a participação do vocalista Henning Basse (Firewind, ex-Metalium). Por que vocês o escolheram e como foi trabalhar com ele?

Anderson: Nosso convidado era Niklas Isfeldt (Dream Evil), mas as gravações atrasaram e quando terminamos Niklas não pôde gravar. Então, liguei para Henning e perguntei se ele toparia participar. Por sorte, ele adorou a música e cantou de uma maneira simplesmente sensacional. *The Power of the Sun* hoje é minha música favorita do disco!

Nota-se que vocês cantam letras com certo engajamento político, o que não é muito comum em bandas de heavy metal. Por que essa opção?

Anderson: Não diria político, mas histórico. Eu me formei em História, então escrevo sobre guerras e conflitos reais. Nada de 'oh, baby, I love you' ou letras clichês. Nada contra, mas prefiro escrever sobre algo real. No EP, as letras falam sobre o 11 de Setembro, soldados traumatizados, bombardeio de Hiroshima e Guerra Fria.

Pelo que me consta, a capa também tem um significado bem especial. Qual seria ele?

Anderson: Estava de férias em Kiev quando Roland me enviou a mixagem final. Fui pra praça Maidan, palco principal dos conflitos narrados na faixa-título, e fiquei ouvindo a música por cerca de quarenta minutos, pensando na carnificina que ocorrera ali poucos anos antes. Quando ia embora, vi uma exposição que estava acontecendo ali e dei de cara com a foto, tirada justamente naquele conflito. Quase cai pra trás com aquela foto fantástica, entrei em contato com o fotógrafo e comprei. Uma imagem real muito forte e justamente do conflito que era tema da faixa-título. Coisa do destino.

Muita gente tem a ideia de que é muito fácil ser contratado por um selo aí fora. No entanto, vocês estão lançando o disco de forma independente. Isso foi uma opção da banda?

Anderson: Sim, é difícil conseguir um selo e shows sem nada gravado. Preferimos fazer um EP independente do que esperar achar um selo pra lançar o primeiro registro.

Quais os próximos planos de vocês? Tocar aqui no Brasil seria uma ideia?

Anderson: Divulgar mais nosso disco e começar os preparativos pra gravação do album. Tocar no Brasil seria ótimo, pra isso só precisaríamos dar o golpe 'boa noite, cinderela' no nosso vocalista, porque ele morre de medo de avião (risos). Por enquanto, estamos planejando shows na Holanda, República Tcheca e Polônia. Mas quem sabe um dia?

Antonio Carlos Monteiro

Hammerheart Records Brasil apresenta

NERVOCHAOS
ABLAZE

Ablaze, o oitavo álbum de estúdio da banda brasileira NervoChaos.

Disponível na loja virtual:
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

TAMBÉM DISPONÍVEIS:
LANÇAMENTOS HAMMERHEART RECORDS BRASIL 2016-2019:

REBAELLUN
THE HELL'S DECREES

SAVAGE
LOOSE 'N LETHAL

MASTER
MASTER

CRYPTOPSY
BLASPHEMY MADE FLESH

PESTILENCE
MALLEUS MALEFICARUM

PESTILENCE
COMSUMING IMPULSE

PESTILENCE
TESTIMONY OF THE ANCIENTS

PESTILENCE
SPHERES

REBAELLIUN
BRINGER OF WAR

SACRILEGE
WITHIN THE PROPHECY

SACRILEGE
TURN BACK TRILOBITE

PESTILENCE
HADEON

MELIAH RAGE
KILL TO SURVIVE

MELIAH RAGE
SOLITARY SOLITUDE

NECROPHOBIC
SATANIC BLASPHEMIES

DEAD HEAD
THE FEAST BEGINS AT DAWN

E MAIS UMA GRANDE SELEÇÃO DE TÍTULOS NACIONAIS E IMPORTADOS!
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

TOSCO:
SEM PAPAS NA LÍNGUA

Ah, os anos 1980... Não digo apenas pelo saudosismo da sonoridade clássica, mas também pelo lance da liberdade que as bandas tinham em suas letras. Longe do lance politicamente correto que temos hoje. Felizmente temos uma galera que rema contra a maré e nos conscientiza do lance transgressor do rock. Como a galera do Tosco, que em 2018 lançou seu disco de estreia e que promete quebrar tudo com seu crossover/thrash metal. Na entrevista a seguir, o vocalista Osvaldo Fernandez fala do disco novo, da cena santista e das "homenagens" à Rede Globo e Donald Trump.

Paulo Mariz, Ricardo Lima, Anderson Casarini e Osvaldo Fernandez: veteranos da baixada santista criam uma hecatombe em forma de música

FOTO: RENATO RIBEIRO

Como foi juntar as peças e sair do estúdio com uma nova banda? Por que nomeá-la como Tosco?

Osvaldo Fernandez: Bem, partiu por iniciativa minha criar uma banda na linha crossover. Havia saído do Repulsão Explícita e fui até o Ricardo Lima (guitarra), que também era da banda e, por volta de agosto de 2017, com umas letras escritas numas folhas e após um pouco de insistência, ele cedeu meio que por pena de mim (risos). Assim, começamos a compor as músicas. Já tínhamos o Paulão (bateria) na manga e o time foi completado com Anderson Casarini no baixo. O nome vem de uma conversa entre eu e um amigo muito querido, o Neto, já falecido, sobre o Destruction, no qual ele dizia que não gostava, por achar 'muito tosco'. Daí, indignado pela afirmação, pois adoro a banda, pensei que aquele 'adjetivo' seria legal para nome de banda.

A sonoridade do grupo flerta com o crossover/thrash metal, que chama a atenção pela fúria e riffs bem elaborados. Um exemplo fica para *Cenário de Chacina*, que saiu em videoclipe. No processo de criação das músicas vocês ficam lapidando e editando ou vão se guiando pelo feeling?

Osvaldo: Primeiramente vem do feeling. Somos amantes do metal, desfrutamos dos saudosos anos 80, somos fãs de Slayer, Nasty Savage, Zoetrope, Exodus, D.R.I., essas coisas. Daí em diante, vem a parte técnica: escrevo as letras e me junto ao Ricardo para compor as músicas. Então, vamos ensaiá-las e Paulão dá vida ao som com sua linha de bateria e Anderson arremata o jogo, pois tem uma noção muito legal de tempo, melhorando introduções, passagens, pontes, enfim, lapidando as composições.

O clima de velha guarda do metal chama a atenção e a música do Tosco mantém a pegada e apresenta tudo de forma nítida. Em quais pontos vocês vêem que a produção feita por Ivan Pelliciotti (ex-Vulcano) contribuiu para que *Revanche* já saísse do forno como vencedor?

Osvaldo: Ivan é um cara com uma sensibilidade muito apurada, ele se conecta com a proposta da banda, ouve o que queremos e faz a coisa acontecer adicionando sua técnica de produção. Aliado a isso, temos Paulão, nosso batera, que gosta de produzir, tem conhecimento técnico do assunto e participou da coprodução do disco, deixando a sonoridade orgânica e 'old school', que acreditamos ser a melhor forma em que nosso som deve soar: pesado e nítido.

A capa é outro predicado digno de nota do trabalho. Chamativa, direta, já indica ao ouvinte o que ele terá pela frente. Quem é o artista responsável pela arte e como chegaram nela?

Osvaldo: Sim, vejo que você entendeu a mensagem. Tive, a princípio, a ideia de colocar um leão. Porém, mudei para o elefante/mastodonte por ser uma fera maior e mais pesada, simbolizando o peso do som. O artista responsável foi Felipe Ruiz Cintra, da Esc. Ink. de São Paulo. Um desenhista jovem e muito talentoso. Passei para ele a ideia num rascunho e ele, rapidamente, a materializou. Chegamos até ele pelo Fernando Schaefer, baterista do Worst, que nos indicou.

Outro belo exemplo do repertório fica para *Cala a Boca Globo*, que tem tudo para ser um dos carros chefe do quarteto. Conte-nos como surgiu essa canção. Houve algum tipo de censura ao grupo?

Osvaldo: Surgiu da minha ira com essa emissora em perceber, como muitos brasileiros já perceberam, que se trata de uma mídia manipuladora e que joga somente com seus interesses. Simplesmente isso. A letra diz por si só – querem transformar realidade, inverter os papéis, fazer com que as pessoas não percebam a realidade. E quanto à censura, por enquanto, nada. Acredito que nunca seremos convidados a tocar no Altas Horas (risos).

Ainda sobre as letras, como veio a ideia de "homenagear" o Presidente dos EUA em *O Trump quer Que se Foda*?

Osvaldo: O que fazemos na nossa música é relatar fatos. Veja as coisas que ele diz, suas atitudes... Quer construir muros, proibir mulçumanos de entrar no país, agora sobretaxa nos produtos chineses, causando um desequilíbrio na economia mundial, apesar de que o índice de desemprego diminuiu nos Estados Unidos. Parece que ele não está nem aí, ou seja, ele quer que se foda mesmo e não dá a mínima para o que dizem. Aí ganhou a homenagem, mas ele tem medo do Puttin (risos)!

Desde os anos 1980, a baixada santista é lembrada por ter bandas de relevância para o cenário nacional, como Vulcano, Santuário, Mitrium, Psychic Possessor, Charlie Brown Jr., Safari Hamburgers, Shadowside, Carnal Desire, Garage Fuzz, Hugin Munin e Hierarchical Punishment, Chemical Disaster, Opus Tenebrae, entre outras. O que podem nos dizer da cena da baixada hoje e quais bandas novas vocês destacariam?

Osvaldo: Não existe mais cena na baixada santista. Acabou. O que temos são shows esporádicos, que acontecem eventualmente e com audiência baixa. Conhecemos a grande maioria das pessoas das bandas que você citou, alguns continuam na estrada, como o Vulcano que lança discos e sai em turnês pela América do Sul e Europa, e outros que simplesmente desanimaram e encerraram as atividades. Apesar de ainda termos entusiastas na baixada como o Pepe Macia, aquela coisa dos anos 80 e 90 não existe mais, infelizmente.

Após *Revanche*, que vem sendo bem recebido, o que vislumbram a médio e longo prazo para o Tosco? Já estão trabalhando no segundo álbum?

Osvaldo: O disco novo já está composto. Temos quatorze músicas compostas, em que dez irão compor o disco, que terá em média 35 a 37 minutos no máximo e será gravado no segundo semestre de 2019. Tem que caber num lado de uma fita de 60 min. Indo uma música para o outro lado (risos). O que ficar de fora irá compor o terceiro. Aproveito para agradecer a oportunidade que a ROADIE CREW nos deu com essa entrevista. Vocês mantêm a roda girando aqui no Brasil. Valeu!

João Messias Jr.

MANTAR: A SUTIL ARTE DE INCENDIAR MENTES

Hanno Klänhardt e Erinc Sakarya adicionaram ainda mais elementos extremos em sua 'fórmula sludge'

Desde a antiguidade o homem é apaixonado pelo fogo e por incendiar as coisas, e esta paixão não parece ter diminuído com a passagem dos séculos. O homem é ainda mais apaixonado pela preguiça de não pensar por si mesmo, de seguir um líder, e sempre aparece uma figura que incendeia a mente dos outros e as faça agir como robôs. Mesmo em 2018 as pessoas ainda querem ter seu pensamento governado por um líder." Com estas palavras, Hanno Klänhardt, vocalista e guitarrista do duo alemão radicado nos Estados Unidos, Mantar, anuncia a temática de terceiro álbum, *The Modern Art of Setting Ablaze*. Se o conceito é forte, a música faz bonito: um sludge carregado de referências que vão do metal clássico ao black metal. Confira o que um dos destaques da nova geração tem a dizer sobre a sua jornada.

Os dois últimos álbuns do Mantar receberam ótimas críticas, e estamos conversando pela segunda vez. Acho que as coisas têm funcionado para vocês, certo?

Hanno Klänhardt: Sim, definitivamente, e isso me deixa muito feliz. Na verdade, até agora eu não ouvi uma única palavra ruim sobre o nosso novo álbum. Isto chega a ser surpreendente nessa época em que vivemos! Então, é um ótimo resultado para uma banda. Por outro lado, temos dedicado todo o nosso tempo e todos nossos esforços ao Mantar. Temos realmente colocado tudo o que temos nessa banda e, por isso, penso que estamos buscando merecer o apoio que recebemos. Quer dizer, é ótimo trabalhar duro e ter um retorno, algum reconhecimento pelo esforço que estamos fazendo.

Na verdade, não me lembro de ter lido nenhuma crítica ruim para nenhum de seus três álbuns. E isso é realmente incomum!

Hanno: Sim. Eu não quero soar arrogante nem nada, pois não é disso que se trata, mas também não li nada de negativo sobre eles. Não sei por quanto tempo será assim, mas temos aproveitado o momento, sempre tomando fôlego para criar mais música.

Considerando que todos têm se sentido empolgados com seus álbuns, qual é a sua opinião sobre a discografia do Mantar?

Hanno: Ah, eu ainda gosto muito dos nossos dois álbuns anteriores, eles são 'meus bebês', e amo cada um deles por suas diferentes qualidades (risos). O primeiro álbum, *Death By Burning* (2014), tinha toda aquela carga de necessidade de aparecer. Quando uma banda está aparecendo, ela precisa vir de cara com algo grande e que surpreenda as pessoas, senão fica perdida no meio da onda gigante de novas bandas que aparecem todos os dias. Então, quando penso nele, tem toda aquela magia de um debut, todo aquele sentimento que envolve o momento. Você nunca reencontra aquela inocência, sabe? Já *Ode to the Flame* (2016) é um disco que eu gosto muito porque é muito obscuro, sinistro e existe algo que me atrai em música que tem essas características. Eu gosto de compor, mas também gosto muito de ouvir músicas assim.

E foi por isso que manteve esse tom no novo álbum, *The Modern Art of Setting Ablaze*, certo?

Hanno: Sim, até porque eu e Erinc (Sakarya, bateria e voz) sentimos que estamos melhorando nisso. Sinto que as músicas estão ficando melhores, digo isso no sentido da composição e da fluidez do álbum.

Então, o que diria que está garantindo esta 'fluidez extra' para a sua música?

Hanno: Bem, hoje somos compositores e instrumentistas mais maduros. Então, existe um cuidado e um capricho maior nos arranjos, existem mais elementos para cativar e prender o ouvinte, e sinto que chegamos ao ponto decisivo da música mais rápido... Quer dizer, eu gosto muito de *The Modern Art of Setting Ablaze* porque sinto que ele realmente carrega a essência da música do Mantar. Da mesma forma, ele mostra que somos músicos que não pararam no tempo. Aprendemos uma lição muito importante nos últimos cinco anos: reconhecer os nossos pontos fortes! Estamos realmente concentrados neles, buscando uma força cada vez maior.

Sendo *Ode to the Flame* um álbum tão bem recebido, que colocou o Mantar entre os destaques da nova geração, você sentiu uma dificuldade maior para compor *The Modern Art of Setting Ablaze*?

Hanno: Sempre existe um pensamento de como será o próximo, mas eu tento não pensar muito sobre isso. Tento tirar da minha cabeça o pensamento do que as pessoas esperam da minha música, especialmente quando estou compondo. Eu não quero dizer que não ligo a mínima para os outros ou o que eles pensam, mas o fato é que cada pessoa tem algo a dizer e gosta de algo diferente. Então, se eu me concentrasse naquilo que as pessoas querem que eu faça, nunca conseguiria entregar um álbum! Na hora de compor, prefiro escutar os conselhos e ideias que vêm do meu interior, pois tem dado certo e acho que sou bom nisso. Na verdade, se for comparar com o processo de composição de *Ode to the Flame*, tudo foi muito mais fácil e tranquilo desta vez.

Antes do lançamento de *The Modern Art of Setting Ablaze*, foi lançado o ao vivo *St. Pauli Sessions*. Tenho lido muitos comentários de pessoas que nunca o encontraram e, inclusive, reclamam de nunca ter ouvido o material. Ele é um lançamento oficial?

Hanno: Sim, é um lançamento oficial e saiu pela Svart Records. A questão toda é que ele foi lançado em uma edição limitadíssima, algo em torno de cem cópias. Mas procuramos encontrar uma maneira de tornar este material disponível para os fãs. Então, você pode encontrá-lo para audição no nosso Bandcamp. Além disso, também filmamos aquela apresentação e as pessoas podem assistir ao show no YouTube. Basta procurar por Mantar e acrescentar o nome do álbum. Espero que todos possam curtir o resultado!

Sim, isso é importante, mas a base de fãs do Mantar é apaixonada por material físico, então...

Hanno: (interrompendo) Sim, percebemos isso! Existem cópias deste material que podem ser compradas pelo E-Bay e tal, mas eu peço que não paguem uma grana surreal por este material, paguem apenas o justo. Além disso, temos o direito sobre esse material e, então, talvez um dia ainda o lancemos de uma forma ou de outra. Não gastem muita grana com um álbum, isso não ajuda a banda, apenas tira dinheiro dos nossos fãs.

Valtemir Amler

SICK DAMNATION: DEMOCRACIA A SERVIÇO DO THRASH

Oriundo de São Paulo e apostando num thrash 'old school' com elementos de heavy tradicional, o Sick DamNation iniciou sua trajetória em outubro de 2016, fruto de uma aliança feita pelos guitarristas Junior Sagster e Lucas Pelarin e o baixista Paulo Pedraza. O vocalista JV Landi e o baterista Thiago Rosa eram as peças que faltavam para a engrenagem da banda, que acaba de lançar seu primeiro disco, *Damnøcracy*. Além da rifferama comendo solta, o play traz a participação de Vitor Rodrigues (Victorizer, ex-Torture Squad e Voodoopriest). Conversamos com Junior sobre as peculiaridades deste trabalho e os próximos passos do quinteto.

Paulo Pedraza, Junior Sagster, JV Landi, Thiago Felipe e Lucas Pelarin: buscando vingar com seu thrash/heavy

FOTO: CHRIS RACHEL

O Sick DamNation é um novato na cena, mas possui integrantes com experiência em outras bandas, como você, que era do Voiden, e Lucas, guitarrista também do Ajna. O quanto essa experiência contribuiu para a estreia?

Junior Sagster: Cada integrante agregou bastante. Eu saí do Voiden e procurei pessoas que falassem a mesma língua que eu, que levassem tudo a sério, e estamos fazendo a coisa acontecer. Cada membro tem ideias para a banda, e todo mundo é amigo. Esperamos que isso dure e funcione por muito tempo.

Como se deu a decisão de sair do Voiden, que tinha um som calcado no death/thrash/black, para investir numa vibe mais thrash 'old school', com ingredientes de heavy tradicional e speed?

Junior: O Voiden era uma puta banda, tinha tudo nas mãos, um ótimo som, um estúdio, a imprensa junto com a gente... Mas havia muitos problemas internos, o que deu uma brecada para tocarmos ao vivo. Foi uma separação natural. Sempre tive essa veia mais thrash. O Sick DamNation foi projetado para tocar em cima do palco, de sair tocando em tudo quanto é buraco (risos).

O disco de estreia foi lançado após dois anos e meio desde o nascimento do grupo. Ele teve o resultado esperado para vocês? E quanto ao título, *Damnøcracy*, existe um trocadilho aí envolvendo críticas políticas e sociais, certo?

Junior: Fiz uma música na época em que estava no Voiden, que se chamava *Sick DamNation*. Guardei-a, e ela virou o nome de batismo da banda. Seria algo como 'doença da condenação' e um trocadilho com 'doente e maldita nação', que seria nosso país. Quanto ao nome do disco, vem outro trocadilho, algo como 'maldita democracia', por isso *Damnøcracy*. A gente não fala especificamente sobre o Brasil, criticamos mais o sistema como um todo.

O thrash metal traz em sua história muitas letras sociais e até políticas, desde bandas clássicas como Metallica, Megadeth e Annihilator, até grupos dessa onda revival, como Violator...

Junior: (Interrompendo) É, mas com relação a bandas como Violator que você citou, sou da opinião de que envolvimento partidário não é algo bom. Nem para uma banda, nem para uma pessoa. O brasileiro médio tem que começar a pensar que partido político não é time de futebol. Um político aumenta o próprio salário em 50% ou 60% e precisa de apenas meia hora para consolidar isso. Já o salário de uma pessoa que ganha salário mínimo precisa de anos para ter um aumento de R$ 10. O brasileiro defende e se mata por políticos, o que é algo absurdo. Aqui na banda ninguém levanta bandeira, somos apartidários.

A capa estampa uma cidade em ruínas, criada pelo renomado artista Alexandre Jubran, que já trabalhou com a Marvel e adaptou o livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho. Como foi o contato com ele para a concepção da capa?

Junior: Trabalhei durante um tempo numa editora e estava fazendo revisão de um livro do Jubran. Vi uma imagem e falei que daria uma ótima capa de disco. Isso faz uns oito a dez anos. Já no Sick DamNation, falei que tinha uma ideia de capa. Todo mundo concordou, e entrei em contato com o Jubran, um cara muito fácil de conversar. Ele mostrou a capa para a gente, com algumas opções, em um trabalho sensacional. A imagem exibe a avenida Paulista, no que seria o retrato do mundo, em franca decadência.

***Damnøcracy* é um disco de thrash em sua essência, com predominância de vocais limpos, embora também haja vocais guturais e rasgados. Antes da entrevista, você teceu muitos elogios ao JV Landi (vocal). Podemos dizer que ele seria a "cereja do bolo"?**

Junior: Acho melhor dizer que era a última peça que faltava. Gosto de vocalistas que fujam do mais do mesmo. Quando se espera ouvir um vocal que pareça com um pitbull, vem uma voz limpa, causando um impacto. Seria como ouvir um Testament com vocal do Joey Belladonna. A voz do JV é um diferencial. E a entrada dele foi curiosa. Fizemos alguns testes, e um dos candidatos disse que levaria um coach, que era JV. Acabamos ficando com o coach (risos).

Pelo visto, você gosta e/ou se inspira em bandas thrash com vocal mais limpo, certo? Como Vio-lence, Heathen, Anthrax, Forbidden no início...

Junior: Sim, Annihilator também, Helstar... É legal esse estilo. No Brasil, existe muita cópia do Max Cavalera e muita cópia do Andre Matos. Não se costuma sair muito disso. Achamos um cara diferente de tudo isso. Não estou dizendo que somos diferentes de tudo, que somos maravilhosos. Somos metal, é isso que importa. Queremos fazer músicas que fiquem na cabeça das pessoas.

Há três composições suas, três do Lucas e três do Paulo. Será aberto espaço também para JV e Thiago ajudarem em composições de um segundo álbum?

Junior: Sim, e estamos compondo mais músicas, com participação de todos. O JV, inclusive, trouxe umas composições bem legais. Acho que ainda este ano soltaremos uma ou duas músicas, que farão parte do segundo disco, a ser lançado, provavelmente, em 2020. E o próximo álbum virá com mais peso e mais velocidade (risos).

Nos fale sobre a participação do Vitor Rodrigues na faixa *Devil's Hostage* 24/7. O quanto ele agregou à fórmula da banda?

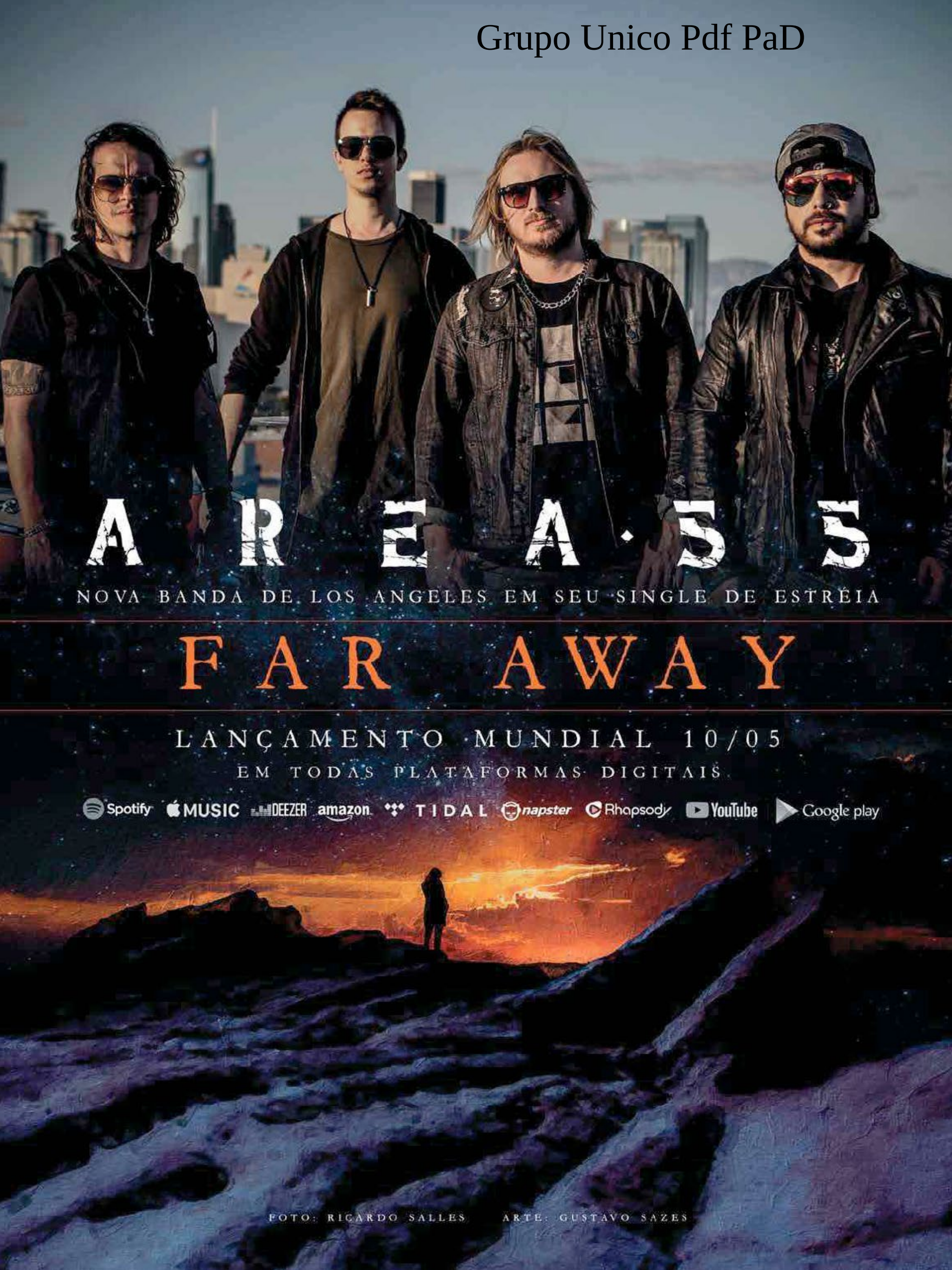
Junior: Além de ser um vocalista foda, ele tem uma energia muito boa, é um cara de luz. A letra de *Devil's Hostage* foi inspirada em um ex-chefe meu, que se converteu ao catolicismo e queria que todo mundo se convertesse também. Ficou um cara muito chato, até os padres fugiam dele. Ou seja, achava que se converteu, mas na verdade parecia o capeta. Então, utilizamos o bem e o mal na música. O JV, com a voz mais limpa, mais 'bonitinha', representa o mal, e o Vitinho, com o vocal mais gutural e rasgado, faz o papel do bem. A gente queria esse contraste. Ficou um puta som!

Em que lugar está inserido o Sick DamNation na cena do metal nacional?

Junior: Estamos trabalhando sério, fazendo tudo corretamente, desde a parte musical até as partes executivas, de divulgação e distribuição. Fazemos um trabalho de forma séria e honesta.

Thiago Prata

Grupo Unico Pdf PaD



CHAOS SYNOPSIS: CELEBRAÇÃO, ESTRADA E DIVERSÃO

Aos que acompanham a cena extrema do death metal, um nome bem familiar aos ouvidos é o Chaos Synopsis. Com quase quinze anos de estrada, quatro álbuns de estúdio – *Kvlt ov Dementia* (2009), *Art of Killing* (2013), *Seasons of Red* (2015) e *Gods of Chaos* (2017) – e shows no Brasil e exterior, o quarteto, que hoje conta com Jairo Vaz (vocal e baixo), Luiz Ferrari e Diego Sanctus (guitarras) e Friggi MadBeats (bateria), vive um período especial. Marcado por relançamentos e com um novo material de estúdio sendo criado, o vocalista e baixista Jairo Vaz bateu um papo com a ROADIE CREW para falar das novidades.

Luiz Ferrari, Friggi MadBeats, Jairo Vaz e Diego Sanctus: comemorações em 2019 com o relançamento do debut e da primeira demo-tape

FOTO: FELIPE ROCHA

Vocês encerraram a tour do seu quarto álbum de estúdio, *Gods of Chaos*, recentemente. O que esses shows e esse disco representaram para o grupo?

Jairo Vaz: *Gods of Chaos* trouxe novidades no quesito composição após a entrada do Diego. Ele complementou o álbum com muitas ideias diferentes e muitas melodias, algo que já vínhamos incluindo no som da banda desde *Seasons of Red*, mas que nesse álbum foi um ponto forte. Quanto à tour, foram 47 shows em dois anos, tocando em oito países diferentes e em festivais maiores dessa vez, como o SWR Barroselas, Maniacs Metal Meeting e o Otacílio Rock Festival. Como sempre, na estrada fizemos muitos fãs e novos amigos, reencontramos muita gente, bebemos litros e litros de cerveja e nos divertimos demais!

Interessante perceber que a banda não para as atividades. Seja em show ou disco novo, sempre estão preparando algo. Dentre eles, regravar sua primeira demo e o lançamento de *Kvlt ov Dementia* (2009) em vinil. O que pode nos adiantar sobre esse projeto e a previsão de lançamento?

Jairo: Como sempre falamos, estamos nessa pela emoção dos palcos e de criar a nossa história e isso só é possível se não pararmos, para nunca desanimar. Em 2019, faz treze anos do lançamento de nossa demo. Então, nada mais justo que apresentar essas músicas para os fãs mais novos e com uma gravação atual. Quem é fã da banda vai gostar, mas isso é um presente para mim e para Friggi, que gravamos aquela demo e hoje podemos ouvi-la com uma produção muito melhor. O lançamento deve ocorrer até julho. Este ano também faz dez anos do lançamento de *Kvlt ov Dementia* e nada mais justo que entrar no mercado do vinil através do lançamento do nosso debut. Foi este álbum que nos colocou definitivamente na estrada e é merecido que seja lançado neste formato.

A banda é da região de São José dos Campos, cenário de bandas com qualidade inquestionável. Dentre elas as veteranas Attomica, Overthrash e Faces of Death, que recentemente lançaram ótimos discos. Como vêem a cena de sua região e como é estar entre os melhores do estilo?

Jairo: Entre os melhores do estilo? Obrigado! A cena do Vale do Paraíba é muito rica em bandas e somos muito amigos de muitas delas. Sendo assim, é gratificante participar dessa movimentação toda, muitas vezes sair para fazer show juntos com várias dessas bandas ou um churrasco na casa de algum dos integrantes. Aconselho que a galera conheça Rectal Collapse, Head Krusher, Manger Cadavre? e Orgasmo de Porco, bandas excelentes aqui da região e que fazem um corre monstro.

Vocês sempre emendam o lançamento dos discos de estúdio com um giro pela Europa. O que essa experiência proporciona ao grupo? O que percebem de diferente em termos de estrutura e organização do velho mundo ao Brasil.

Jairo: Fazer uma tour de três a quatro semanas com um álbum, que acabou de sair, faz com que você transforme toda aquela empolgação do lançamento em energia pura nos palcos. Ninguém sabe o que esperar das músicas novas ao vivo, nem mesmo a banda. Porém, quando você está tocando todos os dias, a garra com que isso soa ao vivo faz total diferença do que apenas se fossem ensaiadas, por exemplo.

O legal é que apesar de ser uma banda conceituada no metal, o Chaos Synopsis não deixa de se apresentar em lugares menores. Seria uma forma de lembrar onde a banda veio para ter um parâmetro de voos mais longos?

Jairo: Nós gostamos de tocar e estar entre amigos, além de sermos parte do underground. Muitos de nossos fãs e nós mesmos frequentamos shows menores, é ali que o fã real do underground se encontra. Não vejo motivo para pararmos de tocar em shows menores. Até porque, se você olhar para a Europa, muitas das bandas que tocam em shows pra mil pessoas aqui, lá tocam em pubs igual fazemos aqui.

Paralelamente, a banda iniciou os preparativos do novo trabalho. Como virá o novo petardo do grupo?

Jairo: Ainda está em estágio bem inicial de composição. Já decidi o nome do álbum e a temática lírica, temos algum direcionamento do que queremos, mas nada que possa comentar ainda, até porque nós mesmos ainda não sabemos exatamente o que virá.

O que chama a atenção para quem acompanha os shows do grupo é que vocês sempre estão se divertindo, fugindo daquela imagem de rockstars que muitas formações estão adotando hoje em dia. Qual a receita para sempre estarem nos shows de bem com a vida e ao mesmo tempo darem um baita show?

Jairo: Somos muito amigos na banda. Desde o momento que entramos no carro para viajar para algum show já estamos dando risada. Estar na estrada é a nossa diversão, nosso futebol de fim de semana, o jeito de fugir da pressão do dia a dia. Não teria sentido sair para se divertir e ficar de cara amarrada ou puto com a vida. Estamos fazendo o que mais gostamos de fazer. Rock'n'roll, em minha visão, é ouvido para lavar a alma, para gritar, entrar na roda, se emocionar com a música. E nós levamos ao pé da letra isso!

João Messias Jr.

PLAYLIST ROADIE CREW Heavy Metal & Classic Rock + DEEZER

Playlist do conteúdo da edição #245 da Revista Roadie Crew.
Ele abrange bandas entrevistadas, alguns álbuns resenhados
e seções internas com os artistas comentados.
Acesse o link: http://dzr.fm/roadiecrew245 e nos acompanhe

OKILL: UMA 'NOVA' MÁQUINA DE METAL

O single *Listen to What I Say*, lançado no fim de 2018, serviu como um 'aperitivo' aos fãs do Macchina. Ou melhor dizendo, ex-Macchina. Fundado em 2011 pelo guitarrista e vocalista Anderson "Punkinho" Mattiello – a formação atual é completada por Atila Viggiani (guitarra), Marvin Rodrigues (baixo) e Renan CM (bateria) –, o grupo do ABC paulista precisou alterar seu nome, por conta de uma polêmica que quase chegou aos tribunais. Rebatizado de Okill, o quarteto se prepara para lançar dois discos. Confira nas palavras de Mattiello.

Atila Viggiani, Anderson Mattiello, Marvin Rodrigues e Renan CM mudaram o nome da banda, mas a atitude continua a mesma

FOTO: BIA FOXX

Vocês foram pegos de surpresa recentemente com uma situação que os obrigou a mudar o nome da banda. O que aconteceu?

Anderson Mattiello: Há 15 dias eu recebi um e-mail (a entrevista foi concedida no início de maio), de um cara de Santa Catarina. Ele dizia que detinha os direitos sobre o nome 'Macchina' e que deveríamos pagá-lo por isso ou então alterar o nome, senão iria entrar com uma ação judicial. Temos a banda desde 2011, mas ele registrou esse nome em 2012. Poderíamos até vencê-lo numa batalha na Justiça, mas como sabíamos que levaria tempo e iria nos desgastar, optamos por mudar o nome do grupo.

Inicialmente vocês pensaram em acrescentar um N ao nome: o Macchina passaria a se chamar Macchinna. Mas os planos mudaram, certo?

Mattiello: Consultei um advogado, especialista no direito autoral. Ele disse que não iria adiantar ter um 'N' a mais, porque o cara de Santa Catarina poderia nos acusar de similaridade na fonética; o nome seria o mesmo. Fizemos então uma reunião com a banda para sugerir um novo nome. O Atila veio com 'Okill'. Achei foda! Fiz uma pesquisa vasta na internet. Não achei nenhuma banda com esse nome. E agora o Macchina se chama Okill.

Dois anos depois do EP *Age Of Intolerance* (lançado no fim de 2016), a banda soltou o single *Listen to What I Say*, no finalzinho de 2018, ainda como Macchina. De que forma você o definiria?

Mattiello: O single reflete o que a banda é hoje e o quanto a entrada do Atila refletiu no nosso som. Tudo está mais coeso e pesado, com Atila incorporando as melodias que faltavam. Podemos dizer que o grupo era mais punk e menos metal quando tínhamos só um guitarrista. Agora, somos mais metal e menos punk.

O que podemos esperar então de um futuro disco? Uma sonoridade próxima a *Listen to What I Say* é uma possibilidade?

Mattiello: Já temos material para um disco inteiro. Mas fizemos um planejamento em que, primeiramente, vamos apresentar a nova cara da banda. Para isso, queremos lançar um álbum com regravações de músicas antigas do grupo e uma faixa inédita até o fim deste ano. Isso nos dará um fôlego para entrar em estúdio e gravar um trabalho de inéditas, com nove ou dez músicas, a ser lançado em 2020.

Que balanço você faz dessa formação como um todo, e o que os outros integrantes vieram a agregar a uma banda que, em seus idos, funcionava como power trio?

Mattiello: Atila e Renan entraram juntos na banda, e isso nos deu um gás novo. Conheço Renan desde a época do Grinders (N.R.: banda de punk, a qual Mattiello fez parte na primeira metade da década passada). O curioso é o que projeto inicial da banda foi pensado com ele como baterista. Mas na época, o Renan precisava passar mais tempo com o filho recém-nascido. O grupo seguiu outros rumos, com outros bateristas, até se tornar o que é hoje. E hoje ele é aquilo que deveria ter sido desde o início.

Isso significa que você pensou em usar duas guitarras desde o surgimento do grupo?

Mattiello: Olha, no início não. Mas com o passar dos anos, tornou-se necessário. Foi mais um passo dessa evolução.

Voltando a falar dos discos que virão, você pode nos detalhar algo com relação às novas composições?

Mattiello: Se não houver grandes mudanças, será multifacetado. Haverá coisas desde stoner até thrash. O que é legal, e se você ouvir o que o grupo fez desde o primeiro disco (N.R.: o EP *Macchina*, de 2014), perceberá que é uma banda que fala 'várias línguas' dentro do rock.

O grupo está inserido na Laroie Tour 2019, ao lado das bandas Blackning, Atroz e Lord Groselhator. Qual saldo você faz com relação a propostas para show?

Mattiello: A ideia partiu do Ricardo Bauer, baterista do Atroz. Todo mundo topou. Porém, estamos colocando isso na prática bem lentamente. Há alguns compromissos, o Blackning está em estúdio, o Okill vai entrar em breve também. Já temos algumas propostas e estamos analisando-as.

Vocês utilizam a seguinte frase nas redes sociais do grupo: 'Ver a banda ao vivo é ter a certeza de presenciar um verdadeiro show de rock'. Desde o lançamento do primeiro disco até o momento atual, o quão afiado vocês estão e o quanto o show de vocês evoluiu dentro dessa máxima da banda?

Mattiello: O que eu vejo de positivo com tudo isso é que tive a honra de tocar com músicos extremamente talentosos, e isso agrega muito. Todos que passaram pela banda sempre foram de altíssimo nível. E isso se traduziu nos shows e nos momentos em que passamos juntos. Tenho gratidão sem tamanho com relação a isso.

O que os discos *Macchina* e *Age Of Intolerance* representam para você atualmente?

Mattiello: O que sempre imaginei fazer como músico. Consegui me expressar da forma como queria com meu projeto-mor. Tenho total liberdade, assim como as pessoas da banda.

No ano passado você mixou e remasterizou o EP *End On*, do ästerdon, banda pela qual você fazia parte antes de fundar o então Macchina. Qual foi a sensação de trabalhar nesse EP, contendo músicas que nunca haviam sido lançadas antes, mas que, enfim, foram disponibilizadas no fim de 2018?

Mattiello: Foi muito gratificante. O ästerdon fez parte de uma cena muito legal. E foi, para mim, um grito de libertação. Depois que saí do Grinders, em 2004, montei o ästerdon. A banda passou por um período de estagnação, e em 2011, comecei com o Macchina. Mas queríamos dar um final digno ao ästerdon. Fizemos um show para matar saudade em 2017 e, depois, lançamos o EP.

Por fim, queria que você ressaltasse a importância de Jeff Hanneman (Slayer) na sua vida como músico, pois sei que você é um grande fã dele, e o Okill o homenageou nas redes sociais recentemente (no último dia 2 de maio, completou-se seis anos desde a morte do guitarrista).

Mattiello: Jeff Hanneman é uma influência natural. Eu sou mais da turma do Jeff que da turma do Kerry King (risos). Sempre o achei mais técnico que o Kerry. E as músicas que o Jeff compunha mostravam isso, eram mais bem trabalhadas. Quando busco inspiração, sempre recorro ao disco *Hell Awaits* (1985).

Thiago Prata

Grupo Unico Pdf PaD

ANGRA NA SEÇÃO COLLECTION?

Meu nome é Douglas, tenho 35 anos, sobrevivo no Hell de Janeiro desde nascido. Acompanho a revista e o excelente trabalho de vocês já tem décadas, desde que Angra figurou a capa em 1999 na época do *Fireworks* (sou muito fã dos caras e do estilo). Acompanho a revista, mas confesso que não sei se já foi lançada alguma edição com eles, ou Andre Matos/ Shaman na seção Collection. Adorei a edição com Edu Falaschi na capa! Abraço.

Douglas Santos
Rio de Janeiro/RJ

Salve, Douglas! De fato, "Hell de Janeiro" acaba sendo uma definição adequada para o que anda acontecendo na sua terra. Uma grande pena, o Rio de Janeiro ainda é um dos lugares mais lindos do planeta... Chegando no seu assunto, sem dúvida alguma o Angra irá em breve figurar na seção Collection! Afinal, é uma das bandas mais importantes da história do metal brasileiro! Obrigado pelos elogios e, de fato, Guilherme Spiazzi se superou na belíssima entrevista com o Edu. Escreva sempre! (Antonio Carlos Monteiro)

EDIÇÃO 243

Olá pessoal, achei bem legal as matérias com o Mötley Crüe e Whitesnake que, para mim, não têm mais aquela força como antes. Coverdale ainda é muito carismático, mas sua voz está fraca demais. Para manter a força ele teria que trazer de volta o John Sykes. Parabenizo todas as entrevistas na ROADIE CREW, que são bem elaboradas. Algumas vezes podia contestar algumas respostas, mas, no geral, está bem legal e também as novas seções, principalmente a Headphones in Fury, que achei simples e eficiente. E, para fechar, OK o Avantasia, mas Dream Theater poderia ter sido a capa. Que álbum que eles lançaram! John Petrucci é o rei das melodias. Valeu!

Milton Guerra
Campo Grande/MS

Bem, o Mötley Crüe pode até ter encerrado oficialmente as suas atividades, mas mostrou sua força com o filme The Dirt, porque não só retornou para o Top 10 da Billboard com a trilha sonora depois de muito tempo, como o livro "The Dirt: Confessions of the World's Most Notorious Rock Band" voltou para a lista dos 'best-sellers' do New York Times. Quanto ao Whitesnake, curti o mais recente álbum, mas também sinto falta de John Sykes. Porém, aí é outra história, porque faz tempo que o guitarrista, que começou no Tygers of Pan Tang, passou pelo Thin Lizzy e trinta anos atrás empolgou seus fãs com o Blue Murder, está devendo. Ah, o Dream Theater poderia ter sido capa, sim, mas desta vez foi o Avantasia. Obrigado pelos elogios e siga escrevendo. (Ricardo Batalha)

PREÇOS DOS DISCOS

Gostaria de deixar aqui o meu protesto pelo preço exorbitante de álbuns importados que estão sendo vendidos nas lojas especializadas tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Não vou citar nomes, pois meu objetivo não é prejudicar ninguém, mas trazer uma alternativa. Recentemente, tenho entrado em sites internacionais e os preços estão bem mais em conta mesmo com o frete e os impostos. Aproveito para elogiar a seção Rock Average – só espero que abra espaço para as bandas nacionais não somente as consagradas, mas aquelas lançadas por pequenos selos e gravadoras. Um ClassiCrew com *Handle With Care* do Nuclear Assault também seria uma boa pela passagem marcante da banda por aqui. Quanto ao Greta Van Fleet, prefiro ouvir dez bandas parecidas com o Led Zeppelin do que uma com o U2.

Alex Silva de Barros
Duque de Caxias/RJ

Se você prefere ouvir dez bandas parecidas com o Led Zeppelin, certamente curte Kingdom Come e alguns trabalhos do Great White e certas músicas do Rival Sons, certo Alex? Sobre o *Handle With Care* do Nuclear Assault, que passou recentemente pelo Brasil, acredito que tenha visto o clássico *Handle With Care* na edição especial de 1989. Fica aqui registrado o seu desabafo sobre os preços dos discos em lojas no Rio de Janeiro. Abraço. (Ricardo Batalha)

GOTHIC METAL

Salve galera da RC! Estou escrevendo para parabenizar todo mundo pelo trabalho excepcional que vocês fazem todos os meses. Vocês são incríveis! É a primeira vez que escrevo. Sou uma leitora recente, compro a revista há apenas três anos, mas não fico sem nenhuma edição. Eu tenho dois pedidos. Primeiro: gostaria de ver na revista uma matéria da banda Theatres des Vampires. Se puder ser na seção Background melhor ainda, pois sou fã dessa banda desde os meus 16 anos e seria muito legal ver alguma coisa deles na revista. E segundo: vocês poderiam fazer um especial gothic metal? Seria muito maneiro se vocês falassem dos álbuns mais importantes, das bandas que propagaram o estilo ao redor do mundo, da cena atual e dos subgêneros que surgiram em seguida tipo electro goth, darkwave, EBM... Enfim, um especial bem detalhado e bem feito igual vocês fizeram na edição 226 (especial black metal), que tal? Pensem com carinho. E, mais uma vez, parabéns a todos os colaboradores, redatores e responsáveis pelo trabalho de primeira feito na revista, que já se tornou minha favorita nesses últimos anos. Vida longa à ROADIE CREW! Beijos.

Cristina Alves Campos
São Paulo/SP

Cristina, tudo bem? Confesso que não sou profundo conhecedor da obra do Theatres des Vampires, mas lembro que, afora curtir alguns discos, cheguei a vê-los ao vivo uma vez no festival Gods of Metal (ITA), em 2000, e foi muito legal o show. Vamos ver se rola um Collection desta banda italiana, que estreou em 1996 com *Vampyrìsme, Nècrophilie, Nècrosadisme, Nècrophagie*. Curti a ideia do especial de gothic, ainda mais que em 2006 gravei um disco com a banda Sunseth Midnight, *Sun Seth*, que fazia exatamente esta linha musical. Siga escrevendo! Beijos. (Ricardo Batalha)

MÚSICA E POLÍTICA

Acompanho vocês desde sempre e já escrevi algumas vezes, sempre elogiando e

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

ENVIE O "ROADIE MAIL" (ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM) COLOCANDO SEUS DADOS (NOME COMPLETO, CIDADE/ESTADO) E O SEU TOP 3. PUBLICAREMOS ALGUNS PREFERIDOS DOS LEITORES A CADA EDIÇÃO!

CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)
Dream Theater – *Distance Over Time*
Myrath – *Shehili*
Sabaton – *Heroes*

RICARDO BATALHA (REDATOR CHEFE)
Diamond Head - *The Coffin Train*
Whitesnake - *Flesh & Blood*
Ron Keel Band - *Fight Like a Band*

FERNANDO PIRES (DIRETOR DE ARTE)
Samael - *Worship Him*
Bolt Thrower - *The IV Crusade*
Acheron - *Rites of the Black Mass*

ALEX SILVA DE BARROS (LEITOR)
Cellar Darlling - *The Spell*
Jono - *Life*
Oceans of Slumber - *The Banished Heart*

RODRIGO VIEIRA MENESES (LEITOR)
Shaman - *Reason*
Angra - *Fireworks*
Trail Of Murder - *Shades of Art*

ALBERTO MUSCAS (LEITOR)
Heart – *Live in Atlantic City*
Blues Pills – *Lady in Gold*
Within Temptation - *Resist*

Grupo Unico Pdf PaD

elogiando (merecidamente) o trabalho que fazem. Pela primeira vez vou escrever para falar de uma bola fora, em minha opinião, que cometeram. Trata-se sobre a matéria com o Within Temptation na edição 243. Sei que o Daniel Dutra deixou claro que não estava falando em nome da revista, mas não devia ter conduzido a entrevista tanto para o lado político. Uma coisa é o artista usar a política como forma de expressão, outra coisa é o entrevistador conduzir a entrevista para esse lado, deixando claro seu posicionamento e criticando (ou elogiando) determinado político ou partido. Quero deixar claro que não sou de direita e nem de esquerda. Somente acho que já temos política impregnada demais em todos os cantos e redes sociais e a ROADIE CREW é um dos poucos meios de comunicação em que encontramos um escape do caos e turbilhão político que é o nosso Brasil. Achei que a entrevista nem deveria ter o nome do Within Temptation (talvez por isso nem figure na capa) e sim uma entrevista pessoal com a Sharon. Não teve nenhuma pergunta sobre a produção do disco, trabalho dos demais integrantes, arte da capa. Gosto muito do Within Temptation, mas este novo CD é uma unanimidade entre os fãs para figurar em "Cuidado" da seção Collection. Não basta ter a mente aberta e aceitar ouvir coisas modernas. Ele ficou fraquinho, mesmo se comparado aos trabalhos anteriores que essa banda já fez. Para terminar, quero agradecer pelo CD *Vol. 1* da ROADIE CREW. Me fez reviver o meu início com o metal com a revista Planet Metal. Sempre descobrindo novas e ótimas bandas. A mídia física para mim ainda é fundamental. Que venham novos CDs. Obrigado!

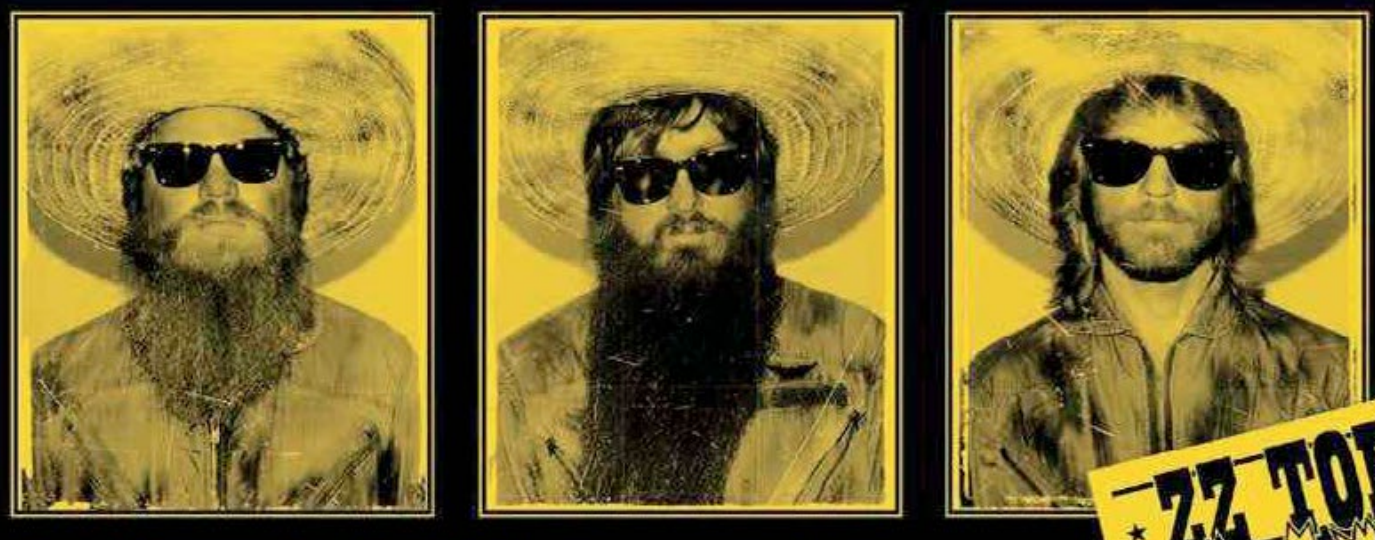
José Ricardo Bertolin
Barbacena/MG

Oi José, tudo bem? Nós somos uma revista de entretenimento e não de política. Um dos motivos que as pessoas querem ler a ROADIE CREW é justamente para fugir desse momento estranho que vivemos. Queremos saber do nosso mundo do metal e é isso que queremos passar com a revista há mais de 20 anos. O Within Temptation é ótimo! Trata-se daquele tipo de banda que não sossega e sempre busca algo novo na hora de compor. Bandas assim sempre estão mais sujeitas a mais críticas. Porém, quando olhamos para a discografia, é algo realmente forte. Obrigado pelos elogios ao CD vol.1 encartado na revista. Vamos ver de trabalhar na segunda edição para o mês de julho ou agosto. Abraço. (Claudio Vicentin)

MEMÓRIA

"O termo que dá título à música foi dito por alguém que trabalhava na gravadora Neat. Então, eu lembro que falamos: 'Vamos pegar essa porra e fazer uma música com isso!' E fizemos...", John Gallagher, vocalista e baixista do Raven, sobre a música *Athletic Rock*, de *All For One* (1983), na seção Playlist da ed. #170 (março, 2013).

ZZ TOP
50 ANOS DE BARBAS, BLUES, CARROS SEXYS E GUITARRAS NEBULOSAS



Coletânea Going' 50 vem com hits, faixas bônus e lados B para comemorar o aniversário da banda.

warnermusic.com.br facebook.com/WarnerMusicLegends

Nas lojas e plataformas digitais

Grupo Unico Pdf PaD

Sabaton

NOVAS LIÇÕES DE GUERRA

JOAKIM BRODÉN E PÄR SUNDSTRÖM AMPLIAM A ABORDAGEM DA BANDA DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM *THE GREAT WAR*, QUE TEM ATÉ NOVIDADE NO SOM

POR DANIEL DUTRA

Grupo Unico Pdf PaD

O fã do Sabaton já está acostumado: a cada disco, uma aula de história. Desta vez, os líderes Joakim Brodén (vocal e teclados) e Pär Sundström (baixo) – acompanhados dos guitarristas Chris Rörland e Tommy Johansson e do baterista Hannes Van Dahl – resolveram estender o trabalho sobre a Primeira Guerra Mundial num álbum completo, *The Great War*. Trata-se do nono CD de estúdio do grupo sueco, que ascendeu de maneira impressionante nos últimos anos. Em uma hora e meia de entrevista com Brodén e Sundström, o papo rondou muito mais sobre o conceito, numa abordagem diferente para o evento que, de 28 de julho de 1914 a 11 de novembro de 1918, mudou o mapa geográfico europeu. Aqui você confere alguns dos melhores trechos da extensa e produtiva conversa, que também rendeu momentos engraçados e talvez ajude na missão: fazer com que o trailer desperte o interesse do fã pela obra completa.

É impossível não abordar mais profundamente as letras de um álbum quando a banda é o Sabaton, mas antes gostaria de saber se foi a faixa *The Lost Battalion*, de *The Last Stand* (2016), o catalizador para um trabalho abrangendo somente a Primeira Guerra Mundial.

Pär Sundström: Sim, você pode dizer que foi. *The Lost Batallion* é uma das cinco músicas que fizemos sobre eventos ocorridos naquele período (N.R.: as outras quatro são *Angels Calling*, *Cliffs of Gallipoli*, *Purple Heart* e *The Price of a Mile*), mas até então era a mais recente delas. No entanto, sempre soubemos que um dia iríamos mais fundo nas pesquisas para lançar algo mais específico, e este ano marca o centenário do fim da Primeira Guerra Mundial. Ou seja, foi uma conjunção de fatores. O momento era o ideal para fazermos um disco apenas sobre esse evento, e *The Lost Batallion* reacendeu nosso interesse em continuar no caminho e escrever mais a respeito daquela época.

Então, como se deu a abordagem do Sabaton para colocar quatro importantes anos da história mundial em 11 músicas?

Joakim Brodén: Como qualquer álbum do Sabaton, nós sempre começamos com uma ideia... Quer dizer, acho que qualquer começa com uma ideia (risos), mas precisávamos de muito mais do que o que costuma entrar num trabalho finalizado. Costumo dizer que para cada canção que criamos, há duas que não foram feitas e dez histórias que deixaram de ser contadas. Nós já tínhamos a música, basicamente, então esperamos para ver até onde ela nos levaria para que pudéssemos nos fechar num assunto. E ela nos levou à Grande Guerra. Foi aí que iniciamos os trabalhos e chegamos ao que você pode chamar de coração da pesquisa, que são os assuntos que decidimos abordar. Muitas vezes, não temos a música que se encaixe na história que queremos contar, e isso não nos permite contá-la do jeito que queremos. É sempre uma pegadinha que, infelizmente, nos leva a deixar algumas histórias para trás. As canções, a história e as letras precisam ter a mesma linguagem emocional, porque essa conexão é muito importante para nós. Mesmo que tenhamos ótimas canções e uma história perfeita, não significa que as duas coisas se misturem bem.

Eu iria exatamente perguntar sobre isso, porque essa combinação pode levar o fã adiante depois que ouvir as músicas acompanhando as letras no encarte. Ou seja, ter a vontade de saber mais, de estudar o assunto. Vocês também se preocupam com isso?

Joakim: Sim e não. Ao mesmo tempo em que fazemos sempre o melhor que podemos, não temos a ambição de criar o documentário perfeito sobre o que aconteceu. É impossível alcançar isso numa canção heavy metal de três ou cinco minutos, mas fazemos um trailer do evento. Imagine um documentário, um filme ou mesmo um livro. Nosso trabalho seria criar um teaser que desperte o interesse das pessoas para que elas assistam ao filme ou ler o livro, porque não somos nós que temos as respostas. Fazemos as perguntas para que os fãs se interessem em encontrar as respostas, uma vez que nossos discos não são a estação final. Amamos História, mas não somos experts. Somos amadores.

Então, *The Great War* é o trailer de qualquer livro sobre a Primeira Guerra Mundial?

Joakim: Sim, você está correto, ou ao menos eu gosto de pensar que as pessoas vão encará-lo dessa maneira. E *The Great War* é um bom exemplo de como o conceito afetou a sonoridade, uma vez que o novo álbum é mais sombrio do que *The Last Stand* não apenas nas letras. Por exemplo, a música *The End of the War to End All Wars* tem uma construção, uma vibração e um sentimento diferentes, porque eu sabia desde o início que queria fazer um retrospecto. Como se fosse um alguém naquele 11 de novembro de 1918 (N.R.: data do fim da guerra) pensando naqueles quatro anos de conflito. Isso me levou a uma viagem e a um lugar onde não poderia usar uma fórmula comum para compor.

THE GREAT WAR
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC.

Como pude ouvir a History Edition de *The Great War*, felizmente, vamos para as letras. *The Future of Warfare* tem dois aspectos interessantes, e o primeiro diz respeito a 'quão peculiar é o fato de que uma única bala pode iniciar uma cadeia de eventos que mudaria o mundo para sempre', numa referência ao assassinato de Franz Ferdinand (N.R.: o herdeiro do trono da Áustria-Hungria)...

Pär: Exatamente! A morte dele foi basicamente o que deu início à Primeira Guerra Mundial e, claro, foi o ponto de partida para desenvolvermos o tema a partir de *The Future of War*. E por se tratar de uma canção bem mecânica, precisávamos abordar algo que casasse com a música, então ela também fala dos tanques de guerra. Não é a primeira vez que falamos de tanques em nossas músicas, afinal, nós escrevemos letras sobre guerras (risos), mas aqui o assunto era mais necessário do que nunca, pois eles foram inventados naquela época e usados como novidade na Primeira Guerra Mundial. Os tanques nasceram ali e se tornaram o futuro dos campos de batalha.

Você até adiantou a resposta a uma das minhas perguntas (risos), mas ainda sobre o assassinato de Franz Ferdinand, você acredita que em 2019 um evento isolado como aquele poderia desencadear uma guerra mundial? Porque pode parecer surreal, mas...

Pär: Honestamente, creio que atualmente isso tem potencial para acontecer, porque não ficamos mais inteligentes desde então. Se analisarmos bem, uma nova guerra de proporções mundiais vem sendo construída diariamente já faz algum tempo.

Parece que nunca vamos aprender, realmente, e é aí que entra a questão do tanque como o 'nascimento da mais devastadora das invenções que o homem concebeu', e, em seguida, o homem criou a bomba atômica, que o próprio Sabaton já abordou em *Nuclear Attack*, do álbum *Attero Dominatus* (2006) (N.R.: ela fala dos ataques em Hiroshima e Nagasaki, no Japão).

Pär: A guerra sempre vem acompanhada de inovações, com muitas coisas que acontecem ao mesmo tempo, e muitas dessas invenções são destrutivas. Felizmente, nem todas são necessariamente ruins,

Grupo Unico Pdf PaD

mas a maioria é idealizada para causar mais devastações e para matamos uns aos outros. Isso nunca é bom.

***Seven Pillars of Wisdow* fala de Thomas Edward Lawrence (N.R.: o arqueólogo e agente britânico conhecido como Lawrence das Arábias), e o título da música é o mesmo de sua autobiografia. Mas como Lawrence não é um grande personagem da Primeira Guerra Mundial, ao menos não como Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho, não deixa de ser curioso que o Sabaton tenha feito uma música sobre ele.**

Joakim: Você tem razão, porque Lawrence não foi, numa escala global de percepção, o personagem mais importante daquela guerra. Mas o que faz dele uma figura fascinante é o seu destino, são suas escolhas. A história de vida dele é muito peculiar dentro do contexto militar, por isso quisemos contá-la. Não é qualquer arqueólogo que, sem falar a língua local, passaria três anos na Arábia com um beduíno e participaria de sabotagens, guerrilhas e coisas assim. Lawrence fez tudo isso. É impressionante. Não somos políticos e não estamos aqui para dizer em quem votar, o que é certo ou errado, por isso nem sempre a batalha é o mais importante. Queremos contar histórias em nossas músicas, o que tem a ver também com personagens. E a história de Lawrence é fantástica.

Aliás, já que mencionei o Barão Vermelho, o Ás dos Ases, ele é um personagem que transcendeu a Primeira Guerra Mundial. Há uma banda de rock no Brasil, dos anos 80, que leva o nome o codinome de von Richthofen, por exemplo, mas sem nenhum contexto histórico. Aliás, devo dizer que *The Red Baron* é uma das minhas músicas favoritas em *The Great War*, e o solo de Hammond ficou muito legal, apesar de curto.

Joakim: Obrigado! E vou ter de contar isso para todos na banda, para ver se eles me dão mais espaço (risos). O que me deixa mais orgulhoso é que não há nada computadorizado, então agradeço de verdade pelo comentário. E concordo completamente com você sobre o Barão Vermelho. Sua lenda muitas vezes é maior até mesmo do que a própria Primeira Guerra Mundial, porque ele é um dos personagens que a grande maioria das pessoas que tiveram uma educação decente em História já ouviu falar, mas talvez apenas o nome e conceito. Posso falar apenas em relação à Suécia, mas se eu andar na cidade onde fui criado (N.R.: Falun) ou mesmo em Estocolmo e perguntar a dez pessoas se elas já ouviram falar sobre o Barão Vermelho, provavelmente todas elas dirão que sim. No entanto, eu apostaria que apenas uma ou duas conseguiriam explicar quem ele era e o que fez. Sendo um pouco mais otimista, as pessoas podem dizer que ele foi um grande piloto de combate, mas quando? Metade diria que foi na Primeira Guerra Mundial. As pessoas não têm essa conexão de quando e onde.

A canção *82 and All the Way* diz que 'nem todos os soldados são iguais, e que a diferença se encontra em suas ações quando estão sob pressão'. Sua abordagem, então, é mais psicológica?

Pär: Essa é uma maneira de explicar o conceito, porque você não pode apenas dizer quem é herói ou não. O heroísmo ou o ato que define o heroísmo pode aparecer em qualquer pessoa a qualquer momento, basicamente, e nunca seremos capazes de antever quem é capaz de um gesto heroico. Já vimos que ninguém que está ou esteve num campo de batalha tinha intenção de ser um herói. Ou seja, nenhum soldado que ganhou esse título foi à guerra imaginando que voltaria para casa como herói. É sempre o momento que pede por uma ação extraordinária, sendo que alguns são capazes de se destacar, e outros não.

Sem dúvida, e isso também vale para situações cotidianas. Para você, no entanto, o que faz 'alguns homens desmoronarem, alguns irem longe e alguns irem até o fim'?

Pär: Você realmente ouviu o disco (risos). Sabe, quando se está diante de uma situação extraordinária, o que vai acontecer em seguida depende do indivíduo, e nem todo mundo é capaz de resolver o problema. E o herói pode ser aquele que as pessoas menos esperam, porque não há mesmo como prever. Se fosse possível, qualquer exército iria para uma guerra apenas com supersoldados, e não é o que acontece. Acredito que não existe uma resposta para isso.

É um lado da condição humana que é imprevisível, sem dúvida, o que já não acontece com o 'gás como a derradeira arma de crueldade', como descrito em *The Attack of the Dead Men*, porque a reação de qualquer um exposta a ele é a mesma. Seu uso na Primeira Guerra Mundial violou o que havia sido estabelecido nas Convenções de Haia (N.R.: os primeiros tratados internacionais sobre leis e crimes de guerra, estabelecidos entre 1899 e 1907, durante a Primeira e a Segunda Conferência de Paz), e 21 anos depois, na Segunda Guerra Mundial, o gás continuou sendo usado de forma cruel.

Joakim: Essa é uma discussão interessante, porque você ouviu a History Edition do novo álbum, que é a melhor para absorver o conceito (risos). Honestamente, não sei exatamente quantas pessoas morreram vítimas de gás na Grande Guerra, e é preciso pensar que o gás pode ser usado de diversas maneiras para causar sofrimento. Se alguém jogar uma bomba atômica onde estou agora, vou morrer instantaneamente, então não seria uma morte cruel. Eu não teria tempo nem de pensar 'Que porra é essa que está acontecendo?' (risos), e se o gás não foi a 'derradeira arma de crueldade', sempre foi cruel. Foi assim na Primeira Guerra, na Segunda Guerra e também quando Saddam Hussein o usou como arma uns 80 anos depois. Se alguém solta um gás num elevador cheio, isso é uma crueldade com as outras pessoas, entende o que estou falando? (risos)

A propósito, *The Attack of the Dead Men* é a minha faixa favorita no novo disco. Ela tem um groove que adicionou um sabor incomum ao heavy metal do Sabaton.

Pär: Sem dúvida! Também há algo místico que a deixa com um ar sombrio, e há algo interessante a respeito de *The Attack of the Dead Men*: ela foi composta para o *Heroes*, que lançamos em 2014, mas não conseguíamos imaginá-la com uma letra falando sobre heróis de guerra. Ou seja, não se encaixava naquele álbum, então a guardamos para o futuro porque é mesmo uma música mito boa. Quando começamos a trabalhar no *The Great War*, já tínhamos alguns assuntos que queríamos abordar, e um deles é o de *The Attack of the Dead Men*, porque nossos fãs pediam por uma abordagem sobre os ataques com gases venenosos. Uma letra como essa pedia um instrumental misterioso e mais obscuro, então lembramos que já tínhamos uma canção assim. Tivemos apenas de fazer algumas adaptações para que combinasse perfeitamente com a letra, que trata de um dos assuntos que mais me fascinam na Primeira Guerra Mundial. E essa combinação é, de fato, uma novidade para os fãs do Sabaton, mas também sentimos que é para nós, porque é algo que nunca tínhamos tocado antes. Por isso, fico feliz que você tenha gostado.

Joakim: Esse é o ponto mais legal, porque *The Attack of the Dead Men* é mesmo um rompimento com o que as pessoas normalmente esperam de nós. No entanto, o que me deixa mais satisfeito não é o fato de ela ser diferente do que costumamos fazer, mas de ser uma canção que, mesmo assim, não poderia ser feita por outra banda a não ser o próprio Sabaton. É mesmo uma questão de orgulho quando você consegue fazer algo diferente, mostrar uma evolução musical, e mesmo assim se manter fiel à identidade da banda. Acredito que isso faz qualquer compositor em qualquer banda constantemente entrar em conflito para conseguir. E tenho de acrescentar que o mérito é todo do nosso guitarrista Chris Rörland, com quem começamos a compor *The Attack of the Dead Men* em 2013. Eu tinha o verso, e ele veio com o riff principal, e fizemos quase toda a canção, porque não conseguíamos uma ponte para o refrão. Tentamos usá-la em *Heroes*, mas não funcionou. Depois, em *The Last Stand*, mas também não deu certo. Mas gostamos

Grupo Unico Pdf PaD

Hannes Van Dahl, Chris Rörland, Joakim Brodén, Tommy Johansson e Pär Sundström: os soldados da linha de frente do Sabaton

Quando começamos, levei nossa demo a um dos organizadores do Sweden Rock, entreguei a ele e disse que um dia tocaríamos no palco principal. Ele riu na minha cara e falou que isso nunca aconteceria – Pär Sundström

Grupo Unico Pdf PaD

tanto da música que resolvemos tentar novamente em *The Great War*, mas houve um momento em que fiquei puto porque não estava acertando novamente: 'Mas por que essa merda tem que ser tão difícil?' (risos). Chris começou a cantar uma melodia para a parte da letra que está na ponte (N.R.: Brodén canta o trecho), eu me virei e perguntei 'Sério que era simples assim', e ele respondeu: 'Sim. Fácil, não?' (risos). O problema é que acabou ficando com uma harmonia tripla de vocais, algo mais complexo com o instrumental, então quis saber como eu iria fazer aquilo, e Chris disse: 'Mas isso é um problema seu, não?' (gargalhadas). Muito obrigado, seu puto! (risos)

A respeito de *Devil Dogs*, ela diz que 'um combatente pode ter chegado atrasado, mas não tarde demais para mudar o resultado da guerra', numa clara referência aos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos...

Pär: Sim! Os americanos foram à Europa para se juntar aos aliados, mas não entraram imediatamente em ação, e *Devil Dogs* narra uma das primeiras participações dos Estados Unidos da Primeira Guerra Mundial. Acontece que os outros exércitos já estavam lutando havia dois anos, então seus soldados estavam exaustos, os recursos começavam a ficar escassos, e a moral estava em baixa. Aí os americanos entraram em cena em melhores condições do que todo mundo, e foi mais difícil para os inimigos enfrentá-los, pois eles também estavam dois anos em combate constante. Para completar, aqueles Fuzileiros Navais entraram na briga com vontade para mostrar como eram bons, e você pode imaginar como eles eram realmente superiores. A história conta que os alemães, derrotados, relataram que enfrentaram um adversário supernatural, por isso os chamaram de Cachorros do Demônio, ou 'Teufelshunde' em alemão, porque os americanos lutavam como cães de guerra vindos do inferno. Foi assim que os soldados alemães os descreveram. Quando pesquisei especificamente sobre esse evento, A Batalha de Belleau Wood, li várias pequenas frases usadas no conflito, incluindo a mais famosa de todas: 'Venham, seus filhos da puta! Vocês querem viver para sempre?', e foi ela que acionou minha criatividade para escrever *Devil Dogs*.

Bom, essa pergunta é mais uma dúvida. A Terceira Batalha de Ypres, descrita em *Great War*, colocou os aliados contra o Império Alemão em 1917, mas a música vem antes de *Fields of Verdun*, que fala do confronto entre alemães em franceses em 1916. Ou seja, está fora da ordem. Por quê?

Joakim: Você está absolutamente certo, mas posso explicar por que mudamos. Nós já fizemos discos realmente conceituais antes, como *Carolus Rex* (2012), no qual a ordem das faixas obedece exatamente a sequência de acontecimentos (N.R.: sobre ascensão e queda do Império Sueco), e tentamos em *The Great War* encaixar os tópicos corretamente na linha do tempo. No entanto, eu e Pär percebemos que o novo álbum não pedia que fosse feito assim, porque ele é uma coleção de histórias da Primeira Guerra Mundial. Todo disco deve passar ao ouvinte a sensação de estar numa montanha-russa, o que não aconteceria em *The Great War* se colocássemos as músicas em ordem cronológica. A dinâmica do álbum seria prejudicada.

Grupo Unico Pdf PaD

Para terminar, 2019 marca o aniversário de 20 anos do Sabaton. Ainda há muito pela frente, mas quais foram os três melhores momentos até agora para cada um de vocês?

Pär: Vou começar com uma 'Experiência Uau!' (risos): quando estava sentado ao lado do engenheiro de som fazendo a demo da faixa-título de *Primo Victoria* (2005). Era tarde da noite, e os rapazes estavam na cabine para gravar os coros e as harmonias enquanto eu apertava os botões. Quando terminou, ouvi a gravação e percebi que tínhamos feito algo especial e melhor do que jamais poderíamos imaginar. Senti na hora que aquela era uma música que passaria no teste do tempo.

Joakim: E o meu primeiro foi quando toda a banda pensou que eu estava louco porque queria que as harmonias vocais e os coros em *Primo Victoria* fossem feitos como um coral de igreja. Virei para eles e falei: 'Deu certo, porra!' (risos) Foi o nascimento do Sabaton moderno e a primeira vez que senti que um dia poderíamos estar entre os grandes do metal.

Pär: Depois foi quando nos apresentamos como headliner no Sweden Rock, o maior festival de nosso país natal, em 2015. Isso porque em 1999, quando começamos, levei nossa demo a um dos organizadores do Sweden Rock, entreguei a ele e disse que um dia tocaríamos no palco principal. Ele riu na minha cara e falou que isso nunca aconteceria. Levou 16 anos, mas eles tiveram de nos contratar para o mesmo papel que bandas como Kiss, Aerosmith e Guns N'Roses já haviam desempenhado lá. Ainda assim, desdenharam de nós porque na sexta-feira o Queen faria seu primeiro show na Suécia em 20 anos, mas os ingressos para o nosso dia, o sábado, esgotaram antes. Ao fim da nossa apresentação, os organizadores foram falar conosco: 'Parabéns! Nós estávamos errados durante todos esses anos, e vocês, certos desde o primeiro dia' (risos). Para terminar, lembro-me que eu e Joakim ficamos em dúvida se conseguiríamos seguir em frente depois que ficamos sozinhos na banda em 2012 (N.R.: os guitarristas Oskar Montelius e Rikard Sundén, o baterista Daniel Mullback e o tecladista Daniel Mÿhr pularam fora de uma só vez). Tivemos um pouco de medo, mas tudo bem se aquele fosse o fim do Sabaton, porque nossa preocupação não era apenas o que os fãs sentiriam com uma nova formação, mas também o que nós sentiríamos. No primeiro ensaio, nos sentimos tão bem com o entusiasmo dos novos integrantes que olhamos um para o outro como se disséssemos 'Isso vai da certo! Não é o fim do Sabaton, mas um novo começo'. Foi um momento muito importante na minha vida.

Joakim: O meu segundo momento foi quando fizemos o *Carolus Rex* e tive de parar de cantar quando estávamos gravando *The Carolean's Prayer* com o coral cantando em sueco. Foi um momento de emoção intensa como poucas vezes senti na vida. Não importa o quão bem estejamos conversando em inglês agora, porque ouvir algo tão poderoso sendo feito em sua língua natal é algo muito difícil de ser superado. O terceiro é sempre que tocamos ao vivo, porque é sempre um dia feliz. Temos tantas lembranças boas, mas podemos criar novas a todo instante.

Grupo Unico Pdf PaD
POWERED BY EDIFIER

PÄR SUNDSTRÖM
SABATON

POR DANIEL DUTRA
FOTO TALLEE SAVAGE

SAVATAGE
ÁLBUM: DEAD WINTER DEAD (1995)
MÚSICA: TODAS
"Gosto de ouvir música com headphones, porque isso silencia o resto do mundo. Costumo fazer isso o tempo todo, e a melhor maneira é colocando um vinil para tocar, porque a melhor combinação que existe é a do vinil com fones de ouvido (risos). Como gosto de álbuns que fazem pensar, escolho um de uma das bandas que mais gosto, o Savatage, e um trabalho que tem a ver com o que faço no Sabaton: *Dead Winter Dead*, um dos meus discos favoritos em todos os tempos. Ele fala de conflitos, histórias de guerra e requer uma atenção para que você raciocine durante e depois da audição. Particularmente, tenho sentimentos muito próximos do que aconteceu na antiga lugoslávia, então *Dead Winter Dead* significa muito para mim. Tanto que não consigo escolher apenas uma música dele. É mesmo um álbum para escutar por inteiro em vinil e com headphones."

ALICE COOPER
ÁLBUM: HEY STOOPID (1991)
MÚSICA: MIGHT AS WELL BE ON MARS
"Ela me faz viajar, realmente sonhar enquanto a estou escutando. *Might as Well Be on Mars* é uma das canções que me fazem ficar preso no momento, esquecer todo o restante e ficar apertando o 'repeat' sem parar. É uma música muito poderosa para mim."

SCORPIONS
ÁLBUM: CRAZY WORLD (1990)
MÚSICA: WIND OF CHANGE
"Se tem uma música que possui uma mensagem de esperança maior do que qualquer outra, é *Wind of Change*. Novamente, há uma grande conexão com o que fazemos no Sabaton, porque seu conceito está atrelado a um acontecimento histórico muito importante (N.R.: o fim da Guerra Fria, que eventualmente marcou o colapso da União Soviética e, também, proporcionou a queda do Muro do Berlim). Eu já ouvia essa canção mesmo antes de saber o que era heavy metal, e um dos momentos mais emocionantes da história do Sabaton foi tocar com o Scorpions em Moscou e poder vê-los mandando *Wind of Change*. Foi indescritível."

GRAVE DIGGER
ÁLBUM: KNIGHTS OF THE CROSS (1998)
MÚSICA: TODAS
"É mais um álbum com um conceito interessante (N.R.: conta a história dos Cavaleiros Templários, e o disco faz parte da trilogia sobre a Idade Média lançada pela banda alemã), então também gosto de me isolar do mundo para ouvi-lo na íntegra. *Knights of the Cross* inspirou bastante o Sabaton e é um trabalho que escuto até hoje."

RAUTBIER
ÁLBUM: SKRIET FRÅN VILDMARKEN (2010)
MÚSICA: EM HJÄLTES VÄG
"Eu deveria escolher alguma coisa do Iron Maiden, que é a minha banda favorita em todos os tempos, mas não ouço sua música com fones de ouvido. Acredito que o Maiden deve ser compartilhado com outras pessoas, então é preciso ouvir seus álbuns com os amigos e colocando o volume muito alto (risos). Assim, vou citar uma música que tem uma das letras mais bonitas que já li: *En Hjältes Väg*, que significa 'A estrada do herói'. Ela é do Raubtier, uma banda que não é muito popular fora da Suécia, mas seu vocalista (N.R.: Pär Hulkoff) é um grande amigo meu e, sinceramente, um dos melhores letristas em todo o mundo. Ele é um poeta, e essa canção, absolutamente brilhante (N.R.: o Sabaton a gravou como bônus de *Heroes*, álbum lançado em 2014)."

MOONSPELL
ÁLBUM: WOLFHEART (1995)
MÚSICA: ALMA MATER
"É outra música que posso ouvir e também tocar repetidas vezes sem me cansar. Antes de o Sabaton ser formado, eu fiz parte de uma banda que não tinha muitas músicas próprias, então o restante do repertório era composto apenas por canções do Moonspell. Nós tocamos *Alma Mater* muitas vezes, e ela me lembra de uma época bem louca, porque mesmo nos ensaios nós a tocávamos repetidamente enquanto bebíamos muita cerveja (risos). Não fosse por *Alma Mater*, talvez o Sabaton não tivesse existido, porque foi ela quem me fez ter contato com nosso ex-baterista Richard Larsson."

Grupo Unico Pdf PaD

Tom Brasil

Apresenta

@tombrasilshows
@grupotombrasil
#tombrasil

COMEMORANDO O DIA DO ROCK!

16 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS

SEPULTURA

"DUAS TRINCAS CONCERT"

12/07 - SEXTA

Banda de Abertura

KISSER CLAN

Patrocínio: Heineken, Coca-Cola

Mídia Partner: UOL

Apoio: Estanplaza Hotels, shift, Consigaz, ingresso rápido

Programa: TudoAzul

Realização: grupo Tom Brasil

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. **Capacidade máxima = 4.000 pessoas**
Alvará Prefeitura: 2019/01713-00 Val: 01/02/2020 | Alvará Corpo de Bombeiros: nº 381113 Val: 21/10/2019. R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

Grupo Unico Pdf PaD

CHRIS BOLTENDAHL (GRAVE DIGGER)

POR DANIEL DUTRA
FOTO FILIPE BARCELOS

Turbo Lover
JUDAS PRIEST
TURBO

"Essa é uma das minhas músicas favoritas! Sei que eles receberam muitas críticas ruins por causa dela, mas eu adoro, e nós usamos a introdução de *Turbo Lover* em *Tattooed Rider*, uma de nossas canções, porque são similares. Eu gosto quando as bandas não fazem sempre a mesma coisa. No novo álbum do Grave Digger (N.R.: *The Living Dead*), fizemos uma música, *Zombie Dance*, pela qual fomos bastante criticados. A reação dos fãs foi parecida. *Turbo Lover* não é tipicamente Judas Priest, mas é uma ótima composição que se tornou excepcional. (R.C.: É hoje um dos melhores momentos nos shows da banda). Exatamente!"

Reach Out
IRON MAIDEN
EDDIE'S ARCHIVE: BEST OF THE B'SIDES

"Não faço ideia do que seja, mas a música soa como um daqueles hard rock da década de 90. (R.C.: A banda é muito famosa, mas a canção é uma pegadinha). É o Triumph? (R.C.: Não). Definitivamente, é algo do fim dos anos 80 e início dos anos 90, bem AOR e com uma ótima produção para a época. Dá para ouvir muito bem o baixo, as guitarras e a voz. (R.C.: É o Iron Maiden, mas com Adrian Smith no vocal. Um lado B do *Somewhere in Time*). Ah, eu não iria mesmo reconhecer. Nunca havia escutado antes, mas é ótima. O baixo está bem presente, mas não imaginei que fosse o Steve Harris. Você realmente me enganou (risos)."

Out on the Tiles
LED ZEPPELIN
LED ZEPPELIN III

"Led Zeppelin! Essa música é bem do começo dos anos 70, não? (R.C.: Sim, de 1970). A produção não deixa mentir, e o trabalho de guitarra é típico do Jimmy Page, mas hoje é preciso prestar muito atenção porque tem uma banda que soa exatamente como o Led Zeppelin (risos). O Greta Van Fleet é legal, mas precisa encontrar a própria identidade. Até por isso eu sempre prefiro escutar o original. Sabe, os grupos do fim dos anos 70 e dos anos 80 são os meus favoritos, porque cresci escutando seus discos e pude ir a vários de seus shows... Bom, o Led começou antes disso, mas é uma das minhas bandas favoritas."

Vavoom: Ted the Mechanic
DEEP PURPLE
PURPENDICULAR

"Deep Purple, só que da fase com Steve Morse. Ele não é o Ritchie Blackmore, mas... (risos). Adoro os dois, mas é uma questão de gosto pessoal, porque são estilos diferentes. Assisti ao Deep Purple ao vivo com ambos, e o Blackmore leva vantagem porque minha fase favorita é com David Coverdale e Glenn Hughes. Amo o *Come Taste the Band*. (R.C.: Interessante você citá-lo antes do *Burn* ou do *Stormbringer*). Sem o Blackmore, né? (risos) Mas é um grande disco de rock'n'roll. Aliás, vi o Purple recentemente pela primeira vez com meu filho, e foram tantos solos que ele dormiu (risos). Mas essa música é muito boa. Ótimo groove."

Life's a Bitch
ACCEPT
LIFE'S A BITCH (SINGLE)

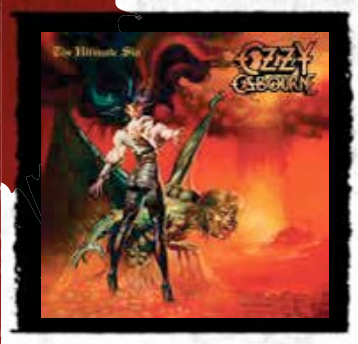
"Whitesnake? Não, espere um pouco! Ouvi essa música recentemente... É a nova do Accept. (R.C.: Exatamente). Bom, eu só posso aceitá-la como uma homenagem ao AC/DC, porque não há nada de Accept nela. O mais curioso foi quando vi a capa, porque eles usaram uma de nossas marcas registradas, o Ceifador, e tenho certeza de que Wolf poderia ter tido uma ideia melhor (risos). Não gostei muito de *Life's a Bitch*, mas serei sincero: sou fã da era Udo Dirkschneider, e sem o Peter Baltes é que ficou mesmo um projeto solo do Wolf Hoffmann. Eu sinto falta da identidade dos músicos, e a banda agora só tem a guitarra do Wolf."

Grupo Unico Pdf PaD

POWERED BY audio-technica always listening

Blood on Fire
U.D.O.
STEELFACTORY

"(Rindo) Ah, é uma música do novo álbum do U.D.O., e soa mais Accept do que o próprio Accept (risos). Gostei bastante, e Udo é um cara muito legal. Ele está com mais de 60 anos (N.R.: 67) e continua excursionando como se tivesse 18. Talvez não pare com o rock'n'roll porque não tem mais nada além disso. O filho toca com ele (N.R.: o baterista Sven Dirkschneider), e a filha já tem mais de 20 anos. Udo não tem motivo para ficar em casa. Meu filho está com 14 anos e só agora começou a tocar numa banda de metal, então tenho de guiá-lo até um pouco mais tarde. Udo pode ficar viajando pelo mundo, mas eu não (risos)."



Shot in the Dark
OZZY OSBOURNE
THE ULTIMATE SIN

"(N.R.: Boltendahl solfeja a melodia e canta o início da música) Ozzy Osbourne com Jake E. Lee! Para mim, a melhor fase do Ozzy, quando ele gravou suas melhores músicas. Gosto dos álbuns com Randy Rhoads, porque são clássicos, mas prefiro os com Jake E. Lee. *Bark at the Moon* e *The Ultimate Sin* são fantásticos. Todo mundo tentou ganhar o mercado americano naquela época, e Ozzy o fez com seu melhor disco. Algumas pessoas dizem que ele perdeu a identidade aqui, mas nunca vai perder. É só começar a cantar que você sabe quem é. Isso é o mais importante. Ozzy pode fazer o que quiser que vai soar como Ozzy."

Sunset Superman
DIO
DREAM EVIL

"Isso é muito anos 80, e é alguma música do Dio. (R.C.: Sim, e de 1987). Com o Vivian Campbell? (R.C.: Não, com Craig Goldy). Deve ser por isso que nunca tinha escutado, mas o som da guitarra é típico dos trabalhos solo do Dio. Ele também podia fazer o que bem entendesse, porque não existe uma música sequer com a sua voz que seja ruim. Gosto de tudo que Ronnie fez, mas a fase que mais gosto é com o Rainbow, ao qual assisti ao vivo duas vezes na Alemanha, quando eu era um garoto. Também o vi com o Sabbath e sua própria banda. O menor vocalista da Terra era o que tinha a maior voz. Dio continua sendo um Deus."

By the Numbers
METAL CHURCH
DAMNED IF YOU DO

"Ah, é o Mike Howe cantando, e a música é do novo álbum do Metal Church! (R.C.: Você matou com a voz, mas estava curtindo e batendo cabeça) (risos). Sim! Sempre gostei muito de Metal Church, e acredito que a banda teria se tornado grande se o Mike não tivesse saído, se o momento tivesse sido melhor. Depois, aquela indefinição de vocalistas não ajudou muito. Eu até prefiro a fase inicial com David Wayne. Os dois primeiros discos são indispensáveis, e gosto também do Reverend, que o Wayne montou depois. Mas os três primeiros trabalhos com Mike são mesmo incríveis. Kurdt Vanderhoof é um mestre dos riffs!"

Pumpkins United
HELLOWEEN
PUMPKINS UNITED (SINGLE)

"É o Andi Deris, e é uma música do Helloween. Mas é nova, certo? (R.C.: Sim, com Michael Kiske). Gosto do Deris, mas não sou fã do Kiske. Gosto da voz, mas não dele como pessoa. Kiske não foi bem-sucedido como artista solo, e o Helloween se manteve sem ele, então acredito que uma força superior foi responsável por unir todos novamente. Essa força se chama dólar (gargalhadas) (N.R.: Boltendahl faz o gesto de dinheiro com as mãos). É um bom plano de aposentadoria (risos). Mas é minha opinião. Se me oferecessem 500 mil euros por uma reunião como Uwe Lulis, eu recusaria. Quero fazer música ao lado de pessoas boas."

Resenhando

O RESENHANDO ESTÁ NO YOUTUBE!
Apresentação de DANIEL DUTRA, colaborador da ROADIE CREW

Do hard e classic rock ao heavy metal e suas vertentes, a música com informação, opinião e entretenimento!

bit.ly/resenhandorock /resenhandorock /resenhandorock /resenhandorock

APOIO ROADIE CREW Heavy Metal & Classic Rock METAL NA LATA ASE MUSIC HEADBANGER HEAVIEST HEAVY METAL STORE CD'S · DVD'S · ACESSÓRIOS HEADBANGER rua AGÊNCIA CRIATIVA

GRAND

Fox Skinner, JB Christoffersson e Ludwig Witt: formação estável e tranquilidade para o processo de criação

SOB AS GARRAS DO DEUS LOBO

TRIO SUECO BUSCA UMA ABORDAGEM MAIS NATURAL E DIRETA EM SEU NONO ÁLBUM DE ESTÚDIO, *WOLF GOD*

POR VALTEMIR AMLER

MAGUS

O vocalista e guitarrista JB Christoffersson é a alma do Grand Magus, algo que poucos discordam. Dono de uma voz única, de um timbre de guitarra reconhecível e de ótimas concepções musicais, ele revela, na entrevista a seguir, que precisa de paz e calmaria para conceber suas ideias, e que encontrou a paz que precisava em seus parceiros de banda – Fox Skinner (baixo) e Ludwig Witt (bateria). Tranquilo e consciente do bom resultado obtido em *Wolf God*, JB nos contou os pormenores do método utilizado para a concepção do nono álbum da discografia do grupo sueco.

Da última vez que conversamos, você disse que o álbum *Sword Songs* (2016) era o mais pesado e o melhor do Grand Magus até aquele momento. Muitas pessoas concordaram com o seu julgamento. Porém, estou curioso para saber qual é o seu veredito sobre *Wolf God*?

JB Christoffersson: Acho que aprendi uma coisa com aquele meu julgamento: descobri que é muito difícil julgar um álbum que você acabou de gravar. Claro, eu estava muito feliz com *Sword Songs*, e hoje estou muito feliz com *Wolf God*, pois são dois álbuns que me agradam verdadeiramente. Eu não sei, acho que apenas o tempo poderá dizer se este novo álbum é melhor que o seu antecessor. Eu realmente não conseguiria julgar entre esses dois. Então, vamos esperar pelos comentários dos fãs. Vou confiar no que eles decidirem!

Mas você diria que *Wolf God* é um álbum mais completo do que aqueles que o antecederam?

JB: Mesmo isso é complicado de julgar. Você sabe, daqui a alguns dias eu até poderia julgar melhor, pois teria passado mais tempo (N.R: A entrevista foi realizada cerca de uma semana antes do lançamento oficial do álbum), e eu teria uma visão mais madura do material nele contido e da reação das pessoas, até ao vivo. Bem, uma coisa que posso lhe dizer é que nos divertimos muito fazendo *Wolf God*, e as gravações transcorreram muito rapidamente. Nós gastamos menos do que duas semanas nas gravações, o que é muito rápido para nós. Eu sinto que essa rapidez garantiu um sentimento geral de coesão para o álbum. Ele, de fato, soa coeso. Todos os elementos parecem estar realmente conectados, pois cada um dos elementos foi gravado num tempo muito próximo do outro, sabe?

Sim, cada elemento ainda estava fresco na memória quando partiam para o próximo passo.

JB: Isso! E a sensação foi muito boa para nós enquanto gravávamos. Nós também optamos por gravar juntos, todos tocando na mesma sala, e 'takes' inteiros de cada canção, o que também é bem interessante. Nós tocávamos a música inteira, ouvíamos o resultado e víamos se ela tinha, de fato, ganhado aquela forma que tinha na nossa cabeça. Se estava tudo certo, tocávamos juntos a música inteira mais uma vez, e ela estava registrada. Claro, para algumas músicas nós tivemos que tocar mais do que duas vezes (risos). Mas a questão é que a base das músicas deste álbum, a parte central, foi gravada com todos tocando juntos no estúdio, 'takes' inteiros, o que definitivamente faz a diferença. Sinto que isso garantiu uma sonoridade muito mais orgânica para *Wolf God* do que aquela que obtínhamos antes.

WOLF GOD
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI - NAC

Exato. É uma grande diferença em relação ao que faziam antes, que era um processo mais moderno, por assim dizer.

JB: Com certeza. Os três álbuns anteriores nós gravamos com 'click-track', e isso tem certas vantagens, não vou negar, mas eu sinto que somos, em essência, uma banda feita para os palcos. Nós fomos feitos para tocar ao vivo. E, desta vez, pudemos trazer esta alma do Grand Magus ao vivo para um álbum de estúdio. Estou realmente muito empolgado e satisfeito com a sonoridade de *Wolf God*, assim como muito feliz com a vibração que ele nos trouxe. Além disso, eu gostaria de dizer que o álbum saiu conforme os planos. Conseguimos o que queríamos e, aparentemente, mais pessoas estão entendendo do que, de fato, se trata o Grand Magus. Até agora muita gente não tinha entendido, e isso até que é bem legal (risos). Mas também é bom quando percebem que certas coisas que criticam na nossa banda são exatamente aquilo que nós queremos fazer (risos).

Interessante você assumir isso tão facilmente, pois a moda atual é a banda dizer que nada foi planejado, e que tudo veio naturalmente.

JB: Sim (risos). Mas não tenho motivo para não dizer, já que desta vez isso foi planejado mesmo. E uma das razões para termos decidido trabalhar dessa forma, ao invés de voltar para o estúdio e novamente usar 'click-track' e construir o álbum peça por peça, é o fato de que isso demandaria muito mais tempo. Nós já estamos cansados de passar meses no estúdio gravando um álbum, isso não faz mais sentido. Desta vez, eu queria gravar rápido e ao vivo. Queria que estivéssemos em um lugar onde o estúdio estivesse pronto para gravarmos noite e dia se assim desejássemos. Bem, eu queria que ficássemos o tempo todo lá, totalmente dedicados ao processo, e não gravar um pouco e voltar para casa, gravar outro pouco e pegar a estrada, não... Eu queria que estivéssemos concentrados no álbum, somente nele, até tudo estar pronto. Se vai fazer isso seja rápido, ou então você enlouquece (risos).

Sim, faz sentido. E diria que essa nova postura de gravação combina mais com a proposta musical do Grand Magus.

JB: Sim, eu concordo totalmente! Não sei, demorou para percebermos, mas gravar com 'click-track' não faz nenhum sentido para uma banda como Grand Magus, pois nunca compomos música para ser gravada daquela maneira (risos). Sabe, isso é uma coisa que as bandas costumam fazer hoje em dia, pois toda essa tecnologia existe, está facilmente disponível e não é difícil de usar. Você chega ao estúdio, vê todos aqueles recursos e pensa: 'hum, acho que é hora de compor uma música'. Aí cada um se senta e toca algo, grava um monte de coisas separadas que depois são 'coladas' umas às outras na forma de uma canção. Mas isso não é uma canção! A música é montada depois de estar gravada, e até onde entendo música, não deveria ser feito assim, isso é loucura. Isso nós nunca fizemos! Embora tenhamos usado o 'click-track', as músicas existiam antes de serem gravadas.

O processo de composição foi tão rápido quanto o de gravação?

JB: Não, a composição demorou mais. Eu acho que tomamos todo o ano passado escrevendo o material para *Wolf God*. Começamos a fazer 'jams' em fevereiro e março, nos encontramos umas seis ou sete vezes nos fins de semana, e, em meados de outubro, estávamos gravando. Então, eu diria que foi um processo bem rápido no geral. Mas é claro que muito disso tem a ver com o fato que não tínhamos shows. Assim, pudemos focar toda a nossa atenção no álbum e em aspectos da vida particular de cada um, que não há como deixar para trás.

Mantendo a tradição, não existe nenhum material antigo reaproveitado em *Wolf God*, certo?

JB: Sim, com certeza, isso não existe para o Grand Magus. Nós sempre começamos o processo de composição do zero. Não existem sobras de estúdio ou material excedente dos álbuns anteriores que possamos usar em um novo. Tudo é escrito e composto para aquele álbum em específico. Sabe, até gosto de dedicar um tempo a mais na composição de um álbum. A criação da música é algo que realmente pode demandar um prazo maior, mas eu realmente não consigo conceber a ideia de passar muito tempo em estúdio gravando. Eu definitivamente não tenho paciência. Não sei como será no futuro, talvez o próximo álbum seja tudo ao contrário, pois também não me agrada ter um molde extremamente rígido e aplicar ao que fazemos com o Grand Magus. Mas, neste momento, a coisa funcionou extremamente bem deste jeito e estou muito satisfeito.

Este, digamos, desgosto pelos moldes rígidos tem algo a ver com a sua forma pessoal de encarar o trabalho? O quanto o JB de hoje é diferente daquele fundou o Grand Magus em 1999?

JB: Essa é uma pergunta difícil de responder. Claro, eu sou uma pessoa diferente hoje, não completamente, mas um pouco na forma de entender algumas coisas. Porém, quando se trata de compor e gravar novas músicas, sinto que não mudou muita coisa. Ainda continua sendo uma aventura, pois eu realmente não sei o que irá acontecer no final. Quer dizer, não tenho um piloto-automático e toda vez que começamos a trabalhar em novas músicas isso me põe em dois meses de completo desespero e agonia (risos). Todas as coisas que começo a fazer vêm com uma voz na minha cabeça: 'Por que as pessoas iriam querer ouvir isso?'. Então, são dois meses assim, até que consigo abrir as portas e olhar o sol de novo (risos). Então, acho que sou muito o mesmo JB, mais experiente, mas ainda com a mesma urgência de compor música, com a mesma estabilidade com o que acontecerá em seguida (risos).

Você sente essa mesma segurança e estabilidade em Ludwig Witt e Fox Skinner?

JB: Sim, totalmente, e isso é essencial para que o Grand Magus exista até hoje e lance álbuns. Desde o início eu nunca quis que as pessoas pensassem que o Grand Magus é um projeto, ou algo estritamente relacionado a mim. Nós somos uma banda de fato, trabalhamos como uma unidade e a nossa música é o resultado das nossas experiências em conjunto. É assim que acredito que deve ser. Eu conheço Fox desde sempre, é meu amigo mais antigo, eu confio totalmente nele. Além de conhecer Ludwig há muito tempo, ele é um baterista extremamente competente. Temos um ótimo time e este é o nosso quarto álbum juntos. Então, isso mostra o quanto entendemos uns aos outros musicalmente, o quanto nossas habilidades musicais se completam. Nós somos três pessoas que estão navegando em um mesmo barco. Então, temos que estar sempre de acordo, senão vamos todos afundar. E também é por isso que não temos mais pessoas na banda, pois talvez fosse muito mais complicado chegar a uma decisão unânime com mais pessoas discutindo.

Faz sentido.

JB: Sim, mas diferentes bandas funcionam de maneiras diferentes. Existem bandas que têm uma química estranha. Você percebe que todos os caras realmente se odeiam (risos), mas eles incrivelmente conseguem fazer boas músicas e tocar grandes shows. Mas isso não funcionaria conosco, pois mataríamos uns aos outros antes de construir alguma coisa boa (risos). Quer dizer, aquelas bandas brigam, fazem coisas legais; brigam de novo e mudam de formação ou encerram atividades. Isso não funcionaria comigo, pois não conseguiria trabalhar assim. Quero fazer parte de uma banda na qual posso focar em nossa música e não no que os outros caras estão pensando e fazendo. Minha criatividade não vem de um lugar de loucura e agitação, mas da calma e reflexão. Por isso, digo que temos o time certo, pois posso confiar em Fox e Ludwig.

Bem, quando falamos em Grand Magus, existem dois elementos que logo denunciam a música da banda: a sua voz e as linhas de guitarra. Como trabalha ambas as coisas em cada álbum?

JB: A minha voz eu apenas a deixo soar natural, esta é a minha voz de verdade. Claro que poderia tentar soar diferente, mas acho que não seria natural, e isso acabaria não soando conectado com a música que fazemos. Então, como vocalista, eu diria que a coisa mais importante de todas é ter uma voz que é facilmente reconhecida, e agradeço as suas palavras, pois indicam que consegui isso de alguma maneira (risos). A voz permite que as pessoas se conectem com você ou que o odeiem profundamente (risos). Isso me encanta. Quanto às guitarras, bem, eu apenas tento fazer um bom trabalho, honrar os meus velhos ídolos.

Minha criatividade não vem de um lugar de loucura e agitação, mas da calma e reflexão

Grupo Unico P... PaD

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MUSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

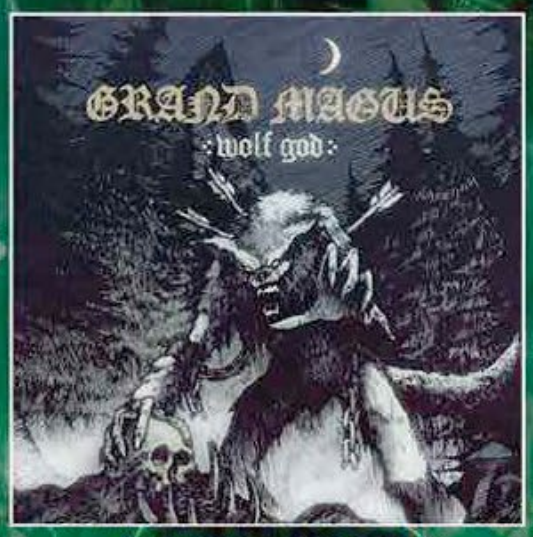
ENFORCER
ZENITH

Bandas suecas não falham!
A mistura perfeita de heavy metal clássico com thrash metal.

CD DUPLO

HELLOWEEN
KEEPER OF THE SEVEN KEYS: THE LEGACY (RE-ISSUE)

Relançamento de um dos maiores clássicos dos alemães.
Versão inédita com 2 faixas bônus!



GRAND MAGUS
WOLF GOD

Álbum de 2019 desta que é uma das maiores revelações do cenário Stoner Metal!
Um som correto, diversificado e ao mesmo tempo realista que envolve o verdadeiro poder do power trio.

CHILDREN OF BODOM
HEXED

Progressivo, gótico e cativante!
O guitarrista ALEXI LAIHO em mais uma performance arrebatadora!

IN FLAMES
I, THE MASK

Um dos criadores do "Gotemburgo Sound" em mais um clássico!
Enorme sonoridade, refrãos marcantes e muito peso.

OVERKILL
THE WINGS OF WAR

Agressivo, melódico e honesto!
THRASH METAL!

AVANTASIA
MOONGLOW

Convidados da vez: Hansi Kürsch (BLIND GUARDIAN), Mille Petrozza (KREATOR), Michael Kiske (HELLOWEEN), Jørn Lande (ex-MASTERPLAN), Eric Martin (MR. BIG), entre outros.
Sombrio, arrepiante e com influências de Tim Burton.

anúncio: www.jduartodesign.com

www.shinigamirecords.com.br

11 3719-0993

loja@shinigamirecords.com

Grupo Unico Pdf PaD

Nick Jost, Sebastian Thomson, John Baizley e Gina Gleason: sempre buscando algo diferente para a sua música

OS MATIZES DA MÚSICA

JOHN BAIZLEY TRAZ O QUE HÁ POR TRÁS DAS CORES E DAS TEXTURAS SONORAS DO GRUPO AMERICANO

POR GUILHERME SPIAZZI

Cores realçando sonoridades que compõem obras musicais acompanhadas de pinturas inspiradas dignas de exposição e canção digna de honraria. Com o seu quinto álbum de estúdio, *Gold & Grey*, os americanos do Baroness dão sequência a uma série de lançamentos cheios de personalidade e viagem sonora. Na entrevista a seguir, o vocalista e guitarrista John Baizley relata o que está por trás de sua arte e fala como conquistaram o seu espaço em quinze anos de estrada e o que a sua primeira visita ao Brasil significa.

Já que além de músico você é pintor, quais seriam as maiores diferenças e similaridades entre as duas formas de arte?

John Baizley: Para mim há mais similaridades do que diferenças. Penso que a fonte de motivação que me leva a fazer um dos dois é a mesma. Não importa, a inspiração não parece ter uma escolha específica. Eu apenas me sinto motivado, inspirado. A maior diferença, o fundamento mais importante, está no fato de que quando estou fazendo música eu estou colaborando com outras pessoas. É um trabalho em equipe, pois são quatro músicos criando de forma independente, que ajudam a apoiar a ideia da música em si. Mesmo que fosse capaz de tocar baixo e bateria como os meus companheiros e fizesse a coisa sozinho, seria diferente. Entretanto, quando estou fazendo um trabalho de arte é quase necessário que seja uma jornada solo. A diferença fundamental entre as duas coisas é que numa é necessário haver um trabalho colaborativo, enquanto na outra acontece sozinho.

Considerando a sua experiência artística e os discos lançados, podemos assumir que a cada novo álbum você busca explorar novas texturas sonoras?

John: A cada bem sucedido disco que gravamos nós tentamos trazer algo novo. Isso é algo que estamos nos exigindo constantemente. Tentamos explorar novos territórios e nos tornamos melhores compositores a partir de evolução, crescimentos e adaptação, sempre incluindo novas coisas ao invés de aceitar que algo esteja completo. A parte de composição do Baroness é quase que um processo aventureiro, no qual é necessário que a gente assuma diferentes tipos de riscos para que possamos descobrir diferentes texturas sônicas. Se a música

Grupo Unico Pdf PaD

tem uma mensagem ou é sobre algo, nós tentamos descobrir a forma mais ímpar para apresentar o nosso conceito com os sons e as texturas que temos à disposição.

Com isso, como foi o processo de composição de *Gold & Grey*, considerando o que você disse e a presença de Gina Gleason, a nova guitarrista?

John: Foi fantástico e, provavelmente, o processo com o maior nível de improvisação. Acho que, finalmente, chegamos a um ponto onde a formação da banda está estável. Além disso, o nível de competência técnica de cada músico é tão alto agora, que parece conseguirmos comunicar as nossas ideias musicais sem precisarmos verbalizá-las. Cada música que compomos parece ter sido composta de um jeito diferente. Cada disco que fizemos parece ter sido composto e gravado durante um processo bastante diferente. Parte disso é porque conta com uma formação diferente e também porque eu nunca achei que faria sentido algum ter regras na composição. O processo pode ser um pouco mais complexo, porque não há um jeito certo de fazer as coisas. O que funcionar na hora é o jeito certo. Há músicas nesse disco que foram compostas em menos de um dia e há outras que levaram dois ou três anos para serem concluídas. Eu amo essa variedade quando estamos compondo um disco.

Vocês mudaram um pouco o processo de gravação, pois desta vez alguns registros foram feitos num estúdio que você tem no porão de casa. O quanto isso influenciou no resultado final?

John: Acho que teve uma influência considerável enquanto ele era completado. Fiz um pouco disso em *Purple* (2015), mas como as minhas habilidades enquanto engenheiro e produtor cresceram, eu me senti mais confortável agora, principalmente quando estava gravando vocais ou guitarra, pois me senti mais à vontade fazendo sozinho. Quando nós fizemos umas pausas nas sessões de gravação, o fato de eu saber que poderia ir para casa, trabalhar as ideias e gravar por lá, num ambiente que não era tão estressante, permitiu que houvesse uma maior extensão das ideias. Este disco foi composto de um jeito meio esquisito. Nós gravamos todas as músicas antes de começarmos a gravar os vocais. Acho que o resultado do disco mudou drasticamente, porque não havia essa imensa e constante pressão de estúdio para terminar algo.

Talvez isso também explique porque o álbum tem dezessete faixas. Mais um pouco e seria um disco duplo!

John: Pode ser que tenha a ver. Desde o início, antes mesmo de termos composto qualquer coisa, eu sabia que haveria muitas músicas no repertório do disco, porque uma das ideias era termos uma grande variedade de faixas. Muitas das músicas curtas e passagens de ambiência são apenas reinterpretações de faixas maiores. Além disso, há melodias no álbum que são repetidas várias vezes. Eu realmente queria fazer o trabalho de uma forma que não houvesse um tipo de música que se repete várias vezes. No final, o disco ficou com uma duração longa e até acho que ele poderia ter sido um álbum duplo, mas já fizemos isso antes.

Colocar isso em perspectiva faz com que seja interessante ouvir o disco todo para que se tenha uma visão holística dele. Mesmo sendo um trabalho de músicas independentes, todas estão, de alguma maneira, ligadas.

John: Certo. Uma das discussões que

GOLD & GREY
CENTURY MEDIA - IMP.

tive enquanto compúnhamos é que surgiu essa ideia de que as faixas em si são mais importantes que álbuns, porque as pessoas simplesmente as ouvem individualmente. Com o YouTube e Spotify dominando, parece que temos um mundo de playlists. Então, no início do processo, sugeri não lutarmos contra isso. Nós nos consideramos uma banda que faz álbuns, mas para conseguirmos fazer um disco com apelo, decidimos abordar cada composição como se ela fosse parte de uma playlist. Assim, as músicas não precisam de conformidade entre si. Achamos que não havia necessidade de aplicar nada uniforme em cada música, mas queríamos que houvesse uma continuidade que desse significado para o todo.

O fato de *Shock Me*, de *Purple* (2015), ter sido indicada para o prêmio Grammy de 'Melhor Performance Metal' em 2017 afetou, de alguma forma, o resultado de *Gold & Grey*?

John: Eu diria que algo assim não afeta a forma como compomos, porque realmente tentamos não reescrever as nossas músicas. Acho que a razão para termos ido tão longe quanto fomos nesses 15 anos é porque compomos para nós. Não compomos tentando satisfazer algum público específico. Acreditamos na nossa música, nos responsabilizamos por nossas ambições e determinamos um alto nível de exigência, tentando fazer coisas que pensamos não sermos capazes de fazer. Desde que façamos com confiança e paixão isso será traduzido para o público e será a razão do por que as pessoas querem nos ouvir.

Falando nisso, o interesse do público pela arte dos álbuns parece ser algo bastante presente. Existe uma explicação para as suas pinturas ou a arte é algo que está aí apenas para ser sentida?

John: Acho que é um pouco das duas coisas. Eu definitivamente sou capaz de explicar. Uma exigência que tenho para a música e arte que faço é que pelo menos consiga responder o porquê daquilo. É preciso que haja uma razão. Entretanto, penso que não é necessário que explique isso para os outros. A minha experiência fazendo capas para discos mostra que o público tem uma imaginação muito mais extensa do que eu esperava. Não quero remover essa experiência das pessoas.

Assim como nos disco anteriores, o título faz referência à cor predominante na arte que figura na capa. Se a ideia inicial era chamar o seu quinto disco de *Orange*, por que mudou para *Gold & Grey*?

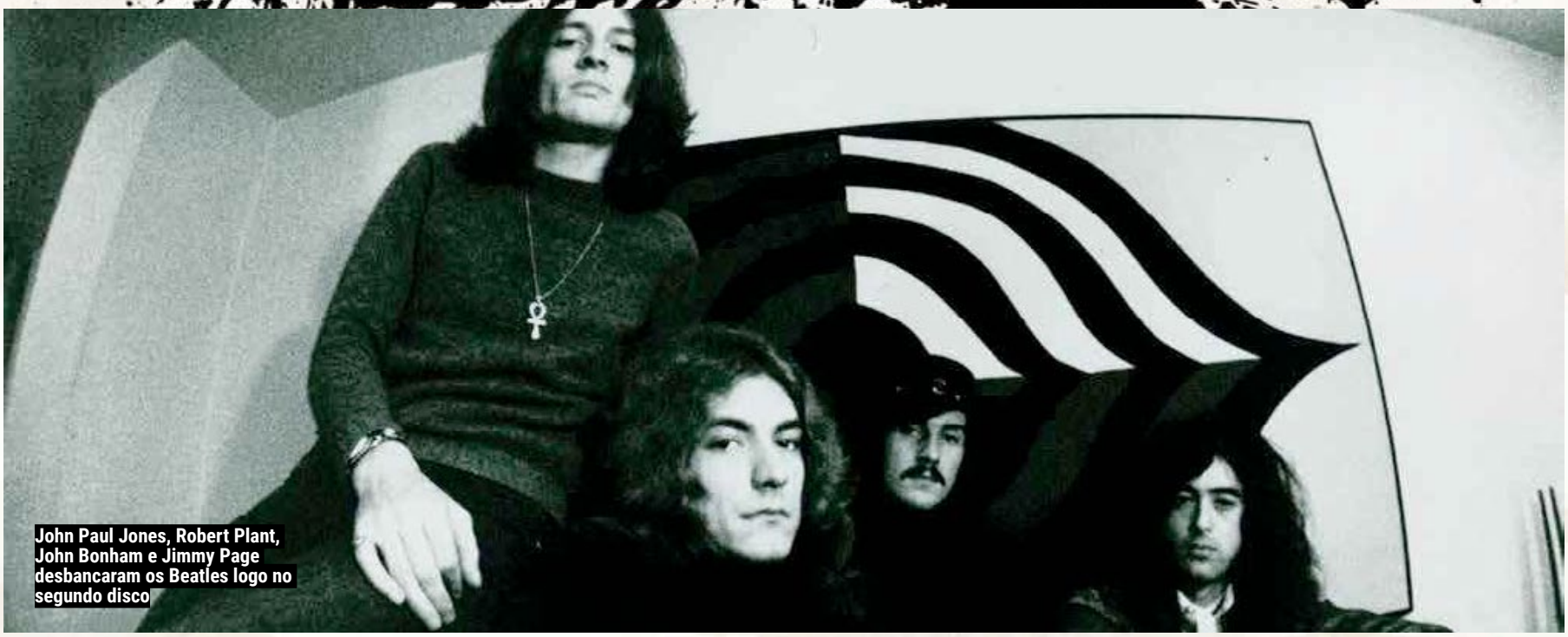
John: O título de produção de cada álbum é o nome de uma cor. Antes de fazer o *Red Album* ou o *Blue Record*, os títulos eram apenas *Red* e *Blue*. Para mim, *Orange* era simplesmente um nome chato e não faria sentido tê-lo como título. Eu não tinha uma resposta emocional ou conexão. O título (*Gold & Grey*) tem uma ligação direta com as letras. Desde o início, a única coisa que sabia sobre este álbum é que a arte traria bastante cinza e laranja, para que as cores parecessem corretas – é uma coisa visual. Além disso, tínhamos letras que rimavam com *Gold & Grey*. Tem muitas formas enxergar isso. De forma superficial, *Gold & Grey* soa muito melhor que *Orange*. Acho que é um pouco mais inspirador para mim visualmente, tem o lado lírico e do conceito.

Para encerar, a banda fará o seu primeiro show no Brasil neste mês de junho. O que isto representa para você?

John: Representa uma grande oportunidade para nós. Faz muito tempo que tentamos bolar um jeito de ir. Se você der uma rápida olhada no nosso Instagram, sempre que fazemos uma postagem tem alguém perguntando quando iremos ao Brasil. Tenho milhares de e-mails com a mesma pergunta. Sempre foi um grande objetivo, então, estamos extremamente empolgados por finalmente ir!

LED ZEPPELIN 1969

LED ZEPPELIN II



John Paul Jones, Robert Plant, John Bonham e Jimmy Page desbancaram os Beatles logo no segundo disco

A história é conhecida: depois de ficar com o nome, algumas datas a cumprir e sem banda, Jimmy Page botou o New Yardbirds na estrada com Robert Plant, John Paul Jones e John Bonham e a partir daí a história nunca mais seria a mesma. O nome da banda batizou também o primeiro disco, lançado em janeiro de 1969 e que chegou no Top 10 de diversas paradas, o que acelerou o processo de gravação do segundo álbum. *Led Zeppelin II*, que o mundo passaria a chamar de "volume 2", chegou às lojas em 22 de outubro do mesmo ano. E causou furor e controvérsia.

Desde o princípio, havia a dúvida dentro da banda sobre se o Led seria um grupo de blues ou de folk elétrico. Com o tempo, as duas vertentes se tornaram marcantes no trabalho do quarteto. Porém, no início, o blues venceu. O gênero nunca tinha sido interpretado de forma tão pesada antes e isso, somado ao vocal agudo e potente de Plant, criou uma nova forma de se ver o blues. Ele deixava de ser "a música de um homem bom sentindo-se mal por causa de uma mulher" para se tornar algo mais sensual e menos sofrido, digamos assim.

A produção, a exemplo do álbum de estreia, coube a Jimmy Page, que contava com larga de experiência de estúdio – muitos discos clássicos dos anos 60 contam com sua participação, nem sempre creditada. Mas não foi algo planejado e metódico como a do anterior. O Led soltou o primeiro disco e logo caiu na estrada. E foi durante a tour que a banda foi montando o repertório e gravando

no estúdio mais próximo que estivesse disponível. "A ideia era capturar a energia de uma banda na estrada", diria Page em entrevista à Rolling Stone em 2012.

Nesse contexto, outra pessoa teve papel fundamental na produção do disco: Eddie Kramer. Ele era o encarregado de encontrar os estúdios em que a banda gravaria, além de ter trabalhado para que a sonoridade, a despeito dessa forma de gravação, ficasse uniforme ao final. E olha que a mixagem foi feita em dois dias e, segundo Page, "numa das mesas de som mais primitivas que você possa imaginar." Kramer também foi fundamental na edição da seção psicodélica de *Whole Lotta Love*, que abre o disco: "Se não fosse por Eddie, eu teria que fazer outra coisa ali", confessou o guitarrista.

Mas nem tudo foi positivo em relação ao disco, lançado em 22 de outubro de 1969. Ao longo dos anos, pelo menos três músicas foram consideradas plágio: a já citada *Whole Lotta Love*, *Bring it on Home* (ambas chupinhadas de temas de Willie Dixon) e *The Lemon Song* ("emprestada" de uma composição de Howlin' Wolf). Todas foram objeto de acordo "na porta do tribunal" – jargão que se usa para identificar a situação em que o acusado sabe que tem culpa no negócio e acaba fazendo um acordo para evitar a condenação. Uma bela ironia para uma banda que, tempos depois, veria Kingdom Come (final dos anos 80) e Greta Van Fleet (agora mesmo) acusados de plagiá-la...

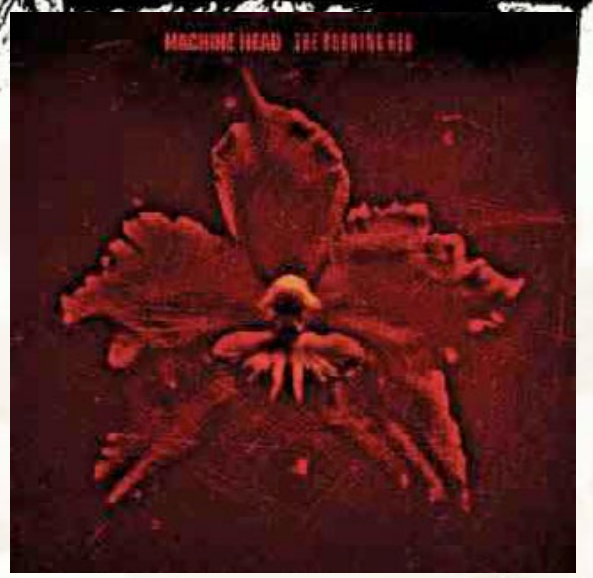
Mas, a despeito disso tudo, *Led Zeppelin II* tem temas definitivos, como *Ramble On*, *Moby Dick*, *Thank You* e até a subestimada mas interessante *Living Loving Maid*.

E as vendas só reforçaram sua qualidade. As encomendas antecipadas nos EUA chegaram a meio milhão de cópias. O disco chegou ao Top 40 do mercado americano duas semanas depois de sair. E antes do final do ano tornou-se campeão de vendas na terra do Tio Sam, desbancando nada menos que *Abbey Road*, dos Beatles. Esse fato em especial fez com que a edição original do disco lançada no Brasil viesse com um breve texto na contracapa assinado pelo jornalista, produtor e escritor Nelson Motta. "Não é nada desse papo furado de decadência dos Beatles e sim a definitiva consagração do Led Zeppelin, um dos mais fortes e inventivos sons da música pop internacional." O tempo provaria que o Led Zeppelin era isso e muito, muito mais.

Antonio Carlos Monteiro

Grupo Unico Pdf PaD

MACHINE HEAD 1999
THE BURNING RED



O líder Robb Flynn vivendo a era dos excessos

O terceiro álbum do Machine Head é marcado por situações distintas: positivas no lado profissional, negativas no âmbito pessoal. Comercialmente, *The Burning Red* foi muito bem, tocou em rádios americanas e ficou em 88° lugar no Top 200 da Billboard e em 13° no UK Album Chart. Nos Estados Unidos, ainda é o segundo álbum mais vendido do grupo, atrás apenas do debut, *Burn My Eyes* (1994). Já na Inglaterra, obteve certificado Disco de Prata em 2011, pela marca de 60 mil cópias vendidas.

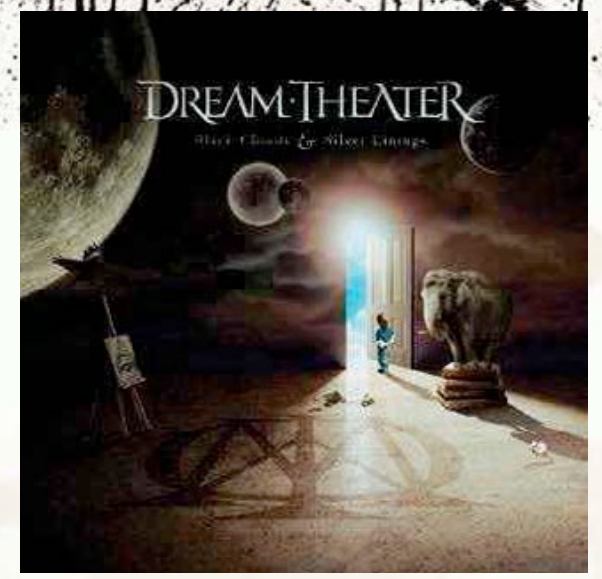
Porém, apesar de os números mostrarem uma clara ascensão, nos bastidores o Machine Head enfrentava um de seus piores momentos. Segundo entrevista com o líder Robb Flynn, reproduzida no livro Louder Than Hell, *The Burning Red* foi o momento em que o vocalista e guitarrista tomou a maior quantidade de drogas durante as gravações ou em turnê. "Eu ficava completamente doido de tanto cheirar e bebia muito toda noite", afirmou. Flynn ainda relembrou um episódio: "Uma noite, antes de cheirar tudo o que tinha restado do pó, oito pessoas haviam cheirado o equivalente a 3,5 gramas de coca cada uma; num período de 36 horas, havíamos cheirado uma quantidade absurda. Era como o filme 'Boogie Nights'".

Para se ter uma ideia de quão pesada estava a situação, o guitarrista Logan Mader saiu do Machine Head um ano antes das gravações, deixando de herança apenas o riff de *I Defy*. "Era claro que estávamos todos fora de controle, bebendo e tomando drogas o tempo todo. Não acho que eu era pior que os outros caras, mas era evidente que eu não poderia continuar fazendo aquilo e, então, saí da banda. E, sim, provavelmente falei alguma coisa sobre (estar sendo perseguido por) gatos-robôs com olhos de câmera, mas eu devia estar brincando. Eu não era maluco!", revelou Mader em entrevista também publicada em Louder Than Hell.

Apesar da aura negativa por trás dos holofotes, musicalmente *The Burning Red* traz um lado experimental que resulta em algumas coisas interessantes, como o groove "dançante" de *The Blood, the Sweat, The Tears*, o clima melancólico de *Silver*, o teor emocional de *Five*, sobre abuso sexual sofrido por Flynn aos cinco anos de idade – ele já declarou que foi difícil gravá-la e que nunca a tocaria ao vivo. Além destas, a atmosfera introspectiva da própria *The Burning Red* e até mesmo a versão descolada do hino *Message in a Bottle*, do The Police, merecem atenção especial.

Leandro Nogueira Coppi

DREAM THEATER 2009
BLACK CLOUDS & SILVER LININGS



O último ato da formação com Jordan Rudess, James LaBrie, Mike Portnoy, John Myung e John Petrucci (à frente)

Black Clouds & Silver Linings acabou se tornando mais conhecido por ser o último do Dream Theater gravado com Mike Portnoy. Como fã de uma das maiores bandas de prog metal de todos os tempos, senti muito a saída do baterista. Mas, ao mesmo tempo, sabia que uma banda desse nível não teria como se perder por conta desse episódio. E foi isso que aconteceu, pois o grupo americano continua firme e forte com Mike Mangini.

Entretanto, vale lembrar que esta não foi a última gravação com Portnoy, pois, durante a turnê, o Dream Theater entrou em estúdio para criar e gravar uma faixa instrumental para a trilha de God of War III, *God of War: Blood & Metal*. A faixa, intitulada *Raw Dog*, tem mais de sete minutos e é extremamente complexa.

Black Clouds & Silver Linings é um passo importante na carreira do Dream Theater, porque se percebe que, mesmo mantendo a complexidade e a técnica apurada, o grupo estava buscando criar sentido em suas músicas. Mesmo assim, é um álbum mais "simples" e não menos pesado, com todos os músicos mais contidos, mantendo uma maneira mais direta de tocar.

Os riffs de Petrucci vêm muito distorcidos, fornecendo uma base sólida. Aliás, Petrucci e Jordan Rudess contribuem com melodias e solos que realmente se encaixam nas músicas e não apenas as colocam em novas direções. Por conta disso, as mais longas, como *The Shattered Fortrees* e *The Count of Tuscany*, se sobressaem. Não quero dizer que tudo antes desse álbum, no quesito "masturbação musical" era pior, apenas considero que, neste caso, tudo ficou um pouco melhor do que era. Claro, tem como reclamar de faixas mais antigas como *Metropolis, Pt I (The Miracle and the Sleeper)*?

O vocal de James LaBrie está confortável. Ele é capaz de cantar tanto as partes mais pesadas como as mais progressivas com a mesma qualidade, vide a performance em *A Nightmare to Remember*. Além disso, Portnoy fornece as vozes mais rasgadas para acentuar os momentos mais pesados.

O resultado é um álbum sólido, que a banda não apresentava desde *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory*. Aliás, vale lembrar que *Metropolis Pt. 2* está sendo executando na íntegra na turnê atual em comemoração ao 20º aniversário.

Basicamente, *Black Clouds e Silver Linings* se destaca na discografia da banda e sempre será um dos preferidos dos fãs. Escute *The Count of Tuscany*, uma das melhores músicas de todos os tempos, no talo!

Claudio Vicentin

Grupo Unico Pdf PaD

AMIZADE ACIMA DE TUDO

INDIFERENTE À FAMA E AO SUCESSO, LÍDER DO BLACK STONE CHERRY EXALTA A AMIZADE DA BANDA E A FELICIDADE DE PODER TOCAR PARA AS PESSOAS

POR CHRIS ALO

Mais unidos do que nunca, John Lawhon, John Fred Young, Chris Robertson e Ben Wells seguem divulgando *Family Tree*

I'm a Little Bit Country, I'm a Little Bit Rock and Roll ("Sou um pouco country, Sou um pouco rock'n'roll", em português) era uma canção assinada pelo casal Donny e Marie Osmond, apresentadores de um programa de variedades do final dos anos 1970, exibido nos EUA pela rede de televisão ABC. Não pude deixar de pensar nisso ao falar com Chris Robertson (vocal e guitarra), que, por quase duas décadas, tem liderado o Black Stone Cherry. O grupo americano, criado em 2001, parece brincar com os dois lados da barreira proverbial, já que, ao mesmo tempo em que é hard rock, também é southern rock. Na entrevista a seguir, Robertson fala sobre o mais recente lançamento, *Family Tree* (2018), e explica como é trabalhar em dois gêneros ao mesmo tempo.

Eu tive a chance de falar com você quando o primeiro álbum (*Black Stone Cherry*, de 2006) foi lançado, mas aquilo foi há muito tempo. Desde então, como sente a mudança de sua música ao longo dos anos?

Chris Robertson: Não sei, lançamos alguns álbuns e viajamos um bocado pelo mundo. Sinto que crescemos como pessoas e acho que isso é refletido na música que temos criado. Cada álbum é uma foto instantânea de como você estava naquele momento da vida. Penso que nossa música voltou para onde estava em nossos primeiros álbuns. Ao mesmo tempo, sinto que seguimos um direcionamento completamente diferente. Permanecemos fiéis ao que sempre somos. No entanto, acho que, mais do que qualquer coisa, agora aderimos, realmente, ao fato de que somos uma banda de rock'n'roll, de southern rock'n'roll.

Algo que me impressionou com a redescoberta do Black Stone Cherry é que, após todo este tempo, vocês ainda estão com a mesma formação. Qual é o segredo para se manter uma banda unida?

Chris: Em primeiro lugar, acho que todos têm que ser amigos, que é o nosso caso. Nossa amizade vem antes de qualquer decisão com a banda. Preocupamo-nos uns com os outros. É como um casamento, quase isso. Somos como irmãos, somos amigos antes de sermos uma banda.

Você acredita que o fato de serem apenas vocês quatro o tempo todo tem sido parte do sucesso?

Grupo Unico Pdf PaD

Chris: Acho que isso realmente reflete sobre o tipo de pessoa que somos. Isso mostra que temos compromisso e aderimos a algo que enxergamos. Se nossa banda fosse menor do que é agora, mas fossemos capazes de sair e tocar para as pessoas, acho que, mesmo assim, estaríamos felizes em continuar fazendo isso. Não importaria o fato de banda ser bem sucedida ou não.

Vocês ainda estão em turnê divulgando *Family Tree*. Fale sobre esse mais recente álbum.

Chris: Sim, o lançamos em 20 de abril do ano passado. É nosso sexto álbum. Também fizemos um EP antes disso (RC: EP de covers *Black to Blues*, de 2017). Compusemos todas as músicas no fundo do ônibus enquanto estávamos em turnê. Ensaiamos as músicas apenas o bastante parar sabermos as estruturas. Entramos em estúdio com o engenheiro de som (RC: David Barrick, Nashville Pussy e Bride) e apenas deixamos fluir as músicas. Simplesmente entramos lá e tocamos até que algo legal acontecesse. É por isso que levamos apenas o esqueleto delas. Estávamos abertos também a tentarmos qualquer ideia que surgisse. Fizemos tudo 100% do nosso jeito. Tínhamos o engenheiro no estúdio e ele também foi o produtor executivo. Ficamos atrás do nosso console e fizemos nosso trabalho. John (Fred Young) fez todo o trabalho artístico, e ele vem fazendo isso desde o segundo álbum (RC: *Folklore and Superstition*, de 2008). Usamos as mixagens preliminares no EP que fizemos em 2017. Uma vez terminadas as mixagens e ajustes, pensamos que esse álbum era 100% do coração e da alma de quem somos. Não acho que você poderá encontrar um disco mais honesto do que o nosso. Soa despojado e somos apenas nós quatro.

Mas vocês tiveram alguns músicos participando, embora apareçam como convidados.

Chris: Sim, tivemos. Porém, este álbum foi exatamente o que nós quatro queríamos que fosse. Warren Haynes (RC: guitarrista e vocalista da The Allman Brothers Band e do Gov't Mule) está em uma música chamada *Dancin' in the Rain*. Todos os pianos e órgãos foram tocados por um cara chamado Kevin McKendry. Atualmente, ele toca piano para a Brian Setzer Orquestra. Ele é inacreditável, muito talentoso. Jonas Butler tocou trompete e saxofone. Ele é de uma banda local chamada Fatbox. Eles são todos daqui (RC: Edmonton, Kentucky/EUA). Tivemos duas mulheres, Sandra e Bianca, que fizeram alguns backing vocals. Meu garotinho, Chris, cantou no início de *You Got the Blues*. Deve haver mais alguém que eu esteja esquecendo... Foi muito divertido. Todas essas pessoas que foram convidadas eram amigos, então só ligávamos para eles e dizíamos: 'Ei, quer vir aqui gravar?'. Tínhamos a maioria das músicas prontas do nosso jeito, então apenas trazíamos as pessoas. Amamos gravar, amamos tocar ao vivo. Temos uma política de portas abertas, qualquer um pode vir enquanto gravamos. É legal, porque isso meio que quebra a monotonia do dia.

FAMILY TREE
MASCOT RECORDS - IMP.

Vocês estão sempre na estrada, mas o que é fascinante é a enorme variedade de bandas com quem têm excursionado. Vocês têm feito shows com The Kentucky Headhunters, Gov't Mule e Blues Traveler, mas, do outro lado do espectro, saíram em turnê com Def Leppard e Whitesnake. Vocês têm preferência pelo tipo de banda com a qual dividem palco?

Chris: É estranho, temos feito uma carreira de tentar descobrir onde nos encaixamos nesse tipo de coisa. Há algo na maneira como tocamos ao vivo e que nos permitiu tocar com todo mundo, desde Motörhead até Hank Williams Jr. É realmente incrível. Acho que o lugar onde estamos tendo mais diversão é quando saímos com bandas como Gov't Mule ou Lynyrd Skynyrd. Mas é muito mais em relação à experiência e é isso o que eu amo no Gov't Mule. Você nunca sabe qual é o rumo que o show vai ter, nem o que eles estão tocando e nem qual versão da música eles irão tocar.

Seguindo esse raciocínio, o Wikipedia enxerga vocês como uma banda de hard e de southern rock. Pessoalmente, você se identifica mais com um gênero do que com o outro?

Chris: Acho que somos mais parecidos com uma banda de southern rock. Porém, uma de minhas citações favoritas sobre nós remonta a quando o nosso primeiro álbum foi lançado. Um jornalista em algum lugar disse: 'Se o Metallica e o Lynyrd Skynyrd se encontrassem em um beco, o Black Stone Cherry seria o resultado'. Sempre amei essa citação. Existem elementos de ambos os estilos em nossa música. Acho que nos tornamos mais uma banda de southern rock. Quanto mais velhos ficamos, apenas queremos sorrir e tocar rock'n'roll.

Vocês têm um show se aproximando aqui em Nova York, na primeira edição do "Tail Winds Music Fest". Estão ansiosos? Existe alguma banda do cartaz que vocês estão curiosos pra assistir?

Chris: Cara, duas bandas que eu sempre quis ver a vida toda eram o King's X e o The Black Crowes. Estar em cartaz, imprensado entre o King's X e Chris Robinson Brotherhood é simplesmente maravilhoso. King's X é uma das maiores bandas de rock'n'roll com groove de todos os tempos, em minha opinião. Tem um som massivo, o que eles conseguem em três pessoas é simplesmente incrível. Sou um enorme fã de Chris Robinson e de tudo o que ele tem feito. É ótimo e impressionante estar no cartaz com artistas tão sensacionais.

Sass Jordan, a rainha canadense do rock, também estará no "Tail Winds Festival". Quando eu estava falando com ela, ela confundia Black Stone Cherry com Blackberry Smoke. Isso acontece frequentemente com vocês?

Chris: Isso costumava acontecer um pouco. Nós e o Blackberry começamos juntos, no início dos anos 2000. Estávamos em turnê ao mesmo tempo, tocando em competições de motocicletas e tal. Éramos, e ainda somos, amigos. Outra banda incrível, ótimos caras. Tocamos em um evento com eles em Owensboro/Kentucky uma vez, e quando aparecemos o clube havia misturado os nomes das bandas. Era como Blackberry Stone, ou algo assim. De alguma forma, eles confundiram os nomes. Eu gostaria que tivéssemos uma foto disso, mas isso realmente aconteceu. O nome de nossa banda tem três palavras e, na maioria das vezes, as pessoas as misturam como duas.

Há planos de irem para a América do Sul?

Chris: Queremos tentar chegar lá. É tão difícil, mas estamos sempre procurando tentar. Tocamos em Buenos Aires e em São Paulo e, cara, foi simplesmente incrível. Amamos e queremos voltar. Estamos chegando.

Já estão pensando no próximo álbum ou virão mais turnês pela frente?

Chris: Estamos praticamente com a agenda cheia de shows durante todo ano. Estaremos na estrada o tempo todo! Haverá outro álbum, mas não acho que será lançado em algum momento de 2020. Mas, por agora, estamos na estrada, tocando em todos os lugares que pudermos. Estamos muito animados por estarmos próximos de tocar neste festival ('Tail Winds Music Festival') e por tocar com alguns artistas que nunca tivemos a chance antes.

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

PHIL McCORMACK

★31/07/1960 ✝26/04/2019

Será que há uma maldição sobre o southern rock? Se atentarmos aos fatos, não seria de todo errado concluir que sim. O Allman Brothers, por exemplo, um dos maiores expoentes do gênero, viu oito de seus membros morrerem, aí incluídos os irmãos Gregg e Duane Allman. Com o Lynyrd Skynyrd a coisa é ainda pior, já que mais de dez músicos que passaram pelo grupo já estão tocando em outra dimensão, incluindo os três mortos no fatídico acidente aéreo de 1977.

Já no Molly Hatchet o negócio parece ser mais direcionado. Apesar de ter tido outras baixas, parece que é nos vocais que a coisa pega. Afinal, todos seus vocalistas já morreram. Danny Joe Brown, que esteve na banda entre 1976 e 1995, exceto por um breve período entre 1980 e 1982, faleceu em 2005, vítima de complicações decorrentes da diabetes. Jimmy Farrar, que substituiu Brown naquele curto período entre 80 e 82, morreu no ano passado por conta de um enfarto. E agora chegou a vez de Phil McCormack, que estava à frente da banda desde 1995.

Nascido Phillip Wallace McCormack em 31 de julho de 1960 em Milwaukee, no Wisconsin (EUA), desde cedo se interessou pela música, mas seu primeiro trabalho sério no gênero foi com outro grupo de southern que, apesar de não muito conhecido fora de seus domínios, fez considerável sucesso nos EUA: The Roadducks. O quarteto criado em 1976 se orgulha de, ao longo desses 43 anos, ter contabilizado mais de cinco mil shows ao redor dos país, "do Texas ao Maine", como garante a banda. McCormack uniu-se ao Roadducks no início dos anos 80, tendo gravado os dois discos lançados pela banda, *Get Ducked* (1987) e *Let It Ride* (1992). No final de 1992, McCormack teve seu primeiro vínculo com o Molly Hatchet ao substituir Danny Joe Brown em alguns shows por conta de problemas de saúde do titular. Voltou ao Roadducks, mas três anos depois Danny foi forçado a se afastar definitivamente do Molly Hatchet e seu substituto não poderia ser outro: Phil McCormack, que assumiu o desafio de substituir um grande ídolo dos fãs do grupo

McCormack gravou cinco discos de estúdio com a banda: *Devil's Canyon (1996), Silent Reign of Heroes (1998), Kingdom of XII (2000), Warriors of the Rainbow Bridge (2005) e Justice* (2012), além de *Southern Rock Masters (2008), com regravações de clássicos do rock – esse disco seria relançado com as faixas em outra ordem em 2012 sob o título Regrinding the Axes*. Phil também esteve em quatro álbuns ao vivo do Molly Hatchet.

A propósito, turnês sempre foram especialidade da banda. Com McCormack à frente, o Molly Hatchet fez em 1977 uma longa turnê costa a costa pelos Estados Unidos com a Charlie Daniels Band, além de emendar a gravação de *Kingdom of XII*, realizada na Alemanha, com uma tour europeia – o disco saiu antes no Velho Mundo do que nos EUA. Em 2013, o Molly Hatchet estreou no Brasil participando da última edição do festival Live'N'Louder, que contou com o Twisted Sister como headliner. A banda também costumava se apresentar para tropas americanas em locais como o Oriente Médio e Japão.

Tudo corria bem até que surgiu a informação: Phil McCormack morreu no dia 26 de abril, aparentemente de ataque cardíaco (a causa ainda não havia sido oficialmente informada até o fechamento desta edição).

Sua morte consternou a todos. O Roadducks não economizou nos elogios: "Phil era um fabuloso cantor, parceiro de banda, irmão e ser humano", dizia o comunicado divulgado pelo grupo. Já o Molly Hatchet se manifestou afirmando que "a contribuição de Phil para a banda foi ouvida em todos os cantos do mundo. Ele fará falta e jamais será esquecido."

Por fim sua família divulgou uma longa e emocionada nota em que lembrou o quanto ele se entregava em cada show: "Phil amava o público e o público o amava. E ele adorava se encontrar com os fãs e conversar com eles." E finalizava: "Ele estava vivendo seu sonho e isso era uma bênção para nós."

Além de cantar, Phil também tocava harmônica e era conhecido por acompanhar os shows e dar conselhos às bandas que abriam para o Molly Hatchet.

ROADDUCKS
GET DUCKED
(1987)

MOLLY HATCHET
DEVIL'S CANYON
(1996)

MOLLY HATCHET
KINGDOM OF XII
(2000)

MOLLY HATCHET
JUSTICE
(2012)

MOLLY HATCHET
REGRINDING THE AXES
(2012)

Grupo Unico Pdf PaD

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MUSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

DEATH ANGEL
HUMANICIDE

0 novo álbum da lendária banda de Thrash Metal da Bay Area
Inclui uma faixa bônus

POSSESSED
REVELATIONS OF OBLIVION

Novo álbum dos pioneiros do Death Metal, e criadores dos lendários álbuns "Seven Churches" e "Beyond The Gates", depois de mais de três décadas. Mixado e masterizado pelo renomado Peter Tägtgren (Hypocrisy, Pain, Bloodbath)

MEMORIAM
REQUIEM FOR MANKIND

Terceiro lançamento de uma das maiores bandas de death metal na atualidade. Grande produção, vocais agressivos, uma abordagem épica.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

SABATON
THE GREAT WAR

RHAPSODY (TURILLI / LIONE)
ZERO GRAVITY - REBIRTH AND EVOLUTION

DESTRUCTION
BORN TO PERISH

www.shinigamirecords.com.br

11 3719-0993

loja@shinigamirecords.com

anúncio: www.jduartedesign.com

Grupo Unico Pdf PaD

MADBALL

POR VALTEMIR AMLER

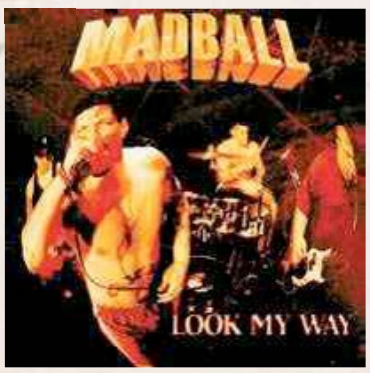
A cena nova-iorquina sempre teve um papel de destaque no hardcore mundial. Afinal, é de Nova York (EUA) que, entre inúmeros outros grandes exemplos, surgiram nomes como Agnostic Front, Sick Of It All e 25 Ta Life. E, dentre esses, há de se destacar o papel de dois irmãos que podem ser considerados como uma espécie de "sagrada família" do hardcore. É claro que estou falando dos irmãos Roger Miret e seu meio-irmão mais novo, Freddy Cricien. Se o mais velho fez história à frente do lendário Agnostic Front, o mais novo se tornaria uma das mais fortes personalidades do hardcore mundial, sempre à frente do temido por muitos e respeitado por todos Madball. Formado em 1988 como um projeto paralelo dos músicos do Agnostic Front, o grupo contava com Will Shepler na bateria, Vinnie Stigma na guitarra e os irmãos Roger Miret no baixo e Freddy Cricien, então com apenas 12 anos, nos vocais. A banda, que supostamente iniciou sua jornada com material excedente do Agnostic Front, lançou seu primeiro EP há trinta anos, o aclamado *Ball of Destruction*. Desde então, tudo o que essa banda, que hoje promove *For the Cause* (2018), lançou é histórico. Confira nosso passeio pela discografia da grande lenda de Nova York.

Freddy Cricien, Hoya Roc e Mike Justian, a nova formação da lenda do NYHC

IMPERDÍVEIS

DEMONSTRATING MY STYLE (1996)

O segundo álbum do Madball é um daqueles discos que deixam a orelha zunindo horas após ouvi-lo. Curto, forte e rápido: esse é um dos melhores exemplos que você poderá dar para alguém que lhe perguntar o que, afinal, é o famigerado NYHC. O disco começa de forma abissal com a pesadíssima faixa-título, com aqueles riffs seguros e violentos que só o hardcore pode oferecer. A sequência com *Unity* não deixa a bola cair, com uma performance segura e firme de Will Shepler na bateria. *Live Or Die* se destaca pelo excelente desempenho de Freddy Cricien e pelos riffs eficazes de Matt Henderson, outro cara que você conhece do Agnostic Front. Porém, uma das melhores do repertório é *Pride (Times Are Changing)*, que tem uma pegada mais simples, beirando o punk, mas com a fúria do hardcore prevalecendo em suas entranhas. Destaque para os excelentes backing vocals na faixa, e a letra muito bem sacada, que dá uma perspectiva exata de como é a vida de quem cresce nas áreas mais violentas das grandes metrópoles – em suma, um clássico! Ainda assim, o destaque fica mesmo com *Nuestra Familia,* um hardcore esporrento, sujo, maldito, com influências muito bem dosadas de RAP nos vocais, e que, mais uma vez, conta com uma letra icônica, daquelas que você fica gritando junto sem perceber. Ouça esse disco e comprove. Afinal, são menos de vinte e oito minutos de brutalidade!



LOOK MY WAY (1998)

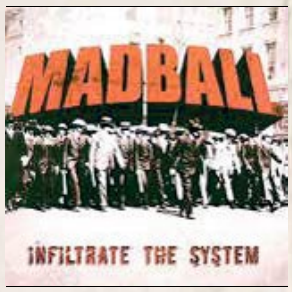
A sequência de *Demonstrating My Style*, lançado dois anos antes, não poderia ser mais icônica. Contando com a muito bem-vinda produção do "manjão" de hardcore Dean Baltulonis (Vietnom, Sick Of It All, Agnostic Front, Sheer Terror e outros), o disco soa limpo na medida certa. É outra ótima pedida para aqueles que ainda não conhecem, mas gostariam de mergulhar na sonoridade do Madball. Aquele tipo de música que é considerada como "perigosa" pela linha dura da indústria musical e da sociedade em geral não falta aqui. Dê atenção para a letra da faixa-título. Báh, que gurizada desaforenta, tchê! Além de deixar claro o que pensam sobre a sociedade conservadora e suas regras vazias, ainda esfregam na cara o quanto estão se lixando para a opinião deles. Só ela já valeria a aquisição do disco. Mas, como essa é uma banda muito acima da média, ainda temos aqui outros ícones da música pesada, como *Cutt Off*, *Temptation Or Restraint* (com uma presença de baixo marcante), a mais cadenciada *Waste of Time*, que conta com excelentes riffs e uma sensacional versão em espanhol para a clássica *Nuestra Familia*, aqui nomeada em inglês de *Our Family*. Se você ainda tiver pescoço, ouça *All I Can Take*, com mudanças de andamento e um 'breakdown' que garante fraturas. E não se engane com o início da última faixa, *Been There, Done That*, pois essa banda não sabe brincar. Porrada!

Grupo Unico Pdf PaD

EXCELENTES

SET IT OFF (1994)

O primeiro 'full-length' do Madball foi também o primeiro trabalho da banda com a Roadrunner. Além do grande impulso que o contrato com uma gravadora proeminente garantia, a banda ainda teve sua primeira chance de trabalhar com o produtor Jaime Locke (Judge, Cro-Mags, Prong, Obituary, Vision Of Disorder), o que em si já era uma garantia de qualidade em som violento. O disco possui todas aquelas qualidades que são esperadas do Madball, o que significa altas doses de riffs cativantes, uma 'cozinha' altamente eficaz e energética, e um 'feeling' fora do comum. Mas não há como deixar de perceber que os vocais de Freddy Cricien apresentam aqui a sua performance mais agressiva em toda a discografia dessa lenda nova-iorquina. É, isto já bastaria para colocar o álbum nesta posição do nosso 'ranking'. Apesar de *Set It Off* contar com um início pra lá de estranho, o disco engrena logo no seu primeiro minuto, e a trinca *Lockdown*, *New York City* e *Never Had It* é de arrancar lágrimas dos olhos de fãs mais saudosos. Vale salientar que esse é o álbum mais 'Agnostic Front' do Madball, o que, se você entende o que quero dizer, é um grande elogio!



INFILTRATE THE SYSTEM (2007)

Frenético, extremamente pesado e perigoso, *Infiltrate the System* seria uma excelente trilha sonora para um daqueles filmes de ação desenfreada e repletos de explosões, bem ao estilo Michael Bay. Mudanças na sonoridade tradicional da banda foram rapidamente sentidas pelos fãs de longa data, já que aqui o Madball flertava mais abertamente com o metal. Se isso levou alguns fãs mais radicais a se afastarem do grupo naquela época, o mesmo foi compensado pela conquista de novos e fieis seguidores. O repertório do disco abre com a furiosa *We The People*, que destaca imediatamente o excelente trabalho do baterista Rigg Ross (ex-Hatebreed e Scarhead), que varia entre bumbos duplos e simples, dando aquela dinâmica furiosa que uma faixa como essa merece. A faixa-título é outro destaque, contando com uma performance genial de baixo e bateria, que preparam para o peso das guitarras que caminham no limite entre o metal e o hardcore. Rigg Ross ainda demonstra o peso de sua mão com destaque em *Liberty Or Death*, *A Novelty* e *Takeover*, dona de um ritmo único e vigoroso. Um disco que não é inovador para o estilo, mas renovou a banda. E, bem por isso, excelente!

HARDCORE LIVES (2014)

O penúltimo álbum de estúdio do Madball demonstra um inequívoco desejo de um retorno às raízes em todos os detalhes. O título do álbum, a capa quase que completamente em preto e branco, o logotipo da banda desenhado à maneira antiga... *Hardcore Lives* soa maior que um álbum, já que é inegavelmente um tributo e um retorno para a era clássica de uma banda sempre relevante. Na época do lançamento, o vocalista Freddy Cricien comentou: "Eu gritei a frase 'Hardcore Lives' em nosso primeiro registro, *Ball of Destruction*. Eu tinha doze anos. Não foi nada planejado, nem escrito antes". E ele complementou: "Eu sinto que aquele sentimento continua verdadeiro hoje." Com esse sentimento aflorado em cada verso, faixas como *Doc Marten Stomp*, *DNA* e *Mi Palabra* se sobressaem dentre a overdose hardcore presente no repertório. Vale também conferir a participação de algumas das grandes personalidades do estilo, como Candace Kucsulain (Walls of Jericho) em *Born Strong*, Scott Vogel (Terror) em *True School* e Toby Morse (H_2O) em *My Armor*. Um disco que beira a perfeição desde sua *Intro*, que neste caso não é nada dispensável. Um grande retorno à forma.

BONS

EMPIRE (2010)

O que esperar de um disco de uma banda pesada como o Madball, que conta com a produção de um cara que já trabalhou com Belphegor, Cannibal Corpse, Morbid Angel, Krisiun e tantas outras bandas que redefiniram o que é soar pesado? Se, por um lado, esse disco prova mais uma vez o poderio do Madball, por outro é prova incontestável do talento e da versatilidade de Erik Rutan, que trouxe toda a sua experiência junto às maiores bandas de death metal do mundo para dentro do denso e mal-encarado hardcore do Madball. O resultado dessa inusitada união não poderia ser melhor. Faixas como a corrida *Danger Zone*, a 'grooveada' *All Or Nothing* e a hardcore com o sempre bem-vindo sotaque latino *Con Fuerza* roubam as atenções, enquanto na surdina um produtor monstruoso dava um toque de gênio à obra. Ademais, fica sempre o destaque para o baixo daquele que é talvez o maior parceiro de Cricien ao longo dos anos, Hoya Roc, e para as incríveis linhas de bateria de Jay Weinberg, que tocou em *Day of the Gusano (Live In Mexico)*, do Slipknot. E ainda tem Roger Mirett em *Shatterproof*. Quer mais?

HOLD IT DOWN (2000)

Peso descomunal, muita atitude e qualidade musical inquestionável. *Hold It Down* é um disco muito interessante, e é daqueles que têm a habilidade de falar por si mesmo. Após uma daquelas introduções absolutamente bizarras e desnecessárias, é impossível não se animar ao ouvir faixas como *Can't Stop, Won't Stop*, que abre caminho para a faixa-título, uma verdadeira arma de destruição em massa carregada de riffs capazes de colocar paredes abaixo, principalmente em apresentações ao vivo. É fácil perceber o porquê de membros de bandas como o Machine Head (especialmente o ex-baixista, Adam Duce) assumirem abertamente que são fãs de Madball ao ouvir discos como esse. Afinal, muitas daquelas levadas que marcaram os dois primeiros álbuns da banda estão presentes na música do Madball. Com bateria de Darren Morgenthaler (Maximum Penalty, ex-Demonic Christ) e guitarras de Rob Rosario e Matt Henderson (Blind Approach, ex-Agnostic Front), este álbum ganha o ouvinte pelo peso e pela força, embora não seja tão conhecido fora do circuito hardcore. Não deixe de ter, pois vale muito a pena.

CUIDADO

LEGACY (2005)

O baterista Rigg Ross explicou na época como as coisas precisam soar para se tornarem músicas do Madball: "Para mim, o Madball é todo sobre controle e sentimento. Não se pode tocar muito devagar, não se pode tocar muito rápido. Tem que ser apenas o correto." E é justamente isso que ouvimos quando colocamos um disco da banda para tocar. Sim, trata-se de uma formação que surpreende mais por sua regularidade e 'feeling' do que por perícia técnica exacerbada ou velocidade desenfreada. E, se esse é o sentimento quando falamos de músicas isoladas do grupo, é também o que nos vêm à mente quando falamos de seus álbuns. É muito difícil encontrar um destaque claro, e quase impossível encontrar algo menos atraente quando você fala de uma banda que prima pela regularidade. *Legacy* é um disco forte, correto e bem estruturado, mas é o que menos se destaca na discografia dos nova-iorquinos. Lançado após um intervalo de cinco anos sem álbuns de inéditas, o repertório traz, entre os destaques, faixas como a esporrenta *Heavenhell*, o 'groove' de *For My Enemies* e a curta e rápida *Hardcore Pride* – esta, sim, um clássico à parte.

OUTROS: Se você é fã de Madball, ou de hardcore em geral, alguns EPs são obrigatórios para completar a sua coleção. *Ball of Destruction* (1989) é o primeiro registro de estúdio da banda, e, apesar da falta de experiência de Freddy Cricien na época, faz muito bonito e é um destaque na discografia da banda. Basta dizer que é neste EP que está a icônica faixa *Smell the Bacon (What's with You?)*, uma das principais composições do grupo. *Droppin' Many Suckers* (1992) ainda tem aquele feeling 'Agnostic Front', e é muito bom. *NYHC* (2002) é autoexplicativo, e *Rebellion* (2012) conta com ótimas músicas. Se você quiser apenas conhecer a banda, a coletânea *The Best of Madball* (2002) é uma boa pedida. Além destes, não deixe de conferir o mais novo álbum completo, *For The Cause*, lançado no ano passado.

Grupo Unico Pdf PaD

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

BRITNY FOX

Johnny Dee, Billy Childs, Michael Kelly Smith e "Dizzy" Dean Davidson (sentado), formação que estreou com Britny Fox (1988)

ORIGEM EUA
ÉPOCA ANOS 80
ESTILO GLAM HARD ROCK

FORMAÇÃO CLÁSSICA

"Dizzy" Dean Davidson (vocal e guitarra), Michael Kelly Smith (guitarra), Billy Childs (baixo) e Johnny Dee (bateria)

DISCOGRAFIA

Britny Fox (1988), *Boys in Heat* (1989), *Bite Down Hard* (1991) e *Springhead Motorshark* (2003)

Os anos 80 marcaram o tempo em que as gravadoras ditavam as ordens em todos os aspectos. Às bandas cabia obedecer, gravar, fazer shows e receber a grana. Assim, ninguém se atreveu a contestar quando a gravadora decidiu que o guitarrista Michael Kelly Smith e o baterista Tony "Stix" Destra deveriam ser mandados embora do Cinderella em 1985. Nem os dois. Em vez de espernearem, ambos juntaram-se ao vocalista Dean Davidson, também conhecido como Dizzy, e ao baixista Billy Childs. Adepta do mesmo glam que popularizara o Cinderella e tantos outros grupos da época, a nova empreitada recebeu o nome de Britny Fox em homenagem aos ancestrais galeses de Dizzy.

No fim das contas, o fato de dois de seus membros virem do Cinderella – e, por conta disso, terem bons contatos no meio – facilitou as coisas ao Britny Fox, que logo gravou sua primeira demo, *In America*, em 1986. Tudo parecia indicar para um futuro promissor quando a fatalidade se abateu: pouco antes de a banda assinar com a Columbia, Tony Destra morreu em um acidente de carro logo após um show, no dia 8 de fevereiro de 1987. A banda gravou outra demo, *Rock Is Gonna Fight*, com Adam West na bateria antes de efetivar Johnny Dee (Waysted) e partir para a gravação do primeiro disco, *Britny Fox* (1988).

Foi o maior sucesso da carreira do grupo. Nos EUA, chegou ao Top 40 e foi Disco de Ouro, além de emplacar um vídeo para a música *Girlschool* e colocar um single nas paradas, a grudenta *Long Way to Love*. Como seria natural, a banda embarcou numa maratona de shows e acabou eleita pelos leitores da revista Metal Edge como Melhor Banda Estreante.

Boys in Heat saiu no ano seguinte e não repetiu o sucesso do antecessor. Mesmo assim, levou a banda até o Japão, onde abriu para Alice Cooper, e rendeu um elogio de Axl Rose, que definiu a versão de *Hair of the Dog* (Nazareth) gravada pela banda como "a melhor que eu já ouvi".

Nesse ponto, Dizzy enfiou na cabeça que queria fazer um som radicalmente diferente. Smith chegou a afirmar que não se opunha a que a banda amadurecesse e crescesse, "mas Davidson queria mudar o estilo a ponto de a gente não ser mais reconhecido como Britny Fox." Dizzy, então, saiu para formar o Blackeyed Susan.

Isso rendeu uma crise para a banda. A primeira consequência foi a dispensa pela Columbia. A banda, então, estava com dois problemas: sem vocalista e sem gravadora. O primeiro passo foi arrumar outro frontman. Assim que foi anunciado que a banda estava atrás de um novo vocal, centenas de fitas chegaram às mãos da banda. Resolveram chamar Tommy Paris para um teste "e assim que começamos a tocar vimos que ele era o cara", lembra Michael.

Com Paris no time, prepararam um novo repertório e foram contratados pela Atlantic Records. O novo time entrou em estúdio para gravar seu terceiro disco, *Bite Down Hard*, que sairia em 1991 e traria as participações de Zakk Wylde e do baterista Rikki Rockett (Poison). A despeito de se tratar de um trabalho mais coeso e maduro, o glam dava seus últimos suspiros e nada aconteceu com o álbum. A banda acabou se separando em 1992.

A mesma formação que gravou *Bite Down Hard* voltou a se reunir no ano 2000 e três anos depois lançou seu quarto disco, *Springhead Motorshark*, bem mais variado que os anteriores.

Em 2007, a banda excursionou pela Europa e pelos EUA com Paris, Childs, Tommy Krash (guitarra) e Henry Now (bateria). No ano seguinte, mais uma volta, agora comandada por Childs. Com ele estavam Henry Now, Jamie Fletcher (vocal) e Greg Polcari (guitarra). Em 2010 foi a vez de "Dizzy" Dean Davidson tentar uma nova reunião do Britny Fox, desta feita com os membros da formação clássica e original, mas acabou não acontecendo.

Por fim, em abril de 2015 foi anunciado que o Britny Fox estaria voltando à ativa com Tommy Paris, Billy Childs, Johnny Dee e o guitarrista Chris Sanders e que até um novo álbum estaria nos planos. De lá para cá nada mais se ouviu falar a respeito e até o site da banda está fora do ar.

BRITNY FOX (1988)

BOYS IN HEAT (1989)

Lançamentos exclusivos Classic Metal Records

TANK

The Return Of The Filth Hounds - Live
(Relançamento do álbum gravado ao vivo na Alemanha em 1997, com bônus tracks!)

Valley Of Tears
(Relançamento nacional deste clássico lançado em 2015)

Breath Of The Pit
(Projeto solo Algy Ward)

Sturmpanzer
(Projeto solo Algy Ward)

Dancing Flame - Dancing Flame
(Relançamento de 2009 com músicas bônus)

Facing Fear - Ana Jansen
(Revelação brasileira da NWOTHM!)

A Classic Metal Records também possui um grande catálago repleto de CDs, DVDs, Lps, Box sets importados e nacionais, do Rock Clássico ao Metal.

Classic Metal RECORDS

Conheça o site da loja: www.classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado, entrar em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br

Design: JCCV - http://jccvalente.wix.com/jccv-design

Grupo Unico Pdf PaD

DEATH ANGEL

9,0

HUMANICIDE
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

É por bandas como o Death Angel que o thrash metal da Bay Area segue sendo motivo de orgulho. É impressionante o quanto Mark Osegueda (vocal), Rob Cavestany e Ted Aguilar (guitarras), Damien Sisson (baixo) e Will Carroll (bateria) têm nos brindado regularmente com álbuns tão bons. Se você gostou do anterior *The Evil Divide* (2016), saiba que *Humanicide* é ainda mais visceral e variado. Logo na abertura com a própria *Humanicide* você já se surpreenderá com guitarras gêmeas agindo similares as do Judas Priest no início de *The Hellion/Electric Eye* (Judas Priest), servindo de prenúncio para a pancadaria em que a música se transforma. A avassaladora *Divine Defector* vem na sequência e não alivia, dispõe de partes absurdamente velozes e pesadas, com Carroll martelando a caixa. E segura que falarei de todas, pois valem à pena! *Aggressor* chama a atenção por suas progressões e *I Came for Blood* flerta com o crossover, especialmente pelos riffs e backing vocals com cara de Suicidal Tendencies. Permitindo-me sair da sequência do repertório, outra que também mostra influência do crossover, mais pelo lado hardcore do estilo, é a imponente *The Pack*, devido, principalmente, à algumas levadas de batera conduzidas nos tambores e, assim como *I Came for Blood*, pela presença constante dos vocais de apoio. Sua rifferama é hipnótica, bem como o solo cavalar de Cavestany. Mais melódica, a cadenciada *Immortal Behated* é minha favorita do álbum e conta com outra belíssima atuação de Carroll, uma caída com clima e dedilhados ao melhor estilo Testament, um solo de arrepiar, feito com a alma, e um grand finale espetacular, tocado apenas ao som ameno de piano e violão. Já *Alive and Screaming* parece vinda dos anos 80, méritos de seu riff inicial e da forma como a música se desenvolve, características que a fazem soar como se fosse sobra de estúdio do debut *The Ultra-Violence*, de 1987. Em *Ghost of Me*, a dupla Cavestany/Aguilar nos dá uma aula de thrash metal, com riffs enraizados nos anos 80, feitos para machucar o pescoço. Por sua vez, a contagiante *Revelation Song*, outra de minhas preferidas da bolachinha, tem a malemolência e o groove do Death Angel dos tempos de *Frolic Through the Park* (1988) e *Act III* (1990). E, acredite: a base para o solo (e que solo!) chama a atenção, parece um cruzamento entre Pantera e Dream Theater! Por fim, *Of Rats and Men*, outra com solo brilhante, soa instigante, também pelo groove e, mais ainda, pelas viciantes linhas vocais de Osegueda. Além da qualidade das músicas, vale destacar também a ótima produção de Jason Suecof, que chega ao seu quarto trabalho seguido com o Death Angel, e a linda capa de Brent Elliot White, que já havia assinado as de *Relentless Retribution* (2010) e *The Dream Calls for Blood* (2013). Não é precipitação minha dizer: *Humanicide* já está entre meus álbuns favoritos do Death Angel!

Leandro Nogueira Coppi

HEIDEVOLK

VUUR VAN VERZET
NAPALM - IMP.

9,0

Dentre as bandas de folk metal europeu, o Heidevolk é uma das que detém o maior número de fãs fieis no Brasil, graças a 'antigos' sucessos, como *Nehalennia* (*Uit Oude Grond*, 2010) e a versão para *Vulgaris Magistralis*, do Normaal (apresentada no EP *Wodan Heerst*, 2007). Mas, felizmente, a banda nunca parou no tempo. Aliás, 'esperar' não é algo típico das bandas dos Países Baixos, e nem fazer música abaixo do padrão de excelência. *Vuur van Verzet* já começa mostrando as garras com *Ontwaakt*, que mantém aquele clima denso de 'cântico de batalha', típico do Heidevolk. A próxima, *A Wolf In My Heart* ganha o ouvinte com guitarras bem postadas, fortes melodias e os tradicionais duetos entre os vocalistas Lars NachtBraecker e Jacco Bühnebeest, sempre muito bem trabalhados. O riff inicial de *Britannia* (bem na cola do Judas Priest) é também o elemento necessário para tornar a canção em algo memorável. Esse impulso ao memorável é garantido pelos vocais em *Tiwaz*, e se torna algo completo em *Het Juk der Tijd*.

Valtemir Amler

AETERNUS

HEATHEN
DARK ESSENCE - IMP.

8,5

Fazia um bom tempo que os noruegueses do Aeternus não nos brindava com um novo álbum. Na verdade, *...and the Seventh His Soul Detesteth* saiu em 2013, e seu antecessor, *HeXaeon*, foi lançado em 2006. Assim, descontando-se os anos iniciais, Ronny "Ares" Hovland e seus comparsas nunca foram de apressar as coisas, já que os álbuns costumam demandar um bom tempo para "respirar" após lançados. Essa demora em trazer nova música costuma ser compensada com trabalhos acima da média, e é realmente difícil desmentir esse fato ao ouvir a mistura death/black/pagan metal proporcionada em *Hedning*, faixa que abre o disco. *The Sword of Retribution* transborda música extrema através de linhas de bateria muito técnicas, e *The Significance of Iblis* é um daqueles arrombos de fúria e velocidade em que sobram palhetadas para todos os lados. *Boudica*, com algo de black metal em seu riff principal, também demanda holofotes, assim como a rápida *How Opaque the Disguise of the Adversary*, que a precede. Confira!

Valtemir Amler

RHEGIA

SHADOW WARRIOR
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Ao olhar com atenção para a capa deste EP, você se depara com imagens que evocam imagens e histórias que circulam o nosso imaginário sobre a floresta amazônica. Ao colocar para rodar, a bela abertura, *The Foreshadowing*, não dá muitas pistas sobre a sonoridade do Rhegia. Porém, basta a faixa-título começar a rodar para você sentir a força daquele power metal melódico que comandou o cenário metálico em meados dos anos 1990 e nos primeiros anos deste novo milênio. A 'impressão' de temática amazônica se torna uma certeza na terceira música, *The March*, que começa com cânticos indígenas e evolui em riffs de guitarra pesados e vocais que vão do melódico ao rasgado em segundos. A atenção aos detalhes não se detém ao aspecto lírico, já que a sonoridade deste disco (cortesia do mestre Brendan Duffey) permite observar com atenção cada nuance de um instrumental trabalhado à exaustão, e que já coloca o Rhegia entre os destaques da cena. Temática interessante, músicas boas e bem trabalhadas, qual será o próximo passo? Esperaremos para ver e ouvir.

Valtemir Amler

Grupo Unico Pdf PaD

BULLET

BULLET LIVE
STEAMHAMMER/SPV - IMP.

9,0

O Bullet nunca teve a intenção de reinventar a roda. Pelo contrário, sempre optou pelo básico. A prova disso está em sua sonoridade, um heavy'n'roll altamente influenciado por AC/DC, Judas Priest e Accept, e no título simples e direto de seu primeiro álbum ao vivo: *Bullet Live*. A propósito, já estava mais do que na hora de os fãs serem presenteados com um trabalho que mostrasse a adrenalina e a energia de um show capitaneado pelo bonachão Dag "Hell" Hofer, de voz similar a de "Dizzy" Dean Davidson (ex-Britny Fox/Blackeyed Susan). O repertório visceral traz músicas dos seis álbuns de estúdio do grupo sueco, completado por Hampus Klang e Alex Lyrbo (guitarras), Gustav Hector (baixo) e Gustav Hjortsjö (bateria). As faixas foram extraídas de shows realizados entre os anos de 2017 e 2018, durante as turnês dos mais recentes álbuns, *Storm of Blades* (2014) e *Dust to Gold* (2018). Seria injusto destacar uma ou outra música, portanto, ouça, sinta a eletricidade do Bullet entrando por suas veias... 'Fuel the fire' e 'bang your head'!

Leandro Nogueira Coppi

DER WEG EINER FREIHEIT

LIVE IN BERLIN
SEASON OF MIST - IMP.

8,5

Finalmente um álbum ao vivo do Der Weg Einer Freiheit, os heróis bávaros do black metal! Em uma época em que as bandas voltaram a perceber que um registro ao vivo é uma ótima pedida, nada mais justo que um dos maiores nomes do black alemão ganhassem o direito de ter seu show devidamente registrado para a posteridade. Gravado ao vivo em 14 de outubro de 2017, na cidade que dá nome ao disco, *Live in Berlin* é um ótimo registro da carreira do quarteto bávaro, e pode ser considerado um ótimo ponto de partida para aqueles que querem ter um primeiro contato com a música do grupo. Do ataque direto de *Einkehr*, passando pelo dedilhado inicial e depois pela tempestade torrencial de riffs em *Der Stille Fluss*, a entrega total de Nikita Kamprad (vocal e guitarra), Nicolas Rausch (guitarra), Tobias Schuler (bateria) e Nico Ziska (baixo) fazem a diferença. Se você ficou interessado, é melhor correr atrás, pois o disco inicialmente está sendo lançado em uma edição limitada em apenas 400 cópias.

Valtemir Amler

ICED EARTH

ENTER THE REALM - EP
CENTURY MEDIA - IMP.

8,0

Exatamente 30 anos após seu lançamento original, o Iced Earth resolveu presentear seus fãs com a reedição do EP *Enter the Realm*, sua primeira gravação oficial. À época, o fundador e guitarrista Jon Schaffer tinha a companhia de Gene Adam (vocal), Randy Shawver (guitarra), Dave Abell (baixo) e Greg Seymour (bateria), formação básica de sua banda anterior, Purgatory. Lançado dentro das compilações *Days of Purgatory* (1997) e *Enter the Realm of the Gods* (2008) e também no box-set *Dark Genesis* (2001), o material segue o track-list original, apresentando algumas melhoras na masterização, o que proporciona uma audição mais detalhada. Musicalmente, as canções são distantes daquele power metal cru típico dos americanos. Basta ouvir *To Curse the Sky* para notar uma veia NWOBHM, por exemplo. No pacote de novidades, *Enter the Realm* traz uma nova capa (bem como todas as artes internas), além de algumas lindas versões físicas, como o vinil de 180g em preto transparente, vermelho, lilás, branco e azul transparente. O formato em digipack também é legal. Peça de colecionador.

Matheus Vieira

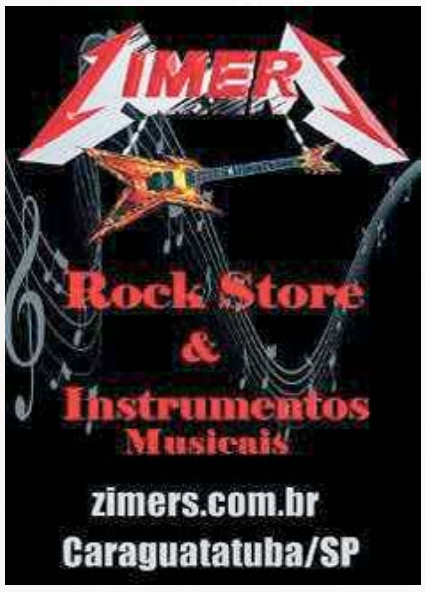
SACRED REICH

AWAKENING
METAL BLADE - IMP.

8,5

Vinte e três anos se passaram desde que *Heal*, o último disco do Sacred Reich, foi lançado no mercado. Porém, se havia dúvida na cabeça do líder Phil Rind (vocal e baixo) sobre compor material novo, aqui ele mostra que a escolha foi acertada. O forte thrash metal com 'groove' e letras conscientes estão presentes em *Awakening*, que, por sinal, é um título que combina bem com o momento. "Queríamos que tudo acontecesse naturalmente. Não queríamos forçar nada e estamos super animados com cada música. É facilmente a melhor coisa que já fizemos", declarou o animado Rind, atualmente acompanhado por Wiley Arnett e Joey Radziwill (guitarras) e Dave McClain (bateria). O produtor Arthur Rizk (Power Trip, Cavalera Conspiracy) soube explorar bem os predicados da banda e não deixou o som tão "digital" como nas produções atuais. Do começo, com a faixa-título, passando pelas velozes *Divide & Conquer* e *Revolution*, as cadenciadas *Salvation* e *Killing Machine*, a versátil *Manifest Reality*, a "sabbathica" *Death Valley*, ao final, com *Something to Believe*, estamos diante de um trabalho vencedor. É, Rind, acabou o temor. Você conseguiu!

Ricardo Batalha



Grupo Unico Pdf PaD

POSSESSED

REVELATIONS OF OBLIVION
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

10

Quem realmente acreditava que chegaria o dia em que o lendário Possessed lançaria um novo álbum de inéditas? As décadas passaram e, ao lado de novos parceiros, o lendário vocalista Jeff Becerra concebeu um novo capítulo para a obra maldita de uma das bandas mais relevantes da história. E um ótimo novo capítulo! Se eu não sou daqueles que se empolgam com introduções, a primeira música de verdade do álbum, *No More Room In Hell* chega arrebatando louvores, pois quando penso em metal, este é exatamente o tipo de música que me vêm à mente: é rápida, suja, rasteira e crua. A letra, em um primeiro momento, parece um amontoado de palavras sem nexo, mas não demora para ganhar tom de comando. É ótima para agitar nos shows! *Dominion* faz claras referências aos dois primeiros álbuns do grupo e *Damned* tem aquela pegada feia e traiçoeira que acostumamos ouvir nas bandas alemãs de thrash metal. *Demon*, por sua vez, traz andamentos alternados, partes cadenciadas e velozes se mesclando na forma do speed metal, coisa que também se sente nas ótimas linhas de voz. Mas é com *The Word* e *Abandoned* que sentimos todo o poder da nova formação, sendo que a última citada tem simplesmente o melhor 'breakdown' da carreira do Possessed. Mas, convenhamos, é de tirar lágrimas dos olhos ouvir Becerra entoando '*six, six, six on the head and the wrist*' no início de *Graven*, outra que já nasce clássica. Aliás, como tudo que essa banda fez. Bem-vindo de volta Possessed, agora com todas as honras. Você nem sabe a falta que fez!

Valtemir Amler

ANDRALLS

BLEEDING FOR THRASH
DISTRO ROCK/METAL UNDER STORE - NAC.

9,0

Sete anos de espera valeram a pena. *Bleeding for Thrash* é sinônimo de thrash metal. Não, não espere nada de revolucionário no sexto disco de estúdio do Andralls. E essa nem era a intenção de Alex Coelho (vocal e guitarra), Xandão Brito (bateria) e Felipe Freitas (baixo, Maledettos, ex-NervoChaos), que preenche a lacuna deixada por Eddie C. Sucessor de *Breakneck* (2012), o álbum aposta num som direto e envolto a uma rifferama que provocará torcicolos aos aficionados do estilo. O 'fasthrash' come solto nas alucinadas *We Are the Only Ones* e *Andralls On Fire part III* (a mais pesada da saga) e nas não menos empolgantes *64 Bullets*, *After Apocalypse* e *On Fire*. Outros destaques ficam para *Imminent Cancer* (que faz alusão à batalha de Alex contra um câncer na tireoide) e ao ótimo cover de *Acid Rain*, do Subtera. Isso sem esquecer das homenagens ao saudoso guitarrista Fabiano Penna (Andralls, Rebaelliun, Horned God) em *Legion* e no lance meio country presente no encerramento do disco, intitulado *27.02.18*. Uma linda epopeia thrash de 11 faixas e cerca de 30 minutos.

Thiago Prata

EROS

BACK WITH WISDOM
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Na década de 1980, época em que o thrash metal não apenas surgiu como também passou a dar as cartas no mundo do metal, existia um medo evidente de que o mundo fosse entrar em colapso por conta de um conflito armado, seja pelo uso das armas nucleares ou pelos agentes químicos/biológicos empregados também em armamentos. No auge da Guerra Fria, era impossível ir para a cama e adormecer com a certeza de que o mundo estaria ali no dia seguinte. Bem, essa incerteza permeia obras de gente como Nuclear Assault, Voivod, Onslaught e tantos outros nomes seminais daquela década. Nascido nos anos 80, o Eros compartilha dessa temática, e em *Back To Wisdom* traz para o ouvinte um pouco do terror muito real que moldou o caráter do metal oitentista. As quatro faixas, *Terrorist*, *Universal Warrior*, *Atomic Messengers* e *Target of the Eagle* trazem ótimos riffs, interlúdios mais do que apropriados ao mosh, e tudo mais o que você espera de um bom registro de thrash metal. Então, está esperando o que para conferir?

Valtemir Amler

HOLLYWOOD VAMPIRES

RISE
EARMUSIC/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Depois de um belíssimo disco de estreia autointitulado (2015) e uma performance memorável no Rock in Rio do mesmo ano, o Hollywood Vampires volta com um segundo álbum que tem tudo para repetir o sucesso do antecessor. Baseado na "confraria" Alice Cooper (vocal), Joe Perry (guitarra) e Johnny Depp (guitarra), o Hollywood Vampires continua trabalhando na linha do rock setentista, o que faz de *Rise* um quitute refinado aos apreciadores do gênero. Mas não pense que vai ouvir uma cópia de Alice Cooper ou de Aerosmith. O material composto pelo trio e por Tommy Henriksen (guitarrista da banda de Alice) tem identidade própria. E, de quebra, o disco traz algumas surpresas, como a participação de Jeff Beck no boogie *Welcome to Bushwackers*, Joe Perry nos vocais em *You Can't Put Your Arms Around a Memory*, de Johnny Thunders (guitarrista do New York Dolls) e Depp cantando de forma surpreendente *Heroes*, de David Bowie. Uma celebração aos anos 70, mas sem abrir mão de certa modernidade, *Rise* indica que, mais que uma ação entre amigos, o Hollywood Vampires veio para criar história. Que bom!

Antonio Carlos Monteiro

SWEET OBLIVION (FEAT. GEOFF TATE)

SWEET OBLIVION
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Durante os últimos anos de Queensrÿche e em sua confusa carreira solo, o vocalista americano Geoff Tate tinha dado várias escorregadas e até irritado seus fãs. É, demorou, mas até que enfim o vemos fazendo algo de qualidade, algo que se espera de uma figura tão talentosa. O Sweet Oblivion, que conta com Simone Mularoni (DGM) no baixo e na guitarra, Paolo Caridi na bateria e Emanuele Casali no teclado, não traz nada de novo. Ainda bem, porque é assim que vemos Tate brilhando em cima de um som melódico que mescla prog, metal e hard rock. Veja que "coincidência", este é exatamente o estilo que o fez ficar famoso mundialmente com o Queensrÿche. Tanto que a música que dá nome à banda vem em uma linha calcada no clássico *Empire*. Outros destaques vão para a abertura, *True Colors*, além de *Behind Your Eyes*, *A Recess From My Fate*, *Transition*, *The Deceiver* e *Seek the Light*. Pode conferir sem medo, especialmente se curte Queensrÿche das fases *Operation: Mindcrime*, *Empire* e *Promised Land*.

Ricardo Batalha

Grupo Unico Pdf PaD

OPERA IX

THE GOSPEL

MISANTHROPIC - NAC.

9,0

Após a saída da vocalista Cadaveria em 2001, muitos se perguntaram como seria o novo Opera IX, talvez o mais proeminente nome do cenário black metal italiano naquele começo de milênio. Bem, a banda seguiu em frente, trocando vocalistas e sempre fazendo boa música. Hoje, com *The Gospel*, não apenas estreia em estúdio sua nova vocalista, Dipsas Dianaria, mas lança um dos registros mais fortes de sua carreira. Elementos de folk metal marcam o início da faixa-título, e imediatamente faz o ouvinte pensar no Bathory do final dos anos 80. A viagem por múltiplas referências segue com a lúgubre *House of the Wind*, que tem algo da cena noventista do doom britânico, e ganha ares de superioridade em *The Moon Goddess*, na qual os italianos mostram como é possível fazer black metal sinfônico com muitos teclados, sem soar como uma versão mal maquiada do Epica. Confira ainda *Chapter III*, na qual Dipsas Dianaria rouba a cena em uma performance incrível.

Valtemir Amler

SNAKE BITE WHISKY

THIS SIDE OF HELL

PAVEMENT - IMP.

8,0

Vindos de Brisbane (AUS), terra do pioneiro The Saints, o Snake Bite Whisky tem tudo para agradar fãs de sleaze. Com um som poderoso, visual condizente e a sujeira necessária, Jay R (vocal), David Arens (guitarra), Stacii Blake (baixo) e Al "Ace" Bukva (bateria) sabem o que estão fazendo. E metem o pé sem dó nas referências de Faster Pussycat, Pretty Boy Floyd, Cats in Boots, Hanoi Rocks e afins, além de umas bases herdadas do Motörhead. O quarteto já até se apresentou no Whisky A Go Go, de Los Angeles, e vem chamando a atenção em seu país, onde vem sendo chamado de "a banda mais perigosa e intensa da Austrália". Pode parecer exagero, mas se de lá saiu um filho do AC/DC (Airbourne), por que não os sobrinhos do sleaze? Você vai perceber, desde a abertura com *Damnation Alley*, que eles são politicamente incorretos, tocam sem amarras e falam besteiras (muitas!). Engraçado que na edição #242 saiu a resenha do Babylon Shakes (EUA), que também segue pelos caminhos do Faster Pussycat. Não falei que a melhor coisa da cena musical de hoje em dia é a liberdade de se fazer o que gosta? Pois bem, desfrute estes tempos sem modismos e tendências de embalo

Ricardo Batalha

SAÍDA DE EMERGÊNCIA

NOVA VELHA ERA

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Dentre tantas invencionices que vez por outra pintam na música, é bem legal quando aparece uma banda se dedicando ao rock'n'roll puro, simples, direto e reto. É isso que promete – e entrega – o quarteto formado por Dino Chaves (vocal e guitarra), Leandro de Castro (guitarra), Lelo Carvalho (baixo) e Loks Rasmussen (bateria, também integrante da banda de heavy metal Javali, ex-Pop Javali). Apesar de cantar sobre temas sérios em diversas faixas, como na ecológica *Filhos da Terra*, o que impera nas músicas e até em algumas letras são a leveza e a diversão – e é nessas horas que a gente lembra que esse negócio chamado rock'n'roll foi feito, antes de tudo, pras pessoas se divertirem. O rockão básico *Salve-se Quem Puder*, o groove do boogie *Roupa Suja* e o blusão *Velório de Indigente* são os destaques num disco bem produzido e bem sacado. Talvez umas linhas vocais um pouco menos previsíveis deixassem tudo ainda melhor, mas isso não chega a prejudicar o trabalho como um todo.

Antonio Carlos Monteiro

FRONT COVER POR MARCELO VASCO*

DREAM THEATER

DISTANCE OVER TIME

A capa de *Distance Over Time* foi alvo de grande polêmica, o que, de certa forma, ajudou na promoção do décimo quarto disco da carreira da banda americana de prog metal Dream Theater, lançado em fevereiro último através da gravadora InsideOut Music. Tal polêmica teve início quando o New York Times soltou, aproximadamente doze dias depois da divulgação da capa de *Distance Over Time*, a capa da New York Times Magazine. Nela havia um mar de similaridades entre as artes, quase um plágio, intencional ou não.

Coincidência? Bem, a própria banda, quando viu o ocorrido, postou em seu Twitter o seguinte: "Imitação é a maior forma de elogio, NY Times", juntamente com as imagens das capas, comparando-as. A diretora de arte da revista, inclusive, se pronunciou publicamente alegando: "Sim, elas são muito semelhantes, mas nunca tínhamos visto o álbum. Às vezes, as pessoas desenvolvem a mesma ideia ao mesmo tempo." Será?

Nesse caso, sinceramente acho que não (risos). Mas vamos falar do que realmente importa: a capa. A meu ver, a imagem traz em seu conceito uma alusão à famosa frase "Ser ou não ser, eis a questão", de William Shakespeare, talvez propondo um questionamento de até onde chegaremos ou algo desse tipo, também levando em consideração o título do álbum, que originalmente se chamaria "Velocity" (Velocidade).

A capa traz uma estética bastante clean, simples e direta, aliando o clássico com o futurista. Além de considerá-la muito bonita, ela tem a abordagem certa para figurar em um álbum do Dream Theater. O autor foi o talentoso designer gráfico canadense Hugh Syme. Vencedor do Prêmio Juno, ele é conhecido por trabalhar para muitas bandas de rock, como Aerosmith (*Get a Grip*), Megadeth (*Youthanasia*), Iron Maiden (*The X-Factor*), além de vários discos prévios do próprio Dream Theater, como *Dream Theater*, *A Dramatic Turns of Events*, *Systematic Chaos*, *Octavarium* e *Black Clouds & Silver Linings*.

Curiosamente, além de designer, ele é músico e já participou como tecladista em algumas músicas do Rush, banda para qual também trabalhou. Inclusive, ele é o responsável pela criação do famoso Starman, aquela estrela que o Rush usou de símbolo desde os seus primórdios, como parte do logo, se tornando um enorme ícone da banda.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Grupo Unico Pdf PaD

CAVINA
HOWLS OF MIND
INDEPENDENTE - IMP.

9,0

Formado por dois brasileiros, os irmãos Eduardo (baixo e vocal) e Matteus Cavina (guitarra), e por um boliviano, Javier Sanchez (bateria), o power trio Cavina, radicado em Londres desde 2016, lança seu full-length de estreia. Apesar de a base da música da banda ser calcada no heavy metal, não como negar influências claras de outros gêneros musicais, o que faz do som do Cavina algo único. O blues, por exemplo, é presença marcante no repertório – não por acaso, há uma interessante homenagem a Robert Johnson em *Breaking the Shell*, uma das melhores do disco, assim como o gênero surge em sua plenitude na também genial *Walking Through the Valley*. Mas isso não quer dizer que o peso não esteja presente – ele está em toda parte, como na irada *High N'Low*; em *I Live in Hell*, com seu refrão pra lá de grudento; ou na rifferama de *Weak Flesh*, entre várias outras. Com esse repertório certeiro, uma gravação muito acima da média e execução na linha "sangue nos olhos", o Cavina acertou em cheio nessa estreia. Que venham os próximos capítulos.
Antonio Carlos Monteiro

AXEL RUDI PELL
XXX ANNIVERSARY LIVE
SPV/SHINIGAMI - NAC.

8,0

Prestes a completar 60 anos de vida, o eterno (e icônico) guitarrista alemão Axel Rudi Pell comemora suas três décadas como artista solo com este lindíssimo disco ao vivo *XXX Anniversary Live*, material extremamente luxuoso, lançado em CD digipack duplo e um LP triplo. Um detalhe bacana do álbum é que ele será, novamente, lançado pela SPV, gravadora que abrigou a estreia do guitarrista, em 1989. "A SPV e eu crescemos juntos, testemunhamos altos e baixos e conseguimos superar todos eles. Nunca mude uma equipe vencedora", disse Axel Rudi Pell em recente entrevista. Obviamente, temos em *XXX Anniversary Live* um passeio por toda obra de Axel, que sempre premiou os fãs de power metal e hard rock (aquele típico europeu) com trabalhos de alto nível. Fora a sempre impecável performance de Axel, destaco também a ótima desenvoltura do vocalista Johnny Gioeli, companheiro de palco desde 1997. Com captações feitas durante suas últimas turnês pelo mundo, o alemão prioriza, no primeiro CD, composições mais novas, com destaque para três músicas de seu último e aclamado lançamento de estúdio, *Knights Call*. Dele, temos as boas *The Wild and the Young*, *Wildest Dreams* e *Long Live Rock*. Na outra bolacha, temos algumas coisas mais antigas, como *Carousel*, de *Ocean of Times* (1998), por exemplo. Como não poderia ser diferente, o clima de festa é contagiante. Vida longa ao cavaleiro do metal!
Matheus Vieira

DEAD OR LIVE
UNHOLINESS
INDEPENDENTE - NAC.

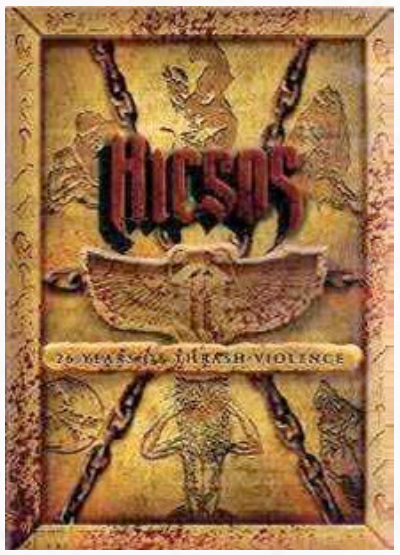
8,0

Completando uma década de existência e já preparando seu quinto álbum, que levará o título de *Monster*, o trio Dead Or Alive apresenta *Unholiness*, um EP de cinco faixas (contando com uma 'intro'). A sonoridade, fortemente baseada no stoner rock, recebe, sem nenhum tipo de preconceito, muito de southern e hard rock. Além disso, traz um conceito bem interessante, abordando o ocultismo e seus mais variados recortes. Assim, cada faixa representa um mistério, interligado pela incompreensão, a escuridão e o sacramento. Com a mesma formação desde seu início, a banda mostra muita classe em faixas como *Total Darkness*, com a guitarra de Charlie Nelson mostrando forte influência do mestre Tony Iommi. O baterista e vocalista Billie The Willie possui um timbre interessante, que se encaixa perfeitamente na proposta musical, como fica claro em *Lucky Charm*, em que o baixista Matthew Daniels também mostra sua capacidade criativa. Já *Devil Doll* tem uma linha mais pesada, enquanto *Jim Jones* traz um vocal com forte referência de Ozzy Osbourne. Como se viu, é claro que este grupo nada tem a ver com o homônimo britânico, do falecido Pete Burns, que fez muito sucesso nos anos 80.
Sergiomar Menezes

GOLPE DE ESTADO
AO VIVO - 30 ANOS (DVD)
VOICE MUSIC - NAC.

9,0

Muita gente estranhou quando, no ano passado, o Golpe de Estado lançou um belo CD ao vivo comemorativo aos seus trinta anos de estrada, mas não fez com que ele fosse acompanhado de um DVD – afinal, hoje em dia é quase obrigatório que o som venha acompanhado da imagem. Em entrevista com Nelson Brito para a ROADIE CREW (vide ed. #235), o baixista se encarregou de explicar: havia sido feita uma gravação em vídeo do show e um DVD seria lançado oportunamente. Pois bem, esse dia chegou. Também intitulado *Ao Vivo – 30 Anos*, com mesmo projeto gráfico e mesmo repertório do CD, o vídeo tem edição correta e ágil, e cumpre aquilo que promete aos mostrar que um show do Golpe, apesar do tempo e das várias mudanças na formação, continua um espetáculo de primeira grandeza. E ainda há os convidados para abrilhantar a festa, como Luiz Carlini (Tutti Frutti), Andreas Kisser (Sepultura), Rogério Fernandes (Carro Bomba) e Mateus Schanoski (Tomada). Porém, assim como no disco, o destaque vai para o vocalista Catalau, que continua dominando palco e plateia como ninguém.
Antonio Carlos Monteiro



HICSOS
26 YEARS OF THRASH VIOLENCE (DVD)
VOICE MUSIC - NAC.

8,0

Se tem uma coisa que o grupo carioca Hicsos, formado atualmente por Marco Anvito (vocal e baixo), Alexandre Carreiro (guitarra) e Marcelo Ledd (bateria), se orgulha, e faz questão de deixar evidente, é estar há quase trinta anos na ativa. Tudo bem, não são tantos registros nestas quase três décadas, já que após três demos lançadas nos anos 1990, o debut, *Eatin' Concrete*, só saiu em 2004. Porém, é exatamente isto que o DVD traz, já que explana de forma detalhada a história dos cariocas, tendo depoimentos de quase todos os integrantes que passaram por suas fileiras, além de nomes como Marcello Pompeu (Korzus) e Airton Diniz (ROADIE CREW). Com produção e edição de Eduardo Martins, o material ainda traz, nos extras, três shows de fases distintas da trajetória do grupo de thrash metal e hardcore. Vamos ver se, após esta digna olhada para o passado, o Hicsos nos brinde com o sucessor de *Circle of Violence* (2012).
Ricardo Batalha

FISHEAD
IN MY HELL
INDEPENDENTE - NAC.

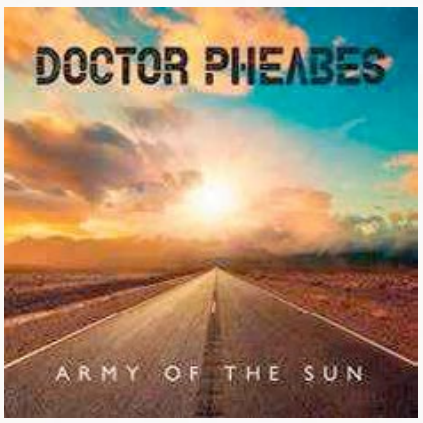
7,0

Nada melhor do que comemorar dez anos de atividades lançando um novo álbum. *In My Hell* é o segundo do Fishead, que há sete anos estreava com o mediano *Green Hope*.

Grupo Unico Pdf PaD

Bem superior ao debut, *In My Hell* mostra uma proposta mais pesada, com arranjos mais elaborados e as referências de prog metal estando mais evidentes do que as de hard rock. Se no primeiro álbum fez falta o uso de teclado em algumas músicas e a voz do guitarrista Danilo Martins ficou devendo, agora a banda acertou ao admitir Jezer Ferris, que "matou três coelhos numa só cajadada". O novo vocalista não só deu mais personalidade ao som do grupo, com linhas mais encorpadas de voz, como também inseriu boas camas de teclado e garantiu uma produção mais coesa do que a do debut – embora eu ache que poderia ter ficado ainda melhor. Por sua vez, Martins teve boa performance, tendo em vista que criou riffs certeiros e belos solos. Musicalmente, há vários destaques, sendo que, entre eles, a extensa *Holy War*, *I Wish I Could* e a instrumental *Under the Chaos* foram as que mais curti.

Leandro Nogueira Coppi



DOCTOR PHEABES

ARMY OF THE SUN
DITTO - NAC.

7,5

Surpreende a faixa de abertura de *Army of the Sun*, justamente a que dá título ao novo álbum do quarteto paulistano formado por Eduardo Parrillo (vocal), Fernando Parrillo (guitarra), Fabio Ressio (baixo) e Paulo Ressio (bateria), vir com uma nova concepção musical. Trata-se de uma mescla de Def Leppard, Black 'N Blue (fase *In Heat*) e Black Sabbath, envolto em muita melodia. Ponto positivo! *Better Off Alone* vem com uma pegada hard na linha AC/DC e The Cult, mas como vocais limpos. Já *Let's Go*, que se inicia com uma batida tribal de Ressio e mantém a pegada The Cult e tem um tempero mais pop, conta com a participação especial de Supla. Embora reconheça qualidades no bônus *Live Forever*, dispenso todas as baladas do repertório, mas ainda destaco as acessíveis *Your Love is Mine*, *Ask of You*, *Find a Way* e a rocker *Back in Town*. O material, produzido pelo saudoso americano Kato Khandwala (falecido em abril de 2018) e por Bruno Agra, brasileiro radicado nos EUA, é muito, mas muito superior aos trabalhos anteriores *Seventy Dogs* e *Welcome to My House*. Confira!

Ricardo Batalha

VREID

LIFEHUNGER
SEASON OF MIST - IMP.

8,0

Após a morte do vocalista Terje "Valfar" Bakken em 2004, os demais integrantes da lenda norueguesa Windir voltaram a se reunir em uma nova banda, justamente o Vreid. Desde então, uma sólida discografia, que já conta com oito álbuns completos de estúdio, foi forjada, mantendo como base o black metal norueguês, mas com muitos elementos trazidos de outros subgêneros. Isso é evidente na faixa-título, na qual o riff inicial transpira uma força que vai do thrash ao black em instantes, enquanto o vocalista Sture Dingsøyr parece evocar os melhores momentos e qualidades dos vocalistas do metal negro de sua terra natal. *The Dead White* tem clima de CD de 'aula de bateria para iniciantes' no começo, mas, antes que você possa abrir a boca para criticar, ela evolui para uma música interessante (e simples), quase que nos mesmos moldes de tantas outras que a banda fez no passado. Destaque absoluto para as longas *Heimatt* (que encerra o disco) e *Black Rites in the Black Nights*, dois épicos que usam diferentes elementos para cativar o ouvinte.

Valtemir Amler

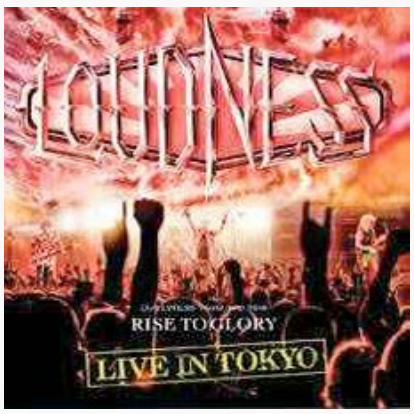
DONNIE VIE

BEAUTIFUL THINGS
AVALON - IMP.

9,5

A mosca com mania de "besouro" que pousou sobre Donnie Vie lhe depositou ovos que, para o resto da vida, lhe farão carregar a influência dos 'quatro rapazes de Liverpool', assim como fez com sua ex-banda, Enuff Z'Nuff. E bendita seja essa mosca 'beatlemaníaca', pois *Beautiful Things* segue mantendo essa verve pulsando em suas veias. Vie, aliás, não poderia ter sido mais feliz na escolha do título de seu quarto álbum solo, pois é essa a sensação que a bolachinha transmite: esquecer as mazelas do mundo e por alguns instantes sentir as 'coisas bonitas' que existem na vida. As deliciosas *Beautiful Things*, que conta com a participação de Paul Gilbert (Mr. Big/Racer X), *Plain Jane*, *I Could Save the World*, *Tender Lights*, *Whatever* e *Fallin' Through the Pages* são viciantes, bem como as lindas baladas ao piano *Fly* e *Back from the Blue* são emocionantes. Recomendo ouvir *Beautiful Things* no parque, deitado na grama, num domingo ensolarado. Ah, outros convidados do álbum são o também ex-EzN Johnny Monaco, Roger Joseph Manning Jr. (Jellyfish) e Matt Walker (Morrisey/Beck).

Leandro Nogueira Coppi



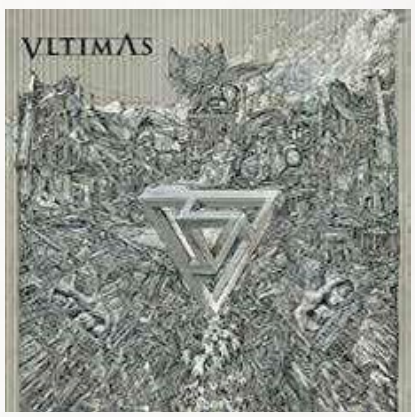
LOUDNESS

RISE TO GLORY - LIVE IN TOKYO
EARMUSIC/SHINIGAMI - NAC.

9,0

A única coisa estranha deste novo lançamento ao vivo do Loudness, gravado em setembro de 2018 no 'Metal Weekend' no Zepp DiverCity de Tóquio, é começar o repertório de um show com *The Lines Are Down*, do clássico *Thunder in the East*. Não é uma música ruim, longe disso, mas não tem aquele impacto de início de show. Porém, como os japoneses explicaram que o set foi baseado na turnê americana de 1985, quando tocaram com o Mötley Crüe, tudo bem. O material duplo, que também saiu em DVD (baseado no recente *Rise to Glory*, de 2018), segue com as ótimas *Crazy Nights*, *Like Hell*, *Heavy Chains*, *Get Away* e *We Could Be Together*. Mesmo sentindo muita falta de *Clockwork Toy*, o CD 1 é completado por clássicos anteriores a *Thunder in the East*, com *Loudness*, *In The Mirror* e *Crazy Doctor*. Isto prepara o ouvinte para o CD 2, que traz músicas dos álbuns *The Law of Devil's Land* (1983) e *Disillusion* (1984), remetendo, ao menos parcialmente, ao histórico primeiro ao vivo, *Live-Loud-Alive* (1983). O melhor de tudo é que a timbragem da guitarra de Akira Takasaki vem nos moldes antigos e as performances individuais estão muito boas, especialmente as dele, do vocalista Minoru Niihara e do baixista Masayoshi Yamashita. Imperdível!

Ricardo Batalha



VLTIMAS

SOMETHING WICKED MARCHES IN
SEASON OF MIST - IMP.

9,0

Confesso que, ao olhar para a capa de forma desatenta, pensei que se tratava do mais recente álbum dos australianos do Portal (*Ion*, 2018). Ao ver estampado na capa o nome Vltimas, a coisa tomou outra proporção, já que não existe como um fã de death metal não se empolgar ao ver um novo trabalho do lendário David Vincent (ex-Morbid Angel). E, tratando-se dele, a possibilidade de ser algo genial ou decepcionante quase se iguala – basta tomar o seu primeiro e último álbum no Morbid Angel como base de comparação. Nem genialidade e nem decepção, a escolha do vocalista aqui foi a segurança. Ao lado do genial baterista Flo Mounier (Cryptopsy) e do guitarrista Rune Erikssen (Aura Noir, ex-Mayhem), Vincent escreveu um álbum seguro de death metal, onde a raiva e a velocidade empatam com o talento e a experiência dos envolvidos. Sem invencionices, sem devaneios amalucados, sem experimentalismos, o destaque em *Something Wicked Marches In* é o equilíbrio entre o talento dos envolvidos, e a fúria que essa mistura foi capaz de oferecer. Para o fã de música extrema, vale conferir o disco em sua totalidade e sem sustos, mas vale destacar atos impuros como *Total Destroy*, a midtempo *Last Ones Alive Win Nothing*, a rápida *Diabolus Est Sanguis* e a critiva *Monolilith*, onde Mounier e Erikssen comandam a ação. Moderno, extremo, pesado até o limite da compreensão, *Something Wicked Marches In* é um álbum que demanda atenção. E o Vltimas, desde a estreia, já se mostra uma banda digna de respeito.

Valtemir Amler

Grupo Unico Pdf PaD

RAMMSTEIN

9,0

RAMMSTEIN
UNIVERSAL - NAC.

O guitarrista Richard Kruspe revelou antes do lançamento do álbum: "Nós experimentamos muito com certos tipos de harmonia através dos versos e muitas estruturas melódicas. Eu sinto que nós inventamos grandes coisas que eu nunca teria sonhado que combinassem com o Rammstein." Tais 'harmonias' e 'estruturas' diferentes ficaram evidentes logo que o polêmico vídeo da faixa *Deutschland* foi lançado, já que a música mostrava um Rammstein mais épico e melódico, e não tão sujo e industrial. Porém, os fãs de longa data não precisam se preocupar, pois *Radio* traz de cara aquele riff típico da dupla Kruspe/Landers, melodias vocais cativantes de Lindemann, e doses incríveis de metal industrial criadas pela levada característica do baterista Christoph Schneider e do tecladista Christian Lorenz. *Zeich Dich* entra com corais grandiosos, vai encorpando o som em um fluxo rítmico único até explodir em um refrão típico da banda. *Ausländer* exigiu algumas audições para ser assimilada, e meio que destoa das demais, mas o ritmo volta aos eixos com a ritmicamente complexa *Sex*, que traz elementos típicos do Rammstein misturados até com algo de indie rock, acredite. *Puppe* também muda os caminhos do álbum, e ganha o ouvinte por sua letra repleta de diferentes significados, e peso descomunal em contraste com dedilhados e melodias doces do início. Ouça a quase eletrônica *Was Ich Liebe* no 'repeat', assim como *Weit Weg*, que nunca mais sairá da sua cabeça. Dedique ao álbum o tempo que ele merece, e perceba que a genialidade desses alemães continua intacta.
Valtemir Amler

CRAFT

WHITE NOISE AND BLACK METAL
SEASON OF MIST - IMP.

9,0

Tudo bem que eles nunca atingiram o mesmo status dos seus conterrâneos de Marduk e Dark Funeral, mas se depender exclusivamente dos fãs de black metal e da força de álbuns como *Terror Propaganda* (2002) e *Fuck The Universe* (2005), os suecos do Craft deverão estar para sempre na primeira prateleira do gênero. E *White Noise And Black Metal* é um álbum que faz por merecer tão bom nome entre os fãs do metal negro. Dotado de bases fortes, músicas simples e diretas e levadas absolutamente brutais, também se destaca por possuir uma boa produção, a cargo de Joakim Karlsson, hoje também guitarrista do Bloodbath, e produtor da lendária banda finlandesa Arckanum. Destaques imediatos vão para *Tragedy of Pointless Games*, com sua primeira metade mais contida e arrastada, e *Yhvh's Shadow*, com ótimos riffs e uma levada de bateria absolutamente ensurdecedora. *White Noise*, que fecha o álbum, é outra boa pedida, e faz ansiar por uma nova oferta de estúdio desses grandes mestres suecos da arte obscura.
Valtemir Amler

DANKO JONES

A ROCK SUPREME
AFM/VALHALL MUSIC - NAC.

7,5

Em silêncio desde o lançamento do bacana *Wild Cat* (2017), o Danko Jones retoma seu stoner e indie rock neste animado *A Rock Supreme*, o nono lançamento da carreira do trio canadense. Direto e simples, o álbum tem produção de Garth Richardson (Rage Against The Machine e Red Hot Chili Peppers) e traz a bela capa assinada por Ulf Lunden (Graveyard e Europe). Para quem conhece (e gosta) do jeito divertido de cantar do vocalista e guitarrista Danko Jones, pode comemorar, pois ele está extremamente teatral em suas interpretações. Ouça *Dance Dance Dance*, *Burn in Hell* e "*We're Crazy* e comprove essa fórmula. Mesmo não seguindo à risca o título do disco, *A Rock Supreme* é honesto e promete agradar o público, de maneira geral. "São 11 músicas e são todas fantásticas. Confie em mim: sabemos o que estamos fazendo quando se trata de hard rock", afirmou Jones em material de divulgação. Apesar das hipérboles, ele tem certa razão.
Matheus Vieira

H.E.A.T.

LIVE AT SWEDEN ROCK FESTIVAL
EARMUSIC/SHINIGAMI - NAC.

8,5

O segundo álbum ao vivo da carreira dos suecos do H.E.A.T. teve um sabor especial, já que foi gravado no maior festival de seu país, o Sweden Rock. Com performances corretas, Erik Grönwall (vocal), Dave Dalone (guitarra), Jimmy Jay (baixo), Lars "Crash" Jarkell (bateria) e Jona Tee (teclado) iniciam o show em alta com *Bastard of Society*, uma das boas do mediano e arriscado *Into the Great Unknown* (2017). Por sinal, como a turnê era deste mais recente trabalho de estúdio, o set trouxe ainda o tempero Def Leppard de *Redefined*, *Shit City* e a chata *Eye of the Storm*. De *Tearing Down the Walls* (2014), além da faixa-título, foram apresentadas *Inferno*, *Mannequin Show*, *Emergency* e *A Shot At Redemption*, com sua pegada Bon Jovi. O hit *Living on the Run* e *Heartbreaker* foram as escolhidas de *Address the Nation* (2012), enquanto o single *Beg Beg Beg* representou *Freedom Rock* (2010) e *Late Night Lady* o debut, *H.E.A.T* (2008). Se o melodic rock, AOR, hard rock e pop dos suecos funciona em estúdio, saiba que ao vivo a coisa não muda de figura. Por sinal, em vários momentos até empolga mais!
Ricardo Batalha

KRYOUR

WHERE TREASURES ARE NOTHING
INDEPENDENTE - NAC.

9,5

Where Treasures Are Nothing não é uma mera estreia. Tamanha a qualidade presente nas 11 faixas do debut – incluindo introdução, duas 'vinhetas' instrumentais e encerramento – do quarteto paulista Kryour, fica difícil imaginar que a banda tem apenas cinco anos de vida. A riqueza nos arranjos e melodias, aliada ao peso dos riffs, ora diretos, ora mais intrincados de Gustavo Iandoli (que também manda bem nos vocais agressivos) e Wesley Peira, e à cozinha técnica de Gustavo Muniz (baixo) e Matheus Carrilho (bateria) é um deleite a muito fã de death melódico, embora seja um som destinado a qualquer aficionado de metal. Não estamos diante de mais uma aposta do underground nacional – o que se escuta aqui é um grupo acima da média. Duvida? Então coloque no talo petardos como *Chaos of My Dream* (que tem uma versão single de 2015), *Restless Silence*, *Falling in Oblivion* (que música, meu amigo!) e *My Conjugué*, partes de um álbum conceitual que retrata valores humanos sob a ótica da ansiedade e da depressão. Tudo envolto à ótima produção de Diego Castro (The Purge, Summeria).
Thiago Prata

Grupo Unico Pdf PaD

NEURO RUPTURA

2K18

INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Nascida na capital gaúcha em meados de 2002, a Neuro Ruptura debuta na cena nacional com o full *2K18*, sucessor do EP *Caminhos*, de 2014. Aqui, estamos diante de dez composições em português que, segundo a banda, representam a essência de seus integrantes, sem se preocupar com rótulos. E faz sentido, nitidamente, o grupo carrega algo de metalcore e new metal mas, realmente, nenhum gênero parece ser o principal. O quinteto, que conta com dois vocais (Marcos Ramírez e Jean Kaiser), ousa ao cantar em português, porém o resultado final se equilibra na normalidade, sem muitas novidades. A produção, assinada por Wes Di Castro, Diego Lucher e Marcus "Titânio", cumpre um bom papel e ajuda a transformar *Nunca Mais Errar* e *Minha Paz* nos melhores momentos do álbum. Apostando em mensagens positivas, a Neuro Ruptura continua a traçar a sua história. E, com certeza, nesse caminho, vão encontrar aquela cereja que falta ao bolo, que, digamos já tem uma "boa massa".

Matheus Vieira

NITA STRAUSS

CONTROLLED CHAOS

SUMERIAN - IMP.

8,0

Famosa por integrar a banda de Alice Cooper e por passar por The Iron Maidens (tributo feminino ao Maiden), Femme Fatale, Critical Hit (grupo que faz versões de temas de games), tocar guitarra para o LA Kiss (time de futebol americano de Paul Stanley e Gene Simmons), rhythm'n'blues com Jermaine Jackson (irmão de Michael Jackson) e se tornar a primeira mulher a obter uma guitarra signature da Ibanez, Nita Strauss obteve sucesso com o financiamento coletivo no Kickstarter e, finalmente, lança seu álbum solo, *Controlled Chaos*. Tendo o namorado Josh Villalta na bateria, Nita se incumbiu das guitarras, baixo e da produção. Nesse seu álbum instrumental, ela dispensa experimentalismos e destoa do hard rock praticado junto à Tia Alice. O mote é o peso, a modernidade e a valorização não só dos solos, como dos riffs. No geral, as músicas têm personalidade, mas mostram a influência de heróis de Nita, como Marty Friedman, Steve Vai, Jason Becker e John Petrucci. Destaque para a versão de *The Show Must Go On* (Queen) e para a bela *Hope Grows*, a qual Nita ousou se desafiar nas partes com violão.

Leandro Nogueira Coppi

IN THE WOODS

CEASE THE DAY

MISANTHROPIC - NAC.

9,0

Depois de revolucionar a maneira como o black metal norueguês soava nos anos 90 e de encerrar as atividades precocemente no ano 2000, o In The Woods, que voltou a impressionar com o incrível *Pure* (2016), agora lança *Cease The Day*. O roteiro básico é aquele que você já conhece: uma mescla incrível de elementos do tradicional metal negro nórdico com música progressiva setentista, incursões pelo jazz e até mesmo umas pequenas doses de indie e pop rock. E olha que tudo vem perfeitamente integrado, sem soar forçado. Com uma forte carga emocional, o álbum abre com *Empty Streets*, dotada de ótimas linhas vocais e de guitarra – o dedilhado remonta aos melhores momentos do Alcest e Agalloch. O repertório ganha um brilho ainda mais etéreo em *Respect My Solitude*, uma belíssima obra que parece evocar a alma essencialmente solitária do povo norueguês. Para uma apreciação mais completa e merecida deste material, confira com atenção a sequência *Cloud Seeder* e *Still Yearning*, faixas que não desgrudam da mente.

Valtemir Amler

SUZI QUATRO

NO CONTROL

SPV/STEAMHAMMER - IMP.

7,5

Lembra dela? A mocinha que botava os bofes pra fora na interessante *48 Crash* (1973) continua na ativa e do alto de seus 68 anos coloca mais um disco nas ruas. Dá pra ver que ela continua com os pés fincados nos anos 70. A fórmula que fez com que Suzi experimentasse seus meses de fama mundial continua intacta: alguns rocks vigorosos, flertes com blues, algumas bizarrices e uma boa dose de pop comandam o disco. De cara, nota-se que a baixista e vocalista encontra-se em forma em ambas as funções. A voz continua firme e vigorosa, enquanto o baixo se mostra correto e no timbre exato – Suzi nunca foi uma virtuose com instrumentista, mas faz o básico de forma correta. O rock comanda a festa, a exemplo do primeiro single, *Macho Man* (nada a ver com Village People!), e de *No Soul/No Control*. Ela também se vale muito do blues, como em *Easy Pickings* e *Going Down Blues*, essa última movida a gaita e metaleira. Doses de pop surgem aqui e ali e até uma espécie de "rock/reggae" chamada *Love Isn't Fair* aparece lá pelas tantas. Correto e divertido, *No Control* não vai mudar ao mundo, mas garante uns bons minutos de diversão.

Antonio Carlos Monteiro

ROADIE PARADE

1 **WHITESNAKE** — FLESH AND BLOOD

2 **POSSESSED** — REVELATIONS OF OBLIVION

3 **DEATH ANGEL** — HUMANICIDE

4 **EXUMER** — HOSTILE DEFIANCE

5 **ENFORCER** — ZENITH

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Grupo Unico Pdf PaD

STOP, STOP!

GET SELFIED
INDEPENDENTE - IMP.

9,0

A banda mais divertida da europa está de volta! Dessa vez, o Stop, Stop! ataca de *Get Selfied*. Caso você ainda não conheça o grupo, recomendo-lhe conferir os novos clipes *The Last Call* e *Renegade*, justamente as melhores músicas desse quarto álbum. É certo que se você for fã de sleaze glam, esses vídeos lhe viciarão no som dos tres-loucados Jacob A.M. (vocal e baixo), Vega Vega (guitarra) e Danny Spasov (bateria). *Get Selfied* mostra-se mais variado do que os anteriores, *Barcelo-ningham* (2016), *Join the Party* (2014) e *Unlimited* (2010). Por exemplo, *On the Red Line* remete ao som do Bang Tango e a amena *You Drive me Loco* a Stones e Quireboys. Já *You're Rock & Roll* começa agitada, dá uma acalmada e explode novamente, enquanto que *Living a Lie* tem uma verve mais pop. Mas o groove tradicional do S^2 segue intacto nas animadas *Have it*, *Trending Topic* e *Keyboard Warrior* – essa é para dançar jogando os ombros, fazendo 'duck face' e estalando os dedos, ao melhor estilo Paul Stanley. De novo, o Stop, Stop! acertou a mão: *Get Selfied* é mais um ótimo álbum em sua discografia!

Leandro Nogueira Coppi

VALIS ABLAZE

BOUNDLESS
LONG BRANCH - IMP.

7,5

O Valis Ablaze foi formado em 2013, em Bristol (ING), e tem apresentado um trabalho interessante mesclando prog metal e alternativo. Após uma razoavelmente boa recepção com o lançamento do EP *Insularity* (2017), Phil Owen (vocal), Tom Moore e Ash Cook (guitarras), George Demner (baixo) e Rich New (bateria) trazem seu debut completo. A produção é de qualidade e a roupagem é de uma sonoridade bem atual, voltada à onda do gênero recentemente criado e cunhado como djent, o qual destaca bandas como Meshuggah, Textures e Tesseract. Assim, você irá encontrar aqui uma profusão de acordes de guitarra intensamente abafados e dissonantes, imersos em atmosferas dinâmicas e viajantes, os quais se alternam numa base comum melancólica. Após uma introdução carregadamente emotiva e atmosférica com a *Afterlight*, a beleza é ressaltada em *The Crossing*, com sutis e bem estruturadas combinações de notas limpas e distorcidas. *Lumen* é marcante e acessível, contrastando mais as melodias e o peso. Os momentos de maior peso se destacam em *Hex*, *The Static Between Us* e *Faster Than Light*. Um começo promissor!

Écio Souza Diniz

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

DIO

HOLY DIVER

DIO - O saudoso Ronnie James Dio (ex-Elf e Rainbow) teve divergências com Tony Iommi em relação à mixagem de *Live Evil* (1982). Assim, ele e o baterista Vinny Appice deixaram o Black Sabbath e montaram o Dio.

Ronnie considerava a faixa-título uma música de ficção de cunho religioso, tratando de uma figura salvadora que se sacrificou pelos pecados dos outros em um planeta e estava "mergulhando" para repetir as ações em outro. A épica e cadenciada composição tomou forma com a entrada do também saudoso baixista Jimmy Bain e do guitarrista Vivian Campbell (atual Def Leppard) e se tornou um destaques ao lado de *Rainbow in the Dark* e *Don't Talk to Strangers*. "Dio é uma influência para qualquer headbanger e *Holy Diver* é um de seus clássicos. Quando a Kerrang! nos convidou para uma compilação tocando músicas de grandes nomes do metal, concordamos que essa música seria perfeita", disse o baixista Mike D'Antonio (Killswitch Engage) à ROADIE CREW sobre o cover de *Holy Diver*, que também foi gravado por Pat Boone, Pain of Salvation, Holy Mother, Axel Rudi Pell e outros.

O repertório deste clássico, lançado em 1983, ainda traz *Stand Up and Shout*, *Gypsy*, *Caught in the Middle*, *Straight Through the Heart*, *Invisible* e *Shame on the Night*.

Airton Diniz (editor): **9,0**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,5**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (colaborador): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **10**
Fernando Pires (diretor de arte): **10**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **10**
Heverton Souza (colaborador): **8,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **10**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **8,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,0**
Maicon Leite (colaborador): **9,5**
Matheus Vieira (colaborador): **10**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **10**
Sergiomar Menezes (colaborador): **10**
Thiago Prata (colaborador): **10**
Valtemir Amler (colaborador): **9,0**

MÉDIA FINAL: 9,57

Grupo Unico Pdf PaD

DIA MUNDIAL DO ROCK

QUEEN
CONCEPT

JEFF SCOTT SOTO

13/07 - SÁBADO - 22HS

MANIFESTO BAR RUA IGUATEMI, Nº 36C

www.MANIFESTOBAR.com.br

INGRESSOS ONLINE: www.ticketbrasil.com.br
PONTOS DE VENDA: Manifesto (Sem taxa de conveniência)
e pontos conveniados Ticket Brasil (Sujeito a taxa de conveniência)

OPEN THE ROAD

RICHIE RAMONE

INGRESSOS ONLINE: www.ticketbrasil.com.br
PONTOS DE VENDA: Manifesto (Sem taxa de conveniência)
e pontos conveniados Ticket Brasil (Sujeito a taxa de conveniência)

21/07 - DOMINGO - 18HS

MANIFESTO BAR RUA IGUATEMI, Nº 36C

www.MANIFESTOBAR.com.br

TANK

18/08 - DOMINGO - 18HS

MANIFESTO BAR - RUA IGUATEMI, Nº 36C | www.MANIFESTOBAR.com.br

INGRESSOS ONLINE: www.ticketbrasil.com.br
PONTOS DE VENDA: Manifesto (Sem taxa de conveniência)
e pontos conveniados Ticket Brasil (Sujeito a taxa de conveniência)

anúncio: www.jduartedesign.com

Grupo Unico Pdf PaD

TOMI JOUTSEN

NASCIMENTO: 30 de abril de 1975, em Lohja (FIN)
BANDAS QUE INTEGROU: Amorphis, Hallatar, Corpse Molester Cult, Feelings, Sinisthra, Tuska 20, The Candles Burning Blue, Nevergreen, Käsi e Funeral Jacket

POR HEVERTON SOUZA

Privilege Of Evil: "Não lembro exatamente qual foi a primeira vez que ouvi, mas, para mim, o primeiro registro do Amorphis foi o álbum *Karelian Isthmus*. Porém, sei que *Privilege of Evil* é um trabalho importante para muitos dos fãs, especialmente os que curtem death metal 'old school'. Eu tive a honra de ver os caras tocando algumas músicas ao vivo dessa época numa edição do festival Tuska. Não me lembro exatamente quais sons, mas é realmente um ótimo death metal. Alguns podem achar que soa como porcaria, mas é um death metal anos 90 totalmente honesto, em sua forma mais pura. Me lembro no show que o baterista não era muito bom com os pedais duplos (risos), mas também era preciso considerar que eram todos muito jovens e apaixonados pela música, não havia muita técnica. Havia a mais pura energia e paixão pelo death metal."
Álbum: Privilege of Evil (EP, 1993)

Against Widows: "Essa é uma música que já tocamos muitas vezes, e é um dos sons que mais funciona em palco. Atualmente, Tomi Koivusaari (guitarrista do Amorphis) canta a parte gutural que foi originalmente gravada por ele. Tivemos essa ideia para apresentarmos algo especial. Ele é muito tímido e tem vergonha de sua própria voz. Eu até entendo, porque ele era muito jovem quando começou a fazer isso, mas passamos anos falando sobre isso até ele topar. E, agora, ele está cantando essa música, o que é muito legal para os fãs."
Álbum: Elegy (1996)

Tuonela: "Não sou um grande fã dessa fase, mas prezo muito por eles terem se arriscado sem se importarem com opiniões alheias. É um tipo de música muito sentimental, honesta e de uma energia única, com toques muito finlandeses. Sei que muitos disseram que a banda estava se tornando comercial, mas acho que eles apenas queriam fazer algo diferente, com esse apelo mais progressivo. Quanto ao vocal de Pasi, quando ele entrou na banda foi um choque, porque eu estava acostumado a ouvir a voz de Tomi (Koivusaari), e ali era minha fase favorita. Mas Pasi é um cara que sempre fez tudo de forma única e com um excelente vocal. Apenas sinto que, ao longo dos anos, ele foi perdendo sua motivação."
Álbum: Tuonela (1999)

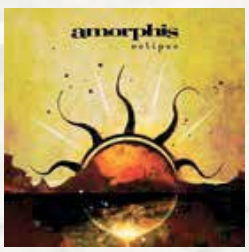
Day Of Your Beliefs: "*Far From the Sun* foi

FOTOS: THIAGO SANTOS

Grupo Unico Pdf PaD

um disco importante pra mim, pois foi na turnê dele que entrei para a banda. Tem grandes músicas como essa, mas você pode notar que já faltava motivação. Há um mix de emoções em todo o disco, uma verdadeira viagem, alguns momentos com uma certa 'atmosfera' reggae (risos). Lembro que a parte americana da turnê foi um desafio, porque uma parcela dos fãs ali não aceitava a saída de Pasi. Em um show em Los Angeles tinha um cara na plateia que estava realmente desapontado em ser eu o vocalista. Eu o entendo, mas ele ficou jogando limão em mim e xingando. (risos). Acho, sim, um bom disco e, talvez, *Day of Your Beliefs* seja uma grande representante dele. Porém, sei que os caras não morrem de orgulho desse álbum. Talvez não pelas músicas, mas porque representa um período conturbado."

Álbum: Far From the Sun (2003)



House Of Sleep:

"Nós já tocamos essa umas mil vezes ao longo desses anos. Quando se toca na Finlândia, em festivais mais populares, é uma que todos conhecem, é uma música pop e acho interessante ter uma assim. Temos várias músicas fortes, que podem ser tocadas nas rádios, e é algo que é preciso ter como banda se você quer atrair mais públicos. Porém, esse nunca foi o nosso objetivo. Apenas fazemos as músicas e *House of Sleep* nasceu de forma muito natural. Eu gostaria de não ter que tocá-la todas as noites (risos). Não estou dizendo que a odeio, mas é que nós já a tocamos tantas vezes que, para mim, enjoou um pouco. Porém, quando você vê reação das pessoas quando a tocamos e como realmente amam a música, você respeita isso."

Álbum: Eclipse (2006)

Towards And Against:

"Aí tem vocais altos, mas nem tão altos assim (risos). Já tocamos muito essa música e era muito funcional em palco, porque tem essa batida meio 'disco', e nós gostamos de usar esse tipo de batida. Não em todos, mas em quase todos os discos da minha fase. Era legal tocá-la, porque ela tem várias nuances, soa ótima em festivais de verão e tem um ótimo riff para bangear. É mesmo uma ótima música do Amorphis."

Álbum: Silent Waters (2007)

Sampo:

"Sampo é uma palavra finlandesa, que vem do Kalevala (livro tradicional no folk finlandês). É uma espécie de máquina de dinheiro e é uma das histórias mais importantes do livro. Atualmente não a tocamos mais. São tantas músicas e acho que também já tocamos demais essa. Não é difícil montar um repertório com tantas opções boas, mas não somos uma banda que toca por duas horas por noite. Sei que cada fã tem sua música favorita, mas não dá para agradar a todos. Às vezes, fazemos algo diferente na Finlândia, mas também não dá para fazer sempre."

Álbum: Skyforger (2009)

The Wanderer:

"Essa letra foi escrita por Pekka Kainulainen. Ele era professor de artes numa escola em que estudei, ensinava pintura, fotografia. Um senhor um pouco mais velho que eu, acredito que hoje esteja com uns 60 anos. Eu gosto muito dele, porque ele tem uma mente muito aberta, um grande coração e é uma pessoa muito humana. A história vem da vida pessoal dele. Ele é o andarilho (Wanderer) da música, um cara muito pobre que vive sozinho e tem uma história muito interessante. Ele é um artista de verdade e, apesar de ser triste, ele soube como escrever sobre isso."

Álbum: Circle (2013)

Amongst Stars:

"Nós fizemos alguns shows com Anneke (Anneke van Giersbergen, cantora holandesa que participa da música), inclusive dividimos o palco com ela em Helsinque, em um show especial. Ela é incrível. Todos a amam. Ela é uma grande musicista, grande cantora, ela é perfeita... Nós tivemos a ideia de ter alguma voz feminina no disco e ela foi, de cara, a primeira opção em que pensamos. É uma profissional, mas também uma amiga. Claro que os demais da banda a conhecem há mais tempo, desde a época da banda The Gathering. E ter feito tantas coisas em diferentes bandas, faz com que todos queiram trabalhar com ela."

Álbum: Queen of Time (2018)

Severed Eyes:

"Lembro que gravamos num home studio em Helsinque. Me encontrei com Juha Raivio (N.R.: guitarrista do Swallow the Sun e criador do projeto) e tínhamos algumas ideias e melodias, mas muita coisa foi criada durante a gravação. As coisas apenas aconteceram, de uma forma meio mágica, natural. É diferente chegar para gravar músicas ainda sem estruturas e um pouco estressante não saber o que terá ao final do dia. Mas, por outro lado, sempre dá a chance de surgir algo interessante, belo, algo que nunca fez antes. Como cantor é meio arriscado entrar em estúdio sem saber o que será feito, mas, como artista, é preciso saber entrar no momento, tentar ser honesto e sentir a emoção daquilo. Não se trata de procurar pelas notas certas, mas de entrar no sentimento do que está fazendo. Juha compôs todo o disco após sua esposa falecer de câncer e todas as letras foram deixadas por ela. É uma história triste com todo um lado poético e foi tudo dedicado à Aleah Starbridge, sua falecida esposa. A criação do álbum foi mais como uma forma de terapia para ele. Ele chamou a mim e o Gas Lipstick (baterista, ex-Him) para fazermos o disco juntos e o fizemos, como amigos. Foi um projeto diferente, mas as pessoas amam o disco e quando tocamos os sons ao vivo na Finlândia, tem-se um momento mágico, de sentimentos mágicos. Tocamos no festival Tuska para cerca de cinco mil pessoas e, após cada música, tudo que se tinha era um completo silêncio. Foi meio estranho, tinha um clima fúnebre, isso porque a maioria das pessoas conhecia a história do disco e tratava com muito respeito, sem também saber muito como reagir."

Álbum: Hallatar - No Stars Upon The Bridge (2017)

OVERKILL

HERÓIS DE GARDEN STATE

COM REFERÊNCIAS QUE VÃO DO HEAVY METAL CLÁSSICO AO PUNK ROCK, A LENDA DE NEW JERSEY APRESENTA SUA NOVA OBRA THRASH

POR VALTEMIR AMLER

O vocalista Bobby "Blitz" Ellsworth é certamente um dos sujeitos mais 'boa praça' de todo o cenário thrash metal. Amigável, de sorriso fácil e extremamente gentil, ele deixa qualquer um confortável com a sua presença. Porém, a voz 'esganiçada' e o temperamento amigável não são suas únicas virtudes. Nesta entrevista, centrada em *The Wings of War*, vigésimo registro de estúdio da banda americana, ele nos mostra o incrível processo de composição e criação que resultou no trabalho mais heavy e, ao mesmo tempo, mais extremo do Overkill. Prepare-se para boas risadas, pois Bobby está de novo nas nossas páginas!

No ano passado nós conversamos sobre *Live in Overhausen*, mas aquele álbum ao vivo não foi a única atividade da banda em 2018, certo?

Bobby "Blitz" Ellsworth: Pois é, conversar tem se tornado muito regular para nós (risos). Bem, 2018 foi um ano muito trabalhoso, mas *Live in Overhausen* não foi o que deu trabalho, já que foram apenas algumas entrevistas, e ele já estava pronto. Foi um ano cheio de muitos compromissos e também um ano em que estávamos em estúdio preparando esse disco que agora foi lançado. Então, acabou sendo um período bem corrido.

Qual foi a principal causa dessa sensação?

Bobby: Acho que o fato de que estávamos todos em estúdio, tentando ver como funcionaria a nova química com Jason Bittner (baterista), já que, como você sabe, esse é o primeiro álbum dele conosco. Quando muda um integrante e você lança um novo álbum, precisa reajustar a química entre a banda. É um novo time que está trabalhando. Bem, claro que já o conhecíamos bem, afinal, ele estava tocando conosco por três quartos de ano – talvez estivesse até um ano inteiro no Overkill antes de gravar algo em estúdio conosco. Isso continua sendo algo que nos anima muito! Estávamos gravando *The Wings of War* e sentindo a nova química dando frutos, o que é muito bom. É uma sensação incrível, pois eu ainda fico ansioso com isso. Você está gravando um álbum e pensando nele como um bebê que vai nascer: 'ele será saudável?'; 'será bonito?' No fim das contas, sentimos que todas as nossas expectativas tinham sido compensadas, e que 2018 foi um ano ótimo para o Overkill. Lançamos um álbum ao vivo que foi muito bem recebido, sentimos que Jason estava cada vez mais bem integrado à banda, fizemos turnês e festivais, e gravamos mais um álbum de estúdio... Foi um ano longo, repleto de trabalho, exatamente como gosto que seja.

Além disso, você ainda gravou os vocais para *Mother of Sin*, que está no mais recente álbum do Metal Allegiance, *Volume II: Power Drunk Majesty*.

Bobby: Ah, é verdade. Mike Portnoy tinha me convidado alguns anos atrás, e eu não pude fazer naquela ocasião por conta de alguns problemas familiares que demandaram a minha atenção. Mas eu amo aqueles caras, o que posso dizer? Todo mundo sabe que sou amigo de David (Ellefson), Alex (Skolnick) e Mike (Portnoy) há muitos anos, e Mark Menghi é uma pessoa incrível, que tem exatamente o mesmo temperamento que o meu, e que sinto que é a peça central do Metal Allegiance.

Quando resenhei o novo álbum do Metal Allegiance, escrevi que você transformou-o em Overkill com sua voz. Na verdade, se você cantar no chuveiro será o 'banho do Overkill', e sempre será assim.

Bobby: Sim, e eu tomo banhos realmente maravilhosos, mas sem o Overkill (rindo muito). Eu realmente estava muito confortável para gravar com aqueles caras. Você sabe, todo o lance do Metal Allegiance é sobre pessoas que amam metal, tocando metal para se divertir. Simples assim. Não é uma grande máquina de fazer dinheiro, mas algo muito divertido e interessante.

Voltando para o Overkill, você falava que havia uma diferença por conta da nova vibração, com Jason Bittner na bateria. O quanto ele, de fato, influenciou o resultado final de *The Wings of War*?

Bobby: Sim, e essa vibração muda o jogo, seja quando você quer buscar um novo resultado ou quando quer repetir uma fórmula. Quando estávamos em estúdio com Jason ou com qualquer outro novo integrante que tenhamos tido ao longo dos anos, uma coisa era clara para nós: só existem duas possibilidades. Ou você não aceita a transformação na atmosfera da banda e força as coisas para que continuem como antes, ou aceita a mudança e trabalha com ela. Nós escolhemos a segunda opção. Jason teve total liberdade para expor aquilo que queria fazer nessa ou naquela parte da música. Assim, muitas vezes a ideia que ele tinha para uma parte da música simplesmente mudava a vibração dela para algo ainda mais vibrante e pesado. Eu achei isso ótimo e soou muito bem. Então, sentimos que podíamos de fato deixar que ele decidisse questões sobre o tempo, e outros detalhes.

THE WINGS OF WAR
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI - NAC

Levando em consideração o que vocês fizeram em *White Devil Armory* (2014) e *The Grinding Wheel* (2017), é possível perceber que existe uma mudança, com *The Wings of War* meio que abrindo um novo caminho.

Bobby: Sim, exatamente, é isso que eu também sinto. Mais que isso, essa mudança é algo que nós procuramos para o novo álbum. Veja, não quero dizer que existe algo de errado com *White Devil Armory* ou com *The Grinding Wheel*, na verdade eu gosto muito deles e diria que formam a parte mais forte do nosso repertório nesse século. Porém, sinto que aqueles álbuns meio que formaram um padrão do som e da música do Overkill. Eles se tornaram tão grandes que as pessoas e até nós mesmos já esperávamos que entraríamos em estúdio para soar exatamente daquela maneira. Então eu, e também D.D. (Verny, baixista), tínhamos na cabeça que este novo álbum teria que soar um pouco diferente que os antecessores. Óbvio que não queríamos soar como outra banda e nem fizemos isso, mas queríamos que houvesse uma diferença, ou, como você disse, um novo caminho. Então, a primeira coisa que pensamos foi: ao invés de começarmos com um 'riff' típico de speed/thrash, vamos começar com um riff clássico de heavy metal. Veja, não é uma mudança tão grande assim, especialmente se você levar em consideração que o thrash metal veio da influência que as bandas de metal clássico tinham em nós. Mas, ao nos permitirmos essa pequena mudança na forma de conceber a nossa música, todo um novo leque de possibilidades sonoras se abriu para nós.

Sim, é sobre isso que estou falando. A impressão é que este é um álbum que realmente soa como um álbum, como uma unidade, ao mesmo tempo em que ele atira para vários lados em suas músicas.

Bobby: Definitivamente, é isso mesmo! Veja, tecnicamente o heavy metal é mais 'leve' do que o thrash metal, então, se escolhemos trabalhar com heavy em vez de thrash deveríamos soar mais leves, certo?

Sim, mas o que sinto é que neste álbum o Overkill está mais próximo de algo extremo do que nunca esteve.

Bobby: E está certo de novo, pois nós jamais buscaríamos influências no heavy metal para 'aliviar' o nosso som. Nós pegamos a vibração do heavy metal clássico e adicionamos o nosso lado thrash para transformá-lo em algo mais extremo, ao mesmo tempo em que o heavy deixava o nosso thrash mais cativante e memorável. Esse é apenas um dos experimentos que fizemos aqui, pois existe algo definitivamente punk em algumas músicas, como você pode sentir em *Welcome to the Garden State*.

Mas ainda é thrash metal.

Bobby: Claro, ela é muito bem tocada para ser uma música punk (risos gerais).

Bem, eu lembro que você disse, no início do processo, que este álbum soava como 'algo antigo que se torna novo mais uma vez'. Realmente faz sentido quando ouvimos canções como *Distortion* e *Welcome to the Garden State*.

Bobby: Sim, e eu disse isso justamente por conta dessa vibração que o heavy metal garante para a nossa música. Como disse, começamos a trabalhar a partir de riffs de heavy metal, mas nós somos uma banda de thrash metal, e isso nunca vai mudar. Conforme tocávamos aqueles riffs e avançávamos no processo de composição, sentíamos que aquele material ia ganhando mais força, mais explosão e a bateria estava soando cada vez mais brutal. Então, para mim, isso tem muito a ver com a maneira como nós começamos. Se você começa com um riff de metal clássico estamos falando em uma volta no tempo, pois é como se estivéssemos novamente em 1985. É esse o sentimento. Realmente, me senti como se estivesse assistindo o surgimento da NWOBHM, e criando músicas para a minha banda, como se estivesse no passado. Porém, hoje temos uma paleta de cores muito diferente. Temos muito mais recursos musicais e podemos levar tudo adiante, para um passo além.

As músicas evoluíram para outra dimensão enquanto eram compostas.

Bobby: Exatamente! Foi um trabalho realmente incrível de fazer, uma ótima experiência. Tudo começou a partir de um riff de heavy metal, apresentado nos formatos do thrash. Jason foi acrescentando linhas de bateria cirúrgicas, cada vez mais brutais, e Dave (Linsk, guitarrista) foi colocando muitas melodias em volta de todas as linhas que Jason ia tocando. Eu fui encaixando, ou tentando ressoar as melodias de Dave. Então, em *The Wings of War* você tem todo um processo real de composição e criação, algo tão intenso e brutal que me leva de volta até 1990. No entanto, com uma qualidade de gravação e produção muito melhor do que tínhamos naquela época, o que faz toda a diferença quando você tem músicas onde vários instrumentos precisam chamar a atenção do ouvinte.

Sim, e isso realmente chama a atenção! Eu ia mesmo comentar que o som das guitarras neste álbum lembra aquele que muitos discos tinham nos anos 1990.

Bobby: Sim, nós buscamos isso, aquele som na cara, ríspido! É algo antigo se tornando novo mais uma vez (risos). Muitos dizem que o Overkill não muda, que é sempre o mesmo, e eu entendo o que querem dizer, mas não é verdade. Eu tenho orgulho de ter trabalhado para que cada um dos nossos álbuns fosse diferente. Conseguimos isso, embora sempre com equilíbrio, para que, ao encerrar a audição, você tenha certeza de que ouviu um álbum do Overkill. Isto é o que tenho mais orgulho quando falo com alguém sobre esse novo álbum. Pela primeira vez em muitos anos, nós estamos falando sobre como um novo álbum do Overkill é, e não sobre como eles costumavam ser.

Além dessa busca por uma sonoridade específica, da nova vibração ao lado de Jason Bittner e da citada infusão de heavy metal e punk, *The Wings of War* ainda guarda outras boas surpresas, como aquele início de *Last Man Standing*, que lembra metal industrial.

Bobby: Ah, sim, aquela passagem é realmente ótima, muito pesada, e achamos que era sensacional para abrir o disco, pois ela o obriga a prestar atenção. Mas eu vou lhe contar um segredinho: você consegue imaginar de onde vem aquele som de metal industrial que você gostou? Bem, estávamos em uma das nossas muitas viagens de turnê, aborrecidos até a morte em um aeroporto, e, então, Dave foi numa dessas máquinas de café, e apertou o botão, e a coisa não funcionava direito. Ele ficou repetindo, apertando de novo 'pén, pén, pén...' (N.R.: Bobby imita o som da máquina). Na hora eu fui correndo com o gravador, 'repita isso, Dave'. Ele não entendeu o que era, mas eu disse, 'faça exatamente o que você fez antes, acho que temos uma introdução para o nosso novo álbum' (gargalhadas gerais). Agora eu já não sei se você adorou a música, ou apenas se estava com uma vontade danada de tomar café (risos).

D.D. Verni, Jason Bittner, Dave Linsk, Derek Tailer e Bobby Blitz buscaram diferentes referências musicais no novo álbum

COMEÇAMOS A TRABALHAR A PARTIR DE RIFFS DE HEAVY METAL, MAS NÓS SOMOS UMA BANDA DE THRASH METAL, E ISSO NUNCA VAI MUDAR

Grupo Unico Pdf PaD

ABSOLUTE MASTER
APRESENTA

THREADS

LANÇAMENTO DO ÁLBUM
BLEEDING FOR THRASH

BANDA CONVIDADA

CORPSIA

LANÇAMENTO DO ÁLBUM
MURDER MIND

19 DE JULHO
A PARTIR DAS 19H

Local: ESPAÇO SOM
Rua Teodoro Sampaio, 462

REALIZAÇÃO

PRODUÇÃO

APOIO

Grupo Unico Pdf PaD

PASSOS FIRMES SOB O GÉLIDO SOL NEGRO

Garra e honestidade musical marcam a nova faceta dos gigantes do black metal belga

POR VALTEMIR AMLER

Após cinco anos, um tempo acima do normal para os padrões da banda, o Enthroned está de volta, com seu novo e décimo primeiro álbum de estúdio. O líder e vocalista Nornagest explica que o longo período sem um novo trabalho não se tornará uma regra, e com bom humor, explica o método de trabalho dos belgas, que há muitos anos brilham entre os gigantes do 'metal negro'. Sem meias palavras, ele também mostra o seu ponto de vista sobre alguns pontos específicos do mercado musical, deixando claro que o grupo não trairá seus princípios, nem que isso represente uma mudança de status. Ao ouvir *Black Cold Suns*, é justamente isso que você perceberá: o Enthroned está de volta, forte e firme como nunca, e ainda mais aguerrido aos seus valores tradicionais.

O Enthroned já está há muitos anos nesta jornada e *Black Cold Suns* é, na verdade, o décimo-primeiro álbum completo da banda. Ainda assim, lançar um novo disco continua sendo algo empolgante para vocês?

Nornagest: Sim, pode apostar, estamos muito empolgados com o lançamento do nosso novo álbum. Como posso explicar, é um lançamento que estamos aguardando por anos... Quer dizer, estamos trabalhando neste álbum por alguns anos e, então, claro, ficamos felizes em ver que finalmente ele será lançado. Pois é, foram cinco anos loucos desde o último álbum. Por isso, é realmente grande a vontade de mostrar o novo Enthroned, seja no álbum ou nos palcos.

Vocês já experimentaram algumas dessas novas músicas ao vivo, além daquela que pudemos ouvir no show do festival Setembro Negro de 2018?

Nornagest: Não, foi só aquela música mesmo, ao menos até o momento. Na verdade, nós tocamos *Hosanna Satana*, que também é o nosso single mais recente, em nossa turnê pela América Latina em 2018. Então, foi uma música apenas, mas testada em diferentes palcos. A recepção foi além daquela que esperávamos. Você sabe, nos nossos shows as pessoas realmente agitam muito, mas quando tocamos essa música, cara, eles foram à loucura! Quando vimos aquilo, nós pensamos: 'acho que está funcionando' (risos).

Sim, e está funcionando por um bom tempo! Este é o décimo-primeiro álbum do Enthroned e sua jornada chega aos 26 anos...

Nornagest: Sim, é mesmo! Hoje em dia, o simples fato de você ultrapassar a marca dos dez álbuns já é uma coisa para ser comemorada, mas quando para e pensa... Uau, já são vinte e seis anos. Quer dizer, parece que foi ontem que me reuni pela primeira vez com a banda para ensaiar, e hoje estamos aqui falando sobre o décimo-primeiro álbum e sobre os 26 anos de jornada. Pode apostar, isso é algo digno de ser celebrado, mas não é algo que você percebe no dia a dia. É quando você está na sua casa, quando coloca o novo disco para tocar e está confor-

Grupo Unico Pdf PaD

tavelmente sentado que percebe e pensa: 'uau, estou fazendo isso por quase trinta anos'. É uma sensação incrível, mas também um pouco esquisita (risos).

Sim, estamos todos mais velhos (risos). Mas, no curso destes quase trinta anos, você sente muitas diferenças na sua forma de conceber música ou tem tentado se manter fiel à sua antiga fórmula?

Nornagest: Posso lhe garantir que nós nunca tentamos soar iguais ou quisemos apresentar uma mesma fórmula em diferentes álbuns. O que nós sempre fizemos, em cada uma das nossas músicas, é seguir a ideia de que devemos escrever, compor e tocar a música que está no nosso coração e em nossa alma. No início da nossa jornada, embora houvesse certa influência daquilo que estávamos ouvindo na época, nunca tentamos imitar a música que os nossos ídolos tocavam. Hoje, posso dizer que não existe nenhuma influência externa na música do Enthroned, e que também não tentamos copiar o que já fizemos. A nossa música é menos sobre influência e mais sobre a tradução dos sentimentos, da raiva ou de qualquer outro que tenhamos num dado momento. Mas, claro, muitas coisas mudaram ao longo dos anos. Quando começamos éramos um bando de jovens irados empunhando instrumentos, mas hoje somos homens maduros, ainda um pouco nervosos demais para sermos realmente maduros com nossos instrumentos (risos). Sinto que a banda é como uma pessoa. Ela cresce, amadurece, mas nem por isso renega aquilo que acredita. Ainda temos a mesma dedicação e a mesma visão e, nesse sentido, sinto que nós somos ainda 'piores' do que éramos antes. Somos ainda mais dedicados, mais comprometidos com o conceito, mais dedicados às nossas crenças.

Isso é diferente do que muitas bandas diriam.

Nornagest: Sim, eu sei. Muitas bandas continuam fazendo discos porque elas querem continuar na estrada e permanecer fazendo shows, esse tipo de coisa. Não é o nosso caso, nós queremos mais do que isso. Acreditamos que nossa música deve representar mais do que simplesmente isso.

Existem muitas bandas que simplesmente não desejam lançar novos álbuns, algo que todo mundo já leu em entrevistas e depoimentos de músicos. Então, para você, qual é o sentido de continuar a compor não apenas um par de novas músicas, mas novos álbuns completos?

Nornagest: Para mim, está é a verdadeira função de uma banda. Eu não consigo entender qual é o ponto de você se manter existindo sem fazer novos álbuns. Qual é o sentido de passar os anos repetindo e repetindo as mesmas músicas, tocando apenas os clássicos dos primeiros álbuns? Existem muitas bandas vivendo no passado e isso é triste. Sabe, recebemos muitas propostas de promotores de shows, de fãs – na verdade, até perdemos fãs porque nós não queremos fazer shows especiais de determinados álbuns e tal. Mas isso é uma questão de ponto de vista, pois queremos tocar o que nós quisermos, e não apenas aquilo que as pessoas desejam que façamos. Se fizermos isso seremos como prostitutas, e estaríamos nos vendendo. Estaríamos fazendo algo que não queremos simplesmente para deixar outras pessoas felizes. Se este é o preço para serem nossos fãs... Veja, eu respeito nossos fãs, não estaríamos aqui sem eles, mas tocamos aquilo que queremos tocar. Criamos energia para aquilo que queremos e não aceitamos tocar algo simplesmente porque temos que tocar. Então, é também neste sentido que sinto a necessidade de compor novas músicas. Eu tenho coisas a dizer, para aquelas pessoas que querem ouvir o que eu quero dizer. Com isso, nós vamos tentar antes de tudo atingir os nossos verdadeiros fãs. E só então, se outras pessoas quiserem se juntar a nós, será fantástico.

Faz sentido. E quando você sabe que é o momento certo para lançar um novo álbum? Quer dizer, *Black Cold Suns* demandou cinco anos, um tempo fora do comum para o Enthroned.

Nornagest: Sim, mas *Black Cold Suns* é uma exceção, posso lhe garantir que não demandará tanto tempo para você ouvir um novo álbum do Enthroned no futuro (risos). Bem, o momento certo tem a ver com a inspiração, por mais que isso soe clichê. Tem um momento em que as ideias simplesmente começam a se esparramar na minha mente, ou na mente de Neraath (guitarra, teclado) ou de Menthor (bateria), e esse é o momento. O que quero dizer é que não vou escrever um álbum sob um mesmo princípio que já utilizamos antes. E não quero ser como uma dessas 'bandas/projeto'. Você sabe, existem algumas bandas que estão em grandes selos e precisam lançar um novo álbum a cada ano. Sinto muito, mas não quero fazer isso, pois tudo vai no automático, soa igual, é plástico e não soa honesto. Quando disse que tocamos o que queremos, o sentido se aplica também aqui: nossa música não é governada pela vontade de outros, pois ela é nossa arte e não um simples produto. A nossa música, antes de qualquer coisa, representa quem nós realmente somos e no que realmente acreditamos, e jamais vou trair ou desrespeitar isso. Quando todas as peças estiverem encaixadas, quando tudo fizer sentido e nós estivermos satisfeitos com o resultado, aí nós vamos gravar um álbum. Não antes.

Grupo Unico Pdf PaD

Seguindo esses preceitos, como funcionam as coisas quando chega a hora de registrar as músicas em estúdio?

Nornagest: Bem, é um pouco diferente todas as vezes. Então, deixe-me ver como posso explicar para você (N.R.: ele faz uma breve pausa). Bem, de *Pentagrammaton* (2010) até *Sovereigns* (2014) nós escolhemos trabalhar em nosso próprio estúdio em Bruxelas. Na verdade, o estúdio do nosso guitarrista (Neraath) e do nosso ex-baixista (Phorgath), e fizemos tudo lá (N.R: refere-se ao Blackout Studio). Desta vez, nós escolhemos tentar algo diferente, e não por Phorgath não estar na banda, pois ainda temos Neraath. Então, o que fizemos foi o seguinte: gravamos todas as músicas em Portugal, e eu gravei os meus vocais no Blackout. Todo o resto foi feito na Inglaterra com Jaime Gomez Arellano, que já trabalhou com Ghost, Primordial e Grave Miasma. Novamente, foi algo intuitivo, que sentimos que queríamos fazer. Quer dizer, mudamos alguns detalhes que sentimos necessários, mas nossa abordagem é sempre a mesma. Nós entramos em estúdio e só saímos de lá quanto sentimos que estamos satisfeitos e que fizemos o melhor para a banda.

Você sentiu muita diferença trabalhando em seu próprio estúdio e agora em outro, no caso, em Portugal?

Nornagest: Ah, sim, existe uma grande diferença. Antes, a nossa escolha foi simplesmente baseada no fato de que estávamos em casa, e você realmente ganha com isso. Quer dizer, podia ser três horas da manhã, mas se tinha uma ideia realmente boa, simplesmente ia até a mesa de mixagem e a gravava. Esse era o grande ponto a favor dessa escolha. Porém, depois de um tempo, você quer ter uma perspectiva diferente daquilo que está fazendo, e, então, não pode estar familiarizado demais com o local. Nesse sentido é muito boa uma mudança, pois ela força essa alteração de perspectiva. Você está fora, com um equipamento diferente, e pode focar realmente na sua música, ao passo que também está mais relaxado, pois está longe de outros problemas. São situações diferentes com vantagens diferentes. Então, você precisa perceber o que mais precisa naquele momento e fazer a escolha certa.

BLACK COLD SUNS
SEASON OF MIST · IMP

Então, o que fez você perceber que Portugal era o lugar certo para gravar *Cold Black Suns*?

Nornagest: Um amigo do nosso baterista tem esse pequeno estúdio em Portugal, e ele usa um tipo diferente de técnica de gravação, algo que não é muito comum em outros estúdios. Quando ouvi falar sobre isso, na hora eu pensei: 'sabe, eu gostaria de tentar, adoraria ver como isso vai soar'. Quando chegamos lá, percebi de cara que era exatamente o que procurávamos. Acho que essa foi a principal razão, pois o método afetava realmente o som. Acredito que conseguimos uma sonoridade até melhor do que estávamos esperando, e isso também influi no quanto estamos satisfeitos com este álbum.

Sim, o som é realmente nítido e frio. Isso soa meio clichê, mas aquela parte no meio de *Silent Redemption*, na qual só as guitarras tocam, soa realmente gélido. Eu diria que o Enthroned toca 'pitch-black metal' depois de ouvir esse disco.

Nornagest: Muito obrigado, é um ótimo elogio (muitos risos). Na verdade, vou mandar essa ideia para a gravadora, para colocarem no 'hipe sticker' do álbum: 'Enthroned, Belgian Pitch Black Metal Band' (risos). Eu o entendo quando diz que é clichê, mas eu gosto dele. Tanto que é por isso que escolhi este título para o álbum, *Cold Black Suns*. Queira ou não, o black metal é algo frio, e é assim que tem que ser.

Nornagest, Menthor, Shagal, Neraath e Norgaath, o time responsável pelo novo ataque da banda belga

Grupo Unico Pdf PaD

PARADISE IN FLAMES

arte: www.jduartedesign.com

HAS NEVER SEEN A WORLD WITHOUT WARS

NOVO SINGLE DISPONÍVEL EM **STREAMING** E **DOWNLOAD**

Spotify · DEEZER · Download on the App Store · cdbaby · Google play

NOVO VIDEO CLIPE já disponível em /paradiseinflames

WWW.PARADISEINFLAMES.COM

/paradiseinflamesband

@paradiseinflames_official

Grupo Unico Pdf PaD

NOS TRILHOS DO SOL!

GRUPO RIO-PRETENSE CONSTRÓI TRAMA ENVOLVENTE SOBRE AS FASES E LONGEVIDADE DA VIDA HUMANA EM ESPRESSO DELLA VITA: SOLARE

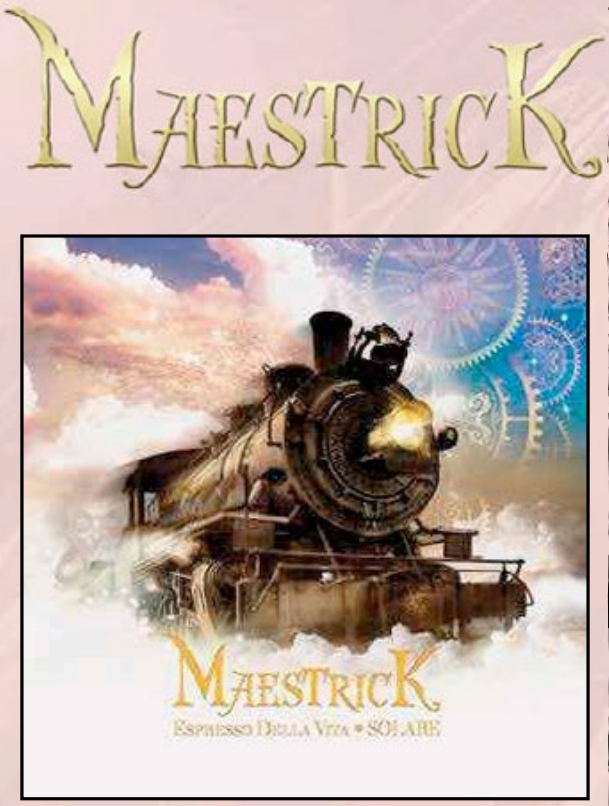
POR ÉCIO SOUZA DINIZ

Formada em São José do Rio Preto (SP) em 2006, a Maestrick, atualmente composta por Fábio Caldeira (vocal e piano), Paulo Pacheco (guitarra), Renato "Montanha" Somera (baixo e vocal) e Heitor Matos (bateria e percussão), se mostra cada vez mais um expoente de peso do prog rock e metal brasileiro. A estreia, com *Unpuzzle!* (2011), impressionou e foi bem aceita por sua riqueza musical, técnica e o entrosamento dos músicos. Porém, *Espresso Della Vita: Solare* foi além em riqueza lírica e sonora. Esbanjando dinamismo, bom gosto e energia, figurou em listas dos melhores de 2018 na mídia especializada, inclusive entre os leitores desta revista. Na entrevista a seguir, Caldeira, Matos e Montanha contam à ROADIE CREW os detalhes envolvendo a concepção desse novo candidato a clássico do cenário nacional.

No decorrer dos anos, qual foi a força motriz ou o catalisador que culminou no que vemos em *Espresso Della Vita: Solare*?

Fábio Caldeira: Eu creio que, primeiramente, a recepção maravilhosa que tivemos com *Unpuzzle!* nos trouxe a confirmação de que deveríamos manter a forma como estávamos fazendo as coisas, ou seja, com respeito, espontaneidade e amor. *Solare*, então, foi uma consequência, a sequência natural da nossa trajetória, somando toda a experiência que adquirimos, pessoal e profissional.

Heitor Matos: Eu acrescentaria que entre *Unpuzzle!* e *Solare* nós conseguimos alcançar a nossa identidade musical dentro do estúdio. Principalmente no que diz respeito a não ter, como principal munição, as nossas influências, mas o que nós queremos e desejamos escutar do nosso som.



ESPRESSO DELLA VITA • SOLARE
INDEPENDENTE - NAC.

Montanha: Creio que a nossa amizade, a maturidade em estudar sempre e pensar na música em primeiro lugar nos levou a analisar os sentimentos e cores que queríamos passar para podermos gravar algo honesto.

O produtor Adair Daufembach (Project46, John Wayne, Hangar, Tony MacAlpine e outros) tocou as guitarras em *Espresso Della Vita: Solare* e deu o trato final em Los Angeles. De forma geral, qual foi a contribuição dele para o resultado final?

Heitor Matos: Adair é incrível! Mesmo com as guitarras estando boa parte encaminhadas, ele e seus 'dedos macabros' deram vida e levaram para outro nível as 'guitas' do Maestrick. Ele respeitou bastante o que já tínhamos composto, mas teve total liberdade para criar. Então, o resultado teve muito do Adair como pessoa e não apenas como produtor.

No gancho da pergunta anterior, por que vocês não têm mantido um guitarrista fixo?

Fábio: Primeiramente, porque queremos alguém que esteja alinhado com a nossa verdade. Mais do que um excelente musicista, buscamos alguém que queira deixar a sua marca, que esteja em busca do seu próprio estilo e se relacione bem em grupo.

Heitor: É preciso muita, mas muita cautela para dividir esse sonho nosso. Bons músicos existem em todos os lugares, mas, para merecer colher junto o que já plantamos, tem que ser alguém que também queira plantar e semear.

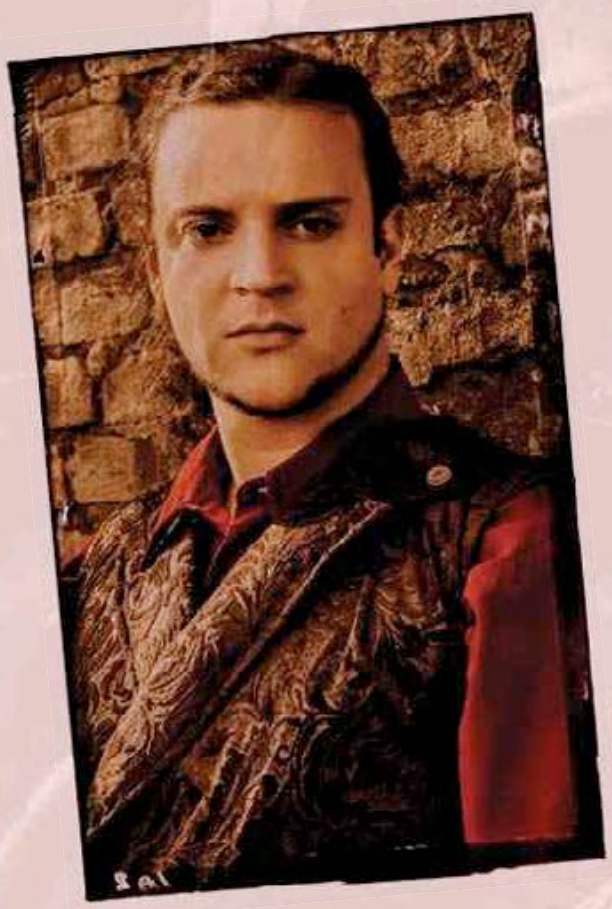
A magnífica arte gráfica do álbum, especialmente da capa, foi concebida pela artista plástica paulista Juh Leidl, que já teve exposições realizadas em galerias dos EUA e Itália. O que os levou a ela?

Montanha: Quem nos apresentou foi o Eliton Tomasi, da Som do Darma, e foi uma indicação perfeita, pois a sinergia foi instantânea e o trabalho dela nos deixou boquiabertos.

Fábio: Como Montanha disse, a sinergia foi imediata. Ela quis ouvir as músicas, saber todos os detalhes possíveis do conceito, das letras... Enfim, entrou na viagem conosco e isso fez toda a diferença.

Um dos grandes atrativos de *Espresso Della Vita: Solare* também é a trama que discorre sobre as primeiras 12 horas representativas do período do dia. Como surgiu a ideia de trabalhar esse conceito das 24 horas do dia da vida humana, aqui demonstrado em sua primeira parte?

Grupo Unico Pdf PaD



Fabio Caldeira, Heitor Matos e Renato Montanha alcançaram a identidade em sua "aquarela musical"

Fábio: A ideia surgiu de uma conversa despretensiosa com a minha mãe em um café da tarde. O assunto era o meu avô, pai dela, que inspirou o personagem da música *Pescador* do *Unpuzzle!*. Ele foi funcionário da antiga empresa ferroviária, FEPASA, e sempre contava histórias das suas 'aventuras' fazendo ronda nos trilhos nas madrugadas. Aí, me lembro dela fazer uma associação muito bonita, de que a vida é como uma viagem de trem. Ao nascermos entramos no trem da vida, e que pessoas vão entrando no nosso vagão, algumas nos damos bem, outras não. Às vezes, quem a gente gosta tem que descer, até que chega o nosso dia de descer. Isso fez todo o sentido pra mim, e levei a ideia para Heitor e Montanha, que abraçaram na hora e começamos a desenvolver a partir daí.

A trinca inicial composta por *Origami*, *I a.m. Living* e *Rooster Race* é de uma excelente precisão, variedade e conexão mesmo sendo distintas.

Fábio: No álbum, elas representam as três primeiras horas do dia, e o início da vida do personagem na infância. *Origami* é o mundo se dobrando e desdobrando, até que forme a paisagem e os trilhos cheguem até a criança que vai iniciar sua viagem. A *I a.m. Living* é a entrada no trem/nascimento. Ela é dividida entre a percepção do personagem, de tudo e todos que estão dentro do trem, com a paisagem que está fora, quando, depois do segundo refrão, as janelas são abertas para a entrada da luz. *Rooster Race* é o momento que ele acorda e vê uma paisagem rural com pessoas do campo na sua rotina. Pessoalmente, trata-se da tentativa de pintar um pouco do quintal que nascemos, crescemos e vivemos, aqui no interior de São Paulo.

***Hijos de La Tierra* é rica em elementos sinfônicos e conta com a participação de sete músicos das Américas do Norte e do Sul, entre eles a cantora Cinthia Santibañes do Crisalida. A parte lírica fala da natureza e respeito às Américas. Como vocês alinham esse contexto ao atual momento vivenciado na história das Américas?**

Fábio: Eu creio que toda e qualquer atitude e/ou ideologia, seja ela qual for, que afaste as pessoas umas das outras e da natureza, não é benéfica. Essa música fala sobre a união dos povos, sem qualquer tipo de fronteira, seja geográfica, política, espiritual ou ideológica.

Fábio, *Penitência* é cantada em português e se mostra uma das mais pesadas do álbum. Ela, inclusive, traz a participação de sua avó, Dona Rose, que canta um trecho da música. O que representou essa participação?

Fábio: Representou simplesmente a verdade. É a confirmação do que buscamos, ou seja, ser quem somos da forma que sabemos. Então, me emociona muito, e tenho certeza que os meus irmãos da banda também.

No segundo semestre de 2018 vocês fizeram a primeira turnê europeia, passando por países como Suíça, Itália, Polônia e República Tcheca. Qual foi o ponto das apresentações nessa turnê?

Fábio: Eu diria que um dos pontos altos foi no primeiro show da Itália. O promotor, que era pianista e cantor lírico, disse que foi um dos melhores shows que ele já tinha visto. Ele gostou tanto que nos pagou mais que o dobro do valor combinado anteriormente!

O Maestrick foi escalado entre as atrações na edição 2019 do festival "Abril Pro Rock" em Recife (PE), tocando no palco principal e fazendo abertura para o Amorphis. Vocês, inclusive, tiveram a participação do Baque Mulher, um movimento de empoderamento feminino.

Fábio: Tocar no 'Abril Pro Rock' foi um sonho realizado, porque é um dos festivais mais importantes e relevantes da América do Sul. E somar forças com o Baque Mulher, que é um dos maiores movimentos de empoderamento feminino do Brasil, e o primeiro grupo de maracatu composto só por mulheres da história, foi algo que nos engrandeceu de uma forma que eu me emociono só de lembrar. Só posso dizer que essa parceria, definitivamente, não vai parar por aqui. Ainda sobre o festival, pensar que artistas da relevância de Motörhead, Chico Science e Nação Zumbi e muitos outros, já pisaram naquele palco, é maravilhoso. Nós apenas queríamos fazer algo que fosse marcante e simbólico, representando o respeito que temos por Recife e o Nordeste. Acho que foi o show mais intenso que fizemos, porque o público entrou em sintonia. A gente via muita gente emocionada lá do palco, e, com isso, também acabamos ficando. O sentimento é de missão cumprida. Gratidão ao Abril Pro Rock, ao Movimento Baque Mulher, ao Gustavo Carmo (VersOver) que tocou as guitarras no show, à Talita Quintano (Soulspell) pelos vocais de apoio, a toda organização do festival. Espero que voltemos logo, porque este foi um verdadeiro 'marco zero' na história do Maestrick.

Já existe alguma previsão para o lançamento da segunda parte da trama com *Espresso Della Vita: Lunare*?

Fábio: Teremos, em breve, alguns lançamentos de conteúdo relacionados ao *...Solare*, mas o foco total será na pré-produção do *...Lunare*.

Montanha: Tenham certeza de que *...Lunare* sairá antes do que vocês imaginam!

MATHEOS ARCHAN

Jim Matheos e John Arch: velha parceria produz mais uma nova joia

Grupo Universo Pdf Para

ARCH/MATHEOS

SÓ PARA OS OUVIDOS

JIM MATHEOS EXPLICA O NOVO TRABALHO AO LADO DO EX-VOCALISTA DO FATES WARNING, JOHN ARCH, MAS AVISA QUE O PROJETO ESTÁ LIMITADO AO ESTÚDIO

POR DANIEL DUTRA

Ouvir *Winter Ethereal* faz o fã imaginar como seria bom assistir ao Arch/Matheos em cima do palco. Mas aí Jim Matheos deixa bem claro: seu projeto com John Arch, ex-vocalista do Fates Warning, é apenas para ouvir, não para ver. É uma pena, porque o segundo disco da dupla é formidável – e conta com um timaço de convidados: o guitarrista Frank Aresti; os baixistas Steve DiGiorgio, Joey Vera, Joe DiBiase, George Hideous e Sean Malone; e os bateristas Thomas Lang, Mark Zonder,, Bobby Jarzombek, Baard Kolstad e Matt Lynch –, mas é melhor ter os dois criando em estúdio do que não ter nada. Então, confira o que mais Matheos tem a dizer e também ouça um álbum que é forte candidato a entrar em listas de melhores de 2019.

Devo dizer que *Winter Ethereal* é uma agradável surpresa, porque eu não esperava um novo disco do Arch/Matheos. Tudo bem que já são oito anos desde *Sympathetic Resonance*, mas você tem estado bem ocupado com o Fates Warning.

Jim Matheos: Nós nunca estabelecemos um cronograma para o Arch/Matheos, como se tivéssemos uma agenda a cumprir, apenas deixamos nos levar pelos acontecimentos. Eu e John trabalhamos um bom tempo juntos há alguns anos, quando fizemos os shows de reunião da formação do *Awaken the Guardian* (N.R.: em 2016, para comemorar os 30 anos do disco), e ainda lançamos um álbum e um DVD ao vivo (N.R.: *Awaken the Guardian Live*, que chegou às lojas no ano seguinte) que também abriram o caminho para o novo disco. Como não faz mais isso profissionalmente e tem uma vida normal fora da música, John precisa de um tempo para que a sua voz fique em forma novamente. Aquele período ajudou nisso e também na retomada do aspecto criativo, porque, vendo do meu lado, nossa parceria acontece infrequentemente exatamente porque John não é mais um músico. Quando ele disse que estava disponível e pronto para gravar, eu fiz com que a minha agenda ficasse livre para voltarmos a trabalhar juntos.

Mas vocês fizeram *Winter Ethereal* do zero? Porque o primeiro álbum teve canções que haviam sido compostas para o Fates Warning (N.R.: *Neurotically Wired*, *Midnight Serenade* e *Stained Glass Sky*)...

Jim: Não sei em relação ao John, porque talvez ele tivesse algumas ideias de letras rabiscadas em seu caderno, ou até letras inteiras, mas eu não tinha absolutamente nada. Cheguei completamente em branco para começar a compor, sem nada mesmo na cabeça. Acredite, eu não tinha uma ideia sequer para as músicas, então apenas falamos 'Vamos ver se conseguimos compor uma ou duas canções', e foi assim que começamos. Honestamente, não tínhamos a obrigação de fazer um disco, porque isso nos deixaria presos e limitados, então enxergamos as coisas de outra maneira: vamos conseguir compor algo? Assim, tentamos fazer uma canção de cada vez e experimentamos aqui e ali até percebermos que havia material suficiente para um álbum, aí ouvimos a meia hora de música que tínhamos criado e dissemos: 'Sim, tem algo muito legal acontecendo, então vamos terminar esse disco'. Mas não havia nenhuma garantia no começo.

WINTER ETHEREAL
METAL BLADE - IMP

É interessante que você tenha começado do zero, porque há alguns riffs brilhantes no álbum. Como os de *Vermillion Moon*, *Wanderlust* e *Kindred Spirits*, por exemplo, então algum poderia ter saído daquela caixinha mágica de riffs que todo guitarrista possui.

Jim: (rindo bastante) Eu tenho uma dessas! Quer dizer, só não sei dizer se é uma dessas caixas mágicas (risos). Mas, sim, tenho uma pasta para isso no computador que fica no meu estúdio caseiro, e ela deve ter provavelmente algumas centenas riffs de guitarra. No entanto, muito raramente uso esses riffs como base para uma música nova e completa. Normalmente, eles aparecem em alguma pequena seção instrumental quando eu preciso sair do buraco onde me encontro e achar uma solução para algum trecho. É aí que vou fuçar no arquivo para ver se encontro algo que encaixe no que estou fazendo, mas 99% do trabalho de guitarras no álbum foram criados na hora, e *Vermillion Moon* foi a primeira música que fizemos.

Aproveitando que falamos do trabalho de guitarra, os solos em *Kindred Spirits*, que é uma obra-prima do prog metal, e *Never in Your Hands* são sensacionais, mas creio que há algum convidado dividindo esses solos com você, não?

Jim: Sim, e é interessante você ter perguntado. É o Frank Aresti, que durante muitos anos foi meu parceiro de guitarra no Fates Warning, quem gravou comigo. Somos nós dois alternando os solos em cada uma dessas músicas.

É o tipo de informação que não está no press release, que, por outro lado, traz uma declaração sua que remete ao processo de composição. Ao dizer que você e John saíram da zona de conforto, duas palavras

Grupo Rock Pdf PaD

chamaram a minha atenção: 'voluntariamente' e 'forçadamente'. Como isso se relaciona ao fato de *Winter Ethereal* não ter sido uma obrigação?

Jim: Nós dois mantivemos o padrão que usamos juntos desde sempre. Por exemplo, eu componho uma canção como *Vermillion Moon* no formato demo e mando para ele completar, à exceção das linhas vocais. Gravo guitarras e baixo e programo a bateria, então John recebe a música completa e as marcações de onde entram os vocais e quais são as seções instrumentais. Eu fico na esperança de o material inspirá-lo a criar as melodias vocais e escrever a letra, e muitas vezes, quando sua cabeça começa a trabalhar no que mandei, John sugere algumas alterações porque viu um caminho que eu não visualizei. Para encaixar o que ele sugeriu, posso encurtar um trecho ou acrescentar algo mais suave. Ficamos trocando material até que a música ganhe a forma ideal para encaixar com letra e melodias vocais feitas por ele. Mas há uma boa razão para eu ter dito que forçamos um ao outro ao fazer esse disco: trabalhamos juntos há tanto tempo, com idas e vindas durante todos esses anos, que eu queria uma abordagem diferente no sentido de buscar coisas novas musicalmente. Precisávamos fazer algo diferente, porque é muito fácil cair na armadilha de fazer tudo como antigamente para a música soar exatamente como as que lançamos no passado. John entendeu isso e me forçou a compor uma canção como *Straight and Narrow*, que eu provavelmente nunca faria por conta própria, porque é mais direta, bem pesada e sem tantas convenções instrumentais. Encarei como um desafio e fiquei feliz por ele ter me pressionado a fazê-la.

Devo dizer que eu esperava uma resposta como essa, porque *Winter Ethereal* tem um horizonte mais amplo que o primeiro disco. Não me leve a mal, porque eu adoro *Sympathetic Resonance*, mas ele poderia facilmente ter sido o sucessor do *FWX* (2004), ou seja, um trabalho do Fates Warning.

Jim: Apesar de os lançamentos de *FWX* e *Sympathetic Resonance* estarem separados por sete anos, faz sentido. Entendo o que você quis dizer, até porque era onde minha cabeça estava naquele momento. Participei do *A Twist of Fate*, EP que o John lançou em 2003, mas até então nós não trabalhávamos juntos há muito, muito tempo (N.R.: desde 1987, quando Arch saiu do Fates Warning), então eu também não sabia o que esperar em *Sympathetic Resonance*. A situação agora foi diferente. *Winter Ethereal* veio oito anos depois, mas estivemos em contato durante todo esse tempo e fizemos os shows comemorativos do *Awaken the Guardian*. Estávamos novamente mais próximos, e o fato de querermos romper algumas barreiras, buscando coisas novas e diferentes, foi fundamental para fazer de *Winter Ethereal* um trabalho mais eclético do que o primeiro.

De uma maneira ou de outra, a combinação do talento de vocês dois sempre resultou em algo único, mas desta vez *Winter Ethereal* deixou o Arch/Matheos com cara de banda. O que é interessante, porque vocês usaram seções rítmicas diferentes no álbum.

Jim: É verdade, e eu não quero minimizar a importância dos músicos que nos ajudaram, porque eles fizeram um trabalho incrível, mas eu e John havíamos passado mais de um ano trabalhando nas músicas quando eles as receberam para gravar. Estava tudo muito bem planejado, cada batida estava no lugar certo. Eu fiz a programação de bateria, o que não significa que cada baterista fez exatamente o que estava nas demos, mas todos tinham uma linha rítmica para guiá-los. Bobby Jarzombek, por exemplo, não iria enfiar uma batida de samba em cima de um arranjo com bumbo duplo, mas havia uma flexibilidade para colocar a sua estampa. Todos puderam impor um estilo próprio, mas as músicas já estavam com os arranjos prontos quando eles gravaram suas partes. Ou seja, cada um adicionou um novo sabor nas estruturas básicas em que eu e John trabalhamos por muito tempo.

Não sei se foi assim em *Sympathetic Resonance*, mas no novo álbum, enquanto os outros músicos registraram suas partes nos próprios estúdios, você e John gravaram juntos...

Jim: Ah, foi basicamente da mesma maneira que no primeiro disco: John veio ao meu estúdio gravar os vocais, e eu gravei todas as minhas partes sozinho. Como fizemos tudo com calma, John aparecia sempre que se sentia pronto. Ele vinha praticamente a cada duas semanas, finalizava uma ou duas músicas e voltava para casa.

É o mesmo processo no Fates Warning? Com Ray Alder, por exemplo?

Jim: Sim, e é assim com tudo que faço desde o início dos anos 2000, quando construí meu estúdio. Até o Kevin Moore veio para cá gravar os vocais em discos do OSI, porque eu realmente gosto de trabalhar dessa maneira. Faço tudo eu mesmo, sozinho, e os outros músicos aparecem para registrar suas partes quando estão disponíveis.

Bobby Jarzombek, Mark Zonder e Joe DiBiase fazem parte da família Fates Warning, então a participação deles é óbvia. Assim como é a conexão com Sean Malone, com quem você trabalhou no Gordian Knot e OSI. Mas como foi feito o convite aos outros músicos?

Jim: Antes de qualquer coisa, preciso dizer que optamos por usar vários músicos diferentes porque não queríamos dar aos fãs a impressão de que somos realmente uma banda. Não somos uma entidade que vai entrar naquele esquema de compor, lançar disco e entrar em turnê para depois voltar ao início do ciclo. E ter mais convidados no álbum também daria um sabor diferente a ele, o que não havia acontecido antes, então a primeira coisa que fizemos foi elaborar uma lista. Chegamos a uma com 20 bateristas e 15 baixistas, basicamente de pessoas com as quais eu gosto ou gostaria de trabalhar, aí foi uma questão de ver quem se interessava e estava disponível. E também foi preciso analisar quem poderia dar aquele sabor diferente às músicas, antes de dividirmos todos eles entre as canções.

E quais eram os outros bateristas na lista?

Jim: Eu prefiro não dizer nomes, porque enquanto alguns não puderam participar por causa da agenda, outros não demonstraram interesse. Para evitar especulações, acho melhor deixar que eles eventualmente expliquem por que recusaram o convite.

Como eu disse antes, o press release não traz a ficha técnica, mas não gostaria de esperar o lançamento do CD para saber quem tocou bateria em cada faixa (risos). Você pode confirmar se meus palpites estão corretos?

Jim: (rindo) Claro! Manda ver, porque acho que vai ser interessante (risos).

É o Thomas Lang em *Vermilion Moons*, *Solitary Man* e *Never in Your Hands*?

Jim: Em *Vermillion Moons*, *Solitary Man* e *Pitch Black Prism*, sim, é o Thomas, mas... (N.R.: Matheos brinca fazendo um som de buzina) Você errou a última (risos). Quem gravou *Never in Your Hands* foi Baard Kolstad, do Leprous.

Eu nunca adivinharia, porque ele nem mesmo é citado no press release.

Jim: Isso não é legal, mas como *Never in Your Hands* é a única música com Baard, você está perdoado (risos).

É justo (risos), mas eu tenho certeza de que em *Wanderlust* e *Tethered* o baterista é o Mark Zonder.

Jim: Isso! Mark tem um estilo totalmente único, então você acertou em cheio.

Para terminar, sei que Bobby Jarzombek toca em *Straight and Narrow* porque assisti ao videoclipe (risos), mas acredito que é ele também *Wrath of the Universe* e *Kindred Spirits*.

Jim: Você é bom, mas errou em *Kindred Spirits* (risos). Quem gravou foi Matt Lynch, que toca com o Sean Malone no Cynic.

Em minha defesa, preciso dizer que também não sabia da participação do Matt Lynch (risos).

Jim: Ele é um baterista fantástico e um músico inspirador, e você tem um bom ouvido (risos). Apesar de não ter todas as informações, foi muito bem nos palpites (risos).

Grupo Unico Pdf PaD

"OBRIGADO FREEPASS METAL FESTIVAL! OBRIGADO SÃO PAULO!"

ROD ROSSI

DISPONIVEL EM TODAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

CÓPIAS AUTOGRAFADAS EXCLUSIVAS NO SITE: RECALL.LOJA2.COM.BR

FACEBOOK.COM/RODRIGOROSSIOFICIAL INSTAGRAM.COM/ROD.ROSSI YOUTUBE.COM/RODROSSI

Grupo Unico Pdf PaD

VIAGEM NO TEMPO

MINORU NIHARA FALA DO FESTIVAL QUE PERMITIU AO LOUDNESS RETORNAR AO PASSADO PARA REVISITAR UM MATERIAL QUASE ESQUECIDO EM *LIVE IN TOKYO*

POR DANIEL DUTRA

Álbuns ao vivo não são uma novidade na carreira do Loudness, então, o que faz do novo trabalho algo tão especial para os fãs do maior expoente do Japão no heavy metal? A oportunidade de ouvir canções, clássicas ou não, que praticamente se perderam no tempo, porque foi isso que Minoru Niihara (vocal), Akira Takasaki (guitarra), Masayoshi Yamashita (baixo) e Masayuki Suzuki (bateria) fizeram nos dias 21, 22, 23 e 24 de setembro de 2018, nas quatro noites na arena Zepp DiverCity Tokyo, na capital japonesa, que se transformaram em *Live in Tokyo*. Para sabermos de mais detalhes, batemos um papo com o simpático e educado Nihara, que chegou até mesmo a dispensar a tradutora durante alguns momentos do bate-papo. Curioso? Leia a entrevista e aumente o som quando for ouvir o CD duplo ou assistir ao DVD.

O lançamento de um álbum ao vivo já tinha entrado nos planos depois das boas críticas a *Rise to Glory* (2018), ou *Live in Tokyo* aconteceu por causa do Metal Weekend?

Minoru Nihara: Foi um pouco dos dois. Ano passado, fizemos uma turnê mundial para promover *Rise to Glory*, e as quatro noites do festival em Tóquio se transformaram numa celebração na parte final dessa turnê. Resolvemos elaborar quatro repertórios diferentes e contar com convidados especiais em alguns momentos, mas foi quando ouvimos as gravações que pensamos na possibilidade de um novo trabalho ao vivo. Elas ficaram fantásticas, realmente, então a gravadora terminou de nos convencer a lançar um DVD.

Inicialmente, então, é possível dizer que a ideia inicial do Loudness

Grupo Unico Pdf PaD

Masayoshi Yamashita, Minoru Niihara, Masayuki Suzuki e Akira Takasaki: revisitando antigos clássicos em novo trabalho ao vivo

foi preparar noites especiais para o público japonês?

Minoru: Exatamente. Os fãs de heavy metal no Japão sempre pesquisam o que as bandas tocaram ou estão tocando em outros países, como se fosse uma preparação para o que eles poderão ver ao vivo quando elas vierem tocar aqui. Foi isso que nos fez optar por reproduzir o set que nós mesmos tocamos em outros lugares, especialmente aquele que fizemos nos Estados Unidos em 1985, quando abrimos para o Mötley Crüe, mas também o que fizemos ano passado em alguns festivais na Alemanha (N.R.: Bang Your Head e Headbangers Open Air).

Não tenho dúvida de que todos os shows foram especiais, mas gostaria de destacar a terceira noite. Vocês tocaram dez músicas de *The Law of Devil's Land* e *Disillusion* (N.R.: terceiro e quarto álbuns do Loudness, respectivamente), então fico imaginando a incredulidade dos fãs ao presenciar isso...

Minoru: (rindo) Eu acho que nós pioramos a situação ao anunciar com antecedência o que iríamos fazer, porque os fãs quase morreram do coração antes dos shows (risos). E isso não diminuiu em nada a empolgação deles durante os shows, e é legal que você tenha se lembrado da terceira noite, porque lembro bem de o público cantando cada letra desde a primeira música.

Estamos falando de clássicos ou de canções que a banda não tocava ao vivo fazia muito tempo, mas há o outro lado: vocês apresentaram oito das 13 faixas de *Rise to Glory*, e cinco delas estão no DVD. É uma ótima maneira de mostrar como o Loudness continua criando música que faz frente ao material antigo.

Minoru: Obrigado! Nós passamos muito tempo preparando o *Rise to Glory*, e devo dizer que nesse período decidimos mudar algumas melodias para que as músicas tivessem tanto um sabor do passado quando o elemento revigorante do presente. É um disco que mostra perfeitamente o que o Loudness é hoje, e tenho de concordar com você: o novo material faz frente aos nossos trabalhos clássicos. Quando tocamos essas músicas ao vivo, elas brilham como as canções antigas, e os fãs adoram.

É animador ouvir que os fãs do Loudness se comportem assim, porque é algo que nem sempre acontece. Como costumo abordar em algumas entrevistas, muitos grupos lançam discos apenas como desculpa para sair em turnê, porque tocam apenas uma ou duas músicas.

Minoru: Isso acontece com as bandas que viram reféns do passado, porque gravaram álbuns tão clássicos que não conseguem fugir deles. Os fãs vão ao show querendo ouvir apenas material antigo e hits, e a banda tem que tocá-los, certo? Como escapar disso? Talvez inserindo músicas novas diferentes em cada show. 'OK! Hoje vamos tocar essas duas, e amanhã serão aquelas outras duas', e por aí vai. Alguns grupos aproveitam ocasiões especiais para tocar um repertório incomum, mas isso é mesmo um problema para quem tem uma carreira muito longa, como o próprio Loudness, que tem quase 40 anos. Há clássicos que nunca vamos conseguir deixar de tocar.

De volta a *Live in Tokyo*, as participações especiais também são um ponto positivo. A participação de membros do Riot V, num bis com *Crazy Nights*, está no DVD, mas a quarta noite teve vários outros convidados. Como Naoto Shibata, que foi integrante do Loudness nos anos 90. Como foi organizar tudo isso?

Minoru: O mais interessante é que o Loudness não costuma fazer esse tipo de coisa. Nunca fomos uma banda que fica fazendo 'jam sessions', então isso foi realmente uma grande novidade para os fãs, e eles ficaram enlouquecidos quando viram o Naoto no palco conosco. Além disso, o festival também contou com o Beast, que é uma das maiores bandas de rock do Japão, mas não necessariamente de heavy metal (N.R.: o grupo mistura ska e punk, por exemplo), então também tocamos para um público diferente. E a união entre os fãs de metal e de um rock mais pop foi um ótimo momento para todos nós.

Grupo Unico Pdf PaD

A propósito, qual das quatro noites você gostou mais? E por quê?

Minoru: Ah, definitivamente foi a terceira noite, porque normalmente não tocamos tantas músicas antigas, especialmente daqueles primeiros discos. Como foi exatamente isso que fizemos, aquele show foi melancólico para mim, mas num sentido positivo, de nostalgia, porque ver e ouvir todos aqueles fãs cantando aquelas canções foi muito emocionante.

Essa é uma pergunta que sempre quis fazer: você deixou o Loudness em 1988 e voltou 12 anos depois. Nesse meio tempo, de alguma maneira, o que a banda fez com Michael Vescera e com Masaki Yamada chamou a sua atenção?

Minoru: Honestamente, não me preocupei com o que o Loudness estava fazendo nos anos 90, mas isso porque eu estava muito ocupado fazendo as minhas próprias coisas (N.R.: Nihara lançou seu primeiro trabalho solo, *One*, em 1989, e gravou com as bandas Ded Chaplin, Sly e X.Y.Z. A). Quando me reuni com o grupo em 2000, fui ouvir todos aqueles discos – *Soldier of Fortune* (1989) e *On the Prowl* (1991), com Vescera; e *Loudness* (1992), *Heavy Metal Hippies* (1994), *Ghetto Machine* (1997), *Dragon* (1998) e *Engine* (1999), com Yamada – e posso dizer que cada fase tem um sabor diferente e muito próprio. Há algumas coisas experimentais em alguns daqueles álbuns, mas Mike Vescera fez um grande trabalho. Talvez a banda tenha passado por momentos difíceis naquela década, como a maioria passou, mas é interessante notar que conseguiu continuar produzindo música que, de alguma maneira, soava como Loudness.

Vamos adiantar um pouco o calendário. Em 2013, o Loudness tocou no Brasil pela primeira e até agora única vez, mas você não pôde vir. O que houve, realmente, e o que você ficou sabendo do show?

Minoru: A verdade é que eu já estava comprometido com outro trabalho, então não havia mesmo como eu ir ao Brasil, o que me deixou bastante chateado. Acredite, eu queria muito cantar para os fãs brasileiros, mas o Loudness teve a sorte de poder contar com a ajuda do vocalista do Hibria (N.R.: Michael Vescera faria o show, mas não conseguiu visto de entrada a tempo, então Iuri Sanson assumiu o microfone). Todos na banda me falaram que foi uma ótima experiência, e que Iuri fez um belo trabalho. Aliás, foi por causa disso que as duas bandas construíram um ótimo relacionamento.

Então, fica a pergunta: quando o Loudness volta ao Brasil, mas com você no vocal?

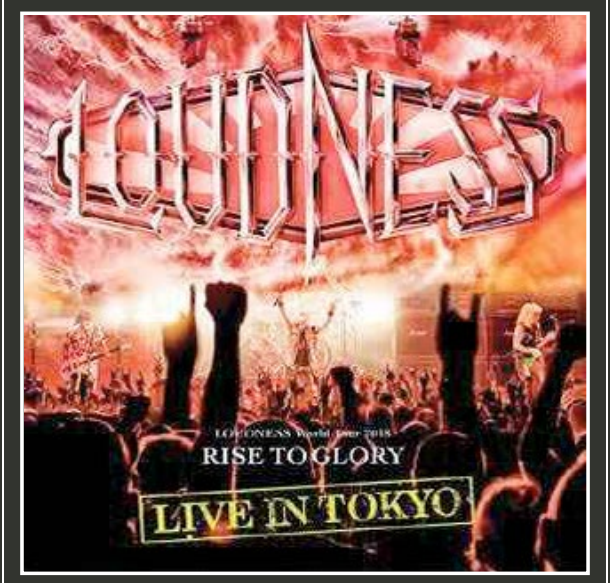
Minoru: (rindo) Eu adoraria que fosse o mais breve possível! Posso chegar aí amanhã, se vocês quiserem (risos). Sei que o Loudness tem muitos fãs na América do Sul, então acredito que eventualmente vamos voltar. Na verdade, prometo a vocês que eu não morro antes de cantar para os fãs brasileiros (risos).

Você lembrou-se do Hibria, que sofreu uma debandada recentemente. Iuri, por exemplo, não é mais o vocalista da banda. Mas além dela, o que mais você conhece do heavy metal brasileiro?

Minoru: Estou sempre conferindo bandas brasileiras no YouTube, então já ouvi algumas que são ótimas. Peço desculpas por não lembrar o nome de nenhuma agora, mas vocês sempre chamam a minha atenção por duas coisas. A primeira são os vocalistas, porque é incrível como vocês têm cantores talentosos aí, e a segunda é a melodia. Os brasileiros possuem um ritmo único, um dom musical que não se encontra na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo os grupos amadores que já ouvi são interessantes por causa disso.

Invertendo os papéis, e talvez você não saiba, mas discos como *Made in Japan*, do Deep Purple, e *Tokyo Tapes*, do Scorpions, ajudaram a criar um fascínio do fã brasileiro pela cena heavy metal no Japão. O que há de tão especial em seu país?

Minoru: É difícil dizer, mas talvez isso se deva ao fato de que o público japonês apoia incondicionalmente as bandas, tanto as de fora quanto as locais. Mas quando vamos à Europa, por exemplo, apesar de obviamente sentirmos as diferenças culturais, percebemos um sentimento de gratidão dos fãs porque atravessamos o oceano para tocar lá. Talvez os grupos estrangeiros se sintam assim quando têm a oportunidade de tocar no Japão... Eu não sei. Para você, o que faz a cena japonesa ser especial?



RISE TO GLORY - LIVE IN TOKYO
EARMUSIC/SHINIGAMI · IMP

Exatamente o apoio que você mencionou, porque a impressão é que a fidelidade dos fãs japoneses ao metal é diferenciada. A venda de discos ainda é muito boa, por exemplo, e os CDs também fascinam colecionadores brasileiros, por causa das faixas bônus, do OBI...

Minoru: (rindo) Eu não sabia disso, mas é muito interessante (risos). (N.R.: neste momento, a tradutora avisa que há tempo para mais uma ou duas perguntas).

Ano passado, o Loudness lançou um disco muito bem recebido por público e crítica. Agora, solta um trabalho ao vivo muito especial e se prepara para tocar na Austrália. Ou seja, continua visitando países onde nunca esteve. Depois de quase 40 anos, como você se sente?

Minoru: Sinto que estou ficando velho (risos). No entanto, a cada dia que passa percebo que minha voz fica mais forte e que o meu alcance vocal aumenta. Creio que não é o que acontece com a maioria dos músicos da minha geração (N.R.: Nihara tem 59 anos), mas felizmente sinto que estou me tornando um vocalista melhor conforme o tempo passa. Espero poder continuar cantando bem por mais alguns anos com o Loudness.

E vocês já estão pensando no sucessor de *Rise to Glory*? Afinal, o disco foi lançado há mais de um ano...

Minoru: Ainda não compusemos uma música sequer (risos). Porém, se serve de consolo para os fãs, já estamos planejando uma turnê especial para comemorar os 40 anos do Loudness (N.R.: em 2021), e acredito que até lá o novo disco já terá sido lançado.

É uma boa notícia (risos). Obrigado pela entrevista, e o espaço final é todo seu.

Minoru: Eu é que tenho de agradecer pelo interesse no Loudness! Como disse antes, vou tocar no Brasil antes de morrer, e isso vai acontecer num futuro próximo. Então, estejam todos lá para enlouquecermos juntos (risos).

Grupo Unico Pdf PaD

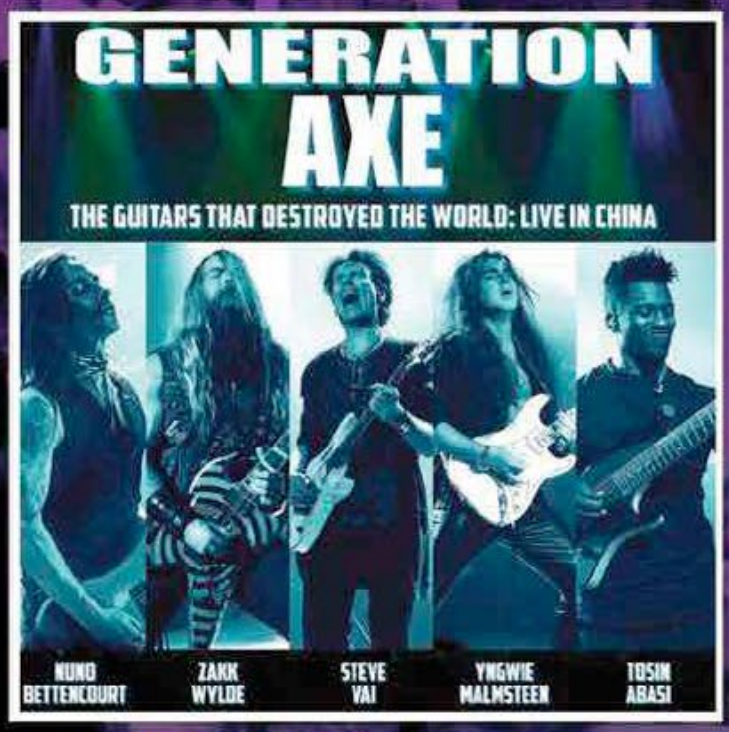
SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

HOLLYWOOD VAMPIRES
RISE

Joe Perry (Aerosmith), o astro de Hollywood Johnny Depp e Alice Cooper unem forças para o segundo e imperdível álbum da carreira, Rise.



GENERATION AXE
THE GUITARS THAT DESTROYED THE WORLD: LIVE IN CHINA

A experiência do Generation Axe vai muito além de simplesmente reunir cinco grandes nomes da guitarra É um show ininterrupto com uma banda de apoio e 5 guitarristas completamente talentosos e surpreendentes!

anúncio: www.jduartedesign.com

IAN GILLAN AND THE JAVELINS
RAVING WITH IAN GILLAN AND THE JAVELINS

Previamente disponibilizada para o fã-clube, o debut há muito esquecido "Raving With Ian Gillan & The Javelins" incluí 14 versões cover de clássicos pop dos anos 60, todas feitas no estilo Javelins. A banda que pavimentou o caminho para o vocalista Ian Gillan, que apenas alguns anos depois escreveu a história da música com o Deep Purple!

HEART
CD + DVD

LIVE IN ATLANTIC CITY

Ann e Nancy Wilson mostraram ao mundo que as mulheres podem tocar Rock! Invadiram as paradas nos anos 70! "Live In Atlantic City" presta homenagem e celebra o legado da banda! Uma noite que reuniu várias estrelas. Este show está na memória dos fãs desde então e agora finalmente é lançado em CD e DVD.

MYRATH
SHEHILI

Épico metal progressivo tunisiano! Uma das bandas mais fascinantes do metal internacional. Myrath tem tocado com grandes nomes da cena como Symphony X e Dream Theater!

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

Grupo Unico Pdf PaD

Entombed

Embora o Entombed tenha se afastado daquilo que ajudou a criar, a história do death metal foi profundamente marcada por seus dois primeiros registros. Quando a banda nasceu, a Suécia ainda ensaiava o lugar de destaque que teria no cenário musical. Com seu death metal único e inovador, o grupo de Estocolmo empurrou adiante os limites do estilo com *Left Hand Path* (1990) e *Clandestine* (1991), álbuns que o tempo encarregou de tornar clássicos. Quase trinta anos depois do lançamento de *Clandestine*, o trio responsável pela obra - Nicke Andersson (bateria), Ulf "Uffe" Cederlund e Alex Hellid (guitarras) - se reuniu para soltar *Clandestine Live* – ao lado do baixista Edvin Aftonfalk e do vocalista Robert Andersson. Um orgulhoso, mas gentil, atencioso e até emocionado Hellid atendeu a ROADIE CREW para falar sobre diversos detalhes da história do Entombed. Aproveite, pois o papo rendeu!

Fazia muito tempo em que não tínhamos novidade do Entombed, então, acho que este é um momento em que todos os fãs de death metal estão muito empolgados.

Alex Hellid: Sim, e a empolgação também se estende para nós. Realmente fazia muito tempo que não tínhamos novidades para os fãs, mas posso lhe dizer que foi uma ótima experiência reencontrar antigos parceiros, encontrar novos parceiros e estabelecer com eles uma nova cooperação. Atualmente, já estamos com as coisas mais organizadas, mais definidas e lhe digo uma coisa, meu amigo: este álbum ao vivo é o primeiro passo dessa nova encarnação do Entombed. Tenha certeza que não é um simples lançamento especial. É um primeiro passo, e seguiremos adiante a partir dele.

É ótimo ouvir isso, especialmente depois de tantos anos sem material inédito da banda que mudou definitivamente a cara do death metal.

Alex: Obrigado, muito obrigado. A ideia é essa mesmo, seguir adiante. Muito tempo já passou sem darmos notícias, então, os planos agora são no sentido de inundar o mundo em death metal (risos).

O primeiro passo nessa "inundação" é o lançamento do novo álbum ao vivo, *Clandestine – Live*. *Clandestine* (1991) foi um dos primeiros álbuns de death metal

Grupo Unico Pdf PaD

lendas não nascem ao acaso

APÓS MAIS DE UMA DÉCADA SEM NOVIDADES, ALEX HELLID, ULF CEDERLUND E NICKE ANDERSSON REAFIRMAM A LENDA DO DEATH METAL SUECO

POR VALTEMIR AMLER

"Alex Hellid, Nicke Andersson, Robert Andersson, Uff Cederlund e Edvin Aftonfalk trouxeram Clandestine e o Entombed de volta à vida em um show especial"

que comprei, aos dez anos de idade, e até hoje é um dos meus favoritos. Hoje trabalho com música, e especialmente com death metal, então, muito obrigado pelo que você fez!

Alex: Em primeiro lugar, eu agradeço de verdade por suas palavras. É sempre ótimo ouvir boas palavras sobre algo que também nos marcou profundamente. Bem, é impressionante saber que um álbum nosso acompanhou as pessoas, que esteve presente na infância e acompanhou o crescimento delas. Sério, o que uma banda de metal extremo pode desejar a mais do que isso? Ser parte da vida das pessoas não é pouca coisa, e se desempenhamos esse papel, é melhor que mereçamos isso. Então, é minha vez de perguntar, e quero que seja sincero: o que você achou de *Clandestine – Live*?

Eu sempre quis ter na minha coleção versões ao vivo de *Stranger Aeons*, *Evilyn*, *Crawl*, *Sinners Breed* e *Living Dead*, que me lembrassem os shows incríveis do Entombed que assisti nos anos 1990. Vocês me deram a chance de ter estas versões! Então, acho que você já sabe a minha opinião...

Alex: Mais uma vez, muito obrigado. É realmente incrível ouvir isso, de alguém que nos acompanha há tanto tempo, isso não tem preço. Bem, realmente nós queríamos mostrar que estamos de volta e com força total, e *Clandestine* é um álbum que tem material que realmente apoia uma resolução como essa.

Sim, é um álbum clássico de death metal, amado até por fãs de outros gêneros. O que você acha que tornou *Clandestine* um álbum tão prestigiado?

Alex: É difícil dizer! Não acredito que poderia dizer que é uma única coisa. Bem, a primeira é que estávamos claramente tentando levar o máximo das nossas influências possível para aquele álbum. Eu lembro que, logo após lançarmos o nosso primeiro álbum (N.R: *Left Hand Path*, de 1990), fizemos um show na Suécia ao lado da banda americana de death metal Atheist. Eu lembro que fiquei completamente transtornado com a apresentação daqueles caras e não conseguia acreditar que podiam tocar da maneira que tocavam. Aquilo era absolutamente incrível! Então, pessoalmente, aquela foi uma das coisas que me levou a tentar alcançar outro nível. Foi o ponto de partida para decidir nos levar do ponto em que está-

Grupo Unico Pdf PaD

vamos com *Left Hand Path* na direção de uma sonoridade mais técnica.

Sim, o Atheist mudou totalmente o patamar do que era possível no death metal com o álbum *Piece Of Time* (1990).

Alex: Sim, totalmente. Eles tinham um guitarrista incrível, o cara era canhoto, mas tocava uma guitarra padrão, com o instrumento de cabeça para baixo, entende? Como era o nome dele?

Rand Burkey. Um guitarrista incrível!

Alex: Sim, e era uma coisa absurda de ver ao vivo. Nós ficávamos olhando o show deles e eu não conseguia observar mais nada. Eu prestava atenção no movimento das mãos dele e pensava, 'isso é impossível!'. Para mim, estava claro que tínhamos que levar a coisa adiante. Precisaríamos forçar a nossa música até o limite, pois o que eu tinha testemunhado ali era uma total mudança de paradigma. As coisas não podiam mais ser como antes, e esse é o principal fator que nos fez tomar um rumo diferente em *Clandestine*. Acho que as pessoas sentiram o quanto estávamos trabalhando no limite das nossas habilidades para alcançar outro nível, e, de certa forma, isso também as marcou.

Permanecer atento ao que acontecia ao seu redor foi fundamental para chegar àquele novo som, certo?

Alex: Sim, e nós sempre fomos assim. Nunca fomos uma banda de nos fechar para o que acontecia na música pesada, gostassem disso ou não. Nós tomávamos um monte de influências, e algumas vinham de lugares que as pessoas geralmente não imaginariam que eram possíveis para uma banda como o Entombed. E isso também tornou *Clandestine* um álbum mais interessante.

Sim, e uma dessas influências inesperadas aparece em *Evilyn*, se bem me lembro.

Alex: Exatamente, boa memória (risos). Nicke (Andersson, baterista) pegou aquele padrão de chimbal de uma música do Van Halen que ele tinha ouvido, e a coisa ficou absolutamente incrível. E o engraçado é que eu não me lembro de ele ser um grande fã de Van Halen ou algo assim, a coisa foi realmente o fato de estar atendo à coisa certa. Ele ouviu uma música em algum lugar e achou aquilo legal e que poderíamos fazer algo diferente com aquela parte. Ficou ótimo! Quer dizer, vamos lá, aquela parte tem quase que a pegada de uma música 'disco' ou algo assim, e caiu como uma luva em uma música que é puro death metal. Então, a questão é o quanto você é capaz de estar atento, de absorver e transformar em algo ao seu favor. As influências não vinham somente do lado mais extremo,

LIVE CLANDESTINE
SOUND POLLUTION - IMP.

mas transformávamos em death metal. Isso dá trabalho, mas vale muito a pena.

Sim, mas a maioria das bandas extremas queria soar extremo como alguém antes já tinha soado extremo... Sem riscos. Mas vocês curtiam arriscar.

Alex: Sim, arriscar era o nosso estado natural, e esse é exatamente o ponto (risos). Nós jamais iríamos pegar uma influência do Slayer e usá-la para soar exatamente como o Slayer, pois isso seria estranho. Nós tocávamos death metal porque era exatamente a música que não esperavam que tocássemos. Ter uma banda de death metal era seu ousado, era ir contra os limites. Então, por que de repente nos limitaríamos a ser como alguém já tinha sido? Você até pode conseguir alguns bons resultados copiando, mas não faz história.

Esse ímpeto de mesclar elementos de diferentes gêneros musicais também vinha do fato de cada um de vocês ter gostos diferentes, não?

Alex: Com certeza. Na verdade, bem no princípio nem nos considerávamos uma banda de death metal. Nós éramos algo mais como uma banda crossover, algo assim. Nicke e Uffe (Uff Cederlund, guitarrista) tinham uma veia bem mais focada no punk rock e coisas assim, e eu tinha muita influência do hard rock clássico. Quando ouvimos pela primeira vez bandas como Venom, Metallica e Slayer, aí a coisa desandou e nossos gostos foram ficando cada vez mais extremos (risos). Mas, antes disso, pensávamos em ter uma banda como o D.R.I., algo assim. Tinha toda aquela coisa do skate, então ouvíamos bastante Suicidal Tendencies, Stupids, essas coisas.

Isso é bem evidente em *Left Hand Path*.

Alex: Exatamente! Misturar os elementos de toda aquela tempestade sonora que consumíamos era a chave, e percebemos isso muito cedo. *Left Hand Path* soa como uma tempestade brutal e imparável, justamente porque era assim que sentíamos que a música precisava ser para acolher todas as nossas influências. Se ele tivesse sido gravado um ano antes, é muito provável que seria diferente, pois haveria outras influências.

Talvez fosse algo realmente mais voltado ao crossover, com influência do punk/hardcore sueco, que era uma cena realmente forte.

Alex: Sim, sempre tivemos ótimos nomes no punk e no hardcore. Anti-Cimex já era uma banda bem importante na época. E ainda havia todas aquelas bandas incríveis que nunca chegaram a lançar nada além de demos. Aliás, ali estão escondidas verdadeiras joias da música pesada, no circuito de demos.

Como vocês chegavam nesse material?

Alex: Os métodos eram ainda bastante primitivos (risos). E isso é até engraçado, pois a nossa fome pela descoberta de bandas era completamente desproporcional com a quantidade de informação que havia disponível. Você meio que tentava deduzir o que poderia ser incrível a partir de um detalhe qualquer que via em um dos poucos zines disponíveis para ler. Havia também uma loja em Estocolmo que costumávamos frequentar, e eles sempre tinham uma porção de demos, vinis e recebiam muita coisa na seção de importados. Claro, nós vivíamos lá, em busca de novas bandas. Nós ficávamos lá, olhando 'folheando' disco por disco na estante, absorvendo as capas e tentando memorizar todos os nomes, era uma batalha incrível e cheia de ótimas recompensas. E, às vezes, encontrávamos pessoas que tocavam em outras bandas, eu conheci o Quorthon (Bathory) assim. Era uma jornada de descoberta quase diária, com os métodos que tínhamos a mão.

Sim, fiz muito disso. Lembro que eu descobria muitas bandas lendo os agradecimentos no encarte do CD de outras bandas (risos).

Alex: Sim, todos amávamos fazer isso. E depois foi por isso também que todos fazíamos listas de agradecimentos enormes, até citando bandas com quem nunca tínhamos tido contato, mas que queríamos que as pessoas conhecessem (risos).

E foram essas atitudes que transformaram um cenário muito pequeno em algo realmente grande e importante.

Grupo Unico Pdf PaD

"O vocalista Robert Andersson (Morbus Chron) garantiu a ótima performance das músicas originalmente gravadas com os vocais de Nicke Andersson"

Alex: Sim, é isso mesmo. Realmente era uma cena pequena, e tudo aconteceu em um período de tempo muito curto. Quando comentamos isso, parece que a coisa levou dez anos, mas foi questão de meses! Bastaram meses para que tudo aquilo eclodisse e se transformasse, algo que hoje levaria anos para acontecer. Nós olhávamos aqueles discos e imaginávamos ver o disco da nossa banda lá no meio, o disco da banda dos nossos amigos, no meio dos discos dos nossos ídolos. Não sei se isso aconteceria hoje em dia, mas levaria anos para algo tão grande acontecer.

Foi uma época de formação dos clássicos. Tudo que vocês faziam pareceu se tornar clássico, como aquela foto diante da grande cruz.

Alex: Sim, muitas coisas incríveis aconteciam, sem que na verdade planejássemos. Nós não planejamos encontrar aquelas bandas que nos influenciaram, não planejamos criar um disco como *Left Hand Path* ou *Clandestine*, as coisas simplesmente aconteciam, como que por coincidência, ou por acaso. Aquela foto, por exemplo: nós não tínhamos planejado tirá-la. Na época em que íamos gravar nosso primeiro álbum, um pequeno jornal do subúrbio de Estocolmo, um jornal realmente bem pequeno enviou um fotógrafo até o nosso estúdio, pois eles sabiam que algo estava acontecendo no cenário musical da cidade naquele momento, e queriam cobrir o que acontecia. Então eles enviaram o fotógrafo, que era Micke Lundström. Ele chegou até o estúdio e falou conosco, nos pediu para ir até o lado de fora do estúdio e posar para algumas fotos, e elas foram inclusive usadas pela gravadora Earache na ocasião. Eram realmente muito boas. Claro que também ficamos muito felizes com o resultado e, então, quando precisamos de novas fotos, o chamamos de novo. Então ele voltou, falou que conhecia um lugar legal para uma foto, e foi dele a ideia de nos levar até aquele lugar, o Cemitério Skogskyrkogården, diante da cruz. Eu nem sabia que aquele local existia, e por isso digo que foram fatos ao acaso. Ele sugeriu e eu disse: 'ok, nos leve até lá'. E aquela foto é tão conhecida quanto a própria banda Entombed.

Hoje, quase trinta anos depois, o Entombed lança um álbum ao vivo que remonta a energia, a força e a alma daquela era clássica. O que é ótimo, já que realmente não sabíamos sequer o status da banda desde a batalha pelo direito do uso do nome.

Alex: Sim, muito tempo passou, mas é como podemos fazer as coisas hoje em dia. Bem, não temos mais dezoito anos, não podemos mais agir como se tivéssemos. Existem muitas coisas que precisam ser pensadas e equilibradas se queremos fazer algo juntos, e isso acaba consumindo muito tempo. Mas estamos aqui, e muito felizes com o novo álbum ao vivo. Quer dizer, isso é algo que nunca tínhamos feito, não do jeito certo pelo menos.

Sim, já que *Monkey Puss (Live In London)* (1999) foi gravado em 1992, na época em que L.G. Petrov tinha acabado de retornar para a banda.

Alex: Sim, L.G. não gravou *Clandestine*, e um de seus primeiros shows após pedirmos para ele retornar para a banda foi aquele que acabou sendo gravado. Nós não estávamos felizes com as gravações. Na verdade, pedimos para a Earache não lançar o álbum, mas após alguns anos eles lançaram do mesmo jeito (risos). E o outro foi *Unreal State* (2005), que foi especial com o ballet, então ainda faltava algo que eu queria fazer. Eu queria ter um álbum ao vivo nos moldes daqueles que eu amava, como um *Live After Death* (Iron Maiden, 1985) ou um *Alive!* (Kiss, 1975), um álbum da banda realmente ao vivo e destruindo, sabe?

Sim, e para isto, você, Nicke e Uffe contaram com dois músicos do Morbus Chron no palco, o vocalista Robert Andersson e o baixista Edvin Aftonfalk.

Alex: Sim, dois músicos fantásticos que tiveram performances incríveis. Mas a coisa começou comigo, Nicke e Uffe. Sabe, eu amo *Clandestine*, mas eu não me sentiria confortável em trabalhar com o material dele sem ter ao meu lado esses dois caras. Eles têm muito a ver com tudo, grande parte do todo é graças a eles, e eles tinham que estar do meu lado, essa era a ideia básica, mesmo antes de toda essa coisa da parte clássica e tal.

Sem os dois, não haveria *Clandestine – Live*?

Alex: Não! Eles estão muito ligados ao álbum original, e eu não gostaria de simplesmente tocar com quaisquer pessoas ao meu lado. Este álbum tem uma história fantástica com nós três, e nós três precisaríamos estar juntos para isso acontecer.

...o Único Pdf PaD

EVOLUÇÃO SONORA RUMO AO TOPO

Mesclando altas doses de metal tradicional com hard rock e pop escandinavo, banda sueca chega ao seu auge em *Zenith*

POR VALTEMIR AMLER

Quando lançou seu primeiro álbum, *Into the Night*, em 2008, o Enforcer aparecia como uma das bandas mais arrasadoras do novo cenário do metal tradicional. E falando em metal tradicional, você pode escolher o termo que preferir: ultrapassado, renovado, revigorado ou atual. Não importa como queira entender a música que serve de base para a carreira dos suecos, eles sempre se renovam e se reinventam. Hoje, pouco mais de dez anos após o debut, a banda apresenta o seu quinto álbum, *Zenith*, um trabalho que visa levá-la a patamares mais altos e ao topo – não das paradas, mas de sua capacidade de composição. Mesclando, com primazia, o som do heavy metal tradicional com pitadas nada discretas de hard rock clássico e até de música pop, Olof Wikstrand (vocal), Jonathan Nordwall (guitarra), Tobias Lindqvist (baixo) e Jonas Wikstrand (bateria) vão mais longe do que nunca com a sua música. Quem dá os detalhes é Wikstrand, que nos contou como eles vivem nesta incansável busca pelo zênite.

Onze anos atrás, o Enforcer lançava o seu álbum de estreia, *Into the Night*. É bastante tempo, mas é incrível a força que este álbum ainda evoca.

Olof Wikstrand: É verdade. Uau, se pararmos para pensar, é realmente muito tempo e, às vezes, nem nos damos conta disso. Na verdade, foi bem legal você começar a entrevista dessa forma, pois muita gente ainda insiste em nos tratar como uma banda nova, mesmo com quinze anos de carreira e tendo lançado o primeiro álbum há cerca de onze anos (risos).

Afora as demos, se contarmos como ponto de partida o lançamento de *Into the Night*, o Enforcer tem mantido uma excelente média de lançamentos: são cinco álbuns completos de estúdio em dez anos, algo não muito comum nos nossos dias.

Olof: Sim, esse é o nosso ritmo, a nossa maneira de trabalhar. Queremos continuar seguindo assim, mas isso significa que precisamos ter novas músicas. Pelo menos é assim que entendo a coisa, já que somos uma banda com material próprio. E, claro, eu entendo isso como uma grande conquista, pois lançar álbuns não é uma coisa fácil. Penso que nunca foi. Temos trabalhado bastante e esses álbuns são fruto disso!

Lançando o quinto álbum, qual o seu sentimento hoje quando escuta *Into the Night*?

Olof: Sendo bem sincero com você, eu sinto uma mistura de sentimentos, por assim dizer. A questão é que curto a atmosfera daquele álbum e realmente ainda gosto daquelas músicas, mas, quando o escuto, a primeira coisa que me salta aos olhos é a produção. Eu não gosto muito da produção daquele disco, pois na época não tínhamos uma verba boa para trabalhar no estúdio e isso meio que nos obrigou a apressar as coisas. Novamente, preciso ser sincero, acho que algumas das nossas demos anteriores soam realmente melhores que aquele álbum. Não musicalmente, mas no sentido da produção. É isso que sinto.

Comecei falando do álbum de estreia porque ele ainda hoje é um dos favoritos de seus fãs, e é unânime que ele trouxe algo 'renovador' para o estilo. Sinto essa mesma atmosfera no novo álbum, *Zenith*.

Olof: Que bom que você sente isso! É exatamente aquilo que queríamos que as pessoas sentissem ao ouvir o álbum (risos). Quer dizer, não tínhamos algo realmente planejado, nada além do fato de que não queríamos que esse fosse apenas 'mais um álbum de heavy metal'. Não poderia ser assim. Nós amamos ser chamados de 'uma banda de metal tradicional', mas não quere-

Grupo Unico Pdf PaD

Tobias Lindqvist, Olof Wikstrand, Joonas Wikstrand e Jonathan Nordwall rumam ao topo em seu quinto álbum de estúdio

mos que nossos álbuns sejam mais um no imenso horizonte do estilo.

A parte engraçada disso é que o som dos álbuns do Enforcer soa 'renovador' exatamente porque soa 'antigo', se você entende o que quero dizer...

Olof: Não apenas entendo como também compartilho dessa opinião (risos). Não vou mentir, nunca quisemos soar como uma banda moderna de metal, que faz música plástica, sem alma – isso não é o que queremos! Música velha é a melhor (risos). É muito fácil entrar no estúdio, tocar de qualquer jeito e, então, se sentar confortavelmente diante de um computador e alterar aquela linha de bateria que soou um pouco 'torta', simplesmente 'limar' aquela parte e substituir eletronicamente pela linha correta, a perfeita. Você lima o erro, substitui o erro, mas também remove parte da alma da banda, aquilo que a faz soar única.

E também acaba garantindo um álbum em que todas as músicas soam homogêneas, o que tem mais a ver com o 'Top 10' de uma rádio FM do que com o heavy metal.

Olof: Exato! E isso não é o correto, não para a nossa música. Claro que trabalhar com todos os recursos modernos tem a sua vantagem, mas eu não sei se quero que todas as linhas de guitarra dos meus álbuns soem iguais, com uma força única, ou que o baterista no álbum possa ou não ser um verdadeiro baterista. Esse tipo de facilidade genérica nunca fez a minha cabeça e não me interessa nem um pouco. Se quero um disco que soe 'grande', preciso de altos e baixos, de emoções diferentes e nada plásticas.

É legal perceber que vocês trazem essa sonoridade antiga em músicas que trazem elementos modernos, o que é ótimo, pois dá uma identidade para a banda.

Olof: Muito obrigado por dizer isso! Sabe, esse é exatamente o ponto, e lhe agradeço por me dar a chance de dizer isso: nós nunca quisemos que as nossas músicas soassem velhas! As pessoas confundem o som do álbum com as músicas do álbum, e, embora eu ame o som e as músicas dos antigos álbuns de metal tradicional, dos anos 80, não quero que as minhas músicas soem como uma cópia delas. Sim, eu copio aquela sonoridade, por assim dizer, mas não copio as músicas, e é ótimo que tenha percebido isso! Não teria lógica criarmos um novo álbum que soasse como uma cópia de um lançado há trinta anos ou mais. Músicas novas com produção antiga – isso é o que fazemos!

Certo. E quanto ao título do álbum, existe uma razão especial para ele se chamar *Zenith*?

Olof: Bem, posso afirmar que o nome desse álbum foi originalmente influenciado pelo título da segunda música do álbum, *Zenith of the Black Sun*. Na verdade, a intenção era que ele se chamasse *Zenith of the Black Sun*, mas, por fim, decidimos que este era um nome muito longo. Queríamos que o título fosse uma palavra e não toda uma frase (risos). Então, cortamos o título, reduzimos e ficamos com *Zenith*, que é ótimo. Você sabe, o zênite, o ponto mais alto. E, claro, isso deixa o ouvinte com várias interpretações possíveis.

Sim, podemos pensar que esse é o apogeu do Enforcer.

Olof: Sim, exatamente. E acho que realmente alcançamos o topo aqui.

Mas essa interpretação tem um pequeno problema, não?

Olof: (N.R: fica pensativo por alguns segundos) Ah, sim, quando você chega ao topo, precisa descer, certo? (risos). Mas não faremos isso. Acho que fixaremos residência no topo (risos).

Bem, o que o Enforcer precisou aprender para chegar ao zênite?

Olof: Acho que a principal coisa que aprendi, pessoalmente e da maneira mais dura de todas, é que sucesso não é igual a qualidade – nem de música e nem de vida. Hoje, posso lhe dizer com segurança que parei de procurar o sucesso. Eu acho muito melhor fazer exatamente aquilo que quero fazer, sem pensar muito sobre isso. Quando você tem uma banda e corre atrás do seu espaço todos os dias, percebe que o sucesso é algo que não tem relação nenhuma com a qualidade do seu trabalho. Atingir o sucesso com uma banda é uma possibilidade tão provável quanto ganhar na loteria. Então, aprendi que preciso pelo menos me divertir com isso.

Faz sentido, o mundo da música não é conhecido por ser o mais justo.

Olof: Sim, é só ligar o rádio a qualquer momento e ouvir quanta música horrível toca, quantos artistas medíocres são bem sucedidos, e quanta ótima música você nunca terá a chance de ouvir. Então, pessoalmente, essa foi a maior lição que aprendi, mas também sinto que evolui pelo lado musical. E com naturalidade. Com o passar do tempo, você vai aprendendo como fazer certas coisas, como alcançar certos resultados. Hoje, tenho uma noção maior de como criar um refrão que ficará na memória dos ouvintes, de como trabalhar uma linha instrumental para ter um efeito mais duradouro. Usamos todo esse aprendizado a nosso favor, mas não nos iludimos. Nessa vida, você precisa aprender as lições de todos os campos em que atua, pois todos acabam se relacionando.

Você realmente usou a habilidade de criar músicas mais cativantes. Confesso que nunca imaginei que eu fosse gostar de uma música como *Regrets*, mas aquela coisa do pop sueco me cativou.

Olof: Sim, eu entendo (risos). Sempre gostei de músicas assim, e você sabe, já nos compararam com o Abba, então, tudo bem (risos). Gosto muito dessa música, e fico feliz em saber que ela tem agradado até um especialista em metal extremo (risos).

ZENITH
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI · NAC

LAST IN LINE

Phil Soussan, Vinny Appice, Andrew Freeman e Vivian Campbell: usando o passado para construir o futuro

RUMO PRÓPRIO

SINCERO E COM OS DOIS PÉS NO CHÃO, ANDREW FREEMAN FALA DA TRAJETÓRIA DO LAST IN LINE DA HOMENAGEM A RONNIE JAMES DIO ATÉ O MATERIAL AUTORAL

POR DANIEL DUTRA

Com Vivian Campbell (guitarra), Jimmy Bain (baixo), Vinny Appice (bateria) e, apenas no começo, até Claude Schnell (teclados), o Last in Line recrutou o vocalista Andrew Freeman para revisitar os discos gravados pela formação original do Dio. Mas a banda foi além. Primeiro, gravou um disco, *Heavy Crown* (2016), que não escondia a remissão ao passado; depois, começou a dar passos mais firmes com as próprias pernas num novo álbum, *II*, coincidentemente sem Bain, que não chegou a ver o CD de estreia chegar às lojas – ele faleceu de câncer nos pulmões em 23 de janeiro de 2016, durante o cruzeiro Hysteria on the High Seas, do Def Leppard. O grupo seguiu em frente com Phil Soussan (ex-Ozzy Osbourne) nas quatro cordas, e o falante Freeman explicou tudo isso e mais um pouco durante um longo e sincero bate-papo. Confira alguns dos melhores momentos.

O álbum *II* foi lançado três anos depois de *Heavy Crown*, mas com uma mudança significativa: sem Jimmy Bain, que era uma peça-chave no conceito do Last in Line. Como foi trabalhar no novo disco depois da morte dele?

Andrew Freeman: O processo de composição foi igual, mas obviamente o ambiente não era o mesmo, porque sentimos a falta do Jimmy. A presença dele era um diferencial, sem dúvida, mas acredito que a parte criativa não sofreu alteração. Continuamos trabalhando como uma banda na hora de fazer as músicas.

E qual foi o papel de Phil Soussan nesse processo? Ajudou o fato de ele ter entrado logo na banda?

Andrew: Muito, principalmente na questão de relacionamento, mas Phil fez coisas no disco pelas quais não tem levado muito crédito. Além de compor, ele esteve muito presente na engenharia de som, mas creio que o principal foi o fato de termos arriscado porque o seu estilo de tocar é diferente do que tinha o Jimmy. Phil se envolveu bastante em *II*, assim como fez Vinny desta vez, é bom ressaltar, mas parece que as peças se encaixaram como mágica, uma vez que nenhum de nós tinha um relacionamento profissional com Phil antes do Last in Line. Particularmente, estou gostando bastante de trabalhar com ele.

Como essa é a primeira entrevista do Last in Line para a ROADIE CREW, gostaria de repassar um pouco o início da banda, a começar por Claude Schnell. O que aconteceu para ele sair da banda antes do lançamento do primeiro álbum?

Andrew: As coisas seguiram seu curso natural, porque a verdade é que Claude não fez parte da formação original do Dio. Vivian e Vinny poderiam responder isso melhor, mas algo me diz que, no fundo, os rapazes (N.R.: Freeman se refere a Campbell, Bain e Appice) não queriam um tecladista no Last in Line, até porque foi Jimmy quem tocou os teclados em *Holy Diver* (1983). Acho que foi apenas no terceiro álbum que o Claude entrou no grupo...

Na verdade, foi em *The Last in Line* (1984).

Andrew: Lembro-me, no entanto, de alguma história de Jimmy também ter gravado os teclados no segundo álbum. Bom, também não havia um relacionamento de verdade entre eles, e assim foi decidido que seguiríamos em outra direção. Para completar, a ideia inicial do Last in Line era tocar o material que Vivian, Jimmy e Vinny haviam composto com Ronnie James Dio, e Claude nunca foi realmente um compositor no Dio. Ele chegou depois do primeiro disco e parecia um integrante fixo aos olhos do público, até porque aparecia nas fotos de divulgação, mas até onde sei era um músico contratado. No nosso caso, não queríamos que os teclados fossem um instrumento proeminente no som, então não havia sentido mantê-lo para o primeiro disco. No Dio havia teclados desde o início em estúdio, mas no Last in Line, a partir do momento em que fomos gravar, o consenso foi que seria guitarra, baixo, bateria e voz. Ou seja, quatro caras compondo e gravando as músicas.

Especificamente sobre você, qual foi o sentimento de ter sido escolhido logo de cara para ser a voz de uma banda que tocaria apenas material da formação clássica do Dio? O que Ronnie James Dio e aqueles álbuns representam para você?

Andrew: Minha primeira reação foi a de me sentir honrado, porque eu era fã do Dio quando adolescente. Até hoje

tenho os dois primeiros álbuns, mas devo dizer que não cheguei a comprar o terceiro (N.R.: *Sacred Heart*, de 1985), porque perdi o interesse. Honestamente, deixei de acompanhar a banda depois do *The Last in Line*, mas ainda gostava de Black Sabbath e eventualmente ouvia o *Heaven and Hell* (1980). Para mim, o melhor foi a oportunidade de poder tocar com os músicos originais da banda Dio, e a primeira turnê foi uma realização. Quando fizemos uma segunda turnê e começamos a tocar também material próprio, eu me afastei daquele sentimento. E posso explicar por quê. Se eu sou contratado para fazer um trabalho por causa das minhas habilidades, e o caso aqui é que basicamente fui contratado para cantar aqueles clássicos, eu tento entregar as músicas do jeito que os fãs querem ouvi-las, uma vez que eu mesmo quero ouvir as bandas que gosto tocando as canções do mesmo jeito que elas foram gravadas. Por outro lado, eu não gosto de imitadores, então respeito o material ao mesmo tempo em que procuro adicionar o meu estilo. Caso contrário, eu seria um clone. E não quero ser um clone de ninguém. Se quisesse, poderia ganhar muito dinheiro fazendo imitações em Las Vegas, mas não sou esse tipo de pessoa. Como temos Vivian e Vinny na banda, dois elementos-chave daquela formação original, é difícil que as nossas músicas não saiam na mesma veia daquela sonoridade inicial e bem-sucedida do Dio, mas eu peguei a oportunidade de cantar um catálogo clássico para tentar transformá-lo no meu próprio catálogo.

Interessante, porque em vez de perguntar a você se é um desafio cantar Ronnie James Dio, eu prefiro lembrar Vivian dizendo que a inspiração para seguir em frente como banda foi ouvir a sua interpretação para aquelas músicas. É um grande elogio, não?

Andrew: Eu nem sei o que falar (risos). É ótimo saber que ele está feliz com o que venho fazendo, sem dúvida alguma, e entendo a responsabilidade que é interpretar a música de um vocalista lendário. Mas eu não penso nisso, sinceramente, apenas tento cantar aquelas canções de uma determinada maneira. Não tenho nenhuma ligação com a história do Dio, até então nunca estive envolvido com nada relacionado àquela banda, e ainda sou o 'cara novo'. Tudo que posso fazer é cantar da melhor maneira possível, seguir em frente e ajudar no material composto pelo Last in Line a fazer frente aos clássicos do Dio que tocamos. Caso contrário, as pessoas se viram para ir ao banheiro (risos). É meu trabalho mantê-las interessadas no show ao mesmo tempo em que construo a minha história. Ronnie não é o primeiro vocalista a ter conexão com uma banda como o Last in Line, mas nós não somos um tributo, até porque hoje o nosso set é basicamente formado por nossas próprias canções. Não quero soar negativo em relação à história do Dio, porque ela é um ingrediente importante em nosso sucesso. Não quero esquecê-la, mas também quero olhar para o futuro em vez de ficar apenas preso a algo que foi feito há 40 anos.

Partindo dessa premissa, os fãs esperavam em *Heavy Crown* um trabalho na linha de *Holy Diver*, *Last in Line* e *Sacred Heart*, e devo dizer que foi o que vocês entregaram. No entanto, *II* mostra um distanciamento capaz de fazer com que as pessoas vejam o Last in Line como banda, não como um projeto.

II
FRONTIERS · IMP.

Andrew: Eu espero que sim, mas quer saber? Acho impossível que deixem de ver o Last in Line como um projeto, apesar de isso ser melhor do que ser encarado como tributo (risos). Mas é um ótimo projeto paralelo de músicos que têm compromissos maiores, como o Vivian no Def Leppard. A verdade é que seremos sempre um projeto porque o Last in Line nunca será grande como foi o Dio ou como é o Def Leppard, e as limitações que enfrentamos são a maior prova disso. Precisamos nos adaptar às agendas das bandas e atividades principais e, também, ao orçamento que temos para fazer o que fazemos. O único jeito é continuar lutando e caindo na estrada para tocar, mas não me entenda mal. A ligação do Last in Line com Dio e Def Leppard nos ajuda muito na questão da popularidade, e é essa ligação que permite sermos uma banda. Seria ótimo se o Last in Line deixasse de ser um projeto, mas não vejo isso acontecendo em momento algum, sinceramente.

Apenas três músicas em *II* me lembraram da sonoridade do Dio: *Black Out the Sun*, *Give Up the Ghost* e *Sword from the Stone*, todas mais pesadas e cadenciadas. Ao mesmo tempo em que encontrou uma identidade, a banda parece ter se preocupado em manter esse laço com o passado.

Andrew: O mais engraçado é que houve um momento em que começamos a trabalhar em músicas mais rápidas, porque não tínhamos tanto material 'up-tempo'. E é complicado fazer com que as canções mais cadenciadas não soem como Dio, principalmente por causa de Vinny, que tem um estilo bem peculiar de tocar mais lento, com muito groove. É bem doom e Black Sabbath, por razões óbvias (risos), mas também com algo de Led Zeppelin. Não compusemos essas três músicas para que soassem mais como Dio, apenas aconteceu dessa maneira. A nossa intenção é sempre compor uma canção que se encaixe no fluxo do disco que estamos fazendo, como se fosse o setlist para manter a dinâmica do show e não permitir que a atenção das pessoas se disperse. Nunca ficamos planejando fazer dessa ou daquela maneira, porque é tudo muito orgânico quando nos juntamos, e posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes estivemos todos juntos para compor o *II*. Levamos mais tempo escrevendo os arranjos e as letras. Por exemplo: *Black Out the Sun* surgiu de um clipe de 45 segundos a um minuto que recebi, então fiz os arranjos, escrevi a letra e adicionei várias linhas de melodia até ela se transformar na faixa que está disco. Mas fiz tudo isso com o objetivo de deixá-la interessante para quem vai ouvir. A demo parecia uma stripper que tirou as roupas muito rapidamente (risos), e não é nisso que estou interessado. Não é o tipo de música que quero lançar, especialmente com o Last in Line, porque acredito que nosso público quer mais e melhor. Então, é sempre um desafio.

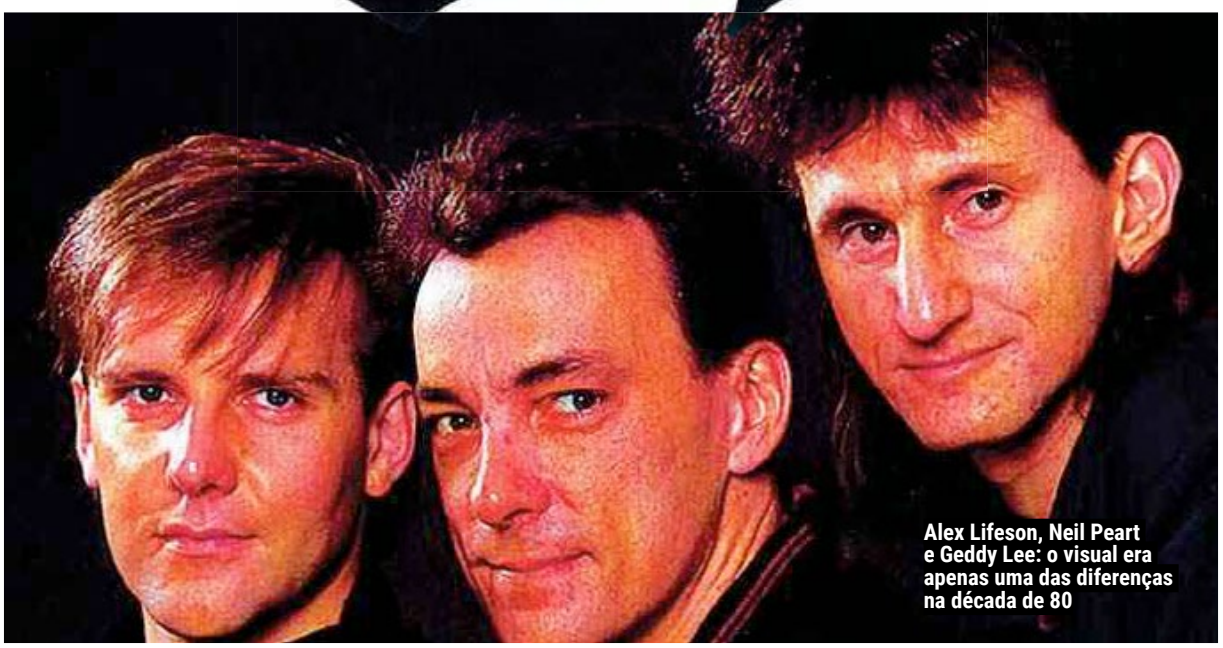
Obrigado pelo papo, Andrew, e devo dizer que espero ver o Last in Line um dia no Brasil.

Andrew: Ah, cara, obrigado a você pela oportunidade de falar sobre o Last in Line para os fãs brasileiros, porque é algo pelo qual fico realmente agradecido. Eu adoro tocar no seu país (N.R.: Freeman esteve aqui com o The Offspring em 2008, ano em que excursionou como guitarrista e vocalista de apoio do grupo californiano), e sabe quando falei da falta de apoio às bandas de rock? Definitivamente, não é o caso do Brasil. Fui muito bem tratado quando estive aí e vi de perto como vocês são apaixonados por música. Quero voltar em breve com o Last in Line, então espero que todos curtam a banda e o novo álbum.

Grupo Unico Pdf PaD

RUSH

PARTE 7



Alex Lifeson, Neil Peart e Geddy Lee: o visual era apenas uma das diferenças na década de 80

UM MUNDO DIFERENTE

Trio canadense nunca cansou de se reinventar e aproximou o rock progressivo da new wave

POR VALTEMIR AMLER

Chame de teimosia, inventividade, inquietação criativa, ímpeto de mudança, como preferir. Você pode apelar até para a 'arrogância', um adjetivo que tinha sido usado para definir o caráter musical do Rush tantas vezes no passado. Porém, uma coisa é certa: Neil Peart, Alex Lifeson e Geddy Lee nunca conseguiram se sentar confortavelmente no sofá e contemplar o que tinham conquistado. Mais que isso, eles não entravam em estúdio para compor um punhado de músicas sob uma fórmula já testada e comprovadamente bem-sucedida. Para eles, a música era um processo de criação sem fim, de reinvenção, de total compromisso com as suas vontades. E ver o mundo sob este aspecto exige muito mais do que apenas criatividade. Sim, eles tinham muita coragem. No momento decisivo, eles provaram que tinham ousadia de sobra e partiram para a conquista de um novo mundo.

SINAIS DE UM NOVO MUNDO

Após o triunfo absoluto de seus últimos álbuns de estúdio, *Permanent Waves* (1980) e *Moving Pictures* (1981), os canadenses estavam dispostos a arriscar. Diferentemente de muitas outras bandas, o sucesso não tinha trazido conforto e sossego. Neil, Alex e Geddy ansiavam por uma mudança de ares ainda mais profunda do que a que vinham perpetrando ao longo dos anos.

Sempre com a ajuda de Terry Brown, o trio partiu para o estúdio de gravação com muitas ideias em mente, prontos para iniciar o trabalho que serviria como um divisor de águas na sua carreira. Para o bem ou para o mal. No entanto, naquele momento, olhando de fora, quem diria que muitas mudanças estavam acontecendo? A banda continuava intacta, Terry seguia comandando a mesa de som. Afora isso, as influências musicais nem eram tão estranhas, se comparadas com o que já se ouvia nos dois discos anteriores. O Rush continuava atento ao que acontecia ao seu redor. Assim, a new wave, o reggae e o pop rock continuavam atraindo as atenções do trio. A diferença não estava nas referências, mas o quão profundamente eles estavam dispostos a mergulhar nelas.

Como se ouvia em hits anteriores, como em *The Spirit of Radio* (com fraseados de reggae) e *Tom Sawyer* (com os sintetizadores quase que assumindo o controle de certos movimentos da música), Geddy Lee vivia um momento de profunda empolgação com as possibilidades oferecidas pelos teclados. Os sintetizadores eram sua nova menina dos olhos. Assim, quase naturalmente ele decidiu trazê-los para frente em seu novo álbum. O movimento foi compreendido pelos outros dois integrantes, embora Lifeson claramente perderia parte de seu protagonismo em um álbum com esta proposta.

"Em *Signals*, certamente existe um conflito entre a guitarra e os teclados que estávamos usando", contou Lifeson para Martin Popoff. "Para mim, este álbum não soa bem do ponto de vista da guitarra. Nós estávamos começando a realmente mergulhar nos teclados, e não acho que encontramos o equilíbrio nele", acrescentou.

Sob cada um dos pontos levantados, Lifeson tinha razão. Era impossível não perceber que *Signals* carecia de ótimos momentos de guitarra, e a onipresença dos sintetizadores era só parte da razão que trazia essa percepção. O fato é que, pela primeira vez desde o início de sua jornada, o Rush não dava um passo adiante naquilo que se refere à qualidade da produção de seus álbuns. Por isso, não seria exagero afirmar que a sonoridade de *Signals*, em geral, é pobre se comparada ao que eles fizeram pouco

Grupo Unico Pdf PaD

Após *Exit... Stage Left*, o Rush voltou para o estúdio para gravar seu nono álbum, *Signals*

Lifeson e Lee na linha de frente dos shows do Rush

antes, em *Moving Pictures*. Parte da falta de guitarras no álbum é causada simplesmente pelo fato de que elas não ganharam o brilho devido na mixagem final. E, como depois saberíamos, isso seria um dos motivos para mais mudanças no futuro.

Quanto às diferenças musicais, não há nada que não fosse planejado pelo trio. Nenhum acidente de percurso ou algum ponto fora da curva, pelo menos naquilo que se refere ao que o trio almejava alcançar. "Quando nós fazemos um novo álbum, tentamos fazer algo diferente", disse Peart para o biógrafo Bill Banasiewicz. "Queremos que ele soe diferenciado, que afete o ouvinte de uma forma diferente. Então, nesse sentido, a experiência nem sempre ajuda", completou o baterista.

De fato, a amplitude da paleta musical do Rush era maior do que nunca em *Signals*. Do início com a clássica *Subdivisions*, e suas incríveis camadas de sintetizadores, passando por *The Analog Kid* e sua tentativa de recolocar os holofotes sobre as fluidas linhas de guitarra, *Digital Man* e seu flerte com o reggae, tudo reflete uma banda que estava mais atenta às suas possibilidades rítmicas e sonoras do que a rótulos previamente estabelecidos.

A inventividade (e assertividade) estava em nível tão alto, que Banasiewicz fala em seu livro 'Visions: The Official Biography' sobre o fraseado de bateria na música *The Weapon*: "É o mais próximo que o Rush chegou de ser uma banda disco. Claro, você precisa notar que quando uma batida é guiada pelas mãos de Neil Peart, ela sempre terá um caráter único. Algo que a maior parte da música disco e electro-pop não têm."

No fim das contas, *Signals* se tornou um álbum mais obscuro para os seus criadores do que para os fãs e a imprensa. "Este álbum nos tomou mais tempo do que no passado. E não existem razões técnicas ou pessoais para isso, apenas o fato de que, como queríamos algo diferente, isso foi algo muito mais difícil de obter", enfatizou Lee.

O fato é que a tensão sempre percorreu o processo de criação e concepção de *Signals*. Se a banda tinha conseguido um ótimo resultado musical, maculado por uma produção fraca demais em comparação aos discos anteriores, não ajudava a amenizar os ânimos. Chega a ser curioso que, a despeito de toda a tensão envolvida, *Signals* tenha rendido o single de maior sucesso nas paradas americanas – *New World Man*, que alcançou a posição 21 na Billboard Hot 100 –, a primeira posição no Canadá, e a maior turnê da banda até então. Sinais dos tempos, que trariam cada vez mais mudanças.

SEGUINDO ADIANTE SOB PRESSÃO

"*Signals* foi o último álbum que Terry Brown fez conosco", observou Lifeson para Martin Popoff. Assim, uma parceria que havia durado quase uma década e rendido muito sucesso para ambas as partes estava encerrada. Para muitos era difícil de acreditar, principalmente levando-se em consideração que a própria banda chamava o produtor de "o quarto membro do Rush". Parecia uma loucura, mas, no fim das contas, a sonoridade de *Signals* e os anseios de Geddy, Alex e Neil para o futuro ditariam a necessidade de mais uma busca por novos caminhos.

O plano original para o décimo álbum completo de estúdio do Rush, *Grace Under Pressure*, era contar com o produtor Steve Lillywhite. Ele tinha em seu currículo uma das bandas favoritas de Lee na época, o Ultravox, além de trabalhos ao lado de Peter Gabriel, U2, e muitos outros nomes que haviam passado a habitar o horizonte criativo do Rush na década de 80. No entanto, o que o Rush aprenderia naquela primeira aventura sem o seu padrinho e guru é que você não pode confiar na palavra de todas as pessoas, algumas simplesmente mudam de ideia e o deixam na mão.

"Steve Lillywhite realmente não é um homem de palavra", recordou Lee a respeito da primeira empreitada do Rush sem Terry Brown desde 1975. "Depois de ter concordado em fazer o nosso álbum, ele recebeu uma oferta do Simple Minds, mudou de ideia, nos colocou de lado e foi fazer o álbum do Simple Minds. Então, isso nos colocou em uma posição horrível. Estávamos na iminência de iniciar o processo de pré-produção e, de repente, não tínhamos um produtor", esbravejou.

A coisa realmente não poderia acontecer em um momento pior e, assim, o trio teria que apelar para o plano B. Porém, não havia realmente uma nova opção. Então, o mais improvável para o momento teria que acontecer, algo que eles jamais poderiam ter imaginado: iniciar um processo de seleção, que seria atendido por mais de cinquenta candidatos ao posto de produtor. "Enquanto nós estávamos escrevendo e arranjando material, tínhamos produtores viajando para nos encontrar, para falar conosco. E foi no pior momento, após decidirmos nos aventurar por nossa própria conta, sem a figura paterna de Terry Brown. Foi muito desconcertante subitamente ter que atravessar todo esse processo de entrevistas", observou Lee.

No fim das contas, o escolhido para o posto foi Peter Henderson, que tinha uma longa e aclamada experiência ao lado da banda inglesa Supertramp. Se isso lhe faz pensar que daí em diante a história seria mais tranquila e leve para o Rush, saiba que esta era também a impressão que o trio tinha, o que pode ter sido definitivo para a sua escolha. "Ele tinha uma vasta experiência em coprodução e engenharia de som com o Supertramp e vários outros artistas. O gosto musical dele era compatível com o nosso, e ele parecia uma ótima pessoa", se entusiasmou Lee, para, logo depois, revelar que a experiência não saíra exatamente conforme o esperado. "Nós fomos para o estúdio para começar a gravar o disco e percebemos que ele não era capaz de tomar uma decisão", contou. "Então, foi muito frustrante, pois, de repente, nós tínhamos que tomar todas as decisões. E aconteceu que nós contratamos um engenheiro de som que era literalmente um engenheiro de som brilhante. Eu falo sério! Ele é literalmente

Grupo Unico Pdf PaD

O Rush dos anos 80 era marcado por uma música ainda progressiva, mas cada vez mais repleta de teclados e sintetizadores

um dos melhores engenheiros de som com que trabalhei, mas ele não era de muita ajuda na hora de escolher material. Ele era um cara muito indeciso e isso se tornou um pesadelo para nós", completou.

Levando-se em conta a forma como o Rush gosta de trabalhar sua música, pesadelo é o que, de fato, aquilo parecia. Primeiro, a falta de calma e paz na hora de compor o material. Depois, a falta de alguém realmente capaz de ajudá-los a escolher as partes mais interessantes para figurar no álbum. De repente, o trabalho em um único disco parecia exigir mais concentração e força do que toda a discografia anterior, o que é estranho se você lembrar o tipo de situações que Alex, Geddy e Neil tinham confrontado no passado. Mas havia uma grande diferença: antes eles tinham uma figura ao lado deles, disposta a lutar pelos mesmos ideais. Desta vez, por escolha deles mesmos, esta pessoa não estava mais ali para apoiá-los.

"Nós ficamos em Morin Heights por meses para criar este álbum", recordou Lee. "Gravamos tantas faixas, tantas formas diferentes para cada música, na maior parte do tempo guiados pelo fato de que nós estávamos produzindo basicamente por nós mesmos... Estávamos fazendo tudo por nós mesmos. Havia uma quantidade tremenda de pressão em nós mesmos para tomarmos as decisões certas", acrescentou. No final, Lee resumiu a situação: "Peter Henderson foi um ótimo engenheiro de som. Eu acho que ele fez um ótimo trabalho gravando o álbum. Mas um produtor... Isso ele não é."

Deixando de lado os aspectos que envolvem a sua criação e levando apenas a música em conta, *Grace Under Pressure* é mais um álbum com a marca do Rush, envolto em criatividade e experimentação. O repertório veio dotado de qualidades óbvias, como um discreto retorno da sonoridade proeminente das guitarras de Lifeson que, desta vez, dividiam o protagonismo ao invés de serem completamente soterradas em passagens de sintetizadores. Entre os melhores momentos, *Afterimage* se destaca pelo caráter pessoal que apresenta. Já a experimental *Red Sector A* vem apoiada por uma letra firme e cheia de versos impactantes, que ora remetem a atmosfera de *2112*, ora soam muito reais e próximas de um mundo que vivia soterrado no medo de um conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Ademais, *Grace Under Pressure* também trouxe *The Enemy Within*, a última música da trilogia "Fear", de Neil Peart. Apresentada em ordem decrescente, a parte 3 (*Witch Hunt*) aparecera em *Moving Pictures*, a parte 2 (*The Weapon*) está em *Signals*, então, aqui tínhamos a primeira parte da história. O álbum, que ainda destacou *Distant Early Warning*, *The Body Electric* e *Between the Wheels*, alcançou a quarta posição no Canadá, e a quinta no Reino Unido, além da décima na Billboard 200. Um resultado nada modesto para um trabalho que parecia que jamais seria lançado. "Eu gosto do álbum, só gostaria de conseguir separar a minha experiência pessoal com ele. E eu não consigo", afirmou Lee. "Foi um álbum incrivelmente difícil para fazer, e eu não consigo me livrar disso", completou.

O PODER SOB DIFERENTES ÂNGULOS

O processo de composição e gravação dos dois álbuns mais recentes tinha sido um verdadeiro teste de força para Lifeson, Lee e Peart. Muito trabalho e esforço tinham sido despendidos, e, além disso, a banda seguia em turnês extensas e desgastantes. Então, ao terminar o ciclo de divulgação de *Grace Under Pressure*, finalmente o Rush decidiu que era hora de fazer uma pausa e recarregar as baterias. Foram meses longe dos palcos e dos estúdios, apenas relaxando e curtindo a família, algo que eles não tinham feito com muita frequência desde que a banda tinha iniciado a jornada.

Com o ânimo revigorado, vinha também a vontade de voltar para o estúdio e explorar todas as ideias que foram surgindo naqueles dias de paz e calmaria. Assim, o trio já tinha definido na ponta do lápis o que queriam para seu próximo álbum, que se tornaria *Power Windows*. Seria um trabalho mais melódico que os anteriores, já que sentiam que tinham deixado este aspecto em segundo plano quando apostaram na abordagem

Grupo Unico Pdf PaD

Neil Peart aproveitou a aproximação do Rush ao reggae e ao ska para criar levadas rítmicas ainda mais complexas na bateria

mais rítmica dos últimos registros. O novo disco também precisaria ser diferente no aspecto lírico, já que Peart estava disposto a dar mergulhos mais profundos. Ele queria uma abordagem ainda mais focada naquilo que via e ouvia todos os dias, criando uma teia de palavras que versavam sobre política e sobrevivência num emaranhado complexo, que ia das fronteiras entre as nações até a existência das bombas nucleares.

Com os objetivos definidos, eles partiram para a próxima etapa. Esta, porém, demandava cuidado. Após a decepcionante experiência com Steve Lillywhite no álbum anterior, eles sabiam que precisariam ser cautelosos na escolha de seu produtor e atentar para todas as habilidades do candidato escolhido. Afinal, eles não queriam ter o trabalho de compor e produzir o álbum, o que havia acontecido na prática em *Grace Under Pressure*.

Se a banda tinha o intuito de mudar mais uma vez e de novamente buscar uma nova forma de expressão musical, o amigo de longa data Gary Moore tinha alguém para indicar: ninguém menos que Peter Collins, um produtor com um currículo tão vasto quanto variado, e com a fama de ser um profundo conhecedor e entusiasta das tecnologias modernas, sempre em busca de novos métodos de gravação. Sim, um contraste completo com tudo o que o Rush tinha feito até então, mas era justamente isso que eles queriam. Assim, a decisão já tinha sido tomada. Como Collins residia na Inglaterra, restava para a banda retornar ao Reino Unido para gravar. Era algo que eles não faziam desde os tempos de *Hemispheres*, mas que estavam dispostos a tentar.

Antes disso, alguns 'ajustes' precisavam ser feitos. A banda aproveitou o tempo antes de viajar para trabalhar em quatro novas músicas, que já estariam prontas antes de embarcar para o Velho Mundo. *The Big Money, Marathon, Middletown Dreams* e *Mystic Rhythms* estavam prontas, e outra, *Manhattan Project*, precisava apenas de retoques finais para ganhar sua versão definitiva. Para testar o efeito de suas novas músicas e retomar o ritmo de trabalho, a banda agendou uma pequena turnê pela Flórida antes de viajar. Enquanto o trio ia ficando mais afiado, Lee aproveitava para assistir várias partidas de baseball, seu esporte favorito desde a infância.

Finalmente, eles foram para a Inglaterra e, de cara, começaram a gravar no tradicional Manor Studio. A diferença do trabalho ao lado de Collins era enorme, algo totalmente novo para ser explorado. Na época, Lee se empolgou ao falar sobre a experiência com a Guitar Player: "Nós gravamos a base das músicas de uma maneira diferente do que sempre fizemos. No passado, nós insistimos muito em tocar como um trio ao vivo e capturar uma performance. Mesmo que acabássemos refazendo o baixo ou a guitarra, tentávamos pegar algo que soasse como a banda tocando. Fazendo isso, você está à mercê da circunstância. Você está procurando por aquela tomada mágica. Então você invariavelmente grava muito mais faixas do que precisa, e você escolhe os melhores momentos para cada uma", detalhou Lee. "Então, Peter Collins disse 'olha, eu não trabalho assim. Deixem-me mostrar uma maneira diferente, e vejam se agrada vocês.' Então, nós usamos o metrônomo", completou.

Lee curtiu explicar em detalhes o processo. Assim, estava na cara o quanto a banda estava empolgada com tudo aquilo. Os custos para produção de *Power Windows* também não fizeram por menos. Afora o Manor Studio, a banda também gravou no lendário Abbey Road, além de contar com uma orquestra de 30 integrantes em três composições, e um coral de 25 vozes para *Marathon*. Todo esse esforço garantiu um trabalho grandioso, no qual novamente a banda brilhou por suas habilidades instrumentais, mas que destacou um senso melódico apurado, refinado, e, convenhamos, de muito bom gosto. Musicalmente, o objetivo tinha se concretizado.

Liricamente, Peart também realizou seu intento em *Power Windows*, explorando várias visões de poder, sempre analisadas sob diferentes pontos de vista. Estes se mesclam em um álbum que, se não é temático, apresenta um fio condutor lírico muito bem

Grupo Unico Pdf PaD

O final da década de 80 ainda ficaria marcado como a época em que Peart, Lifeson e Lee começaram a reduzir o número de shows

delineado. Mais uma vez, eles conseguiram alcançar o que se propuseram fazer.

AINDA GUIADOS PELO INSTINTO

Como você pode perceber, o processo que envolveu a concepção e a elaboração de *Power Windows* tinha deixado os três integrantes muito empolgados e satisfeitos. Ainda assim, as experiências anteriores e o tempo extra que tinham passado em casa, ao lado da família, tinham ensinado uma valiosa lição para o Rush, e novamente eles demandariam de um tempo de folga entes de mergulhar novamente no processo de composição. Também foi nessa época que o Rush decidiu puxar o freio em suas datas de turnê, limitando a quantidade de datas de shows pela América do Norte, além de decidir implicitamente não ir para a Europa em todas as turnês e deixar o Japão praticamente de lado.

Eles estavam dispostos a manter o corpo e a mente sã, e para isso sabiam que não poderiam mais agir como se tivessem dezoito anos. Mas, principalmente, eles não estavam dispostos a ver suas famílias desmoronarem enquanto eles tentavam ser uma banda em tempo integral.

"Você pode conseguir o melhor ônibus do mundo, mas, no final, ele continua sendo um ônibus. É muito difícil para você fazer um show, entrar no ônibus, dirigir por 400 quilômetros e acordar no meio da madrugada para entrar no hotel e voltar a dormir. E isso o leva a cometer um monte de abusos, pois você está morrendo de tédio no ônibus. Você fuma mais do que deveria, bebe mais do que deveria, e tudo isso acelera a sua deterioração física", explicou Lee para Martin Popoff.

Assim, eles tomaram o tempo necessário para se sentirem confiantes e preparados para reiniciar o ciclo. Peart já tinha grandes ideias para a parte lírica do novo álbum, e planejava seguir pelo caminho que tinha trilhado em *Power Windows*. Se tinha usado sua experiência e todas as suas leituras para criar um emaranhado de ideias focadas nas diferentes formas do poder, a ideia agora era focar no tempo, esse grande agende de mistério e mudança que sempre atiçou a imaginação dos homens. Assim, ele começou a juntar linhas e mais linhas para aquela que seria a sua primeira música para o novo disco: *Time Stand Still*. O resultado final era animador, e ele seguiu criando até perceber que a temática estava tomando um novo rumo, fugindo do "tempo" e rumando direto para o "instinto". Ele resolveu apostar na ideia. E é por essa razão que o álbum se chama *Hold Your Fire*.

SIGNALS (1982)

GRACE UNDER PRESSURE (1984)

Musicalmente, algumas alterações seriam promovidas, só que desta vez mais no sentido de continuar adiante no caminho do que no de transformar a sua sonoridade. Para começar, a banda mantinha Peter Collins no posto de produtor, e, de certa maneira, também mostrava que tinha gostado do sistema de gravar em vários estúdios, e com muitos recursos. Novamente a banda tinha como base o Manor Studio, acrescentando à lista Air Studios e o Ridge Farm, além do McClear Place, de Toronto, cidade natal da banda.

A busca central tinha sido na procura de um álbum realmente orientado pelas melodias, como Lee explicou: "É um trabalho muito ambicioso, cheio de mudanças de textura, de drama e de mudanças rítmicas. E é quase um álbum romântico em certo sentido, melodicamente."

Essa busca por melodias, é claro, vinha também do envolvimento da banda com Peter Collins, um verdadeiro apaixonado por músicas repletas de melodia e drama. Como tudo tinha funcionado perfeitamente no álbum anterior, o caráter de Collins ainda ressoava nas ideias do trio, que criou um álbum que carece de peso, mas que envolve o ouvinte pelos climas densos e dramáticos que permeiam suas canções.

Um exemplo clássico de uma ótima ideia muito bem trabalhada é justamente a música mais conhecida do repertório: *Time Stand Still*. Com uma melodia repleta de pop e extremamente cativante, a banda ganhou uma vantagem extra ao escolher os vocais convidados de Aimee Mann. A vocalista e baixista da banda americana de pop/rock 'Til Tuesday faz uma aparição memorável ao lado de Lee. Era, de fato, um recurso muito pouco explorado pelo Rush em toda a sua longa carreira, o que apenas mostra que eles ainda estavam longe de esgotar o número de cartas que tinham na manga.

13 E 14 JULHO
rock concha
30 ANOS
CONCHA ACUSTICA
PLANET HEMP • CAMISA DE VÊNUS • RATOS DE PORÃO
PEDRO PONDÉ • MALEFACTOR • ALQUÍMEA • DREARYLANDS
VENDAS
ingresso rápido
APOIO
RealizaÇÃO
íris
ACOMPANHE AS NOVIDADES!
@ROCKCONCHA

EAST OF STEVE MUSIC
INCRÍVEL COLEÇÃO DE PALHETAS À VENDA DE STEVE ROSEN
Eu montei um pequeno espaço chamado
THE PICKS OF ROCK AND ROLL.
Isso inclui tesouros que eu recebi de Billy Gibbons,
Ritchie Blackmore, Frank Zappa, Rory Gallagher,
Eric Clapton, Janick Gers, James Hetfield, Reb Beach, etc.
Para adquirir acesse
www.ebay.com/usr/spiritnation
STEVE ROSEN
PICK SELLER
scrosen@sbcglobal.net 1854 Jewett Drive, West Hollywood, CA 90046
QUEM ENTRAR EM CONTATO COM STEVEN E MENCIONAR QUE VIU O ANÚNCIO NA ROADIE CREW TERÁ FRETE GRÁTIS.

Grupo Unico Pdf PaD

PAULO BARON

REVELANDO TODOS OS SEUS SONHOS

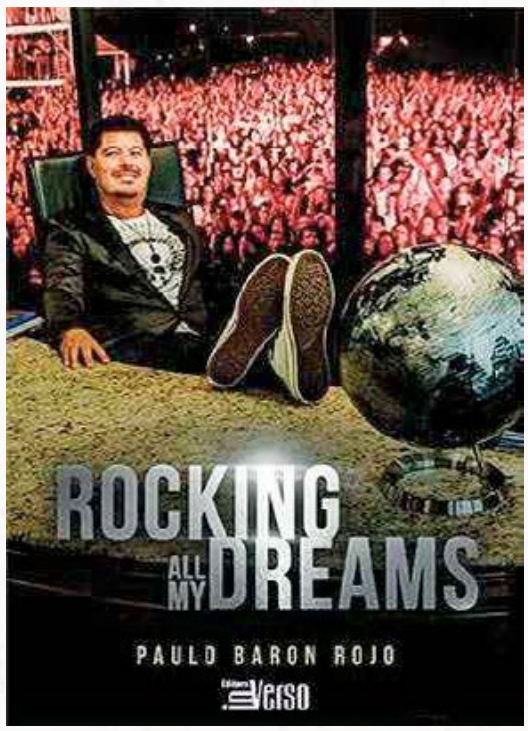
EM ROCKING ALL MY DREAMS, PAULO BARON ROJO FALA DE SUAS REALIZAÇÕES NA MÚSICA E INSPIRA O LEITOR A VALORIZAR OS SEUS SONHOS

POR LEANDRO NOGUEIRA COPPI

Mais conhecido como Paulo Baron, o bem humorado produtor e empresário mexicano radicado no Brasil se destaca no cenário musical. Reconhecido em nossas terras como fundador da Top Link Music, que está completando 30 anos, e também por ser manager do Angra há alguns anos, tendo sido, inclusive, figura importante no restabelecimento do grupo no mercado, Baron construiu uma carreira que vai além do que muitos sabem. Aprendeu muito sobre o show business quando morou na Inglaterra, trabalhou com vários artistas mundialmente renomados, entre eles o Scorpions, e produziu mais de 10 mil shows, além de ser o criador do festival "Live 'n' Louder". Bem, são tantas histórias que dariam um livro. E deram! Paulo Baron Rojo está lançando "Rocking All My Dreams", no qual fala de suas andanças pelo mundo da música e sobre suas experiências de vida, tendo como mote inspirar os leitores, principalmente os mais jovens, a vencerem confiando em seus sonhos. É o que ele nos conta na entrevista a seguir.

Com uma vida tão corrida, sempre atarefado em sua profissão, quanto tempo levou e em que momentos você conseguia se dedicar a "Rocking All My Dreams"?

Paulo Baron Rojo: Para mim, escrever o livro foi como uma terapia. No show business você passa por várias subidas e descidas, e, em alguns momentos, fica emocionalmente afetado. Quando voltava para casa, ao invés de sair para beber, eu chamava meu amigo Emerson Anversa. Começamos a fazer reuniões, conversando sobre minhas histórias, e, entre uma cerveja e outra, fomos escrevendo. Foi assim que



encontrei tempo para fazer o livro. Encontrei um sistema de distração ao fazer isso.

Mais do que contar suas histórias no universo musical, o livro inspira o leitor. Você fala de acreditar nos sonhos, inclusive na busca de uma profissão ligada ao que se ama e acredita. Esse era o seu objetivo, relatar histórias e inspirar pessoas?

Paulo: Em primeiro lugar, por ter uma filha entrando na adolescência e por ver muitos jovens que vão prestigiar nossos shows, sempre me preocupei em pensar que muitos deles se sentem excluídos por não se enquadrar nos estudos. E eu considero que todos nós temos um sonho. Quem não tem, precisa buscá-lo, pois é a única maneira de sentir-se realizado. O dinheiro é consequência, mas não é mais importante. Portanto, antes de tudo, estava conscientizar os jovens de que, mesmo um cara como eu, o cara mais improvável, digo, pelo país que vim e pela profissão de meus pais, consegui meus sonhos, buscando-os e me concentrando em nunca desviar-me desse objetivo. As histórias são simplesmente o caminho que percorri a cada dia para conseguir realizar esses sonhos.

É interessante refletir através dessa leitura o quanto a energia do universo está presente em nossas vidas. Destaco dois episódios bastante díspares contados em seu livro: o encontro inusitado com o também produtor/promotor José Muniz Neto na Inglaterra, e a morte de seu amigo e sócio Christopher Zimmermann, que, sem imaginar, salvou sua vida de um acidente aéreo. "Rocking All My Dreams" vai muito além de experiências musicais e profissionais.

Paulo: Sou uma pessoa muito ligada às energias. Desde a minha infância sempre acreditei e tento me relacionar com as pessoas devido às suas energias. Quando você acredita na energia, percebe que o universo cria uma espécie de ímã, que repele as coisas que não lhe são boas e atrai as coisas que são. Então, você acaba por criar relações sinceras. E o próprio subconsciente das pessoas ajuda nesse processo. Se você percebeu no livro, há a constante de eu me encontrar rodeado, em diferentes momentos de minha vida, de pessoas que tiveram a ver sempre com algo relacionado à música. Essas me ajudaram, inclusive, a seguir meus novos caminhos.

Em 2000, ao saber que seria pai, você foi tomado pela preocupação com as constantes ameaças de sequestro que vinha

Grupo Unico Pdf PaD

sofrendo no México com sua família. Foi o estopim pra você e esposa irem morar em Curitiba (PR). Como foi passar por uma situação dessas, num momento em que as coisas fluíam bem pessoal e profissionalmente?

Paulo: A vida é feita de ciclos, você tem que ter a capacidade de entender quando esse ciclo chega ao fim. Às vezes, é uma tolice seguir tentando e eu, como homem que gosta de cumprir com a palavra, tinha prometido à minha mulher que, em algum momento, iríamos viver no Brasil. E os sinais estavam lá, tanto os negativos, para não continuar naquele lugar, como os positivos, pois minha filha ia nascer e aquele era o momento certo. É a mesma coisa das energias trabalhando a seu favor.

Mesmo trabalhando há tanto tempo no ramo musical, você conta não ter perdido seu lado fã. Qual o sentimento de ter em "Rocking All My Dreams" depoimentos de músicos que se tornaram seus amigos, como os do Angra, Roy Z, Charlie Benante (Anthrax), Stu Cook (Creedence), Doro Pesch, Andreas Kisser, Mike Portnoy, Tarja Turunen, Derek Sherinian, Jay Jay French e Dee Snider (Twisted Siter), Steve Hogarth (Marilion) e muitos outros?

Paulo: Sinto-me o homem mais afortunado do mundo. Se eu não tivesse ganhado dinheiro com essa profissão, já teria sido feliz simplesmente por ter tirado uma foto com eles. Agora, muitos deles se tornaram amigos pessoais, com os quais converso por whatsapp, nos ligamos em datas como aniversários, e quando vou às cidades deles, saímos para jantar – inclusive, nossas famílias se encontram. Isso não tem preço, pois respeito essas estrelas mais do que tudo. São pessoas diferentes, que nos trazem muitas alegrias e transmitem tantas coisas, as quais não conseguimos falar ou expressar. Elas têm a habilidade de nos fazer felizes ou nos deixar tristes, mas sem nos agredir, simplesmente com a música. Às vezes, imagino se eu tivesse tido a oportunidade de conhecer Beethoven, ou ido a um concerto de Tchaikovsky ou Mozart... Seria algo que me faria sentir o homem mais feliz do mundo. Por isso, sinto-me afortunado, pois vivi a época dourada do rock, pude conviver com esses astros e ainda fazer deles meus amigos.

Sua empresa, a Top Link, está comemorando 30 anos e acumula mais de 10 mil shows realizados. Que análise você faz sobre números tão expressivos e sobre o atual momento de shows na América Latina?

Paulo: Para ser sincero, não me importo com o número de shows, mas com as vivências que cada um deles me trouxe. O que mais me impacta nisso tudo é ter conseguido viver 30 anos só da música. Quando me dou conta que já se passaram três décadas, penso: 'uau, já se foram 30 anos com tantos shows e histórias'. Quando você faz um show, ele é uma vida para muitas pessoas. E são centenas de pessoas envolvidas, isso significa mexer com muitas emoções e também responsabilidades. E, principalmente, você está lidando com os sonhos das pessoas. Isso é algo sério demais.

Com a Top Link, você foi o idealizador de três edições do festival "Live 'N' Louder", no Brasil e no México, nos anos de 2005, 2006 e 2013. É possível acontecer uma quarta edição ou até mesmo a criação de um novo festival?

Paulo: Fazer um festival é uma coisa igual a ir a outro planeta. O desgaste é imenso e o retorno financeiro é ínfimo comparado com a grande quantidade de problemas nos quais pode se envolver. Idealizei o 'Live 'N' Louder' porque necessitava criar um novo ciclo para a minha vida. E porque via que há muitos anos não havia um festival no Brasil. Era uma aventura que eu queria criar para mim. Graças a Deus, conseguimos, mas agora que já temos tantos festivais rolando por aí, para que competir colocando mais um? Prefiro ser convidado, ir para a área VIP, visitar meus amigos de bandas, pular, tirar a camisa e me sentir um fã. Esse sonho de fazer um festival já foi realizado. Não quer dizer que nunca mais farei um festival, mas no momento não sinto essa vontade.

Em 2013, você se tornou empresário do Angra, banda a qual já conhecia de longa data, tanto é que você foi o primeiro produtor a levá-la para tocar em seu país. Como é trabalhar para e ter participado efetivamente do restabelecimento do Angra no cenário nacional e mundial?

Paulo: Em primeiro lugar, ter participado da volta do Angra ajudou minha própria saúde. Naquela época, eu estava com um quadro de semi-depressão, e isso ajudou a me sentir criativo. Em segundo, por mais um mistério das energias, fui o primeiro empresário do Shaman, depois só do Andre Matos, me tornei empresário do Almah e criei aquele projeto Angra and Friends com o Angra. É engraçado, fui o único a ser empresário dos três vocalistas do Angra. E tenho um relacionamento de amizade com todos eles. Em terceiro, foi muito bom ver como músicos tão excelentes como eles estavam abertos a escutar minhas ideias. E me sinto muito orgulhoso dessa conquista, pois pude ajudar a banda a subir mais um degrau em sua carreira. E isso, com certeza, também me trouxe reconhecimento dentro do Brasil. Os fãs do Angra são muito carinhosos comigo devido a isso. Constantemente, pessoas se aproximam para me parabenizar ou agradecer pela história que tenho feito junto à banda.

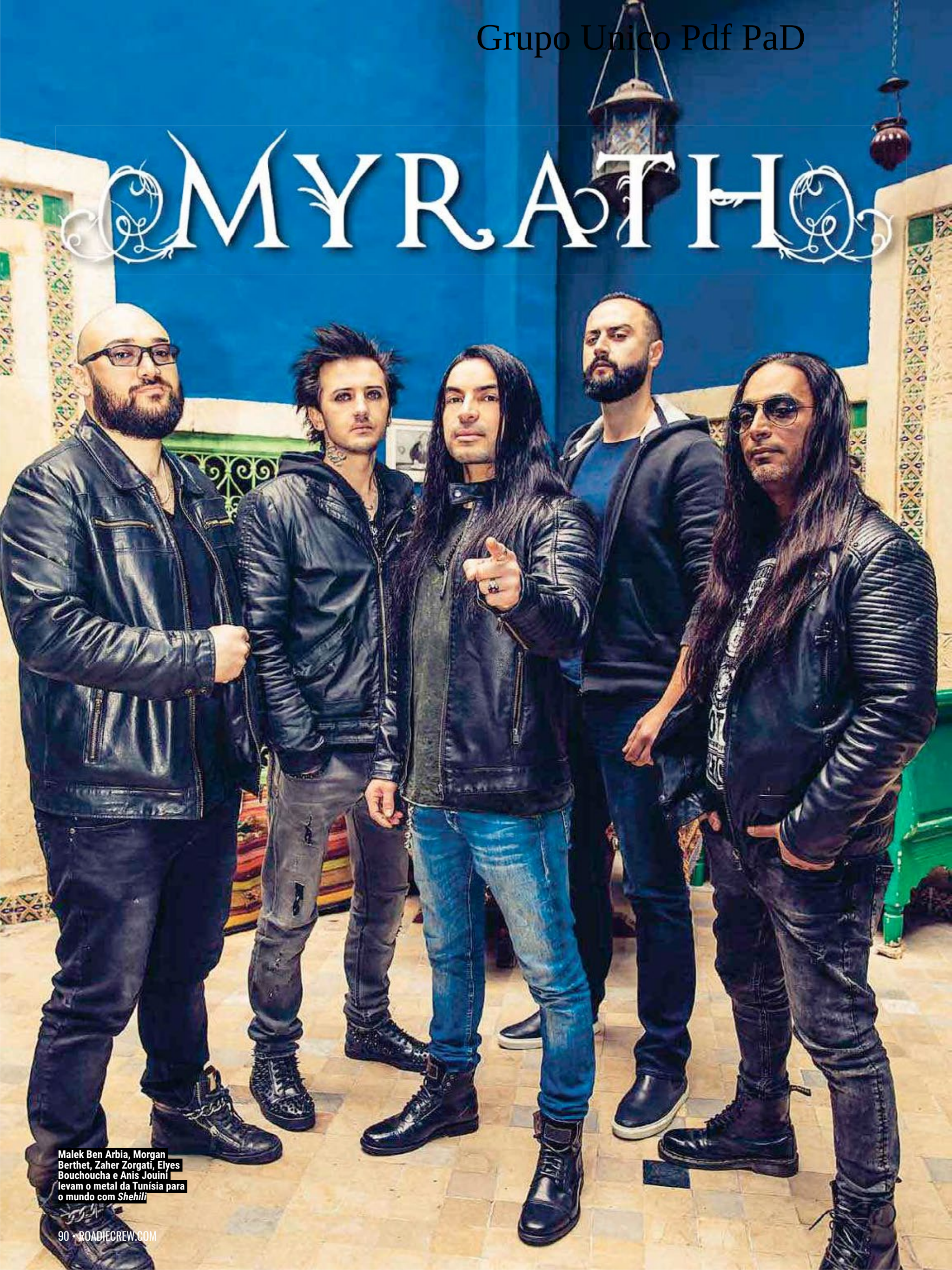
Sendo formado em cinema, como é ter no currículo atuações em clipes como *Final Light* (Angra), e mais recentemente em *Lies Are A Business*, de seu amigo Dee Snider?

Paulo: Fantástico! Passo a ser parte da história da música, isso vai ficar registrado e será uma coisa que meus netos - caso venha a tê-los - darão muitas risadas. Também participei do clipe *Não Há Nada Melhor*, da banda Malta. Como o próprio Kiko Loureiro fala no prólogo do livro: '(...) afinal, um vilão mexicano cai bem em qualquer história.' É um jeito de não me levar tão a sério.

Além do trabalho, Paulo Baron desfruta da amizade de artistas mundialmente renomados como Bruce Dickinson (Iron Maiden), Angra, Chuck Berry e Klaus Meine (Scorpions)

Grupo Unico Pdf PaD

MYRATH



Malek Ben Arbia, Morgan Berthet, Zaher Zorgati, Elyes Bouchoucha e Anis Jouini levam o metal da Tunísia para o mundo com *Shehili*

Grupo Unico Pdf PaD

O ESCALDANTE METAL QUE VEM DO DESERTO

REUNINDO INFLUÊNCIAS QUE VÃO DA TRADICIONAL MÚSICA DO ORIENTE MÉDIO COM METAL PROGRESSIVO E SINFÔNICO, BANDA DA TUNÍSIA CHEGA AO SEU QUINTO ÁLBUM

POR VALTEMIR AMLER

O metal, e aqui você pode escolher qualquer subgênero ou nenhum, é uma expressão musical mundial. Ela não conhece fronteiras, limites e sempre traz surpresas de onde você menos imaginar. O quanto verdadeiramente sabemos sobre a cena metálica da Tunísia? Pouco, realmente muito pouco. No entanto, um dos nomes que mais chama atenção no cenário atual, especialmente quando falamos em metal sinfônico e progressivo, é justamente uma banda daquele país, o Myrath. Altas dores de música berbere e andaluza se mesclam com guitarras pesadas e repletas de melodia, camas de teclado que remetem ao metal melódico europeu, e letras com mensagens fortes. Sim, trata-se de um pacote completo para pessoas de bom gosto musical. Com seu quinto álbum lançado no mercado, o vocalista Zaher Zogarti falou com a ROADIE CREW sobre *Shehili*, e a ideia musical que concretiza há quinze anos com o Myrath, os reis do metal do deserto!

A sensação de estar lançando o quinto álbum, *Shehili*, ainda causa a mesma excitação de quando soltaram o primeiro disco, *Hope*?

Zaher Zogarti: A sensação é ótima, embora eu possa dizer que também existem alguns sentimentos conflitantes. Quer dizer, há empolgação, mas também existe um grande sentimento de ansiedade, já que nunca podemos realmente prever como os fãs reagirão ao nosso álbum, seja ele o primeiro ou o quinto. É uma sensação engraçada, pois envolve vários sentimentos contraditórios, mas eu diria que a principal que tenho agora é a de que estou muito confiante no resultado.

Sim, imagino que seja sempre uma sensação de recomeço, já que, a cada novo álbum, todo um ciclo se reinicia, com diversas ações típicas para que ele obtenha um bom resultado.

Zaher: É como sinto, também. Até aqui nós lançamos cinco álbuns, mas não é como se as coisas tivessem se tornado mais fáceis. Claro, temos muito mais experiência do que nos primeiros dias e isso ajuda bastante, mas ainda é uma nova jornada. Eu sempre digo para os meus colegas de banda que este não é o nosso quinto álbum, é o nosso primeiro. Temos que agir como se fosse o primeiro, pois é sempre um recomeço e precisamos dedicar muita força e energia em um novo trabalho.

Desta vez, essa sensação de reinício também é apoiada pelo fato de *Shehili* ser o primeiro trabalho do Myrath pela earMusic, certo?

Zaher: Sim, e essa é também uma ótima sensação! Quer dizer, é uma sensação completamente diferente, algo novo para nós, pois nunca estivemos ao lado de uma gravadora tão grande. Quer dizer, a earMusic é uma verdadeira 'major'. Basta olhar para o catálogo deles, pois estamos na mesma gravadora que está lançando Deep Purple, Hollywood Vampires, Alice Cooper... O Myrath está em um selo que tem em mãos bandas como estas! Então, é algo que precisamos encarar com muita seriedade. Não estamos mais numa corrida de tiro rápido, agora estamos correndo uma verdadeira maratona. Essa é a sensação (risos). Estamos recebendo uma grande chance, depois de quinze anos de trabalho realmente duro e de sacrifícios. Agora estamos ao lado de um grande selo, que vai nos ajudar a crescer e atingir outro nível. Isso é, no fim das contas, um grande trabalho de confiança, e sentimos que eles confiaram realmente em nós. Agora é a nossa vez de compensar, e também confiamos neles.

SHEHILI
EARMUSIC/SHINIGAMI – NAC.

É um movimento inteligente, podemos dizer até necessário para, como você disse, alcançar outro nível. No entanto, alguns fãs podem ficar desconfortáveis com isso, não?

Zaher: Sim, e até posso entender o motivo, mas posso garantir para eles que não existe nenhuma razão para ficarem desconfortáveis. Em uma situação como essa, o problema seria a gravadora pressionar a banda para que ela soe de uma determinada maneira, e isso não aconteceu conosco. Existem exemplos de bandas que mudaram para grandes gravadoras e então alteraram o seu som. Transformaram o estilo que os caracterizava, e que os fãs amavam, em algo totalmente diferente. Se mudar de selo está ligado com uma transformação sonora é o que parte das pessoas teme, garanto que não há o que

Grupo Unico Pdf PaD

temer neste novo álbum, ou em nenhum outro do Myrath. A parceria com a nova gravadora busca levar a banda para outro nível, o que, para nós, significa levar a nossa música para mais pessoas, e não transformar a nossa música. E também não é uma questão de dinheiro, pois poderíamos ter aceitado propostas de outros grandes selos especializados em metal, mas preferimos a earMusic. Nós escolhemos trabalhar com eles porque sentimos que eram as pessoas certas, que gostam do que fazemos e nos acompanham há alguns anos. Se eles assinaram conosco por acreditarem e gostarem da nossa música, por que mudaríamos?

Parece justo. Inclusive, ao colocarmos *Shehili* para tocar, fica claro que o Myrath não mudou a sua proposta, uma vez que os elementos que tornaram a banda conhecida ainda estão lá.

Zaher: Exatamente! E isso é algo realmente importante para nós. Veja, esse é o nosso quinto álbum, mas quando falei para você que é como se fosse o nosso primeiro, também estou falando sobre isso. Nós não queremos esquecer de onde viemos, não queremos deixar de lado as nossas influências, as bandas de rock e de metal que nos transformaram em apaixonados por música, que nos fizeram ter uma banda de metal. Ser uma banda que está sempre lançando o seu primeiro álbum também significa ser fiel ao seu som, às suas influências, por mais experiência que você tenha.

Novamente, isso parece bastante justo (risos). Posso perguntar quais seriam essas influências, as que moldaram os primeiros dias da banda?

Zaher: Claro, eu amo falar sobre música, então é um prazer falar sobre a música que eu amo (risos). Veja, olhar para a música que me transformou em um músico de metal é um mergulho longo, profundo... Se bem me lembro, a coisa começou quando eu tinha um pouco mais do que dez anos. Um primo meu, que vivia na Alemanha, me trouxe uma fita com músicas de várias grandes bandas. Metallica, claro, mas também Pantera e outras. Inclusive, havia músicas do Sepultura, que eu adorei. Veja, eu cantava desde, sei lá, os quatro anos de idade, mas foi quando ouvi metal pela primeira vez que senti que era isso que queria fazer! Eu queria ser um músico, queria ter uma banda. Desde o princípio eu queria ter uma banda... E uma de heavy metal!

Confesso que, pela sonoridade do Myrath, eu não imaginei que você citaria essas bandas. Estava pensando em algo muito mais voltado ao metal progressivo nas suas raízes.

Zaher: Sim, eu entendo (risos). Acredite, o metal progressivo também está lá, mas as bandas que citei chegaram antes. Mas, você sabe, desde que começamos realmente a tocar, nós já viajamos por muitos lugares, ao lado de muitas bandas, entre elas Dream Theater e Orphaned Land, que são grandes e ótimas bandas progressivas. E, claro, tem o rock progressivo clássico, que também não pode ser descartado de jeito nenhum. Desde o início, o metal foi uma progressão. Como banda nós progredimos, mas lá no início, antes de tudo, cada um de nós progrediu como fãs de música. Íamos mergulhando nas bandas, conhecendo mais, buscando mais. Acho que é sempre assim que funciona.

Mas você diria que o Myrath é uma banda de metal progressivo?

Zaher: Essa é uma pergunta difícil, e eu não sei se poderia realmente responder. O termo 'progressivo' subentende uma grande mistura de elementos, uma busca por um som que nunca está definitivamente pronto e que sempre está em transformação. Bem, é basicamente o que fazemos, misturando elementos de vários estilos e influências. Mas não é assim que o termo é entendido, pois as pessoas associam 'prog metal' a uma sonoridade específica.

Vi no release da banda o termo 'blazing desert metal'. Esse seria um rótulo mais confortável?

Zaher: Acho que sim (risos). Bem, ele reflete muito melhor o que fazemos com a nossa música, essa nossa mistura de elementos... Eu não quero soar estranho, mas acho realmente que somos a única banda que pratica esse tipo específico de música que fazemos. Claro, existem outras que também trazem elementos da música oriental em sua mistura, ótimas bandas como Orphaned Land, Melekesh e outras. Porém, sinto que cada um leva a coisa para uma direção diferente, procura adicionar a sua própria cara na música para não soar parecido. 'Blazing Desert Metal'... Sim, uma ótima definição (risos).

Mas não é muito clara ou fácil de compreender (risos).

Zaher: Não, é mais como algo subentendido (risos). Veja, somos da Tunísia, então muito da música típica dessa região pode ser encontrada no nosso som. A música andaluza e berbere está no nosso sangue, e acho que isso fez uma grande diferença. Muitas bandas europeias e de outras partes do mundo estão incluindo esses tipos de influências em suas músicas, mas temos o privilégio de realmente saber como deve soar.

Agora, falando especificamente de *Shehili*, houve alguma alteração na forma de compor e gravar o novo álbum?

Zaher: O processo de composição foi bastante normal. Acho que não houve nada que realmente destacasse *Shehili* como algo diferente daquilo que costumamos fazer. Ainda assim, a gravação foi um pouco estressante. Quer dizer, não que tenhamos tido problemas, apenas muito trabalho, pois decidimos gravar na Tunísia a parte dos violinos, com a Orquestra Nacional de Túnis. Fomos à Alemanha, até o lendário Chameleon Studio, para gravar a bateria, e para a França, no Kevin's Studio, para registrar os vocais, guitarras e baixo. Então, logisticamente falando, foram muitos voos, muitos arquivos trocados e muito tempo gasto para atingir o objetivo almejado.

Mas eu ouvi dizer que vocês tinham feito algumas experiências interessantes com o produtor Kevin Kodfert para garantir a sonoridade do disco...

Zaher: Ah, sim, sei ao que está se referindo (risos). Bem, também tivemos essa ideia, tentamos compor em alto-falantes ruins, para ter certeza de que a essência, a parte básica das nossas ideias se encaixaria em qualquer sistema de som. Até mesmo sistemas minimalistas e simples.

Funcionou?

Zaher: Ah, sim, surpreendentemente bem (risos).

O que você pode nos contar sobre a música *Dance*, que recebeu ótima resposta dos fãs e um vídeo realmente incrível?

Zaher: *Dance* é sobre uma dançarina do ventre que foi aprisionada em cativeiro pelo ISIS. A história dela é uma história de resistência. Ela é um símbolo de luta contra o mal, um símbolo de liberdade: queríamos transmitir isso de uma maneira muito pessoal, que é definida pela dançarina do ventre, mas essa pessoa poderia ser qualquer um. Quando dizemos 'dance comigo, dance', estamos conversando com todos. Em vez de dizer 'lute comigo, lute', escolhemos oferecer às pessoas a possibilidade de dançar contra o mal, pela liberdade, contra esse fluxo de maldade que se espalha pelo mundo e assim por diante. Dance para você e para a alegria de outras pessoas.

É um tema muito forte, e ótimo para uma música.

Zaher: Vemos muita maldade todos os dias nesse mundo, então também queríamos que as pessoas percebessem que pode existir algo melhor. O mundo pode ser algo melhor.

Mas o clipe tem algo de videogame, não?

Zaher: Sim, eu adoro jogar Prince Of Persia e Assassins Creed. Mas não conte para ninguém (risos).

Grupo Unico Pdf PaD

Grupo Unico Pdf PaD

Jeff Castro, Riccardo Linassi, Pedro Campos, Gabriel Soto e Giovanni Sena surpreendem no envolvente *Monomyth*

A JORNADA CÍCLICA DOS HERÓIS REAIS

CONCEITUAL *MONOMYTH* ELUCIDA A IMPORTÂNCIA DE CADA INDIVÍDUO EM SEU CICLO DE VIDA

POR LEANDRO NOGUEIRA COPPI

O Age Of Artemis viveu grande momento na carreira com *The Waking Hour* (2014). Assim como *Overcoming Limits* (2012), o segundo álbum foi bastante elogiado no exterior. A consagração veio com a participação no cobiçado "Rock in Rio". Nesse período, o grupo passou por reestruturação na formação e após cinco anos chega agora ao conceitual *Monomyth*, um álbum cheio de nuances, com vocalizações agressivas e ao mesmo tempo sutis, instrumental de arranjos refinados e, em algumas músicas, referências da música regional brasileira. Na entrevista a seguir, Giovanni Sena (baixo) e o estreante Pedro Campos (vocal) falam tudo sobre esse cativante terceiro álbum do Age Of Artemis, até mesmo sobre inclusão social.

Após *The Waking Hour*, a formação passou por uma considerável reformulação. Antes de Alirio Netto (vocal), Nathan Grego (guitarra) e Pedro Senna (bateria) darem lugar, respectivamente, a Pedro Campos (Hangar/Soulspell), Jeff Castro (ex-Harllequin/Dark Avenger) e Riccardo Linassi, vocês já vinham trabalhando no que viria a ser *Monomyth*?

Giovanni Sena: Quando o Alirio decidiu deixar a banda minha reação foi compor feito louco. Tive uma reação contrária ao que se espera numa situação como esta. De certa forma, já estávamos trabalhando em um disco, pelo menos em músicas novas.

Mas a entrada dos três novos integrantes trouxe alguma mudança de direcionamento?

Giovanni: Com as entradas do Riccardo, Jeff e Pedro não formalizamos esse pensamento de mudança. Se houve, aconteceu de forma natural, pois havia uma nova interação, já que a banda tinha novos integrantes. Acredito que a mudança é uma constante em nossas vidas. O tempo e novas experiências nos faz mudar constantemente, porém a essência se mantém.

Li em algum lugar você afirmar que *Monomyth* é o álbum que melhor os representa. Não é tão comum uma banda passar por tamanha reestruturação e logo no primeiro trabalho com a nova formação tecer tal análise. O que o levou a essa conclusão?

Giovanni: O sentimento depois de ouvir o disco pronto, perceber o amadurecimento da banda, detalhes nas composições que trazem uma característica peculiar

Grupo Unico Pdf PaD

para o som, as melhorias, coisas que serão diferentes numa próxima vez. Resumindo, questões que ficaram mais afloradas nesse disco do que nos outros dois.

É difícil substituir um vocalista como Alirio Netto, entretanto, você, Pedro Campos, surpreendeu com belas harmonizações e no uso de vocais limpos e drives, que ficaram na medida para cada composição.

Pedro Campos: Poder continuar o que o Alirio fez com a galera é extremamente gratificante, ele é um grande vocalista. A missão não foi nada fácil, mas acredito que juntos fizemos um grande trabalho, à altura de tudo o que já foi feito pela banda.

No debut *Overcoming Limits* (2012) vocês contaram com Edu Falaschi na produção e em *The Waking Hour (2014)* com o americano Brendan Duffy e Adriano Daga. Dessa vez, por que você, Giovanni, decidiu tomar as rédeas?

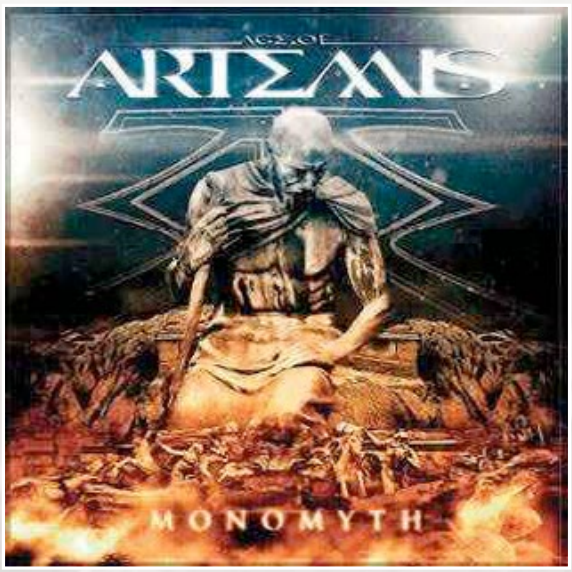
Giovanni: Primeiramente, tive a confiança dos meus companheiros e a experiência adquirida de tantos anos, já que a Artemis não é a primeira banda da qual faço parte, e, por fim, a clareza do que queríamos no som e nas composições. Não foi difícil, pois a nossa comunicação ocorreu de forma fácil e respeitosa.

O título de *Monomyth* elucida o conceito do monomito (também conhecido como 'A Jornada do Herói'), que, segundo o antropólogo Joseph Campbell conclui ser a jornada de doze estágios dos mitos. Percebo que vocês espelharam tal conceito em nossa própria trajetória como indivíduos, sendo que cada música trata sobre as várias fases de nosso ciclo. Falam, por exemplo, de nossos aprendizados, lutas diárias, obstáculos, escolhas, medos, sentimentos e também de autoconfiança e dos amigos que nos estendem a mão nas horas de dificuldades. O que os inspirou a abordar tal temática?

Giovanni: A sua percepção é exatamente o que queríamos passar. A gente queria que as letras tivessem essa conexão com a vida real e usar o tema em questão como uma representação do que vivemos a cada dia, mostrando que cada um tem papel essencial nessa vida.

Pedro: O que me inspirou foi um grande amigo, Júlio Victor, do canal "Tá Na Capa", que é o responsável pelo nosso 'lyric video' *Unknown Strenght*. Certo dia conversávamos e ele me sugeriu o assunto. Logo compartilhei com a banda e o Giovanni se encarregou de escrever grandes letras sobre. Aliás, que letras! Sem dúvida, as mais emocionantes que já cantei até hoje.

Ainda sobre o conceito de *Monomyth*, porque vocês optaram em lançar como primeiro single a música *Unknown Strenght*, que na "Jornada do Herói" seria justamente o quarto dos doze estágios, em que ele encontra o que podemos definir como mestre, mentor ou mesmo um apoio sobrenatural?



MONOMYTH
INDEPENDENTE · NAC.

Giovanni: A razão de *Unknown Strength* ter sido a primeira é que queríamos anunciar, de uma forma não explícita, o que estava por vir. Riccardo, Pedro e eu tivemos o cuidado de escrever as letras de forma que em qualquer ordem elas continuem fazendo sentido.

Pedro: Na vida, todos nós precisamos de um empurrãozinho. Lembra no filme 'Star Wars', quando Luke se encontra desacreditado e o Yoda faz o treinamento, inspirando Luke a seguir sua missão? Essa música é basicamente isso, a inspiração a enfrentar todos os nossos obstáculos, inclusive quando nós mesmos não acreditamos na nossa própria força. Espero que a *Unknown Strenght* inspire as pessoas a irem firmes em busca do que acreditam, assim como nós da banda estamos firmes no nosso sonho de cada vez mais fazermos história no metal nacional e mundial.

Algo bacana em termos promocionais de *Monomyth* é o clipe de *The Calling*, um dos primeiros a utilizar um profissional tradutor de libras (Língua Brasileira de Sinais). Infelizmente, no mundo pouco se faz quanto à inclusão social na música, e o legal é que vocês abriram uma porta aos deficientes auditivos para o universo lírico do heavy metal. Independentemente do conceito do álbum, vocês optaram por mostrar *The Calling* à eles nesse formato justamente pela letra falar sobre lutar pelo o que acredita?

Giovanni: O mundo em que vivemos é muito excludente. Como artistas, temos que usar as nossas armas, ou seja, nossa arte, para a inclusão de todos. A música pulsa e pode ser sentida. Essa iniciativa é nossa obrigação como artistas. Tivemos a felicidade de ter o apoio do FAC (Fundo de Apoio à Cultura), e dessa forma a possibilidade de incluir um tradutor para tal tarefa. Tentaremos manter essa ideia para todos os nossos trabalhos futuros.

Nas faixas *Helping Hands*, *What Really Matters*, *Where Love Grows* e *A Great Day to Live*, noto referências de música regional brasileira. Isso foi algo natural devido às influências de vocês ou tem relação com o teor lírico de cada uma dessas músicas?

Giovanni: Totalmente natural, por termos influência ou pela vivência mesmo. Eu, particularmente, sou do Nordeste, apesar de morar desde 2006 em Brasília (DF), e tenho muito orgulho de minhas origens. Riccardo é da região sul e trouxe suas vivências gaúchas. Jeff e Gabriel são nascidos em Brasília e o Pedro do Rio de Janeiro. Então, como você pode ver, essa mistura ajuda e enriquece muito no som da banda.

Tanto *Overcoming Limits* quanto *The Waking Hour* foram lançados fora do Brasil pelas gravadoras Power Prog, da Alemanha, e King Records, do Japão. Elas também lançarão *Monomyth*? Aliás, há possibilidade concreta de uma turnê internacional para promover o novo álbum?

Giovanni: A King Records é uma grande apoiadora da banda desde o início. *Monomyth* também será lançado por ela. O dia do lançamento será 27 de março por lá e no Brasil no dia 02 de abril (N.R.: entrevista feita em 12 de março). Até o momento, não fechamos com nenhuma gravadora da Europa. Desde o primeiro disco recebemos propostas para uma turnê fora. A cada ano essa proposta melhora. Esperamos que após o lançamento de *Monomyth* possamos, finalmente, concretizar tal turnê. Vamos ver o que acontece.

Pra finalizar, olhando pra trás, como foi a experiência de promover *The Waking Hour* tocando em 2015 no "Rock in Rio"? Além de cair no conhecimento de muita gente, houve outros saldos positivos para o Age Of Artemis após aquela apresentação?

Giovanni: Só pontos positivos. Primeiramente, um sonho realizado em tocar num festival de tal magnitude. Segundo, como você falou, a banda passou a ser mais conhecida. Porém, o que é mais positivo é ter mostrado para o publico brasileiro que o Brasil também é rico em bandas de metal. É possível criar uma cena aonde bandas possam fazer turnês interligando cidades, como é feito na Europa, e ainda assim gerar receita. O que falta é organização de todas as partes. Num futuro próximo, tentaremos fazer algo do tipo com outra banda, numa situação onde as duas estejam no mesmo 'pé de igualdade', sem a babaquice de superioridade ou pagamento de 'jabá' para poder tocar. Assim como falei anteriormente, vamos ver o que acontece.

Grupo Unico Pdf PaD

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO
ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIROROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW

O triunfo de Edu Falaschi em espetáculo com o maestro João Carlos Martins

FOTO: ROBERTO SANT'ANNA

SIM, DÁ PRA LOTAR A CASA!

Muito se fala sobre a forma como o público do heavy metal reage em relação às bandas nacionais, principalmente se comparado com as internacionais. Ficou famoso o meme em que duas pessoas conversam. Uma delas diz: "Você paga 500 paus pra ver uma banda gringa e não gasta 20 pra ver a do seu amigo." A resposta em forma de coice: "Porque a grana é minha e a banda do meu amigo é uma bosta."

Claro que não dá pra levar a coisa a ferro e fogo como nessa brincadeira, mas ela traz muita verdade. Porque, antes de apontar o dedo para o público ou para os promotores de shows (na verdade, em sua maioria donos de bares), era legal que as bandas olhassem antes para elas próprias. Já toquei no assunto nesta coluna da ed. #231, mas vamos retomar aqui. É comum você ver shows de bandas nacionais em que os músicos não se preocupam com o visual da apresentação, com som mal regulado e até repertório mal ensaiado. Se você quer levar a música a sério, como profissão e meio de vida, tem que estar atento a todos esses detalhes, incluindo aí colocar a mão no bolso – fazer rock custa caro, sim senhor.

E recentemente tivemos a prova de que quando isso é feito a coisa funciona. No dia 4 de maio, Edu Falaschi fez um show memorável e que provou que quando o negócio é feito no capricho o público responde à altura. A apresentação baseada no disco *Temple of Shadows*, lançado em 2004 pelo Angra, teve acompanhamento da Orquestra Bachiana Filarmônica, regida pelo maestro João Carlos Martins, certamente o nome mais conhecido da música erudita do Brasil. Edu também trouxe diversos outros convidados e proporcionou uma apresentação de cerca de três horas a um Tom Brasil lotado – na verdade, o show estava 'sold out' há um bom tempo.

Aí a gente fica imaginando o trabalho que essa produção deve ter dado – além de tudo isso, o show foi gravado para um futuro lançamento em vídeo. E não adianta dizer que Edu Falaschi é um "artista grande". Na verdade, ele deu uma tremenda volta por cima depois de uma fase de tormenta em que chegou até a pensar em abandonar a carreira de músico.

Ou seja, é possível, sim, ser tão bem-sucedido quanto um artista gringo. Basta ter boas ideias, cercar-se das pessoas certas em termos de produção, investir (muito!), ter o repertório correto, ensaiar até não mais poder e, bingo!, o sucesso é garantido. Resta ver quantos estão realmente dispostos a encarar essa bronca. Porque, como diz aquela antiga frase que não canso de repetir, você não vai fazer carreira na música só ensaiando com sua banda aos sábados à tarde...

BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL
LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR

Lau, Mimi, Johnny, Andreas, Antonio e Fi se apresentam para pacientes, equipe e familiares da Cruz Verde

MÚSICA SALVA VIDAS

Ou no mínimo as torna melhores.

Sabia disso desde sempre. Mas tive uma prova prática neste maio em que escrevo a coluna. Há um hospital que ajudo em tudo o que posso. O nome é Cruz Verde, e cuida de casos de paralisia cerebral grave.

Na paralisia cerebral grave, a chance de recuperação ou de melhora é praticamente nula, então pacientes estão de certa forma condenados à condição. Isso posto, o Cruz Verde tem 204 internados e um ambulatório que atende 15 mil casos por ano. O hospital vive do SUS, o que quer dizer que basicamente vive de doações e generosidade alheia.

Aqui entra o outro fator na equação. Existe um grupo chamado Os Pitais, um coletivo composto por integrantes de diversas bandas que se revezam em suas brechas de agenda para visitar, como o nome diz, hospitais e levarem alegria em forma de música para pacientes. Quem coordena a operação é minha amiga Anna Butler, que organiza a logística de visitas.

Voltamos para maio, quando conseguimos levar o Os Pitais para visitar a Cruz Verde. Como conheço os pacientes, fui espectador privilegiado do bem que a música faz para o ser humano, em ondas que proliferam (espero que) infinitamente.

Nem sei se deveria listar o time formado na visita à Cruz Verde, mas o faço para publicamente agradecer e mostrar a generosidade desses músicos incríveis, que destinam parte do tempo e principalmente o talento para o bem do próximo. Foram Andreas Kisser (Sepultura), Filipe Fi e Raphael Mimi (que eram do NX Zero e hoje estão no Trago), Lau (do Lau e Eu), Antonio Frugiuele (do Frugiuele) e Johnny Monster (que tocou com meio mundo e tem projeto próprio) – se preferiam que não expusesse seus nomes, por favor, me desculpem; minha intenção foi a de dar crédito a quem o merece.

Eles se apresentaram no hospital em dia de visita de famílias na área onde acontece o encontro. Só que a maioria dos internados está em estado de abandono (basicamente porque a família não tinha condição de arcar com tratamento) e 70% deles são tetraplégicos, sendo que muitos vivem praticamente sem poderem sair da cama.

Tocaram durante uma hora e a felicidade dos pacientes foi de derreter o coração. Não satisfeitos, quiseram ir para os quartos de quem não podia sair e mais uma vez as cenas foram inesquecíveis.

Conheço os internados e a felicidade espontânea que demonstraram com a apresentação foi sem comparação. Em movimento que sei que continua reverberando eternamente em forma de boa energia e de corrente do bem.

Se quiser saber mais sobre o hospital, www.cruzverde.org.br. E d'Os Pitais em @os_pitais.

Grupo Unico Pdf PaD

A LOOK AT METAL

POR CLAUDIO VICENTIN
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR
DA REVISTA ROADIE CREW

Wolf Hoffmann e Mark Tornillo com o Accept em SP, no Tom Brasil em 2017

FOTO: FERNANDO PIRES

HÁ 10 ANOS O ACCEPT RETORNAVA

O Accept parou e retomou sua carreira algumas vezes, mas o retorno que aconteceu dez anos atrás, com a banda trazendo o vocalista Mark Tornillo no lugar de Udo Dirkschneider, foi o tiro certeiro. Desde então, já foram lançados quatro álbuns de estúdio que alcançaram as paradas: *Blood of the Nations* (2010), *Stalingrad* (2012), *Blind Rage* (2014) e *The Rise of Chaos* (2017).

Além dos trabalhos de estúdio, muito material ao vivo também foi ao mercado. O grupo excursionou muito pelo mundo, sendo o Brasil um de seus lugares preferidos. Claro, esses trabalhos são também de arrepiar: *Restless and Live: Blind Rage Live in Europe 2015* e *Symphonic Terror: Live at Wacken 2017*. Inclusive, a impressão que tenho, é que o festival alemão demorou para ter o Accept em seu cast, talvez por conta da grande amizade que eles têm com Udo Dirkschneider.

Já estive ao lado do guitarrista Wolf Hoffmann algumas vezes e tenho contato com pessoas próximas dele, inclusive sua esposa e manager, Gaby, que é muito agradável. Desta forma, pude ir percebendo como Wolf faz a banda acontecer e obter sucesso. Além de ser um guitarrista que cria riffs espetaculares e melodias como a de *Metal Heart*, o que logicamente é a base para alcançar o grande público do heavy metal, pude perceber o quanto ele é determinado em sua missão. Ele se concentra no que realmente importa, sem ficar perdendo tempo com o que não traz resultado. Udo não quis permanecer e essa foi uma insatisfação inspiradora para ele. Wolf usou esse problema para se motivar mais ainda e encontrou Tornillo para dar sequência na carreira dele e de seus companheiros de banda.

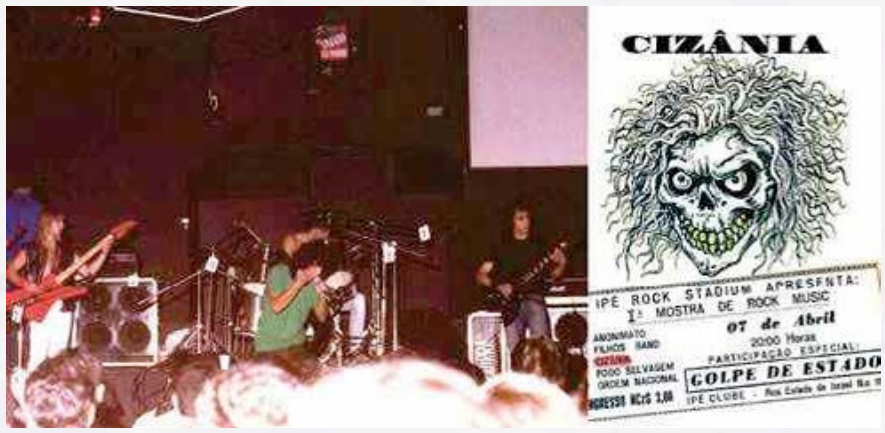
No Monster of Rock de 2015, mais uma vez conversando com Wolf, ele comentou o quanto havia se dedicado nas composições de *Blind Rage* e que sentir o resultado do álbum, após o lançamento, o motivava a manter a determinação em levar o Accept ao topo. *Blind Rage*, inclusive, foi o primeiro trabalho a alcançar o primeiro lugar nas paradas na Alemanha.

Isso mostra, mais uma vez, que ele tem uma atitude mental positiva. Mas, caso não estivesse disposto a pagar um preço por isso, que é trabalhar com afinco, tal atitude não faria nada por ele. Esforço para alcançar suas metas, eliminar suas limitações!

Aguardo ansiosamente o novo álbum do Accept, que já está em fase de composição e deverá ser mais um passo para que continue subindo degraus. A meta de Wolf é levar o Accept cada vez mais ao topo. E você, qual a sua meta? Se não tem uma trate de achar logo e comece a trabalhar em cima dela!

CAMPO DE BATALHA

POR RICARDO BATALHA
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE
DA REVISTA ROADIE CREW



ABRINDO PARA O GOLPE DE ESTADO

O É Noize (AllTV), apresentado por Paulinho Heavy, realizou uma edição especial em homenagem ao saudoso guitarrista Hélcio Aguirra, que, há 30 anos, promovia o álbum *Nem Polícia, Nem Bandido* com o Golpe de Estado. Claro, participei com orgulho do programa e lembrei que, em 1989, eu tocava bateria no Cizânia. Dava o sangue, tocava com garra e tentava aprender o mais rápido possível. Mesmo tendo certa facilidade, no fundo a minha intenção não era ser baterista. Queria estar no meio atuando, mas não me via e não estudava para ser músico profissional, como um amigo de classe do Colégio Objetivo, o Ricardo Confessori. Mesmo assim, fomos gravar a primeira demo-tape, *The Garden of Dreams*. O material acabou sendo resenhado na Rock Brigade por Eduardo de Souza Bonadia, um dos fundadores da revista e que sempre tive o maior respeito e admiração.

Através de uma correria que a turma do Ipê Clube fez, pressionando a diretoria social para organizar um evento de rock, o Cizânia foi uma das atrações de um festival que contou com encerramento a cargo do Golpe de Estado. Para nós, em outros tempos, seria a glória máxima, mas a nossa banda só iria cumprir a data, pois tínhamos decidido nos separar antes mesmo do show. Mesmo assim, foi uma honra poder tocar no mesmo palco que o guitarrista Hélcio Aguirra, o vocalista Catalau, o baixista Nelson Brito e o baterista Paulo Zinner, músicos que admirávamos muito. Eu tinha contato direto com eles por causa das filmagens de shows que fazia com a velha câmera de VHS Panasonic.

Trabalhava na revista Ponte Aérea, mas naquela sexta-feira, 7 de abril de 1989, pedi para sair mais cedo para preparar os equipamentos e fazer a passagem de som no salão do clube à tarde. A turma do Ipê sempre foi grande e agitava muito na danceteria Rock Stadium, realizada aos sábados, onde tínhamos o "cantinho do basquete" no corredor esquerdo daquele local onde o Cizânia fez sua última apresentação. Por sinal, o salão nobre só foi palco de outro show de rock pesado muitos anos depois, em 6 de julho de 2007, quando se apresentaram Tempestt, Hard Rockett e Talisman, de Jeff Scott Soto e do saudoso baixista Marcel Jacob, que faria sua turnê de despedida.

Depois daquele dia, nunca mais tive notícia de outro show de hard rock ou heavy metal no Ipê Clube. No primeiro, estava no palco tocando com o Cizânia e no do Talisman, ajudando na cobertura para a ROADIE CREW. Porém, o que mais marcou foi ter feito a abertura para o Golpe de Estado!

Grupo Unico Pdf PaD

FABIO CARITO

(WARREL DANE | FURIA INC | INSTINCTED | CONFESSORI)

POR RICARDO BATALHA

Primeiro disco que comprou:
"Iron Maiden - *The X Factor*."

Melhor disco de Heavy Metal:
"Iron Maiden - *Seventh Son of a Seventh Son*."

Último disco que comprou:
"Shadows Fall - *Threads of Life*."

Disco que mudou sua vida:
"Warrel Dane - *Shadow Work*."

Disco que mais ouviu na vida:
"Pain of Salvation - *Be*."

Melhor capa de disco:
"Demons & Wizards - *Demons & Wizards*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Qualquer um do Nightwish."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Trivium - *Shogun*."

Música que gostaria de ter composto:
"*Bridge Across Forever* – Transatlantic."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Black Sabbath - *Sabotage*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Dio - *Holy Diver*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Slayer - *Divine Intervention*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Metalium - *Demons of Insanity: Chapter V*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Annihilator, Nocturnal Rites, Armored Saint e Angel Dust."

Música que mais gosta de tocar:
"Nevermore - *Dead Heart, in a Dead World*."

Música que melhor define sua carreira:
"Blaze - *Born as a Stranger*."

Três hinos do Rock/Metal para você:
"Judas Priest - *Painkiller*, Manowar - *Warriors of the World United* e Grave Digger - *Excalibur*."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso: "Digger - *Stronger than Ever*."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Tool."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"In Flames."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Rush - *The Mission*."

Um músico que definitivamente não o agrada: "Scott Ian."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Stratovarius."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Piano."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Dream Theater - *Surrounded*."

Além de Rock e Metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Música eletrônica, Música Instrumental e trilha sonora de jogos."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Desenvolvedor de jogos."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Na segunda tour que fizemos com o Warrel Dane pela Europa, após acabarmos um show na Eslováquia, um cara chegou até mim e pediu para que assinasse um item especial. Ao dizer que sim, ele me levou até sua mulher, onde a mesma abaixou a blusa e pediu para assinar entre os seios, para que meu nome ficasse 'aquecido' entre eles. Foi bizarro porque o cara além de estar mais empolgado que a esposa, ficou segurando a blusa dela para baixo enquanto eu assinava, e a caneta não pegava... Após os segundos parecerem durar horas, deu tudo certo e ainda ganhei uma cerveja!"

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Termino um show com um bom som, casa cheia e agenda lotada, porque fazer turnê e pegar estrada é a melhor coisa dessa vida!"

Site:
www.fabiocarito.com

Grupo Unico Pdf PaD

NOVO ÁLBUM DO

AMON AMARTH

BERSERKER

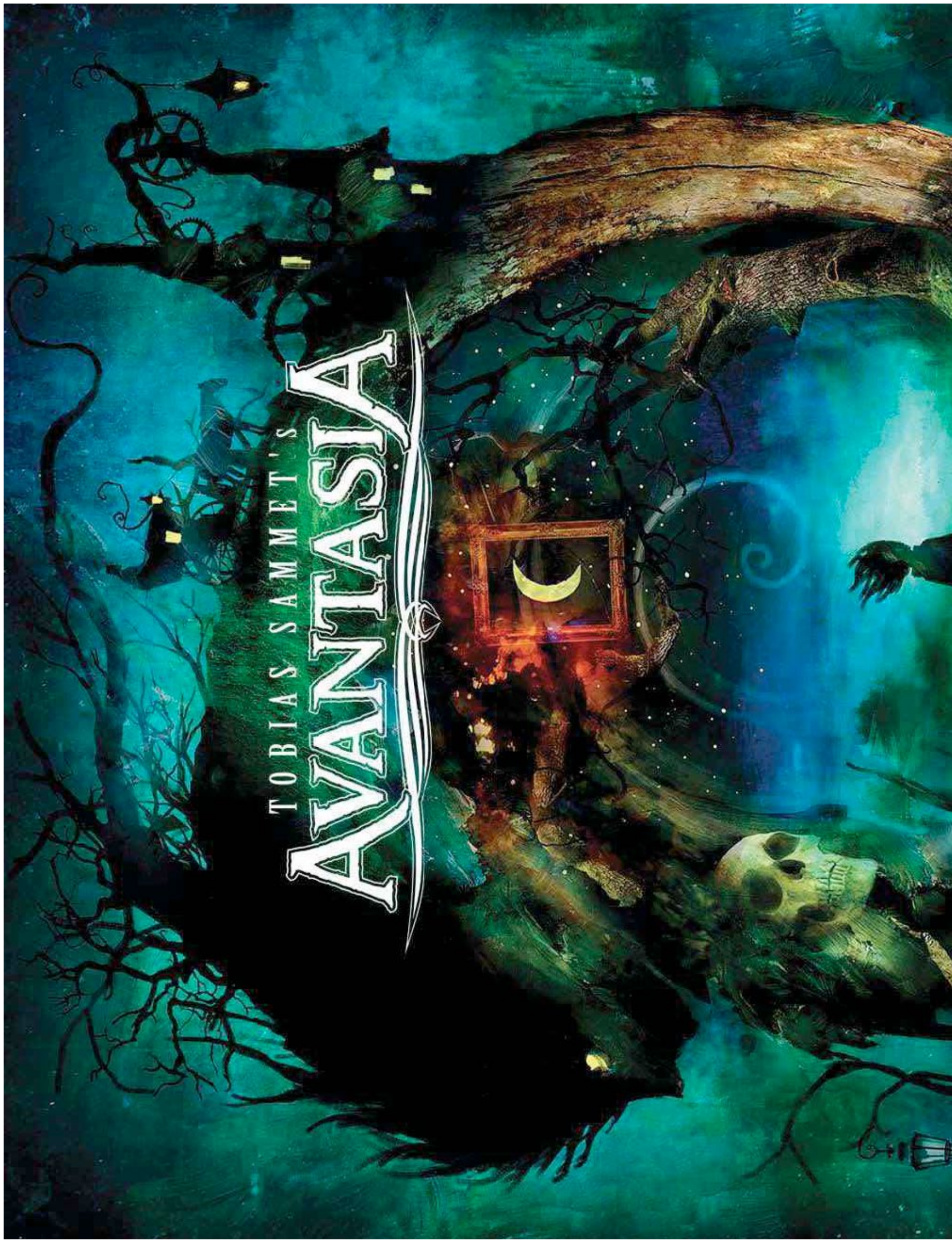
DISPONÍVEL DIA 3 DE MAIO

EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS!

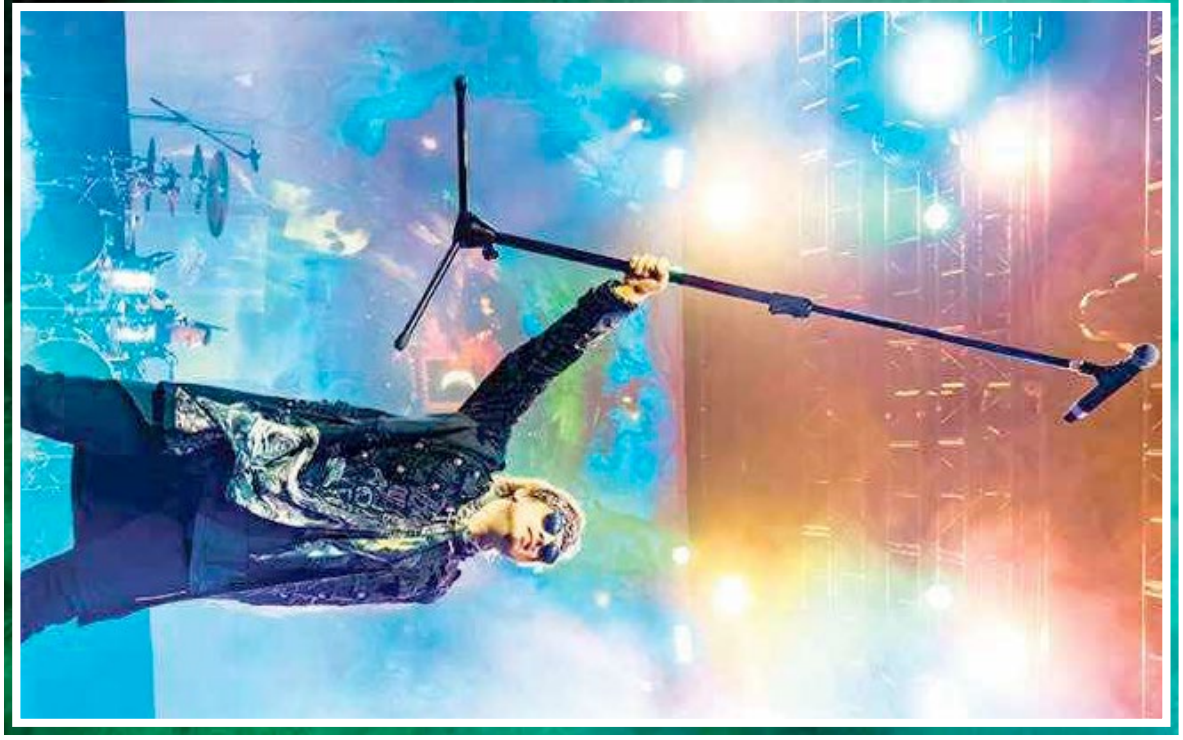
SONY MUSIC

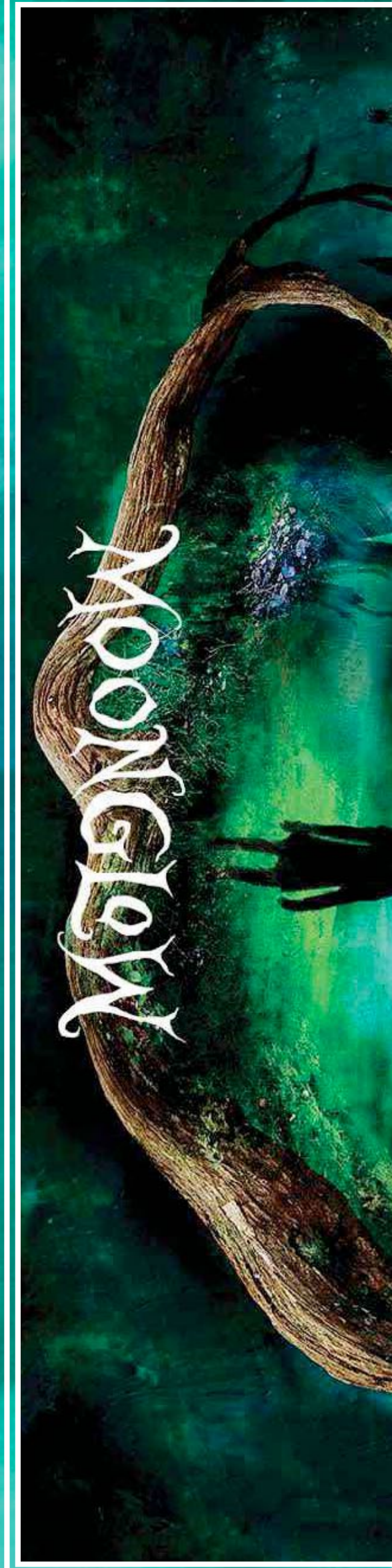
Listen on Apple Music | Spotify | DEEZER

Grupo Unico Pdf PaD



FOTOS: FERNANDO PIRES / ROADIE CREW - 2019





ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Grupo Unico Pdf PaD

CONQUEST

* RON ROYCE *

CARNAL CARNIVOROUS MARK

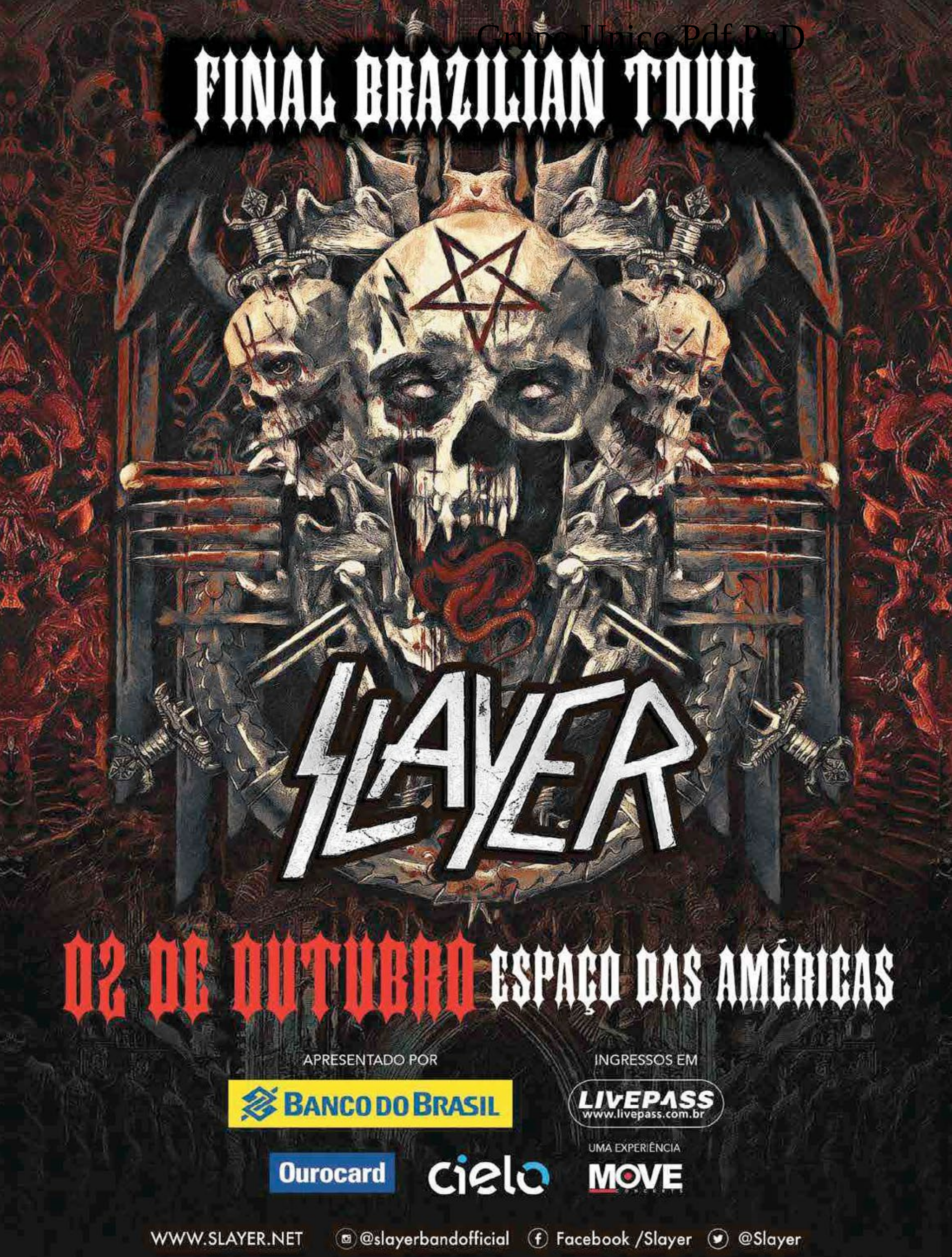
ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Grupo UTP - Scan PaD

Grupo Unico Pdf P2D

FINAL BRAZILIAN TOUR



SLAYER

02 DE OUTUBRO ESPAÇO DAS AMÉRICAS

APRESENTADO POR

BANCO DO BRASIL

Ourocard

cielo

INGRESSOS EM

LIVEPASS
www.livepass.com.br

UMA EXPERIÊNCIA

MOVE CONCERTS

WWW.SLAYER.NET @slayerbandofficial Facebook /Slayer @Slayer